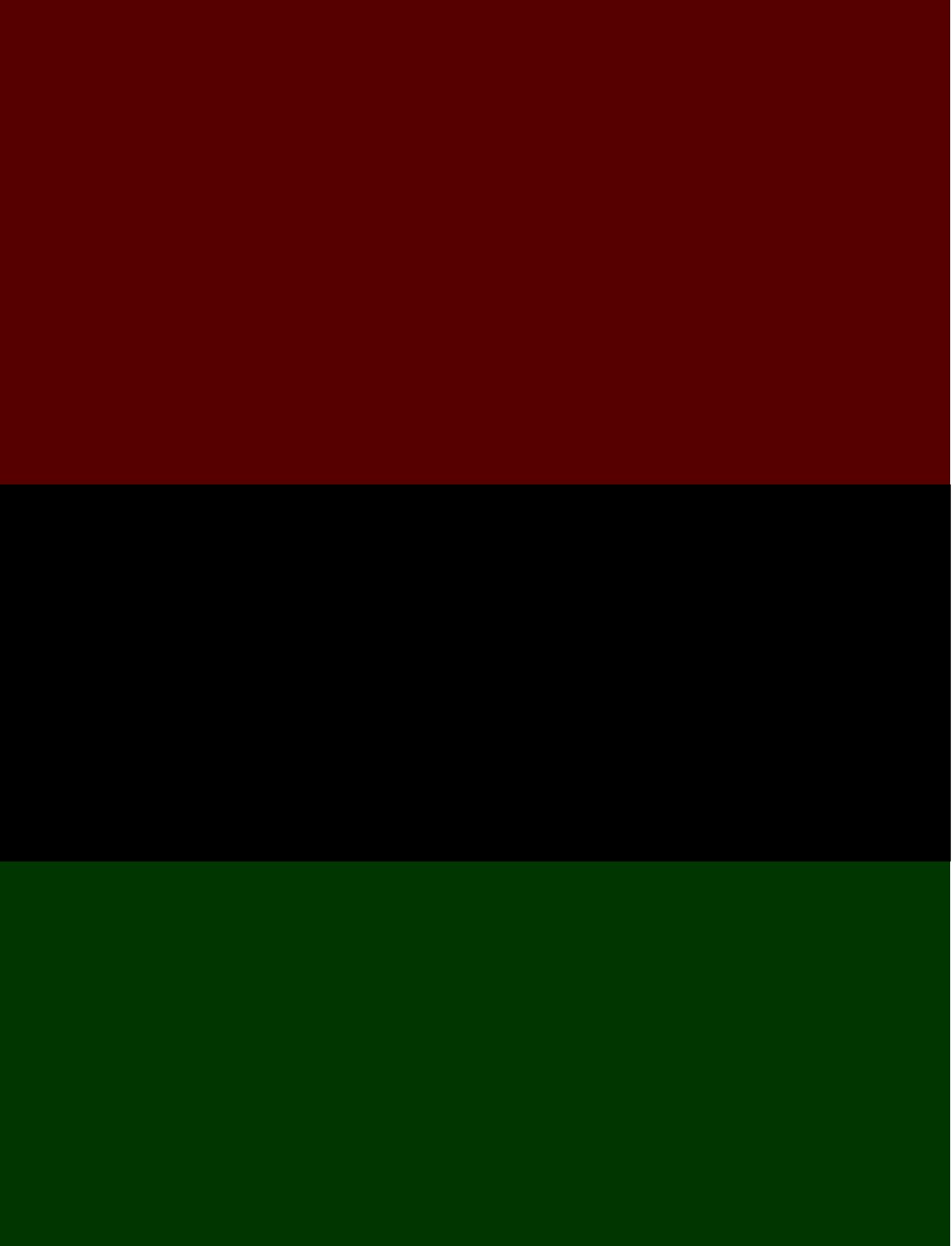




*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*





*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Biblioteconomia

*Criação da Faculdade
de Biblioteconomia da UnB
1962-1967*

Organizadores:
Maria Alice Guimarães Borges
Marcilio de Brito

Brasília
2013

Projeto “Memória dos 50 anos da Biblioteconomia na UnB”
Livro: Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB – 1962-1967

Coordenação

Profa. Dra. Maria Alice Guimarães Borges

Membro

Prof. Dr. Marcilio de Brito

Revisão

Rosa dos Anjos Oliveira

Degração

Vera Lúcia Campes da Silva

Produção gráfica

Andherson Reis

Colaboradores

A. C. Moraes de Castro

Maurício Rondelli

Cristina Guimarães

Andhrea Tavares

Alexandre de Lima Oliveira

Miguel Ângelo Bueno Portela

Projeto Gráfico

Marcos Hartwich

Diagramação e Arte-final

José Miguel dos Santos

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB : 1962-1967 /
organizadores: Maria Alice Guimarães Borges, Marcilio de Brito. –
Brasília : UnB/FCI, 2013.

402 p. : il.

ISBN: 978-85-88130-12-8

1. Biblioteconomia. 2. Universidade de Brasília. I. Borges, Maria Alice
Guimarães. II. Brito, Marcilio de.

CDU 02(817.4)

“Não vivemos num mundo irracional ou destituído de significado. Ao contrário, existe uma lógica moral inerente à vida humana. Devemos encontrar uma forma de discutir o futuro da humanidade de maneira inteligível. A lei moral universal inscrita no coração de homens e mulheres é precisamente a ‘gramática’ necessária para que o mundo possa se engajar na discussão do seu futuro. A política dos países não pode ignorar a dimensão transcendental, espiritual da experiência humana”.

* JOÃO PAULO II, Papa.
*Mensagem de sabedoria
e paz.* Rio de Janeiro:
Sextante, 2005.

*Participantes da disciplina Seminário em
Biblioteconomia: Encontro de Saberes
2011/2 – 2012/1*

Professores

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges (2011/2012)

Prof. Dr. Marcilio de Brito (2012/1)

Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista (2011/2)

Monitores

Déborah Lins e Nóbrega

Luiz Henrique Ferreira

Alunos

Allan Wanick Motta

Amanda Salomão Werneck

Bruna Guedes Martins da Silva

Claúdio César de Oliveira Campos

Érika Rayanne Silva de Carvalho

Felipe Pessoa Santos

Fernanda Miranda de Souza

Fernanda Weschenfelder

Flávia Nunes Sarmanho

Janaina Soares Lopes Barbosa

Jaqueline Taketsugu Alves da Silva

Larissa Ferreira dos Angelos

Larissa Herculano

Luana Gomes Dias

Luana Patrícia de Oliveira Porto

Luiza Martins de Santana

Luiza Moreira Camargo

Mariana Bessa McDonnell

Mariana Vasconcelos de Castro

Mariana Brandão da Silva

Nádia Galdino Freitas dos Santos

Rebeca Araujo Mendes

Thais da Silva Rodrigues

Thiago Willian Barbosa de Oliveira

Vivianne da Rocha Rodrigues

Secretários

Jaqueline Couto

Reginaldo Olegario das Neves Alves

Sumário

Apresentação 11

Introdução 15

Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia 15
por Maria Alice Guimarães Borges

Parte I – Primeiros Professores

1 – Abner Lellis Corrêa Vicentini 49
por Murilo Bastos da Cunha

2 – Antônio Agenor Briquet de Lemos 75
Depoimento

3 – Astério Tavares Campos 101
por Tarcisio Zandonade

4 – Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti 121
por Adelaide Ramos e Côrte

5 – Edson Nery da Fonseca 141
por Luiz Antônio Gonçalves da Silva

6 – Etelvina Lima 175
por Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos

7 – Myriam Mello Dulac 189
Depoimento

8 – Nice Menezes de Figueiredo 193
por Sueli Angelica do Amaral

9 – Rubens Borba de Moraes 225
por Suelena Pinto Bandeira

10 – Washington José de Almeida Moura 247
por Rosa dos Anjos Oliveira

Parte II – Depoimentos Dos Primeiros Alunos

1 – Gilda Maria Whitaker Verri 257

2 – Maria Lúcia Dália da Costa Lima 265

3	–	Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo	269
4	–	Anibal Rodrigues Coelho	275
5	–	Edna Gondim de Freitas	283
6	–	Héris Medeiros Joffily	287
7	–	Lindáurea Daud	291
8	–	Maria Alice Guimarães Borges	295
9	–	Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras	303
10	–	Nelma Cavalcanti Bonifácio	307
11	–	Neusa Dourado Freire	311
12	–	Suelena Costa Braga Coelho	319
13	–	Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos	323

Primeiros Funcionários

1	–	Rosa Maria Monteiro Pessina	331
		Depoimento	

Anexo

A	–	Ex-alunos formados em Biblioteconomia	339
----------	---	---	-----



Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da
Universidade de Brasília (UnB) (21/04/1962).
A partir da esquerda: 2º Hermes Lima (sentado)
3º Darcy Ribeiro (em pé, discursando).



Formatura da 1ª Turma de Biblioteconomia na Câmara dos Deputados (1967). A partir da esquerda: Nelma, Maria Alice, Virgínia, Suelena Coelho (de óculos), Aníbal, Edna, Neusa. Ao fundo: Lindaurea, Maria Stella, Angela.

A apresentação

Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB: 1962-1967 relata os primeiros anos da história do Curso de Biblioteconomia na UnB e faz parte do projeto *UnB 50 anos* da Universidade de Brasília.

Sua realização no âmbito da disciplina *Seminário: Encontro de Saberes*, sobre as personalidades que, ao longo dos anos, construíram o Curso de Biblioteconomia, contou com a participação de ex-professores e pesquisadores. Esses encontros [de saberes] semanais proporcionaram muitas realizações pessoais, reencontros e a compreensão dos fundamentos e valores que os nossos professores bibliotecários testemunharam nos primeiros anos do ensino da Biblioteconomia nesta Universidade e transmitiram a cada um de nós.

Foi uma oportunidade singular e grandiosa podermos iniciar o processo de construção dessa Memória, visando resgatar o esforço dos nossos antecessores na criação da Faculdade de Biblioteconomia, muitas vezes esquecidos, como se a Biblioteconomia fosse menor que a Ciência da Informação, sem considerar que ela é a sua base, seu alicerce, seu fundamento.

Para a concretização do projeto, desafiamos nossos parceiros para realizar, em tão curto tempo, este trabalho. A resposta foi encorajadora. Em poucas reuniões esboçamos o formato final do livro digital e as expectativas para o livro impresso. Começamos pelos atores, os dez primeiros professores do curso, e os autores, os *experts*. A receptividade foi emocionante. Não recebemos desculpas nem negativas, só apoio e solidariedade, cada um buscando encontrar os demais participantes e dar corpo ao documento.

Assim, chegamos a esta obra coletiva, que tivemos a oportunidade de coordenar, e que é desse grupo que representou a “alma coletiva da primeira turma de alunos” bibliotecários. Trata-se do registro, em formato biográfico, a partir de documentos, dissertações, teses, depoimentos e fotografias dos primeiros professores, alunos e funcionários que vivenciaram o nascimento e a implantação da Faculdade de Biblioteconomia na Universidade de Brasília. Vale ressaltar aqui a estranha escassez desse tipo de documento na literatura biblioteconômica brasileira.

Esta obra é dedicada especialmente aos bibliotecários e demais profissionais da informação, ansiosos de conhecer as origens e o desenvolvimento da nossa escola de Biblioteconomia. Ao trazer a história profissional de seus atores pioneiros, suas trajetórias de vida e experiências, revelam-se as raízes, o processo de implantação e desenvolvimento da área, as pressões e os desafios enfrentados que deram origem ao que conhecemos em nossos dias. Que cada um se sinta parte dessa história, contribuindo para o entendimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, na capital do País.

Não se trata de um manual ou de um compêndio, mas do esforço de um grupo que, na sua simplicidade, propõe introduzir o leitor nas discussões “teóricas”, com a visão e a realização experienciada por um grupo de bibliotecários cultos, competentes, inovadores, inteligentes, comprometidos com o saber, com a responsabilidade do processo de ensino-aprendizagem, com o desenvolvimento da profissão e do Brasil.

O eixo condutor do trabalho comporta uma visão temporal, onde é registrada a trajetória do primeiro grupo de professores, alunos e funcionários (1962) que vivenciaram o período de criação e implantação da Faculdade, a implementação dos recursos fundamentais para colocar a proposta em ação, até a formação dos primeiros profissionais (1967).

Na Introdução é apresentada a proposta de criação da Universidade de Brasília, as discussões e sugestões recebidas naquela época, o *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, a criação da Faculdade de Biblioteconomia até a formatura da primeira turma em 1967.

São apresentados na Parte I, nos Capítulos 1 a 10, em ordem alfabética, os dez primeiros professores da Faculdade de Biblioteconomia. Projetos em curso

garantem a continuidade deste trabalho, contemplando os demais professores que contribuíram nesse mesmo período.

A Parte II inicia no Capítulo 1 com o depoimento de uma aluna de pós-graduação sobre essa experiência pioneira de ser uma das primeiras alunas da Faculdade de Biblioteconomia da UnB.

Do Capítulo 2 ao 13 da segunda parte, os doze primeiros alunos formados em Biblioteconomia na UnB dão seus depoimentos. Cada um se manifesta livremente, intuitivamente e emocionalmente sem qualquer roteiro ou restrição, sobre sua passagem pelo curso, suas realizações e o pioneirismo da primeira turma.

A terceira parte é dedicada ao depoimento da primeira funcionária da UnB, ex-aluna de Darcy Ribeiro, convocada para vir trabalhar com ele na Universidade de Brasília.

O Anexo A apresenta a relação dos alunos formados em Biblioteconomia na Universidade de Brasília até 2012, semestre por semestre.

A existência de poucos documentos sobre a implantação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, com este formato biográfico, e a importância do resgate desse período na UnB foram para nós aspectos incentivadores, na medida em que foi possível apresentar uma publicação diferenciada, verdadeira, uma fonte de pesquisa importante para outros estudos, inclusive comparativos.

Além da versão digital desta edição, a comunidade terá acesso a um banco de informações, documentos e fotografias sobre a memória do curso no site: <http://biblioteconomia.fci.unb.br>, lançado em 6 de novembro de 2012 e a versão impressa, lançada em 2013.

Brasília, 2013.

Prof. Dra. Maria Alice Guimarães Borges
Prof. Dr. Marcílio de Brito
Os Organizadores



Assinatura Lei de criação da UnB Lei nº 3998 de 15 de dezembro de 1961. A partir da esquerda: 2º Darcy Ribeiro (Reitor), 3º Hermes Lima (Chefe da Casa Civil), 4º Pres. João Goulart, 5º Tancredo Neves, 6º Ulysses Guimarães (atrás de Tancredo), 7º Etelvino Lins (de óculos escuros).

*I*ntrodução

Criação da UnB e do Curso de Biblioteconomia

por Maria Alice Guimarães Borges

As profundas mudanças ocorridas no século XX tiveram no início na década de 1940, com o aparecimento da Cibernética, da Teoria dos Jogos e da Teoria Matemática da Informação.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, Vannevar Bush escreveu o relatório *Science, the endless frontier*, que se constituiu a base para a definição das políticas científicas dos Estados Unidos, influenciando também outros países, e o artigo *As we may think*, em que abordou a “explosão informacional” nas áreas da ciência e da técnica. Para resolver esse desafio, ele indica as tecnologias da informação.

Nesse contexto, emerge a Teoria Geral dos Sistemas (TGS), a partir de um grupo de cientistas liderados pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy, juntamente com o economista Kenneth Boulding, o filósofo Ralph Gerard e o matemático Anatol Rapoport.

Nessa mesma década, surgem, no Brasil, especialistas e educadores dispostos a discutir e repensar uma nova universidade e a implantá-la.

Nada mais oportuno, dentro de um projeto político-estratégico para o Brasil, do que a interiorização da capital, com a criação de Brasília, trazendo no seu projeto a criação de uma “universidade nova, na nova capital, para um novo Brasil” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

Em 1960, um grupo de educadores, liderado por Darcy Ribeiro e apoiado por Anísio Teixeira, elaborou um texto onde expôs o projeto de criação da Universidade de Brasília (UnB) e suas especificidades singulares.

Vários educadores foram chamados aos debates da proposta promovidos, em 1959, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e, em novembro de 1960, pelo suplemento semanal “O Metropolitano” do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, publicados na *Revista Anhembi* de São Paulo, em seus números 126, 127 e 128, referentes aos meses de maio, junho e julho de 1961.

A Editora da UnB lançou, em 2012, uma edição especial comemorativa dos 50 anos da UnB: *Universidade de Brasília: projeto de organização* (RIBEIRO, 2012). É uma reedição da proposta organizada por Darcy Ribeiro, com a íntegra da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB), bem como pronunciamentos de vários educadores e cientistas que se manifestaram sobre a proposta inicial de criação da Universidade de Brasília. A partir desse documento, são apresentados trechos dessas opiniões (RIBEIRO, 2012):

Almeida Júnior – Faculdade de Direito da USP:

O mérito principal [...] está na seriedade e meticulosidade com que o eminente educador examinou o seu tema e, acima de tudo, na sua atitude francamente renovadora. Com a grande inteligência, a grande cultura e o infatigável desejo de “servir”, que o caracteriza (RIBEIRO, 2012, p. 75).

Jayme Abreu – Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais:

[...] que pense e repense ela acuradamente sua missão e tarefa e que, viva e dinâmica, se organize e se ponha à altura do desempenho das sérias responsabilidades que lhe cabem [...] na redireção da vida social, no sentido da formação democrática e moderna da cultura brasileira (RIBEIRO, 2012, p. 79).

Florestan Fernandes – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP:

[...] representa o passo mais avançado que já demos no sentido de submeter nossas instituições universitárias a um planejamento racional, modernizado e

integrativo. [...] Temos escamoteado demais a ligação íntima do desenvolvimento econômico-social com o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia. [...] Universidade de Brasília está projetada sobre essa complexa realidade, que é o estado presente e a condição futura da civilização ocidental em nossa terra (RIBEIRO, 2012, p. 88).

Milton da Silva Rodrigues – Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo:

[...] faz crítica à concepção da natureza da estrutura acadêmica proposta, levantando as dificuldades relativas à heterogeneidade das congregações dos departamentos em uma mesma faculdade, entre outras (RIBEIRO, 2012, p. 94).

Anísio Teixeira – Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos:

Se a essa estrutura imaginada para a cooperação e a interpenetração juntamos as demais instituições planejadas para a vida em comum dos estudantes e dos professores, não será difícil perceber que a Universidade de Brasília deverá transformar-se no primeiro marco da integração universitária no Brasil. Ao invés da atual organização ganglionar senão pulverizada, a nova Universidade será verdadeiramente a unidade na diversidade. Pelo menos uma vez vamos ser fiéis à semântica (RIBEIRO, 2012, p. 104).

Jairo Ramos:

Outra condição útil, que se observa no plano da Universidade de Brasília, é a sua constituição na forma de Fundação que outorga à instituição a indispensável independência administrativa tão desejada para as atuais universidades, até hoje ainda não obtida (RIBEIRO, 2012, p. 106).

Fernando Henrique Cardoso – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP:

O êxito de qualquer universidade repousa no material humano que empresta sentido aos ideais universitários. [...] Assim, a Universidade de Brasília será, em larga medida, aquilo que seus organizadores e primeiros professores fizeram dela. [...] O único penhor desse empreendimento diante da nação, que vai custeá-lo, está na escolha de homens capazes para realizá-la: que tenham a medida das próprias possibilidades e das potencialidades do meio e que disponham da férrea energia necessária para não ceder às pressões e às avaliações estereotipadas, de forma a orientar sempre sua lealdade mais no sentido dos valores impostos pela ciência, pela cultura e pela nação, do que pelos ideais e os interesses, alheios aos objetivos do saber universal, de pequenos ou grandes grupos, aos quais eventualmente, pertençam” (RIBEIRO, 2012, p. 117).

Pronunciamentos de outros educadores foram publicados pelo suplemento semanal *O Metropolitano* (1960) do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro:

- Leopoldo Nachbin – Instituto de Matemática Pura e Aplicada.
- José Leite Lopes – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

- Celso Furtado: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.
- Paulo Sawaya – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.
- Maria Yedda Leite Linhares – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Oracy Nogueira – Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- Osvaldo Gusmão – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.
- Walter Oswaldo Cruz – Instituto de Manguinhos.
- Jacques Danon – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

A grandeza dessa proposta está na capacidade de os seus idealizadores fazerem uma construção participativa e coletiva.

A Proposta Inicial

A proposta inicial traz fundamentos relativos aos aspectos acadêmicos e administrativos a serem considerados para análise e entendimento do seu significado e dos valores que são defendidos e perseguidos na sua construção.

Ao iniciar, o documento aborda a *tradição universitária* no Brasil, de construção tardia, a partir de 1920, segundo a qual:

Alunos e professores de cursos equivalentes, duplicados na mesma universidade, se ignoram completamente”; [...] a instituição da cátedra, tal como a concebemos, ou seja, o loteamento do saber em províncias vitalícias, outorgáveis através de certos procedimentos de seleção, que assegura a um professor-donatário a propriedade do ensino de uma disciplina, em certa série de dado curso, a determinada faculdade”. [...] currículos obrigatórios fixam as matérias que devem ser ministradas em cada série, ano após ano, do primeiro ao último, de cada curso. [...] as ciências e a tecnologia não podem ser contidas na estreiteza dessa compartimentação. Por outro lado, com a industrialização, as atividades produtivas se tornaram mais complexas e estão a exigir um número crescente de modalidades novas de especialização. [...] Essa rigidez tem, também, a consequência de condenar o jovem egresso do curso colegial a uma escolha definitiva e prematura da carreira (RIBEIRO, 2012, p. 12-14).

Quanto à *reforma universitária*, levanta “os óbices de uma legislação rígida e de uma burocracia educacional estreita”. Quanto a romper com a estrutura obsoleta existente, afirma: “nas condições presentes, só uma universidade nova, inteiramente planejada, poderá estruturar-se em bases mais flexíveis e abrir perspectivas de pronta renovação de nosso ensino superior” (RIBEIRO, 2012, p. 15).

Com relação à

terra tecnológica, a ciência e a técnica passaram a constituir para nós, também, ingredientes fundamentais dos processos produtivos, e seu domínio, um imperativo da autonomia nacional. [...] Se fracassarmos nesse desafio [...] ver-nos-emos novamente subordinados (RIBEIRO, 2012, p. 16).

Quanto ao questionamento de por que criar uma universidade em Brasília, esclarece que “construindo-se uma cidade no centro do País e nela instalando o governo da República, se tornou inevitável à instituição ali de um núcleo cultural a que não pode faltar uma universidade. [...] dotar o País de uma universidade moderna, estruturada nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores” (RIBEIRO, 2012, p. 18).

Aliam-se, pois, um imperativo e uma necessidade prática para recomendarem a criação, em Brasília, de uma universidade projetada nas mesmas bases dos centros de ensino e de pesquisa que estavam revolucionando o mundo moderno.

Nesses termos foi pensada a Universidade de Brasília, com as funções básicas de:

- Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira.
- Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica, atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnicas e profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estão a exigir.
- Contribuir para que Brasília exerça, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, pela criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão.
- Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como capital do país e torná-la, prontamente, capaz de imprimir um caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar.
- Garantir à nova capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais, para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil.
- Facilitar aos poderes públicos o assessoramento de que carecem em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade pode prover.

- Dar à população de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo (RIBEIRO, 2012, p. 20).

Estrutura da Universidade

Duas modalidades de órgãos integram a estrutura acadêmica da UnB: os Institutos Centrais e as Faculdades, complementados pelos Departamentos e Cursos.

Aos Institutos Centrais compete ministrar:

- Cursos introdutórios de duas séries para todos os alunos da Universidade, a fim de dar-lhes preparo intelectual e científico básico para seguir os cursos profissionais nas Faculdades;
- Cursos de bacharelado de três séries em qualquer disciplina departamental, para os alunos que desejam seguir a carreira do magistério;
- Cursos de formação científica de dois anos mais, após o bacharelado, para os alunos que revelam maior aptidão, para pesquisas e estudos originais;
- Programas de estudo pós-graduados, de dois anos, para os candidatos ao doutoramento (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 21).

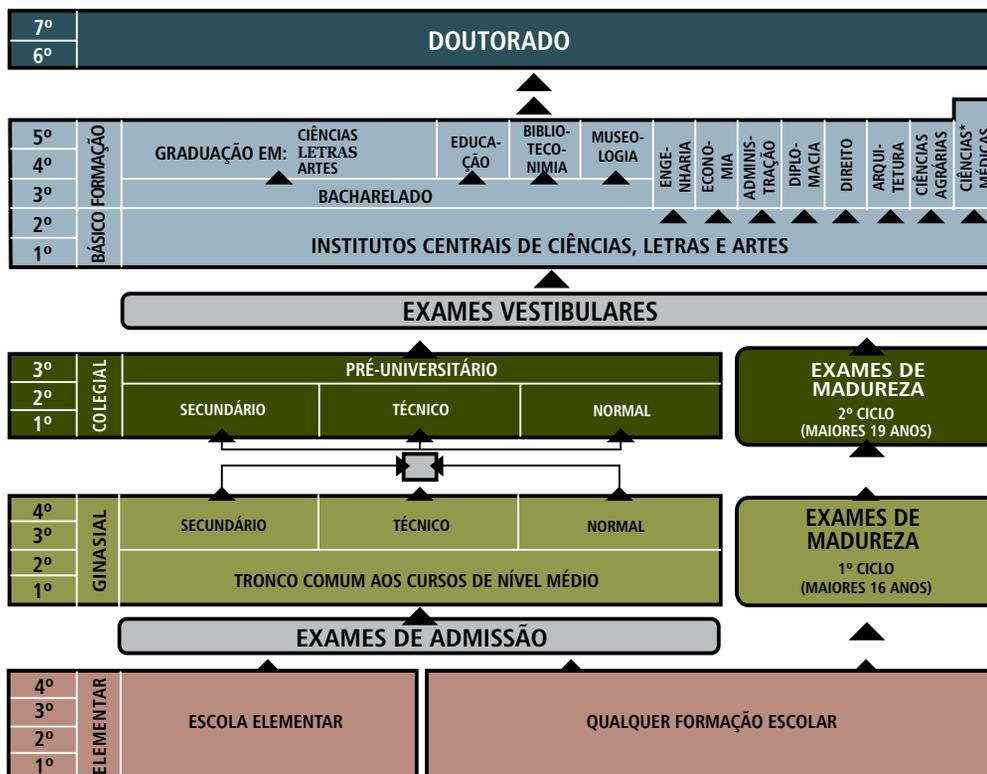


FIGURA 1 – Escada educacional brasileira: vias de acesso à Universidade de Brasília

Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Serão, portanto, quatro níveis: o introdutório (duas séries), que pode estender-se até o bacharelado (três séries), o de formação especializada (cinco séries) e o de pós-graduação (sete séries) até o nível de doutoramento.

As Faculdades, bem como os cursos específicos dos Institutos ou das faculdades, receberão alunos preparados pelos cursos introdutórios dos Institutos Centrais para o treinamento especializado, tendo em vista o exercício de uma profissão.

A diplomação nas carreiras tradicionais far-se-á após cursos que, somados ao dos Institutos, perfaçam o mínimo de anos de estudo exigido pela legislação do ensino para cada tipo de formação superior.

Na Biblioteconomia o mesmo modelo inovador aconteceu. A Faculdade recebia os alunos dos Institutos Centrais que poderiam se formar como:

- Bibliotecário especializado na mesma área do curso “básico” do aluno;
- Bibliotecário convencional, habilitado para atuar nos demais tipos de biblioteca;
- Bibliotecário doutor.



FIGURA 2 – Estrutura da Universidade: institutos, faculdades e órgãos complementares

Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Tomando-se como exemplo a Estrutura do Instituto Central de Matemática, Física e Química (FIGURA 3), é possível compreender as interfaces e relacionamentos funcionais do Plano Orientador:

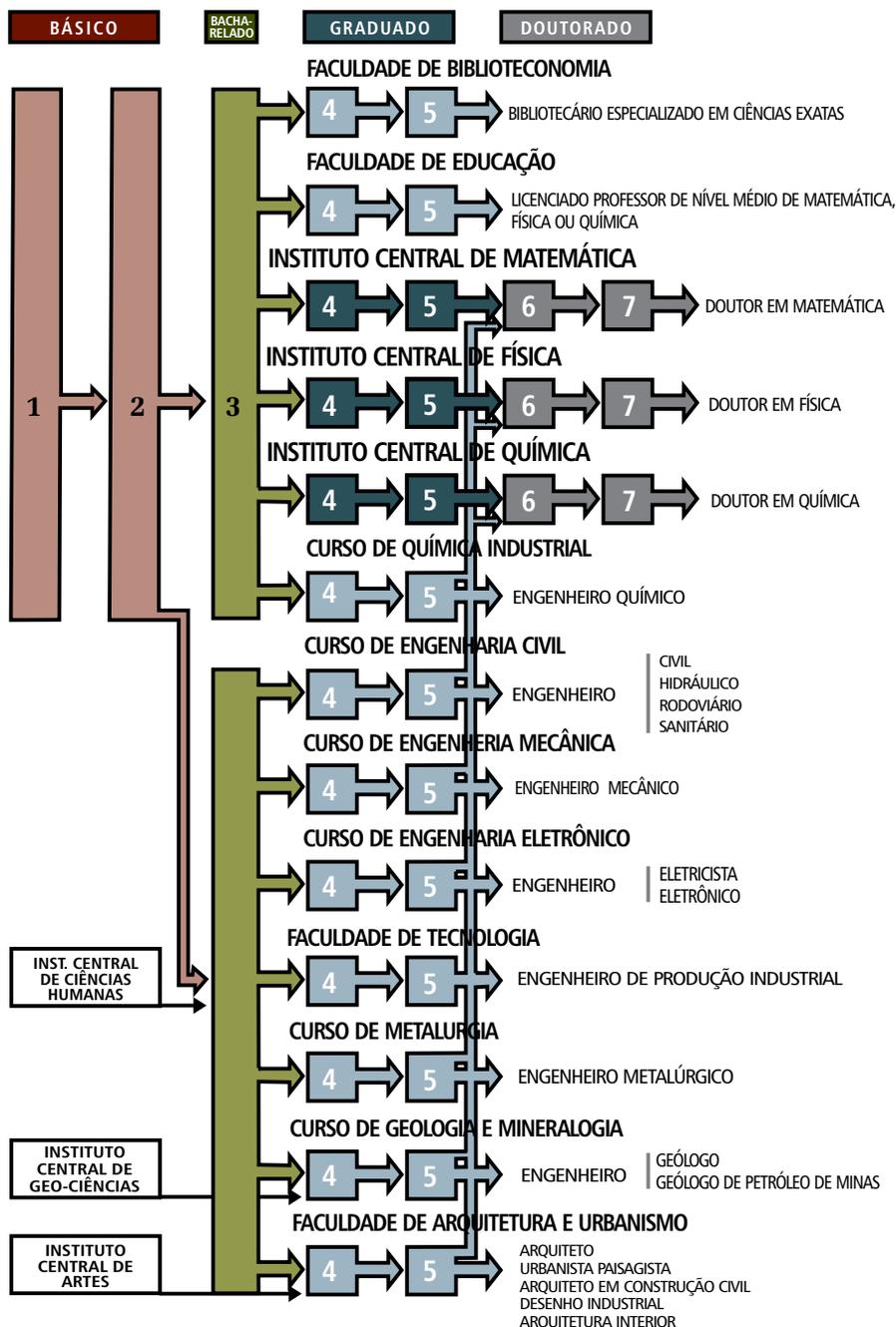


FIGURA 3 – Estrutura do Instituto Central de Matemática, Física e Química

Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

O aluno, por sua vez, teria três opções profissionais:

- Bibliotecário especializado em Matemática pela Faculdade de Biblioteconomia;
 - Professor de nível médio de Matemática pela Faculdade de Educação;
 - Doutor em Matemática pelo Instituto Central de Matemática.
- No Plano Orientador, a Universidade contaria, inicialmente com oito Institutos Centrais: Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e Artes, que poderiam ser desdobrados ou acrescidos de outros. Cada um deles se dividiria em Departamentos. A estrutura de Institutos Centrais (IC) contaria com Departamentos, que [...] seriam as unidades básicas da Universidade, onde se reuniriam os professores coletivamente responsáveis pelas atividades de ensino e de pesquisa, em cada especialidade (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 22).

Órgãos Complementares

Foi prevista a manutenção de um conjunto de órgãos culturais e recreativos como espaços de integração que, além das funções específicas, permitiriam a convivência e a troca de experiência, entre alunos de diferentes carreiras:

- A Aula Magna (grande e especial auditório);
- A Biblioteca Central (BCE), que “coordenará uma unidade principal com obras gerais e de referência, serviços de documentação e intercâmbio científico e cultural, e 16 bibliotecas especializadas, sediadas nos Institutos Centrais e nos conjuntos de faculdades afins. O acervo básico dessas bibliotecas deverá montar a hum milhão de obras, representando um dos principais investimentos da Fundação e aquele para cuja constituição mais se necessitará apelar para a ajuda de instituições estrangeiras e internacionais” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 27). Na Biblioteca Central funcionará a Faculdade de Biblioteconomia, que receberá alunos bacharelados pelos Institutos Centrais e os especializará em Biblioteconomia e documentação nos respectivos campos de especialidade, ou os encaminhará para o doutorado;
- A Rádio Universidade de Brasília;
- A Editora Universidade de Brasília;

- A Televisão Universitária de Brasília;
- *O Museum*;
- As Casas de Cultura;
- O Centro Educacional;
- O Centro Recreativo e Cultural;
- O Estádio Universitário.

Foram previstos serviços auxiliares, administrados pela Prefeitura Universitária, nas áreas de: Serviço Social; Planejamento Urbanístico e Arquitetônico; Obras – Edificações; Manutenção; Abastecimento; Conservação; Comunicação e Transportes; Habitações.

Organização Administrativa

A estrutura de fundação foi proposta para dar garantia de autonomia à organização e à direção de seus órgãos, como estabelece a Lei nº 3.998, que criou a Fundação Universidade de Brasília como mantenedora da Universidade.

Os órgãos de Direção e de Coordenação constituem a estrutura de administração e gestão da Universidade e, juntamente com os órgãos deliberativos, compõem a estrutura de decisão e de execução das atividades universitárias.

Cabe ao Conselho Diretor “eleger o presidente da Fundação, que terá o título de Reitor e um Vice-Reitor, com funções executivas no que diz respeito à vida escolar e às atividades de ensino e de pesquisa” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 31).

O corpo docente “terá plena autonomia didática, técnica e científica. Para exercê-la, os professores titulares, adjuntos e assistentes reunir-se-ão em Conselhos Departamentais, nas Congregações de Carreiras e em Assembléia Universitária, como órgão deliberativo supremo da Universidade” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 31).

Outros Aspectos da Gestão da Universidade

Essa proposta trouxe, também, as definições e os padrões que deveriam ser seguidos na sua execução, com relação a:

- *Lotação da universidade* – detalhamento de como deve ser feito o cálculo da lotação, tendo em vista o número de matrículas que assegure o baixo custo aluno-ano e permita proporcionar uma formação de alto nível ((UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 34).
- *Professores e alunos* – verificação da proporcionalidade professor/aluno no ensino superior, em cada ramo de ensino, adotando ou não o regime de dedicação exclusiva, atuando na tarefa de selecionar e aperfeiçoar um grande número de professores, “em um país carente de pessoal qualificado como o nosso” ((UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 41).
- *Programa de obras* – estabelecimento de um programa com etapas progressivas, e bem marcadas, tendo em vista especificidades das numerosas edificações a serem construídas.
- *Programa financeiro* – apresenta a constituição do orçamento, prevendo o custo das edificações, equipamentos didáticos para a biblioteca e laboratórios, financiamento do programa de aperfeiçoamento do pessoal docente no Brasil e no exterior, urbanização, despesas com os serviços públicos, transporte e comunicação, e outras. São indicadas parcerias com vários órgãos nacionais e internacionais, bancos, agências de fomento, empresas e outros, tanto para o compartilhamento das atividades como para o financiamento e doações (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

Criação e Implantação da Universidade

Após a discussão dessa proposta, em 1961, junto à comunidade acadêmica, um projeto de lei foi elaborado e enviado ao Congresso Nacional pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Esse projeto foi transformado na Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza o poder executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília (FUB), como uma fundação pública.

No seu Art. 3º estabelece como objetivo criar e manter a UnB como instituição de ensino superior, de pesquisa e extensão em todos os ramos do saber.

No Art. 4º estabelece o Patrimônio da FUB, composto de recursos financeiros de diversas fontes e de bens patrimoniais, constituído de várias



Reunião do Conselho Diretor (1962). A partir da esquerda: 1º João Moojem de Oliveira, 2º Frei Mateus Rocha, 3º Hermes Lima, 4º Abgar Renault, 5º Osvaldo Trigueiro, 6º Alcides da Rocha Miranda, 7º Anísio Teixeira, 8º Darcy Ribeiro.



Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer - Visita Aula Magna (1985). Autor da foto: Renato Costa.



Inauguração da UnB
(21/04/1962).



Reunião de reitores
(1962). A partir da
esquerda: 3º Darcy
Ribeiro (de pé,
discursando), 5º
Anísio Teixeira.

áreas no Plano Piloto para construção do *Campus* e terrenos de 12 superquadras urbanas na Asa Norte, e, na Vargem Bonita, para a instalação da Faculdade de Ciências Agrárias e do Centro de Pesquisa e Experimentação da Tecnologia do Cerrado.

A Lei n.º 3.998/1961 foi homologada pelo Decreto n.º 500, de 15 de janeiro de 1962, que aprova o Estatuto da FUB e a constitui como entidade não-governamental, administrativa e financeiramente autônoma.

Para dar início ao seu funcionamento, um plano de implantação foi executado de imediato: instituída em 15 de dezembro de 1961, em 30 dias completou-se a estrutura jurídica – (15 de janeiro de 1962); em 40 dias organizaram-se os cinco cursos e realizaram-se os exames vestibulares para mais de 1.000 candidatos; em 49 dias construiu-se o Bloco 1, e em 32 dias, o Bloco 2. As aulas iniciaram com 500 alunos. Portanto, em menos de 90 dias após a estruturação jurídica da UnB, foram criadas as condições indispensáveis para o início de suas atividades.

Em 21 de abril de 1962 foi inaugurada oficialmente a UnB, sendo nomeado como primeiro Reitor o professor Darcy Ribeiro, juntamente com o Conselho Diretor da FUB, composto por Membros Efetivos e Suplentes, Coordenadores dos Institutos, da Editora e dos Cursos que iniciaram seu funcionamento em 1962:

Conselho Diretor da FUB

• **Membros efetivos**

Darcy Ribeiro

Anísio Teixeira

Hermes Lima

Abgar Renault

Oswaldo Trigueiro

Frei Mateus Rocha, O.P.

• **Membros Suplentes**

Alcides da Rocha Miranda

João Moojen de Oliveira

- **Coordenadores**

Leopoldo Nachbin – Instituto Central de Matemática

José Leite Lopes – Instituto Central de Física

Jacques Danon – Instituto Central de Química

Maurício Rocha e Silva – Instituto Central de Biologia

Eduardo Galvão – Instituto Central de Ciências Humanas

Cyro Versiani dos Anjos – Instituto Central de Letras

Alcides da Rocha Miranda – Instituto Central de Artes

Artur Neves – Editora Universidade de Brasília

- **Coordenadores dos Cursos de 1962**

Victor Nunes Leal – Direito, Administração, Economia

Lúcio Costa e Oscar Niemeyer – Arquitetura e Urbanismo

Cyro Versiani dos Anjos – Letras Brasileiras.

As aulas eram dadas por professores e instrutores, que também estudavam e preparavam suas dissertações de mestrado.

Darcy Ribeiro implantou a UnB, buscando recursos e garantindo verbas e apoios de vários setores do governo e da sociedade civil até 19 de junho de 1962, quando se tornou Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Nessa mesma data, Anísio Spínola Teixeira, que foi um dos pensadores e fundadores da UnB, tomou posse como o segundo Reitor.

Plano Orientador da Universidade de Brasília

A proposta inicial, anteriormente detalhada, tornou-se a base do projeto definitivo, apresentado em 1962 no documento *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, que estabelece as características, normas e padrões a serem seguidos na criação e implantação da UnB.

O *Plano Orientador* foi elaborado pelo Conselho Diretor da FUB, do qual eram membros efetivos Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, tornando-se a base do processo de institucionalização, implantação e operacionalização da UnB. Esse documento foi o primeiro lançamento da Editora da UnB, em 1962, e contém:

- Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961.
- Patrimônio da FUB do ponto de vista dos recursos financeiros e dos bens patrimoniais.

- Diagnóstico do ensino superior no Brasil.
- Universidade e desenvolvimento.
- Por que criar uma Universidade em Brasília?
- Estrutura da Universidade de Brasília.
- Institutos – Faculdades: vantagens do sistema duplo e integrado.
- Órgãos complementares.
- Governo e administração da Universidade.
- Estimativa de matrículas.
- Professores e alunos.
- Plano de Obras.
- Programa Financeiro.
- Programa de Cursos para 1962.
- Inauguração Oficial do *campus* da Universidade de Brasília.

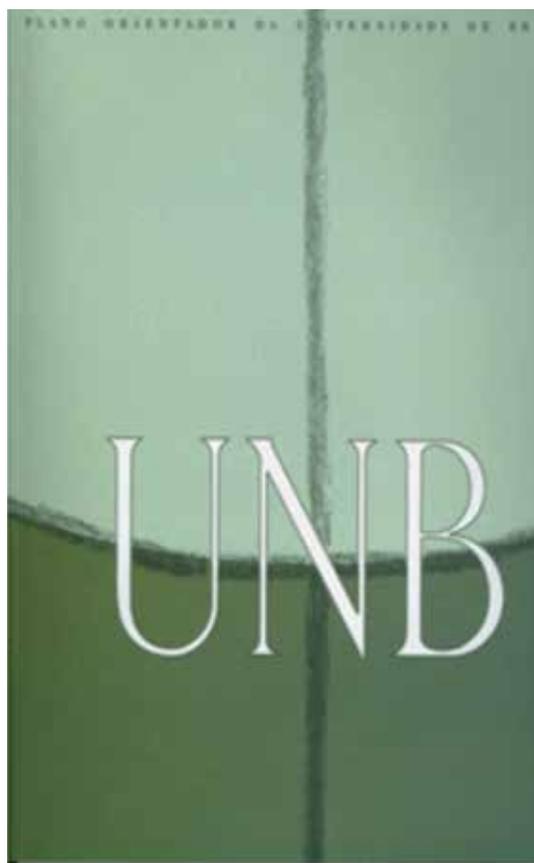


FIGURA 4 – Capa do *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, publicado em 1962

A UnB exerceu um papel singular na educação brasileira, com várias iniciativas inovadoras colocadas em ação, ressaltando-se:

- Ensino por disciplinas semestrais (fim do ensino seriado, de turmas anuais);
- Sistema de ensino, duplo e integrado, onde os Institutos Centrais promovem a formação básica e as Faculdades responsabilizam-se pela formação profissional (bacharel, mestre, doutor);
- Matrículas individualizadas, liberdade de programar o tempo e a opção profissional;
- Mudança de opção permitida;
- Novas modalidades de formação, de acordo com o mercado de trabalho;
- Distinção entre atividades de preparação científica e as de treinamento profissional;
- Ingresso por vestibular, onde o aluno segue um curso básico no Instituto Central da área de sua opção e conclui seu curso profissional nesse Instituto ou numa Faculdade;
- Integração da Universidade com os setores produtivos (público ou privado) que poderão empregar os técnicos ali formados.

Faculdade de Biblioteconomia

No Plano Orientador da Universidade de Brasília de 1962 foi estabelecido o funcionamento integrado de oito Institutos Centrais (Física, Matemática, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras, Artes) e de sete Faculdades (Arquitetura e Urbanismo, Biblioteconomia, Ciências Agrárias, Ciências Médicas, Ciências Políticas e Sociais, Educação, Tecnologia).

A Faculdade de Biblioteconomia fez parte desse momento de criação, juntamente com a Faculdade de Educação, como unidades relacionadas a todos os Institutos, com atuação no 4º e 5º anos. Como exemplo, pode-se observar, na Figura 5, as relações que existiam com o Instituto Central de Ciências Humanas:

[...] abrangendo a vasta área das Ciências Sociais, da História e da Filosofia, [este instituto] deverá ministrar os cursos introdutórios para as carreiras de Direito, Administração, Economia e Diplomacia. A ele caberá, também, conceder

o bacharelado indispensável ao ingresso na Faculdade de Educação para a licenciatura dos professores de nível médio, especializados em Ciências Sociais e na Faculdade de Biblioteconomia, para a formação de bibliotecários devotados ao mesmo campo. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

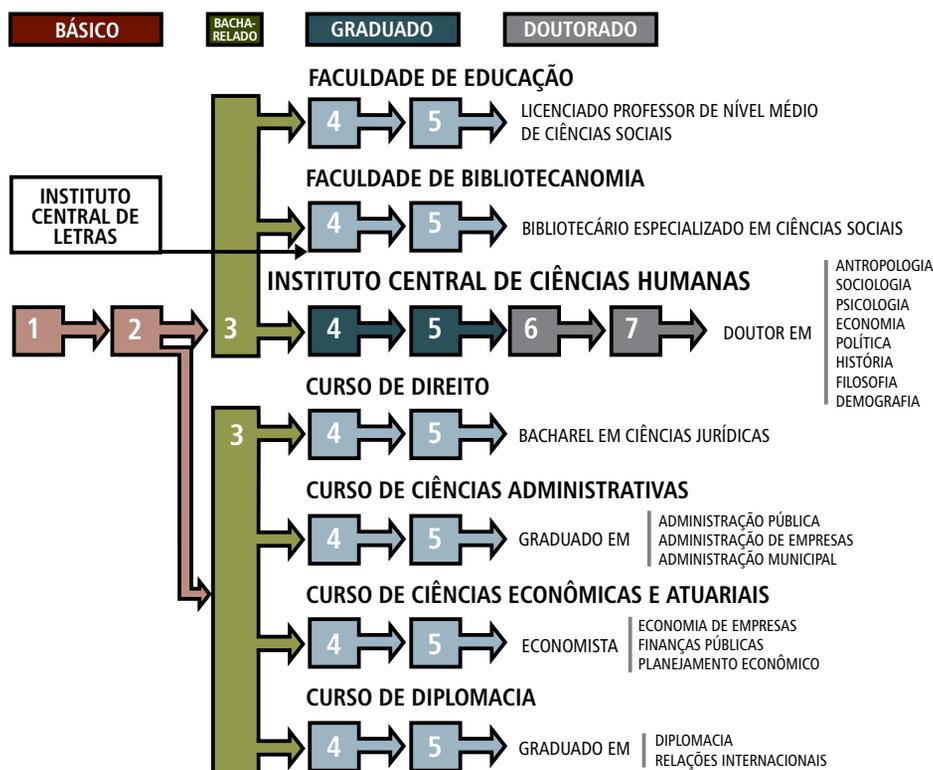


FIGURA 5 – Estrutura do Instituto Central de Ciências Humanas

Fonte: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962.

Como começou a Biblioteconomia?

Em agosto de 1962, então Ministro da Educação do governo João Goulart, Darcy Ribeiro juntamente com o professor Eron de Alencar convidaram o bibliotecário professor Edson Nery da Fonseca para dar orientação aos instrutores na elaboração de suas dissertações. Assim, ele foi contratado, em 3 de agosto de 1962, como professor associado, que era a maior categoria naquela época, para dar aula de Organização do Trabalho Intelectual (OTI), Metodologia Científica e Bibliografia para os alunos dos cursos que foram oferecidos por três semestres (2/1962, 1/1963 e 2/1963) no turno matutino. Edson era bibliotecário concursado da Câmara dos Deputados, onde trabalhava no turno vespertino, e

segundo seu depoimento, “esta universidade me empolgou de tal forma que só pensaria em aposentar-me da Câmara, para dar-lhe dedicação exclusiva”.

Num contexto favorável, durante o ano de 1962, ocorreram outros fatos da maior relevância para a Biblioteconomia:

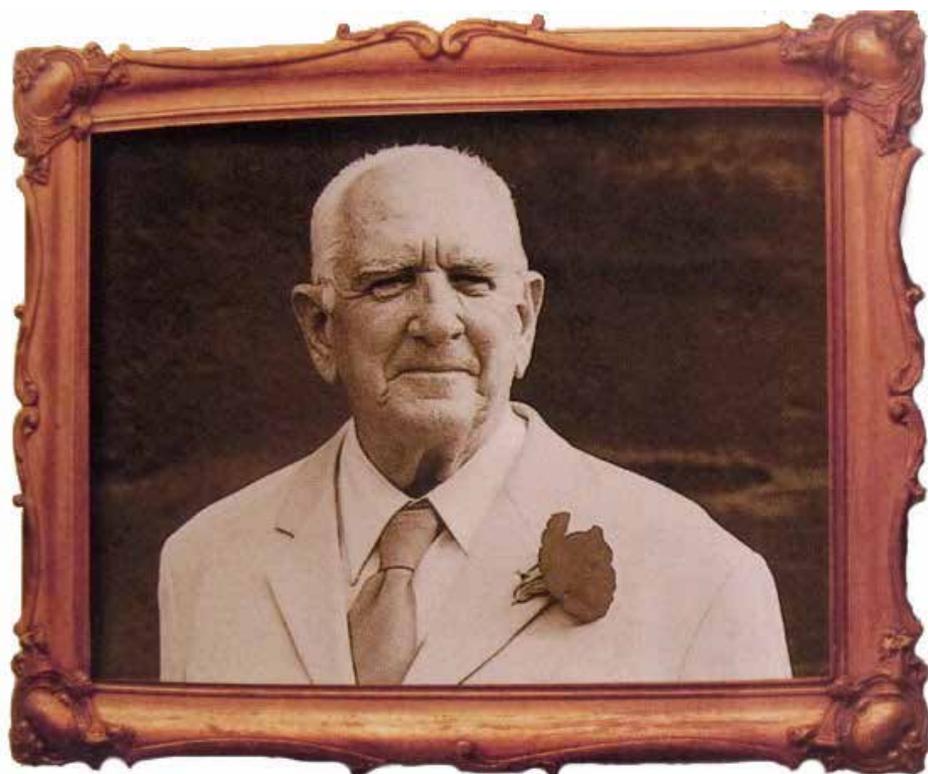
- Regulamentação da profissão de bibliotecário;
- Aprovação do Currículo mínimo nacional específico para a Biblioteconomia;
- Criação da Faculdade de Biblioteconomia na UnB.

No começo de 1963, os professores e instrutores da UnB sentiram necessidade de uma biblioteca capaz de atendê-los. Foi solicitado ao professor Edson que, desta vez, iniciasse a estruturação da BCE, prevista no *Plano Orientador*. Havia uma coleção constituída por doações do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e de outros órgãos governamentais, organizada na Sala dos Papiros pela bibliotecária Doris de Carvalho. Com grande esforço, pois a carência de espaço era muito grande, foi conseguido um prédio denominado SG 12. Para auxiliá-lo nessa tarefa inicial, o professor Edson convida a bibliotecária Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti. O seu ingresso na UnB é pelo curso-tronco de Letras Brasileiras, para colaborar na implantação da Biblioteca Central da universidade, como assistente do Coordenador. Com isso resolvido, o passo seguinte era conseguir um diretor para a Biblioteca Central.

Diante de tal desafio, o professor Edson convidou Abner Lellis Corrêa Vicentini, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, no Estado de São Paulo, para ocupar esse cargo, tendo sido requisitado ao Ministério da Aeronáutica pelo Gabinete Civil da Presidência da República, chefiado por Darcy Ribeiro. Foi admitido em 1º de fevereiro de 1964, como professor associado para coordenar a BCE e o Sistema de Bibliotecas da UnB, bem como para ministrar a disciplina Documentação e coordenar os seminários de atualização na pós-graduação.

Abner Vicentini começou a pensar num grupo de profissionais para trabalhar com ele na tarefa de organizar a BCE, que já contava com um acervo de mais de 100 mil livros, ainda sem catálogo. Ele convidou a bibliotecária Nice Menezes de Figueiredo, que com ele trabalhou por dois anos (1964-1965). Dentre suas atividades, instalou várias seções da BCE, como as de Circulação, Referência, Periódicos e Documentação Científica.

Com a chegada do professor Vicentini, o professor Edson voltou às atividades docentes e, nesse mesmo ano de 1964, começou a organizar o Curso



Professor Edson Nery da Fonseca.



Professor Vicentini.



Biblioteca Central
na SG-12 com a
Biblioteca Volante ao
fundo (1963).



Biblioteca Central
na SG-12 - Vicentini
(Diretor) e sua equipe
de trabalho.

de Biblioteconomia, iniciando pela pós-graduação. Para esse novo desafio, o professor Edson convidou duas professoras. Etelvina Lima veio da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e foi admitida em 1º de março de 1964 como professora assistente e, também, para trabalhar na coordenação da BCE. No dia 22 de maio de 1964, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi admitida inicialmente como professora assistente e, em seguida, como professora colaboradora em tempo parcial, pois, nesse mesmo ano, tomou posse na Biblioteca da Câmara dos Deputados. Ela atuou como professora e como bibliotecária, tendo sido assistente do Diretor, na implantação da BCE.

A pós-graduação em Biblioteconomia

O mais singular e inovador na Biblioteconomia da UnB foi a proposta de seus idealizadores: começar com um curso de pós-graduação *lato sensu* em Bibliografia Brasileira, orientado pelo professor Rubens Borba de Moraes, com um reduzido número de alunos.

Esse curso, dirigido por Edson Nery da Fonseca, foi oferecido em 1964 e 1965, contando com a participação dos professores contratados pela UnB e a colaboração de bibliotecários competentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, que se integraram ao grupo para apoiar a implantação da BCE e para lecionar disciplinas nesse curso, a exemplo de Pérola Cardoso Raulino, Juracy Feitosa Rocha e Nilcéa Amábília Rossi Gonçalves.

O curso, seguindo o Currículo mínimo aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 1962, deu início às suas atividades em 1964. Conforme o ofício da Biblioteca Central (OF/BC nº 63/1963) do professor Edson Nery da Fonseca, ao Coordenador do Curso Tronco de Letras Brasileiras, Dr. Cyro Versiani dos Anjos, o Curso de Biblioteconomia contou com disciplinas ministradas pelos seguintes professores (FERIGATO, 2006):

- Catalogação I – Nilcéa Amábília Gonçalves Rossi;
- Classificação I – Cordélia Robalinho Cavalcanti;
- Organização e Administração de Bibliotecas – Etelvina Lima;
- Bibliografia I – Pérola Cardoso Raulino;
- Bibliografia II – Edson Nery da Fonseca;

- Seminário: Classificação, Catalogação Sistemática e Indexação em Cadeira – Abner Lellis Corrêa Vicentini.

Três alunas da pós-graduação, que aqui chegaram em 24 de março de 1964, compunham a turma inicial:

- Fernanda Leite Ribeiro, da diretoria do IBBD;
- Gilda Maria Whitaker Verri, da Biblioteca da UFPE;
- Zila Mamede, da Biblioteca da UFRN.

A graduação em Biblioteconomia

Em 1964, a Faculdade de Biblioteconomia recebeu Maria Lúcia Dália Campelo, aluna transferida da UFPE.

Em 1965, realizou-se o primeiro vestibular para o curso de graduação em Biblioteconomia e 13 alunos foram aprovados:

- Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo;
- Aníbal Rodrigues Coelho;
- Edna Gondim de Freitas;
- Eladir de Faria (formada em 2/1968)
- Héris Medeiros Joffily;
- Lindáurea Daud;
- Maria Alice Guimarães Borges;
- Maria Luzia da Costa e Silva (formada em 1/1971);
- Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras;
- Nelma Cavalcanti Bonifácio;
- Neusa Dourado Freire;
- Suelena Costa Braga Coelho;
- Virgínia Astrid Albuquerque de Sá e Santos.

O grupo de professores foi reforçado com a vinda de:

- Padre Astério Tavares Campos – admitido em 13 de julho de 1965 como professor associado e, depois, adjunto, em regime de dedicação exclusiva, para lecionar Organização do Trabalho Intelectual, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Bibliografia de Ciências Humanas e Classificação Decimal Universal.

- Helena Maria da Costa Azevedo (Irmã Maria de São José, O.P.) – admitida em 18 de junho de 1965, como professora colaboradora em tempo parcial e Chefe do Serviço de Referência da BCE.
- Myriam de Mello Dulac – admitida em 1965, como professora em tempo parcial para lecionar Catalogação II.

Após o golpe militar de 1964, a UnB passou por uma crise política e institucional, tendo como consequência, na Faculdade de Biblioteconomia, a perda de professores e o cancelamento do curso de pós-graduação, causando a saída desses alunos, permanecendo somente o curso de graduação.

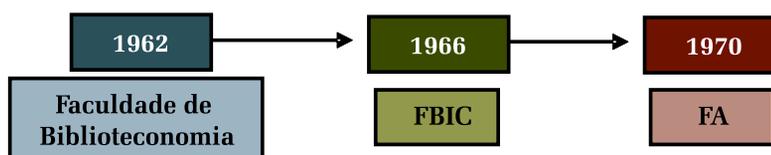
Em 1966, foram contratados os professores:

- Washington José de Almeida Moura – admitido em 1º de março de 1966, como professor colaborador em regime de tempo parcial para ministrar a disciplina Reprografia;
- Leda Câmara Laboriau – admitida em 17 de março de 1966 como professora adjunta em tempo parcial;
- Fernanda Leite Ribeiro Gallo – admitida em 21 de agosto de 1966, como professora colaboradora em tempo integral para lecionar a disciplina Documentação.

Em 1967, a professora Nice Menezes de Figueiredo voltou à UnB, cedida pela Unesp como professora colaboradora, e outros três professores foram contratados:

- Rubens Borba de Moraes – admitido em 1º de março de 1967, como professor colaborador em tempo integral para lecionar as disciplinas: Referência, História do Livro, Organização e Administração de Bibliotecas.
- Neusa Dias de Macedo – admitida em 26 de maio de 1967, como chefe do Serviço de Referência da BCE e, depois, como professora colaboradora em tempo integral.
- Elsy Guimarães Ferreira Pereira – admitida em 18 de junho de 1967, como professora colaboradora em regime de tempo integral.

Em abril de 1968, Antônio Agenor Briquet de Lemos, convidado pelo professor Edson Nery da Fonseca, foi admitido como professor colaborador e “secretário executivo” da Faculdade, o que significava ser o seu vice-diretor.



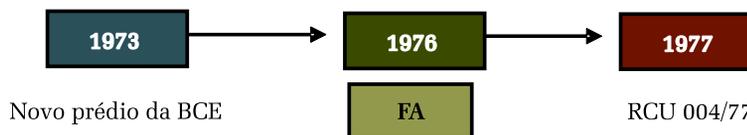
- Lei 3.998/62 (15/12/1961): cria Plano Orientador da UnB.
- Lei 4.084 (30/06/62): Regulamenta profissão do bibliotecário.
- CFE: Parecer nº 326/62. Aprovação do Currículo Mínimo de Biblioteconomia.

RCD 04/66 (14/09/66): cria no Instituto Central de Ciências Humanas:

- Depto. de Biblioteconomia;
- Depto. de Informação Científica.

RCD 008/7 (04/04/70): cria os departamentos:

- Depto. de Direito;
- Depto. de Administração;
- Depto. de Biblioteconomia;
- Depto. de Comunicação.



RCD 54/76 (21/06/76) cria:

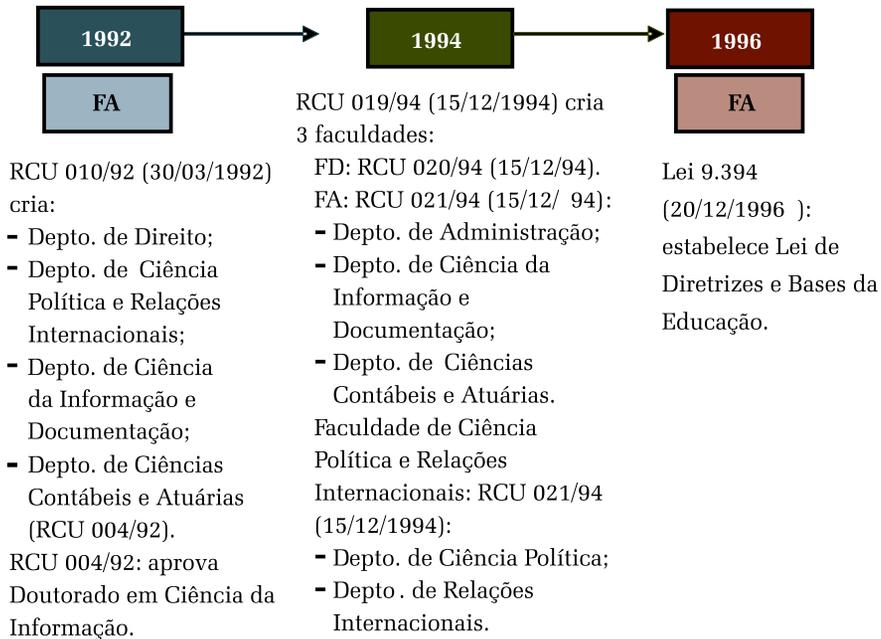
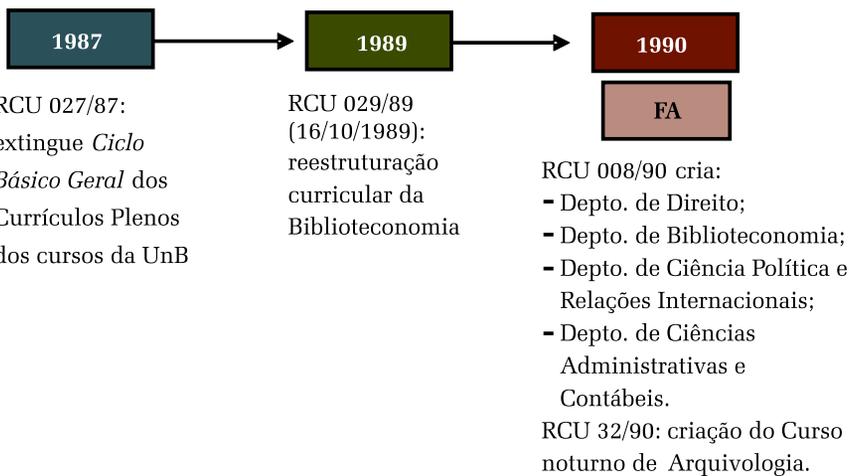
- Depto. de Direito;
- Depto. de Administração;
- Depto. de Biblioteconomia;
- Depto. de Ciência Política e Relações Internacionais.

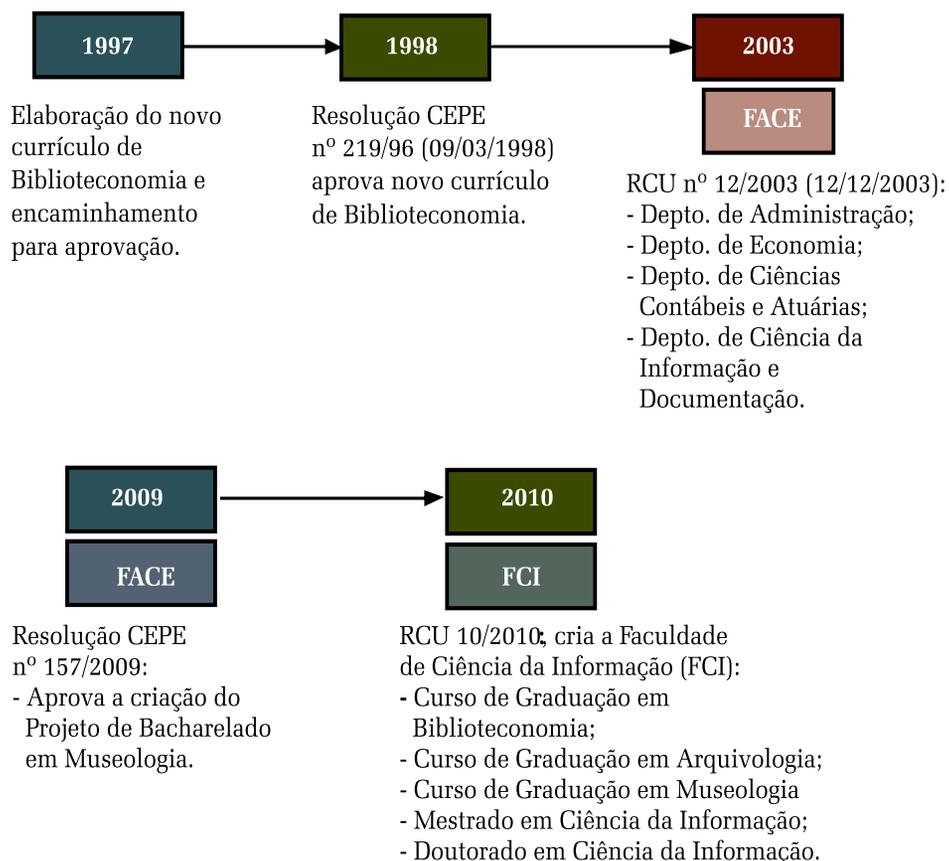


RCU 002/78 de 28/09/1978: altera o Currículo de Biblioteconomia

Reforma e implementa o Currículo Mínimo

RCU 006/84 (14/11/1984): aprova alteração no Currículo de Biblioteconomia





Em 1º de abril de 1969, Pérola Cardoso Raulino, bibliotecária do Senado Federal, foi admitida como professora colaboradora.

Nestes 50 anos, a Biblioteconomia da UnB passou por quatro macroperíodos, com vários nomes e *status*. Segundo Vieira (2002), os três primeiros foram:

- 1962 a 1966 – criação e implantação da Faculdade de Biblioteconomia;
- 1966 a 1970 – Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica (FBIC), criada em 14 de setembro de 1966, pela Resolução do Conselho Diretor da FUB (RCD 04/66), no Instituto Central de Ciências Humanas (VIEIRA, 2002);
- 1970 a 2010 – Departamento de Biblioteconomia como parte da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (FA). Em 1992, sua denominação mudou para Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID) (VIEIRA, 2002);

- Em 1994, o CID é incluído na recém criada Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação (FACE);
- 2010 até a presente data – O Curso de Graduação em Biblioteconomia passou a fazer parte da Faculdade de Ciência da Informação, juntamente com a Arquivologia e a Museologia, e com a pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação.

Não se pode deixar de registrar o papel agregador e solidário da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), criada em 18 de setembro de 1962, a partir do esforço de um grupo de bibliotecários liderados por Adélia Leite Coelho e Myriam de Mello Dulac (Presidente e 1ª Secretária), como uma instituição de defesa e agregação do profissional bibliotecário.

Deve ser destacado, também, o importante papel do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-1), presidido pela bibliotecária Nídia Caldas, quando da conclusão da primeira turma de bibliotecários formados na UnB.

Em 1967, a Biblioteconomia formou sua primeira turma com 11 bibliotecários. As turmas atuais são de 40 alunos por semestre, tendo formado mais de dois mil alunos/bibliotecários até o presente.

Embora a profissão tenha 50 anos de regulamentação, os desafios continuam. Um deles é fazer com que a sociedade entenda o papel da biblioteca e a sua capacidade enquanto espaço de ação pedagógica, propiciando aos seus usuários um ambiente de informação, a partir de um processo de letramento informacional, visando o desenvolvimento da capacidade crítica dos cidadãos, exigência primeira da democracia.

Os profissionais da Biblioteconomia, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação, têm o compromisso de levar a informação e o conhecimento a toda população, atendendo as demandas dos usuários, onde quer que eles estejam, propiciando-lhes condições para o exercício da cidadania.

A universidade – reconhecida como o centro vital para a formação de competência, de pesquisa pura e aplicada, de extensão comunitária –, é uma instituição produtora, detentora e disseminadora do conhecimento, e um dos atores mais importantes do processo de desenvolvimento dos países.

São muitas as dificuldades e dilemas vivenciados nos complexos embates acadêmicos, na convivência das diversas correntes que compõem o setor, nas diferentes formas de resolver os problemas emergentes, na aceitação do contraditório, nas várias expressões e na pluralidade de pensamentos,

metodologias, ideologias políticas e partidárias, no entendimento de situações próximas e do cotidiano, enfim, na baixa capacidade de enfrentamento das contradições que permeiam e se refletem, fortemente, na vida acadêmica.

Existem várias tendências quanto a temas polêmicos, como: a parceria da universidade com o setor produtivo; a polarização do que é público e privado; a participação no processo de criação ou na elaboração de produtos e execução de serviços; o recebimento ou não de *royalties*; a propriedade intelectual e os direitos autorais na Universidade; o conhecimento adquirido e acumulado; a capacidade de atender mais e melhor aos jovens, e outros.

Esse é o desafio: aceitar a pluralidade e ser capaz da discussão e da busca do que é melhor para a realidade do nosso país.

MARIA ALICE GUIMARÃES BORGES. Doutora em Ciência da Informação (2006), Mestre em Ciência da Informação (1981) e bacharel em Biblioteconomia (1967) pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento de Sistemas de Informação e em Gestão de Unidade de Informação. Exerce suas atividades acadêmicas de ensino e pesquisa na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília, desde 1983. Iniciou suas atividades em 1963 como professora e Bibliotecária do Governo do Distrito Federal onde Coordenou a proposta de criação do Sistema de Bibliotecas Públicas para o Distrito Federal. Implantou as Biblioteca Pública da EQS 108/109 e a Infantil da EQS 103/104. Participou da Elaboração e Execução dos Sistemas Nacionais de Informação nos Ministérios do Interior (1973/75); da Agricultura/EMBRATER (1977/81) e do Trabalho/Qualificação Profissional (1981/83). Representou o Brasil em reuniões Internacionais: CINTERFOR/OIT; FID (Índia) e Missão da UNESCO em Moçambique na área da Ciência da Informação. Exerceu vários cargos públicos, tendo sido Diretora Adjunta do IBICT e Secretária de Estado do Governo do Distrito Federal. A partir de 2011 é Conselheira do Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8943644865938393>

Referências

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. *Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino*. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Orientação: Sofia Galvão Baptista.

BORGES, Maria Alice Guimarães. *A tríplice hélice e o desenvolvimento do setor de Tecnologia da Informação do Distrito Federal*. 2006. 294 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientação: Murilo Bastos da Cunha.

FERIGATO, Fabíola Marques. *Os pioneiros do ensino de Biblioteconomia na Universidade de Brasília*. Brasília: UnB/CID, 2006. 66 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientação: Tarcisio Zandonade.

RIBEIRO, Darcy (Org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998 de dezembro de 1961*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 158 p. 1ª reimpressão ed. especial. Edição especial comemorativa Editora Universidade de Brasília 50 anos.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da UnB, 1962. Não paginado.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *UnB: visão estratégica: II documento de trabalho*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

VIEIRA, Fernando Modesto. *História do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília: 1962 a 2002*. Brasília: UnB/CID, 2002. 65 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. Orientação: Odilon Pereira da Silva.



Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região (CRB-1). Ao centro, Nídia Caldas, Presidente do CRB-1 em 1967.



Formandos e professores no almoço de formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).

Parte I
Primeiros Professores



Vicentini em viagem à Europa (Catedral de Colônia, Alemanha, 1967).



1 *Abner Lellis Corrêa Vicentini* *por Murilo Bastos da Cunha*

A professora Maria Alice Guimarães Borges deu-me o desafio de falar sobre uma pessoa muito querida para todos nós aqui da Escola de Ciência da Informação e também da nossa Biblioteca Central. Nas duas últimas semanas, eu me propus a fazer uma biobibliografia de Abner Lellis Corrêa Vicentini e, a partir do que ele escreveu, farei os comentários. Isso porque não há nada escrito sobre ele, uma pessoa seminal na nossa área, nosso ex-professor aqui na Universidade de Brasília (UnB).

Aliás, há poucos escritos sobre os nossos bibliotecários pioneiros. Praticamente, só temos duas obras: *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*, resultante da dissertação de mestrado defendida por Suelena Bandeira aqui, na nossa Escola, e que a editora Briquet de Lemos publicou em 2007; *Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações*, que Edson Nery da Fonseca, em 2010, publicou pela Ateliê Editorial, de São Paulo. Precisamos cuidar de outras biografias, porque tivemos colegas que enfrentaram, criaram, desbravaram e lutaram em prol da Biblioteconomia brasileira que, em 2011, completou cem anos da criação do primeiro curso (BRASIL, 1911) na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Existe certa tradição na área, apesar de muita gente achar que ela começou ontem, quando, na verdade, já vem de dez décadas, e tivemos outros bibliotecários famosos antes de 1911, mas esse ano marca a criação do Curso de Biblioteconomia no Brasil. Inúmeros profissionais tornaram possível o nosso exercício profissional e não conhecemos as dificuldades enfrentadas em outras épocas. Então, eu reclamo aqui da necessidade de produzirmos trabalhos sobre alguns dos nossos pioneiros e destaco, entre outros:

- Alfredo Américo Hamar, pioneiro da automação em bibliotecas;
- Antonio Caetano Dias, batalhador da Biblioteconomia no Rio de Janeiro;
- Astério Campos, o grande estudioso da teoria da classificação;
- Célia Zaher, que dinamizou o IBBD e chegou a trabalhar na Unesco;
- Denise Fernandes Tavares, incentivadora das bibliotecas infantis na Bahia;
- Ernesto Manoel Zink, difusor das técnicas de documentação especializada;
- Etelvina Lima, criadora de bibliotecas e de escolas de Biblioteconomia;
- Heloísa de Almeida Prado, pioneira na preparação de livros didáticos;
- Laura Russo, batalhadora da legislação bibliotecária;
- Lucília Minssen, incentivadora das bibliotecas infantis no Rio Grande do Sul;
- Lydia de Queiroz Sambaquy, realizadora de um trabalho fantástico que possibilitou a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT);
- Maria Luiza Monteiro da Cunha, difusora da normalização das regras catalográficas;
- Nice Menezes Figueiredo, a primeira doutora brasileira em Biblioteconomia;
- Zila Mamede, que é o nome da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em relação ao Abner Vicentini, senti muito prazer e tristeza ao, nessas semanas, tentar lembrá-lo. Prazer, porque ele desempenhou um papel importante que nós vamos conhecer ao longo desta conversa, e tristeza por ser uma pessoa que deveria ainda estar conosco aqui, e, se assim fosse, hoje ele estaria com 82 anos. Eu lembro o mestre Edson Nery da Fonseca, que esteve conosco nesta faculdade, e, com 91 anos, encontra-se em pleno exercício profissional.

Síntese Biográfica

Abner Lellis Corrêa Vicentini nasceu em 23 de agosto de 1929, em Bebedouro, uma cidade do Estado de São Paulo, perto de Americana e de São Carlos, naquela região famosa pela produção de laranja. Graduiu-se em Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1949, e em Direito na Universidade de São Paulo (USP), em 1953.

De 1952 a 1953, foi diretor de uma importante biblioteca no Estado de São Paulo, a do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), do Ministério da Aeronáutica, e lá ele criou uma biblioteca modelar. Lembrando a importância do ITA para o ensino brasileiro, a qualidade era tamanha que muitos engenheiros saíam de lá direto para a pós-graduação no exterior, já eram contratados e isso continua até hoje pelo nível de qualidade desse instituto. No período de 1954-1963 foi diretor da Biblioteca Central do Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (SP).

De 1958 a 1961, Vicentini presidiu a Associação Paulista de Bibliotecários (APB) – a primeira criada no contexto brasileiro –, tendo sido reeleito. Até o final dos anos 1970, a APB foi a principal associação de bibliotecários do Brasil.

Vicentini veio para a UnB em 1964. O nosso primeiro reitor, Darci Ribeiro, solicitou a Edson Nery da Fonseca, bibliotecário da Câmara dos Deputados e professor de Biblioteconomia na UnB, que criasse uma biblioteca para a nova universidade, ainda em fase de implantação. Essa biblioteca começou a crescer e o Edson, sentindo-se sobrecarregado – além de professor, estava criando o Curso de Biblioteconomia e administrando a Biblioteca Central (BCE) –, sugeriu o nome do Vicentini para substituí-lo na direção da biblioteca. Inicialmente, em 1964, ele foi requisitado. Depois, se desligou do ITA e foi incorporado ao quadro da UnB como um dos primeiros professores da Biblioteconomia, pois o primeiro vestibular foi em 1965 – a professora Maria Alice Borges fez o primeiro e eu fiz o segundo –, e o professor Vicentini já estava aqui.

Foi uma época áurea. A UnB começou de um jeito diferente, pois, à medida que os prédios iam sendo construídos, os professores já estavam dando aula. O pessoal do *campus* da Ceilândia atualmente reclama que não tem sala, mas isso também já ocorreu nos anos 1960! Quer dizer, a UnB está acostumada a não esperar: “Olha, não vamos ter aula enquanto não tem prédio”. Não! O prédio Dois Candangos estava sendo construído e já havia curso de Direito, Arquitetura e Economia – os três cursos mais antigos.

Quando Vicentini veio para cá, a biblioteca funcionava lá no prédio do Ministério da Educação (MEC). Eram várias salas para abrigar a administração da UnB. Naquela época, muitos setores do MEC ainda estavam no Rio de Janeiro e aquele prédio estava praticamente vazio, só com o gabinete do ministro mais um apoio administrativo. Então foi fácil para a UnB conseguir metade de um andar para instalar a reitoria e a biblioteca, que funcionava numa sala. Pois bem, com a chegada do Vicentini reservou-se uma área no *campus* – onde está o prédio denominado Serviços Gerais 12 (SG-12), ali onde hoje funciona uma parte dos cursos da Engenharia, quase em frente à Estação Sismológica da Geologia – e a Biblioteca Central funcionou durante muitos anos lá, em uma área provisória. E o professor Vicentini, sendo uma pessoa com muito relacionamento no exterior, conseguiu verbas do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que doou um milhão de dólares para a construção do prédio atual.

De 1964 a 1968, Vicentini exerceu o cargo de Coordenador do Sistema de Biblioteca e da Biblioteca Central da UnB. De 1964 a 1971, foi professor do Curso de Biblioteconomia, onde lecionou Documentação e Classificação. Foi ele quem dinamizou o uso da Classificação Decimal Universal (CDU) no Brasil.

Em 1972 foi convidado pelo Ministério das Minas e Energia (MME) para criar um sistema de informação para esse Ministério que, naquela época, tinha em seu organograma grandes empresas: Petrobrás, Vale do Rio Doce, empresas elétricas, e, depois, toda a parte de energia nuclear e mineração. Mas não havia uma coordenação para as bibliotecas, que não se falavam e tampouco os bibliotecários se conheciam. Vicentini verificou duas coisas: precisava criar um sistema e precisava treinar os recursos humanos. Ele implantou e promoveu dois cursos de especialização em convênio com a UnB, sendo treinados quase 50 bibliotecários do MME e das empresas a ele vinculadas. Os cursos tiveram duração de um ano para os bibliotecários aprenderem as novas técnicas de documentação, o uso do computador na biblioteca – naquela época não havia *laptops, notebooks, tablets*, nada disso. O que havia era o *mainframe* e a questão era: como usar um computador nas atividades da biblioteca? Esse tema está presente em alguns dos trabalhos que publicou. Ele ficou até 1975 no MME.

Vicentini foi convidado pela FAO, em 1975, para ser o coordenador do projeto de implantação da Biblioteca Nacional da Agricultura (Binagri), hoje Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (Senagri/Binagri). Nesse projeto ele trabalhou junto com o professor Jaime Robredo, com a Yone Chastinet e com a professora Dulce Baptista, que era redatora de resumos naquela época. Vicentini era o coordenador nacional e Jaime Robredo era o consultor internacional pela FAO, para ajudar na parte de implantação desse sistema.

Essa não era uma ideia nova, pois os Estados Unidos já tinham bibliotecas nacionais para determinados temas: a Biblioteca Nacional de Medicina (em inglês: United States National Library of Medicine, NLM) e a Biblioteca Nacional de Agricultura (em inglês: United States National Agricultural Library, NAL). O projeto coordenado por Vicentini consistia em que a Binagri fizesse a indexação, o controle bibliográfico das publicações agrícolas brasileiras, e enviasse esses metadados para a FAO, em Roma, onde seriam incluídos no sistema AGRIS, que funciona muito bem há mais de 40 anos. O AGRIS possui mais de um milhão de registros bibliográficos e o Brasil contribuiu com mais de cem mil itens de sua bibliografia agrícola, que foi recatalogada e classificada de acordo com os padrões desse sistema.

Vicentini, além de profissional bibliotecário, desempenhou importante papel no movimento associativo, atuou na área de informações especializadas em Engenharia, Minas e Energia e Agricultura. Possivelmente, essa diversidade de conhecimentos foi o fator que o influenciou – uma parte que mais a frente nós vamos ver –, a propor ideia do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT).

Divulgador da CDU

Desde meados dos anos 1950, na biblioteca do ITA, em São José dos Campos, Vicentini já estava usando a Classificação Decimal Universal (CDU). É possível que essa biblioteca tenha sido uma das primeiras a usar da tabela especializada em Engenharia, e, ao constatar a importância desse sistema de classificação, Vicentini preocupou-se com a necessidade de traduzir as tabelas a fim de incentivar o seu uso no Brasil.

Vicentini foi, durante muitos anos, o presidente da Comissão Brasileira da CDU, chamada IBBD/CDU, que coordenou a tradução de algumas tabelas desenvolvidas: as classes 0, 1, 2 e 3 foram traduzidas para o português e publicadas pelo IBBD e, depois, pelo IBICT. Porém, a tradução da edição média, mais volumosa, foi feita aqui, em Brasília, pelo Vicentini e pelo padre Astério Campos, professor nosso e um dos maiores especialistas mundiais em teoria de classificação. Várias pessoas, eu inclusive, participaram da Comissão da CDU e isso desenvolveu bastante a sua utilização no Brasil.

Essa atuação fez com que Vicentini fosse convidado para participar do Comitê Central de Classificação da Federação Internacional da Documentação (FID/CCC) que, em nível mundial, decidia sobre o crescimento e atualização da

CDU. E também o ajudou a integrar o Conselho da Federação Internacional de Documentação (FID), que era formado por nove pessoas – e entre elas estava um brasileiro! A FID foi extinta em 2002, mas, até meados da década de 1980, teve um papel importantíssimo, que hoje é ocupado pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA – Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias). Durante anos foi membro do Conselho da FID, o que abriu portas no exterior para as atividades do Vicentini. Tentaremos mostrar que muitas participações foram feitas a nível internacional graças a essa penetração que o Vicentini tinha no exterior.

Divulgador das Regras de Catalogação

O grande interesse de Vicentini pela catalogação levou-o a apresentar no 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, realizado no Recife, em 1954, o seu primeiro trabalho, intitulado “Da necessidade de um código nacional de catalogação”.

Em 1960, participou da delegação brasileira na Reunião sobre Princípios da Catalogação, promovida pela Unesco em Paris. Esse evento foi vital para a ideia de normalização catalográfica em nível mundial, estimulada principalmente pelo advento do *Código de Catalogação Anglo-Americano* (AACR-1).

Até 1969, no Brasil, a maioria das bibliotecas usava as *Normes per il catalogo degli stampati* (*Normas para o catálogo de impressos*), mais conhecidas como *Código da Vaticana*, de Roma, a biblioteca papal, elaborado em 1920. Esse código tivera duas edições brasileiras: em 1949, pelo extinto Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), em São Paulo; e em 1962, pelo IBBD, no Rio de Janeiro. Mas alguns bibliotecários começaram a ficar preocupados, porque o *Código da Vaticana* não se adequava às modernidades das décadas de 1950 e 1960, e, alguns traduziram partes do AACR-1. Se vocês consultarem os anais dos quatro primeiros congressos brasileiros de Biblioteconomia, encontrarão discussões incríveis sobre um assunto que hoje parece piada: um grupo de bibliotecários queria adotar a entrada “Machado de Assis, José Maria” e outro grupo dizia que deveria ser “Assis, José Maria Machado de”, pelo último sobrenome. Então esse tema – que hoje é trivial para nós – foi objeto de discussão em congresso sobre normas de catalogação, porque não havia um código normalizador, uma obra que tivesse abrangência nacional aceita por todos.

Essa obra foi a primeira edição brasileira do AACR-1, lançada em 1969, que deu muito trabalho – e eu digo isso porque o capítulo 11, a parte de mapas, foi tradução minha, pois, com 23 anos, recém-formado em dezembro de 1968, eu já estava trabalhando nesse capítulo – e o Vicentini, juntamente com o padre Astério, coordenou a tradução elaborada por várias pessoas. Trata-se de um livro transcendental para todos nós, uma obra de peso, que tinha 532 páginas. Eu estudei nesse livro, que, obviamente, foi suplantado quando saiu o AACR-2, e este talvez, brevemente, dê lugar para os *Recursos: Descrição e Acesso* (RDA).

Uma coisa que devemos ressaltar na biografia do Vicentini é a audácia de traduzir e publicar com o próprio dinheiro! E se a obra encalhasse? Havia uma demanda, porque todo bibliotecário precisa de duas ferramentas básicas de trabalho: um código de catalogação e as tabelas de um sistema de classificação, porém, naquela época, as nossas entidades de classe não se preocupavam em atender a essa necessidade dos profissionais.

Na American Library Association (ALA), por intermédio das pessoas com quem mantinha amizades, Vicentini conseguiu autorização – um brasileiro, não uma grande empresa, nem um órgão público – para traduzir e publicar o AACR-1. Da coragem de enfrentar esse projeto, resultou a base para termos hoje uma normalização catalográfica em nosso país. Vocês nem imaginam as dificuldades que a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB) enfrentou para conseguir publicar, anos depois, o AACR-2!

Após esse desafio de publicar a primeira edição brasileira do AACR, ele resolveu criar uma editora, porque, nesse tempo, não havia interesse das editoras em publicar material de Biblioteconomia. O professor Briquet de Lemos já esteve aqui e, provavelmente, deve ter comentado sobre as dificuldades de ser um editor, porque as tiragens são pequenas, os profissionais compram pouco – por exemplo, uma tiragem de mil exemplares num universo de 25 mil bibliotecários. O fato de os bibliotecários comprarem pouco material profissional faz com que tenhamos poucas editoras especializadas na nossa área. Quantas existem em todo o Brasil?

Em Brasília, temos duas, a Briquet de Lemos e a Thesaurus; em Belo Horizonte, a Autêntica; a Interciência no Rio de Janeiro; a Intertexto, em Niterói; a E-Color, em Campinas; a Polis, em São Paulo. São apenas sete. E são escassos os livros didáticos de Biblioteconomia. Observem que, nas bibliografias das disciplinas, há poucos livros. Há muitos artigos. Ainda estamos na fase do artigo.

Atuação Docente (1964-1971)

Antes de ser professor da UnB, Vicentini já tinha ministrado cursos avulsos pela APB, preocupado com a formação profissional. A regulamentação da profissão de bibliotecário aconteceu em 1962, com a Lei nº 4.084, e a definição de um currículo mínimo foi conseguida quando o MEC aprovou uma sugestão de uma comissão especialmente formada para estudar essa temática. E os membros quem eram? Vicentini, Edson Nery da Fonseca, Cordélia Cavalcanti e Etelvina Lima, da UnB; Nancy Westefallen Corrêa (UFPR); Sully Brodbeck e Zilda Machado Taveira (FESP-SP).

No período de 1954 a 1963, foi professor de Pesquisa Bibliográfica, Metodologia Científica e Documentação no Instituto Teológico Pio XI, seminário mantido pelos Salesianos na capital paulista. A escola dos Salesianos em São Paulo tem uma excelente biblioteca que ele ajudou a organizar e, nesse afã, foi atraindo pessoas para a Biblioteconomia. Certamente, ele atraiu mais de 10 salesianos.

Durante sete anos, de 1964 a 1971, foi professor aqui da nossa Escola, onde lecionou disciplinas da graduação relacionadas com a Normalização Bibliográfica, a Documentação e a Classificação.

Vicentini também lecionou na pós-graduação. Em 1970, o IBBD criou o seu curso de mestrado em Ciência da Informação, o segundo curso de pós-graduação em Biblioteconomia do Brasil – porque o primeiro foi o da UnB, em 1963/1964 e que fechou em 1965, por causa da crise que a universidade estava enfrentando. Havia cinco bibliotecários fazendo pós-graduação, mas formou-se uma só pessoa. Os professores eram: Edson Nery da Fonseca, Cordélia Robalinho Cavalcanti, Etelvina Lima e Abner Vicentini, que coordenou o Seminário de Classificação, Catálogo Sistemático e Indexação em Cadeia, realizado em 1965.

Portanto, antes de ser criada a graduação em Biblioteconomia na UnB, nós já tínhamos um mestrado e éramos faculdade! Isso não é divulgado. Outro dia reclamei com o professor Aldo Barreto, e disse-lhe: “Vocês do IBICT não foram o primeiro, mas o segundo”. E ele retrucou: “Isso aí não vingou”. E eu respondi: “Você não pode refazer a história”.

A preocupação com a qualificação dos recursos humanos foi marcante na vida profissional de Vicentini, que foi professor de inúmeros cursos de especialização e de treinamento para bibliotecários agrícolas da América Latina, promovidos pela Binagri.

Ele também teve influência na formação dos primeiros mestres brasileiros, estimulando a ida de Fernanda Leite Ribeiro e João Laurentino de Souza, que foram cursar o mestrado em Pittsburgh, e de Simão Gallo e Neusa Dias Macedo, para a Universidade Católica de Washington. Ele conseguiu bolsas da Fundação Ford para esse pessoal porque naquela época não havia cursos regulares de pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil.

Os cursos de treinamento com o Programa de Formação do Ministério das Minas e Energia (Planfap) para mais de 50 bibliotecários na área de Minas e Energia, Agricultura, Educação e Engenharia mostravam essa preocupação com os recursos humanos. Ele sempre falava: “Sem gente, não funciona. O mais importante são as pessoas, depois, é que entram as máquinas”.

Outra característica de Vicentini foi o espírito de divulgação e transparência – posso falar de cátedra, porque eu fui secretário dele por quatro anos. Ele ia duas vezes por ano ao exterior para participar dos eventos da FID ou de congressos internacionais e sempre retornava com novidades. Ele mandava duplicar aquele material considerado importante: alguns textos eram redatilografados, outros eram fotocopiados – não havia correio eletrônico, não havia internet naquela época –, e ele enviava cópia para os diretores das escolas de Biblioteconomia, para os diretores das grandes bibliotecas. O seu objetivo era mostrar o caminho que estava sendo percorrido no exterior – um modo de dizer “nós precisamos nos atualizar” –, diferentemente de muitos colegas que vão aos congressos no exterior e, quando voltam, ninguém fica sabendo de nada...

Neste aspecto, temos de “tirar o chapéu” para o Vicentini, que sempre fez esse papel de divulgação. Lembro-me de ele ter ido a um evento em Medellín, na Colômbia, patrocinado pela Unesco. A Escola de Biblioteconomia da Colômbia sempre teve um papel de liderança na América Latina e aprovaram lá umas ideias para um novo currículo de Biblioteconomia, e creio que mais de 200 exemplares foram distribuídos para o Brasil inteiro. Todas as associações, todas as escolas, todos os diretores das grandes bibliotecas receberam um exemplar para se informarem sobre essas novas ideias que precisavam ser implantadas rapidamente no Brasil. Imaginem se houvesse internet naquela época, ele mandaria tranquilamente todo esse material por *e-mail*!

Em outra ocasião, em 1967, Vicentini conseguiu um avião do governo federal e fizemos um encontro de alunos de Minas Gerais e Brasília, visitamos as principais bibliotecas de São Paulo e Belo Horizonte. Naquela época, Brasília quase não tinha boas bibliotecas e ele levava os estudantes para verem algo real.

Produção Bibliográfica

Muitos documentos de autoria do professor Vicentini foram publicados em congressos, porque ainda não havia revistas de Biblioteconomia naquela época. A primeira delas a ser criada foi a *Ciência da Informação*, depois, veio a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, ambas em 1972, e, logo em seguida, a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, em 1973. Então, antes delas, o fórum de divulgação dos bibliotecários era, basicamente, os eventos profissionais – congressos, seminários, etc.

O seu trabalho de 1956, intitulado “Acordos e tratados firmados pelo governo para permutas de publicações”, foi apresentado no Seminário de Permuta Nacional e Internacional de Publicações, realizado em São Paulo. Nele, Vicentini defende a necessidade do intercâmbio de publicações oficiais entre as bibliotecas brasileiras. Ele foi o criador da Seção de Intercâmbio da Biblioteca Central da UnB. Nos anos 1960, das obras que a Editora da UnB publicava, a biblioteca recebia uma cota de 200 exemplares que eram trocados com bibliotecas de outros países e de outros lugares do Brasil. Assim, ao invés de se comprar determinadas obras no exterior, elas eram trocadas – não envolvendo aí nenhum custo financeiro. Isso era muito comum em bibliotecas do exterior, e o Brasil precisaria ser mais articulado nessa área. Então, é preciso destacar a importância do intercâmbio internacional, lembrando que o Brasil de 50 anos atrás era muito pobre em termos bibliográficos, daí essa preocupação no sentido de incorporar novos itens aos acervos com o menor custo possível.

Uma palavra-chave que se aplicava ao Vicentini era “liderança”. Onde ele estivesse logo se percebia que ele era um líder, com as características de romper barreiras e abrir portas, por exemplo, quando chamou a atenção para o problema de formação em separado de bibliotecários e documentalistas, porque não tínhamos um currículo mínimo, mas já havia uma diferença entre determinados profissionais: “Eu não sou bibliotecário; eu sou documentalista, mexo com informação especializada”.

Em 1961, por ocasião do 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Curitiba, no Estado do Paraná, Vicentini apresentou dois trabalhos. No primeiro, intitulado “Considerações sobre o currículo universitário de biblioteconomia”, ele falou que essa diferença era besteira, pois a gênese era a mesma. Agora, 50 anos depois, volta de novo essa discussão só que com outros nomes: Ciência da Informação é uma coisa, Biblioteconomia é outra. Isso é coisa antiga. A formação é a mesma, mas a área de atuação é que é diferenciada. Então, Vicentini sugeriu a reestruturação dos currículos em nível



Viagem a São Paulo -
Vicentini com os alunos
(1966).



Viagem a São Paulo
- Vicentini com os
alunos (1966).



Vicentini em Roma
no Conselho da IFLA
(1964).



Vicentini em Tóquio (1967).

universitário de quatro anos e a inclusão de várias disciplinas que, nos anos 1960, eram do campo da Documentação, e que hoje nós chamamos de Ciência da Informação. A propósito, Ciência da Informação e Documentação têm raízes históricas distintas. A Ciência da Informação é uma discussão norte-americana; a Documentação é uma discussão europeia – e nós aqui tentando fazer uma média, uma união das duas áreas! Esse artigo pioneiro é seminal e pode ser encontrado na biblioteca do IBICT. Há 50 anos, ele já mostrava a importância de a Biblioteconomia incorporar em seu currículo as novidades da Documentação.

O segundo trabalho, intitulado “Informe sobre a Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU)”, faz uma prestação de contas das atividades realizadas visando disseminar a CDU no Brasil.

No evento seguinte, o 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 1963, em Fortaleza (CE), ele submeteu três trabalhos. No primeiro, denominado “Situação atual da permuta de publicações no Brasil”, enfatiza a importância do intercâmbio e da permuta de publicações pelas bibliotecas brasileiras.

No segundo trabalho de 1963, intitulado “Relatório sobre as providências tomadas em relação às resoluções do 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação”, analisou a situação das recomendações aprovadas pelo plenário do congresso anterior. Vicentini foi secretário-geral e relator-geral de vários Congressos Brasileiros de Biblioteconomia – aqui aparece de novo o seu espírito de liderança –, e ele apresentou nessa análise o que tinha acontecido, quais providências a nível nacional foram aplicadas, etc.

No último trabalho de 1963, denominado “Tendências modernas para normalização dos trabalhos de classificação: histórico e atividades da Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU)”, Vicentini tratou das atividades exercidas por essa comissão em prol do desenvolvimento da CDU. Ele tinha que dar transparência! Quantos colegas são presidente de comissões e ninguém fica sabendo o que está ocorrendo lá, mas Vicentini divulgava, dividia o conhecimento.

Interessado no uso do computador nas atividades bibliotecárias, Vicentini submeteu uma contribuição à Seção “T” (Informação Científica), por ocasião da 17ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Belo Horizonte (MG), em 1965. Assim como havia seções de Química, Física e Biologia e tal, na seção “T” tratava-se de Biblioteconomia e Informação Científica. Vicentini apresentou, nessa seção, um trabalho sobre um tema importante na época: “Mecanização da Classificação Decimal Universal

para a disseminação da informação científica”. Salvo engano, este deve ter sido o primeiro trabalho sobre a automação da CDU, assunto que ele estudou a fundo.

Em 1967, essa temática foi retomada no trabalho “Mecanização da Classificação Decimal Universal para a disseminação da informação científica”, apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em São Paulo (SP).

No ano seguinte, em 1968, foi realizado, em Brasília, o Encontro de Professores de Classificação e três professores da nossa escola apresentaram trabalhos: Edson Nery da Fonseca, Washington Moura e Abner Vicentini, que falou sobre o ensino de CDU, a sua área de especialização. Também participou desse evento, o professor Elton Eugênio Volpini, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, depois da saída do Vicentini da UnB, foi indicado como novo diretor da Biblioteca Central.

A sua preocupação com a inserção internacional do Brasil, como se fosse quase um embaixador da Biblioteconomia, motivou-o a publicar um trabalho no exterior. Isto ocorreu em 1968, quando foi publicado em Portugal, nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, o artigo “Informática”, em que Vicentini comenta a introdução desse termo, de acordo com a proposta do professor A. I. Mikhailov, na 33ª Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação, realizada em Tóquio, no Japão, em setembro de 1967. Analisa a origem do termo e a evolução histórica da Biblioteconomia, Bibliografia, Documentação e Ciência da Informação. Aborda também a mudança do conceito clássico da FID de “documentos de todos os gêneros” para “toda a informação”, como justificativa para uso da palavra “informática”.

Vicentini talvez tenha sido o primeiro bibliotecário brasileiro a ter contato com o grande autor russo Alexander Mikhailov, que, em 1967, apresentou o termo “informática”, mas com o sentido que hoje damos ao termo “Ciência da Informação”, que só apareceu em 1968, no trabalho clássico de Harold Borko (1968), publicado nos Estados Unidos. Pois Vicentini já estava divulgando esse novo conceito da Ciência da Informação, que foi retirado das palestras de Mikhailov, o russo que propôs essa ideia de usar principalmente o computador, a automação, aquelas ideias da Documentação dentro da Biblioteconomia. Mais à frente, Vicentini vai divulgar isso no Brasil.

Mikhailov era o presidente do VINITI, que seria o IBICT soviético, só que em grandes dimensões. Na antiga União Soviética, o VINITI tinha uns cinco mil funcionários, que faziam a indexação de todo o material russo, traduziam coisas

do exterior para o russo, indexavam o máximo de documentos em suas bases de dados. Por quê? Porque desde o início, os russos visualizavam que a Informação Científica Tecnológica (ICT) era um fator de desenvolvimento. Isso resultou no Sputnik, o primeiro artefato lançado lá no espaço. Os americanos ficaram embasbacados – não é possível que os russos nos passaram a perna... – e, aí, o grande presidente John Kennedy criou a NASA com altíssimo investimento para colocar um homem na Lua, enviar satélites para o espaço, etc. Os russos já estavam, havia muitos anos, investindo na área de ICT e na formação de novos engenheiros. Quando os Estados Unidos viram que era importante, aí sim, criaram o Sistema Nacional de Informação que funciona até hoje.

Em 1969, por ocasião da Reunión Interamericana de Bibliotecários y Documentalistas Agrícolas, realizada em Bogotá, na Colômbia, Vicentini analisou os avanços recentes na área de automação da CDU num trabalho intitulado “Mecanización y automatización: perspectivas de la America Latina”, que, no mesmo ano, foi também publicado nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, editado pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Ainda em 1969, Vicentini publicou, nesse periódico, o artigo “Documento básico apresentado no Encontro de Professores de Classificação” em que aborda os avanços no ensino da classificação.

No ano seguinte, em 1970, Vicentini mostrou o seu crescente interesse no uso do computador nos serviços bibliotecários ao apresentar, no Seminário sobre Automação na Documentação, realizado em Brasília, o trabalho “A informática no plano internacional: aplicação da mecanização e da automação nos serviços bibliotecários”.

Nesse mesmo ano, Vicentini publicou na *Revista do Serviço Público*, o artigo “Da Biblioteconomia à informática: evolução do conceito de documentação”, que é um clássico, o primeiro artigo brasileiro que usou o termo informática com a acepção que nós conhecemos hoje como Ciência da Informação. Vicentini ampliou para 40 páginas o artigo publicado no ano anterior em Portugal. Vale a pena resgatar, na história, as raízes do que nós chamamos hoje de Ciência da Informação, que os americanos, depois, pegaram dos russos. Nós temos como provar que os russos foram pioneiros nessa utilização, mas não chamaram Ciência da Informação e, sim, Informática. Mas, adequando ao termo atual, eles foram os pioneiros e, aqui, um ano, dois anos depois de lançado na União Soviética, Vicentini já o estava divulgando. Fomos os primeiros na América Latina com essa acepção.

Em 1960 ocorreu uma famosa Reunião de Catalogação Internacional, em Paris, promovida pela Unesco, e, durante uma semana, bibliotecários de dezenas de países participaram. Quem estava lá? Vicentini, defendendo algumas ideias em relação ao código e isso deve ter despertado nele a importância de se ter uma padronização em nível nacional primeiro e, depois, em nível internacional. Hoje, nós já conseguimos isso e ninguém mais discute sobre problemas de catalogação, pois o AACR-2 que se aprende aqui é o mesmo que se estuda no Japão, nos Estados Unidos, na Espanha, na África do Sul e assim por diante. Por quê? A Biblioteconomia é uma profissão internacional e pode ser exercida em diversos lugares. Tanto é assim que nós temos um ex-aluno nosso que trabalha na biblioteca da ONU, em Nova York, e tivemos uma que trabalhou na Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra.

Em 1970, Vicentini publicou, nos *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, o artigo “O novo código de catalogação”, comentando detalhes sobre a edição brasileira do AACR. Vicentini não era neófito na área de catalogação; o forte dele era classificação CDU, mas era muito bom em catalogação, tanto assim que coordenou a tradução do AACR-1, publicada em 1969.

O ano de 1970 foi muito produtivo. Vicentini e Élvia Andrade de Oliveira, bibliotecária do IBICT, publicaram o artigo “UNIDEK: aplicação à bibliografia brasileira de Botânica”, sobre a automação da CDU utilizada na recuperação da informação botânica. Élvia de Andrade de Oliveira, tinha sido bibliotecária do antigo IBBD, estudara computação e fazia programação. Essa foi uma das primeiras aplicações da CDU recuperando informação, isto há 42 anos! A realização desse trabalho começava com a perfuração dos cartões no Rio de Janeiro, pois o IBBD tinha as perfuradoras; os *decks* de cartões eram levados numa Kombi até São José dos Campos, onde eram processados no *mainframe* do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

No ano seguinte, em 1971, a automação da CDU na área de Direito foi objeto do trabalho “Informática jurídica”, submetido ao 6º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belo Horizonte (MG).

Também em 1971, Vicentini publicou um artigo na revista espanhola *Boletín de la Anaba*, a Asociación Nacional de Bibliotecarios e Archiveros, da Espanha, intitulado “De la biblioteconomía a la informática: evolución del concepto de documentación”, sobre a evolução da Biblioteconomia até a Ciência da Informação. Ele tinha enormes ligações com Hipólito Escolar Sobriño, que foi diretor da Biblioteca Nacional da Espanha e que, em 1968, esteve em Brasília para elaborar um projeto de um sistema de bibliotecas públicas e escolares.

Haveria uma biblioteca, simultaneamente nacional e local, localizada onde está o atual Centro de Convenções, e que também seria a cabeça de um Sistema de Bibliotecas Escolares. O projeto foi preparado para a Unesco, mas nunca foi para a frente. Essa ideia ainda é revolucionária hoje, não é verdade?

Em 1971, depois da primeira edição brasileira do AACR, de 1969, Vicentini, em conjunto com Donald J. Lehnus, aproveitando que ele lecionava catalogação em Medellín, elaborou um manual¹ intitulado *Catalogação descritiva: manual prático contendo 225 modelos de fichas exemplificativas das regras de catalogação descritiva do Código de Catalogação Anglo-Americano (parte II, capítulos 6 a 9, regras 142 a 191)*, sendo o volume 2, da Série “Visão da informática pura e aplicada”, publicada pela Editora e Distribuidora VIPA, criada pelo Vicentini. O depósito da editora funcionava na sua chácara e ele mesmo fazia todo o ciclo de comercialização: levava no correio, despachava etc. Se não me engano, foram quatro obras editadas.

A sua pesquisa principal, a automação da CDU, foi objeto de um trabalho intitulado “Projeto LEMME²: o uso da Classificação Decimal Universal na recuperação da legislação referente a Minas e Energia”, submetido ao 3º Congresso Regional de Documentação, realizado em 1971, em Lima, no Peru. A automação da CDU usava o *mainframe* e o método para entrada dos dados se chamou de “granularidade da informação”, porque nós não indexávamos somente a lei, mas artigo por artigo e cada um tinha uma indexação específica mostrando o que constava nele – na época não se chamava indexação exaustiva. Hoje, o projeto que o Senado está implantando, o LexML Rede de Informação Legislativa e Jurídica³, – segundo o que foi dito pelo João Lima – foi baseado nessas ideias.

Em 1972, no Seminário Latino-Americano sobre Preparação de Cientistas da Informação, realizado na Cidade do México, Vicentini abordou os “Aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação”, analisando os desafios do ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Tendo iniciado o seu trabalho de consultoria na montagem do novo sistema brasileiro de informação agrícola, Vicentini publicou, em 1972, o artigo “Informática agrícola” na recém-criada revista *Ciência da Informação*, editada pelo IBICT.

A automação da CDU no controle da informação jurídica em minas e energia, objeto de publicação inicial no ano anterior, teve o seu detalhamento em 1972. Contando com a colaboração de João Laurentino de Sousa e Murilo Cunha, um artigo intitulado “Mecanização da Classificação Decimal Universal:

¹ Essa ideia foi retomada e ampliada, em 2001, pela nossa colega Antônia Motta de Castro Memória Ribeiro, que publicou *Catalogação de recursos bibliográficos: AACR2r em MARC21*. 5. ed. 2012, com exemplos da aplicação do AACR-2-R, para facilitar a utilização desse código.

² LEMME = Legislação do Ministério de Minas e Energia.

³ Cf. detalhes em: <www.lexml.gov.br>.

o projeto LEMME” foi apresentado na 3ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, realizada em Porto Alegre (RS). O projeto pioneiro do Ministério de Minas e Energia parou porque havia barreiras enormes na informática: a entrada de dados era via cartão perfurado e nós estávamos precisando de um sistema que fosse *on-line*, mas ainda não havia condições tecnológicas para isso. Lembrem-se de que não havia computadores pessoais naquela época. Eu fui para esse Ministério e trabalhamos juntos a partir de 1972.

O seu interesse na teoria da classificação levou-o a publicar em 1972, na revista *Ciência da Informação*, um artigo intitulado “Ranganathan, filósofo da classificação, cientista da Biblioteconomia”, mostrando aspectos da teoria da classificação e o seu ensino nos cursos de Biblioteconomia. Há 40 anos, foi o primeiro trabalho brasileiro sobre esse indiano, destacando sua importância para a teoria da classificação, que o professor Astério Campos explorou ao máximo. Vicentini admirava muito Ranganathan e, inclusive, esteve na Índia, onde o conheceu.

Outro projeto de 1972 no qual Abner Vicentini se envolveu foi a “Informática Educacional: relatório final sobre o projeto para a criação de um Centro Nacional para a coleção, análise e disseminação da informação na área de educação”. Ele era uma pessoa que tinha uma grande amplitude de interesses temáticos: Educação, Minas e Energia, Agricultura, Engenharia.

Em 1973, Vicentini esteve envolvido na montagem do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), que foi pensado por uma equipe interministerial, incluindo, entre outros, bibliotecários, administradores, analistas de sistemas, diplomatas e funcionários do alto escalão federal. Assim, Vicentini apresentou no 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belém (PA), dois documentos. No primeiro, “Informática para o desenvolvimento socioeconômico: redes de informação”, descreveu o esboço do futuro sistema nacional de informação. No segundo, intitulado “O subsistema de informação agrícola”, Vicentini contou com a colaboração do agrônomo Raul Rosinha. Esse tema foi objeto do livro *Sistemas de informação e aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação*, lançado em 1973. Nessa obra, Vicentini analisou a informação agrícola e a construção do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (Snida). Depois de inúmeras discussões, esse sistema foi, em 1976, oficialmente detalhado e apresentado à Unesco no documento “Sistema Nacional de Información y Documentación en Ciencias Agropecuarias (Snideca)”.

Depois, ele apresentou à Unesco um documento oficial sobre o Sistema Nacional da Área Agrícola – é um desdobramento daquele documento com 64 páginas que ele tinha apresentado ao Ministério e que ele ampliou para 90 páginas, mostrando mais detalhes sobre o Sistema Nacional de Informação Agrícola, que recebeu apoio técnico da Unesco e apoio financeiro da FAO e do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA-CIDEA), da Costa Rica. Esses projetos internacionais exigiam uma justificativa bem fundamentada para obterem dos órgãos internacionais os recursos financeiros e humanos solicitados para a criação e expansão de bibliotecas e sistemas de informação.

Também nesse evento de Belém, no terceiro trabalho que apresentou, “O centro de informática do MME e sua contribuição para o desenvolvimento tecnológico do Brasil”, Vicentini aproveitou para divulgar o subsistema de informação na área de Minas e Energia.

As discussões sobre o SNICT, iniciadas em 1972, tiveram prosseguimento em 1973. Vicentini contou com a colaboração de Hagar Espanha Gomes, Ângela L. Pompeu, Cesar Teixeira e Lydia Sambaquy na elaboração das “Diretrizes Básicas para a Implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT)”, documento publicado na revista *Ciência da Informação*. Esses autores prepararam um relatório que foi encaminhado ao CNPq e que é muito importante, pois esboçava o Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), com os subsistemas: de Minas e Energia, de Educação e da maioria das áreas. O SNICT seria coordenado pelo IBICT, mas, infelizmente, a ideia não vingou... E até hoje, com exceção das áreas agrícola e de saúde, não há sistemas nacionais. Nas outras áreas, parece não haver essa preocupação sistêmica.

Ainda em 1973, Vicentini publicou na recém-criada *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, com a colaboração de João Laurentino de Sousa e Murilo Bastos da Cunha, o artigo “Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME”, com o objetivo de atualizar as pesquisas feitas no MME visando à automação da CDU na legislação especializada.

A CDU e as ações da FID em prol desse sistema de classificação foram objeto do trabalho “As atividades da FID/CCC, Comissão Central de Classificação”, apresentado ao 4º Congresso Regional de Documentación, realizado em 1973, em Bogotá, na Colômbia.

Em 1974, Vicentini participou da 4ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, realizada em Porto Alegre (RS). Intitulado “A Classificação Decimal Universal como linguagem indexadora nos sistemas

mecanizados de recuperação da informação”, o trabalho apresentado atualizava os projetos brasileiros e estrangeiros relacionados com a automação da CDU.

Conclusão

Depois de examinar vários dos seus trabalhos e alguns detalhes da vida do Vicentini, o que salta aos olhos, o que nós podemos sintetizar?

Primeiro, Vicentini *preocupou-se com a qualificação bibliotecária*. Por ter sido colaborador do padre Astério Campos no ensino de pesquisa bibliográfica no Seminário Salesiano de São Paulo, Vicentini estimulou inúmeros salesianos a cursarem Biblioteconomia. Ele foi um motivador, atraindo pessoas qualificadas, como: Sebastião de Sousa, Simão Gallo, Tarcisio Zandonade, Odilon Pereira e Astério Campos, que veio dos Salesianos para dar aula aqui em Brasília, e, diga-se de passagem, foi o primeiro. A tese de doutorado do padre Astério Campos foi sobre Norberto Bobbio, defendida em 1961 e publicada em livro em 1966. Bobbio hoje é o supprassumo da área de Ciência Política, e muita gente fala dele, mas o padre Astério escreveu sobre ele há 40 anos. Então, eram pessoas desse porte que Vicentini tentava atrair.

Em segundo lugar, Vicentini era o que depois foi denominado de *gatekeeper*. Isso daí salta aos olhos, essa *preocupação de divulgar o conhecimento junto aos colegas*.

Em terceiro lugar, Vicentini era uma *presença brasileira no exterior*: participou daquela reunião internacional sobre catalogação em Paris, cujas decisões geraram o AACR-1; foi membro do Comitê Central de Classificação e conselheiro da FID – um dos nove –, durante muitos anos; desempenhou várias atividades na Unesco e na FAO; foi bibliotecário a nível mundial, representando o Brasil em muitas ocasiões. Alguns colegas pareciam invejá-lo porque ele recebia convites para dar palestras, apresentar trabalho em eventos, abrir congressos, etc. Ele foi um líder e conhecia inúmeros colegas de outros países. Tanto é assim que vários estrangeiros vieram ao Brasil, inclusive aqui, na nossa escola, para fazerem palestras a convite do Vicentini, sem custos para a UnB, devido à amizade que ele tinha com essas pessoas.

Em quarto lugar, Vicentini foi um *líder profissional, em todos os sentidos*. Essa liderança foi exercida na APB e nas diversas comissões que ele presidiu. Ele também foi membro do Conselho Federal de Biblioteconomia, mas não foi presidente porque era uma pessoa que visitava muito os países “comunistas” e

os militares brasileiros da época (1972-1973) ficaram com medo. O seu grande envolvimento com o movimento associativo tem que ser ressaltado.

Infelizmente teve uma morte prematura. Aos 47 anos, veio a falecer em 9 de agosto de 1976, após acidente automobilístico, quando voltava de um casamento em São José do Rio Preto e se dirigia a Brasília, numa caminhonete Chevrolet, pois tinha uma chácara e criava cães da raça pastor alemão. Ele estava subindo uma montanha e um carro Chevette, conduzido por uma pessoa embriagada, bateu na porta do lado onde ele estava. Ferido na perna, ele foi para o hospital e, talvez por ter ficado muito tempo parado na cama, formou-se um coágulo que causou a sua morte. Eu me lembro de que, em 1976, estava fazendo meu mestrado em Belo Horizonte e vim ao enterro dele. Foi uma pena. Nós poderíamos tê-lo até hoje. De fato, Abner Vicentini teve um papel preponderante na Biblioteconomia brasileira.

MURILO BASTOS DA CUNHA é professor titular da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Fez mestrado em Administração de Bibliotecas na Universidade Federal de Minas Gerais e doutoramento na Universidade de Michigan (EUA). Foi presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal e do Conselho Federal de Biblioteconomia. Entre as atividades exercidas na Universidade de Brasília estão as de diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação e Diretor da Biblioteca Central. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7080112300092250>

Referências

BORKO, Harold. Information science, what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BRASIL. Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911. Approva o regulamento da Bibliotheca Nacional. *Câmara dos Deputados* [site]: legislação informatizada. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 5 abr. 2013.

LEXML: rede de informação legislativa e jurídica [online]. [S.l.: s.n., 2008]. Disponível em: <www.lexml.gov.br>. Acesso em: 5 abr. 2013.

RIBEIRO, Antônia Motta de Castro Memória. *Catálogo de recursos bibliográficos: AACR2r em MARC21*. 5. ed. Brasília, 2012.

Anexo 1

Bibliografia de Abner Lellis Corrêa Vicentini

(ordem cronológica)

VICENTINI, Abner L. C. A documentação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1959, Salvador. [*Anais*]... [S.l.: s.n., 1959?].

VICENTINI, Abner L. C. Considerações sobre o currículo universitário de biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. *Trabalhos apresentados*. Curitiba: [s.n.], 1961.

VICENTINI, Abner L. C. A dinamização do serviço de informação. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 13., 1961, Poços de Caldas, MG. *Anais*... [S.l.: s.n., 1961?].

VICENTINI, Abner L. C. Informe sobre a Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal (IBBD/CDU). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. *Trabalhos apresentados*. Curitiba, 1961.

VICENTINI, Abner L. C. Situação atual da permuta de publicações no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 4., 1963, Fortaleza. [*Trabalho apresentados*]. Fortaleza: UFCE, 1963.

VICENTINI, Abner L. C. A Classificação Decimal Universal como factor da cooperação luso-brasileira. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5., 1963, Coimbra. *Actas*... Coimbra: [s.n., 1963?].

VICENTINI, Abner L. C. Seleção e aquisição de material bibliográfico. In: ROUND TABLE ON INTERNATIONAL COOPERATION FOR LIBRARY AND INFORMATION SERVICES IN LATIN AMERICA, Washington, D.C., 1965. *Final reports and documents*. Washington: [s.n.], 1966.

VICENTINI, Abner L. C. *Mecanização da Classificação Decimal Universal para a disseminação da informação científica*. [S.l.: s.n., 1965?]. 14 f. Trabalho

apresentado à Seção T, Informação Científica [da] 17ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Belo Horizonte, de 4 a 10 de julho de 1965.

VICENTINI, Abner L. C. Bibliotecas especializadas e centros de informação no Brasil e na América Latina. In: REUNIÃO ANUAL DA IFLA/FIAB, 31., 1965, Helsinki. [Anais]... [S.l.: s.n., 1965?].

VICENTINI, Abner L. C. Mecanización y automatización: perspectivas de la América Latina. In: REUNIÓN INTERAMERICANA DE BIBLIOTECARIOS Y DOCUMENTALISTAS AGRÍCOLAS, 2., 1968, Bogotá. *Informe*. Bogotá: AIBDA, 1968. p. VD1-VD10. Título da capa: "Actas y trabajos presentados".

VICENTINI, Abner L. C. Informática. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, 1968.

VICENTINI, Abner L. C. The organization of national documentation and information services in Latin America with special reference to Brazil. *Library Trends*, Urbana, v. 17, n. 3, p. 245-257, Jan. 1969.

VICENTINI, Abner L. C. Mecanización y automatización: perspectivas de la América Latina. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, 1969.

VICENTINI, Abner L. C. A informática no plano internacional: aplicação da mecanização e da automação nos serviços bibliotecários. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO NA DOCUMENTAÇÃO, 1969, Brasília. *Seminário Sobre Automação na Documentação: [anais]*. Brasília: MEC; CETEB, [1969?]. p. 7-16.

VICENTINI, Abner L. C. O novo código de catalogação. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, 1970.

VICENTINI, Abner L. C. Da biblioteconomia à informática: evolução do conceito de documentação. *Revista do Serviço Público*, Brasília, n. 105, p. 252-295, set./dez. 1970.

VICENTINI, Abner L. C.; OLIVEIRA, Elvia de Andrade. UNIDEK: aplicação à bibliografia brasileira de Botânica. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2., 1969, Rio de Janeiro. *Anais...* [S.l.: s.n.], 1970. p. 102-112.

VICENTINI, Abner L. C. De la biblioteconomia a la informática: evolución del concepto de documentación. *Boletín de la Anaba*, Madrid, v. 21, n. 3/4, p. 3-41, jul./dez. 1971.

VICENTINI, Abner L. C. Projeto LEMME: o uso da Classificação Decimal Universal na recuperação da legislação referente a minas e energia. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 3.; REUNIÃO DA FID/CLA, 11., 1971, Lima, Peru. *Anais...* Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 145-160.

VICENTINI, Abner L. C. *Mecanização da Classificação Decimal Universal: o projeto LEMME*. [S.l.: s.n., 1972?]. 23, [15] f. Trabalho apresentado à 3ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, realizada na cidade de Porto Alegre, de 28 de maio a 2 de junho de 1972. Datilografado.

VICENTINI, Abner L. C.; COELHO, Aníbal Rodrigues; BORGES, Maria Alice Guimarães Borges. *Informática Educacional: relatório final sobre o projeto para a criação de um Centro Nacional para a coleção, análise e disseminação da informação na área de educação*. Brasília, 1972. 489 p.

VICENTINI, Abner L. C. Aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO, 1972, México. *Seminário Latino-Americano Sobre Preparação de Cientistas da Informação: anais*. Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 219-226.

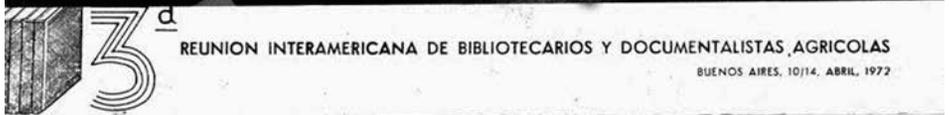
GOMES, Hagar Espanha; VICENTINI, Abner L. C.; POMPEU, Ângela Lerche; TEIXEIRA, Cesar; SAMBAQUY, Lydia de Queiroz . Diretrizes básicas para a implantação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 69-72, 1973.

VICENTINI, Abner L. C. *Sistemas de informação e aspectos teóricos e interdisciplinares na comunicação da informação*. São Paulo: APB, 1973. 1 v.

VICENTINI, Abner L. C.; CAMPOS, Astério Tavares. *Lições programadas de Classificação Decimal Universal*. Brasília: VIPA, 1974. (Visão da Informática pura e aplicada, v. 4).



Vicentini em Bogotá (1968).



Vicentini em Buenos Aires
(abril de 1972).



Briquet de Lemos recebendo medalha da professora Sueli Angelica do Amaral na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995).



2 *Antônio Agenor Briquet de Lemos* *Depoimento*

Cheguei aqui em abril de 1968. Uma das primeiras pessoas que encontrei no prédio da antiga Biblioteca Central, onde ficava a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, foi a Maria Alice Guimarães Borges, que estava na sala do diretor da biblioteca, Abner Lellis Corrêa Vicentini. A ideia do professor Edson Nery da Fonseca, que me convidara para lecionar aqui, era que eu começasse o semestre, mas, evidentemente, eu tinha compromissos e emprego no Rio de Janeiro, por isso precisei de algum tempo para me liberar. Então, só cheguei em abril, com o semestre já iniciado.

Não havia muitos alunos na faculdade. Era só o curso de graduação em Biblioteconomia, acredito que fossem uns 40 ou 50 alunos, não mais do que isso. Poucos professores também e fiz aqui uma lista tentando me lembrar dos nomes.

Com a crise em que a Universidade de Brasília (UnB) ingressou, após o golpe militar de 1964, houve uma enorme perda de professores. Isso também atingiu a Faculdade de Biblioteconomia, uma vez que aqui estavam alguns professores, como Etelvina Lima, de Minas Gerais, Gilda Verri, de Pernambuco,

Myriam Dulac, de Brasília, que se afastaram. Havia um curso de pós-graduação na época, que foi interrompido. Enfim, em 1968, a situação estava um pouco crítica, e, talvez por isso, o Edson Nery da Fonseca saiu atrás de professores. Ele me encontrou num congresso de Biblioteconomia, em São Paulo, em 1967, e, mal fomos apresentados, convidou-me para dar aulas aqui. Provavelmente, ele já tinha convidado muita gente e ninguém queria vir. Então, apareceu um sujeito que estava a fim de mudar de vida. E eu vim.

Corpo Docente Primordial

Quanto aos professores, havia aqui o Edson Nery da Fonseca, com muita experiência e já conhecido no Brasil inteiro; o Abner Lellis Corrêa Vicentini, que havia sido bibliotecário do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, e que viera para cá convidado para, exatamente, substituir o Edson na direção da Biblioteca Central, uma vez que este abrisse mão de continuar sendo o diretor da biblioteca. Então, Vicentini também dava aulas, porque, naquela época, o diretor da Biblioteca Central era, necessariamente, do quadro docente da UnB, particularmente da Faculdade de Biblioteconomia.

Fernanda Leite Ribeiro era uma jovem senhora – senhorita ainda, pois era solteira na época –, muito simpática, com uma boa experiência na área, uma vez que tinha trabalhado no antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, o antecessor do atual Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT), e que acabara de chegar do mestrado nos Estados Unidos.

Elsy Guimarães Ferreira Pereira era uma bibliotecária experiente, que tinha vindo do Rio de Janeiro para Brasília acompanhando o marido que era professor do Instituto Central de Artes (ICA) ou da Faculdade de Arquitetura, não me lembro.

Washington José de Almeida Moura, bibliotecário da Câmara dos Deputados e professor aqui em tempo parcial, também muito experiente.

Uma das figuras – vou usar um dos adjetivos da moda – icônicas da área da informação no Brasil, pouco lembrado, mas muito importante, foi o padre Astério Tavares Campos, profundo conhecedor de classificações bibliográficas, principalmente da CDU, que ele tinha traduzido da primeira edição média do alemão para o português. Homem cultíssimo e o primeiro intelectual brasileiro

a estudar as ideias do grande cientista político italiano Norberto Bobbio no livro *O pensamento jurídico de Norberto Bobbio*, publicado em 1966.

Cordélia Robalinho Cavalcanti, bibliotecária da Câmara dos Deputados e professora aqui em tempo parcial, foi diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara.

Outra figura exemplar, que muito honrava a Faculdade, era o professor Rubens Borba de Moraes, o maior bibliófilo que o Brasil já teve, no sentido mais amplo da palavra. Ele não apenas colecionava os livros de maneira muito apropriada, como também fazia desse hábito, desse *hobby*, um estímulo para a produção de obras que se tornaram imprescindíveis para a cultura brasileira, como é o caso da *Bibliografia brasiliense*, da *Bibliografia brasileira do período colonial* e do *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*.

Havia a professora Neusa Dias Macedo, recém-chegada do mestrado nos Estados Unidos, muito simpática e dedicada.

Eu acho que era esse o grupo que estava aqui quando eu cheguei em 1968. Logo em seguida, vieram: Nice Figueiredo, Nilceia Amábíla Rossi Gonçalves e Pérola Cardoso Raulino, que foi diretora da biblioteca do Senado e que tinha vindo do Rio de Janeiro, onde trabalhara na Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) e também na Biblioteca do IBBD, se não me engano.

O marido da Pérola era arquiteto e acho que tinha vindo para Brasília no começo da sua construção. O que vou contar é até muito curioso. Um dia, estávamos conversando e o Raulino me disse que, no Rio de Janeiro, tinha trabalhado no Dasp, naquela época um órgão muito importante na administração pública federal, que cuidava dos concursos públicos e do treinamento de pessoal, e tinha também a função de normalizar as práticas administrativas dos diversos órgãos públicos, desde suas instalações até os papéis usados – por exemplo, fichas de biblioteca para o empréstimo de livros seguiam o padrão Dasp, estabelecido com base em padrões norte-americanos. E contou-me o Raulino que os móveis da biblioteca onde comecei a trabalhar como *office-boy*, em 1953, a Biblioteca do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro – que eram lindos, todos de madeira maciça de alta qualidade – tinham sido desenhados por ele. Digo isso para mostrar como eram pessoas com muita experiência profissional.

¹ Por exemplo, a Instrução Normativa nº 83, de 3 de abril de 1978, do Dasp, tinha “a finalidade de padronizar os papéis para uso no Serviço Público Federal, fixar os símbolos para identificação do formato, estabelecer a uniforme composição dos timbres, indicar o nível de qualidade dos diversos papéis, cartolinas e papelões, e enumerar os ensaios a que devam ser submetidos para efetivo controle quando da aceitação e do recebimento” (COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS, 1987, p. 105).

Professor e Secretário Executivo

Quando me convidou para vir para a UnB, Edson Nery da Fonseca disse: “Você vai ser professor e secretário executivo da Faculdade...”. Mas, o que é ser secretário executivo da Faculdade, professor Edson? E ele: “Você vai lá e você vai ver”. Evidentemente, depois que cheguei, vi que secretário executivo era exatamente para fazer o que o adjetivo indicava: executar as coisas, ou seja, tocar o barco para a frente. Ele cuidava das ideias gerais, do planejamento, aulas, discussões e muitas coisas, mas, o dia a dia ficou sob a minha responsabilidade.

Na qualidade de secretário executivo, a primeira coisa que resolvi fazer foi ouvir as opiniões de alguns alunos sobre o curso, discretamente. Verifiquei que havia uma percepção comum de que as disciplinas eram ministradas de uma forma um tanto desconchavada: os professores não conversavam entre si, os programas não eram redigidos de comum acordo, e isso gerava certa duplicidade de conteúdos. Então, me prontifiquei a examinar a questão e pedi licença aos professores para assistir às suas aulas. Assisti a várias aulas de todos eles, com exceção das do professor Rubens Borba de Moraes, porque, evidentemente, era impensável eu ir assistir à aula de um professor muito mais velho do que eu. Afinal de contas, Rubens Borba era intocável. Mas assisti às aulas dos outros e sentava ao fundo, ficava observando, anotando e, depois, conversava com eles. Disso resultou uma espécie de discussão em que chamamos a atenção para esses problemas de duplicidade de conteúdo, de falta de sintonia entre aquilo que o programa se propunha a fazer e aquilo que os professores estavam dando dentro de sala de aula, com sugestões etc. Como resultado, foram implantadas algumas mudanças que, na época, foram positivas, visando sempre promover uma maior integração entre os diferentes conteúdos. Tempos depois foi feita uma reforma “formal” nas disciplinas.

Outro detalhe interessante é que, nessa época, os professores eram contratados como professores da Universidade de Brasília, lotados na unidade X. Você não era contratado como professor de Medicina, como professor de Engenharia. Você era contratado como professor da categoria tal, mas não havia concurso público e a seleção se fazia por análise de currículo. A universidade não era uma repartição pública, nós não éramos funcionários públicos – éramos empregados de uma Fundação Universidade de Brasília, com carteira de trabalho assinada, portanto, estávamos sujeitos à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Somente na década de 80 – acho que depois da nova Constituição – é que mudaram a nossa situação. Então, éramos contratados como professores

para dar aula em determinada unidade. Tínhamos que nos desdobrar para atender às demandas dos alunos, de modo que nos capacitávamos para a função docente por meio da experiência e, praticamente, dávamos qualquer disciplina do programa.

Dar aula de Introdução à Biblioteconomia era, digamos assim, a minha função principal. Edson Nery da Fonseca dava essa disciplina e, diga-se de passagem, foi ele quem a inventou, pois, anteriormente, ela não constava em nenhuma escola brasileira de Biblioteconomia. Quando cheguei fiz modificações no programa, incluí algumas coisas um pouco fora da área de Biblioteconomia com a finalidade de dar-lhe uma certa contextualização sociológica e histórica.

Eu também dava aula de Reprografia, que desapareceu do currículo e, hoje, vocês nem sabem o que é. Talvez saibam que existe um setor de reprografia em algumas bibliotecas, mas, naquela época, a tecnologia da reprodução de documentos – microfilmagem, fotocópia (a Xerox tinha entrado no Brasil em 1967 ou 1968, por aí, depois de 1965) e uma série de outras técnicas utilizadas no século passado – era considerada importante para a formação do bibliotecário e, pelo fato de eu ter um vínculo com o campo das artes gráficas, achei interessante ter ensinado essa disciplina.

Depois, ensinei bibliografia na área das ciências biomédicas e também em outras áreas especializadas, inclusive houve um curso de especialização para o Ministério de Minas e Energias, no qual eu dei bibliografia na área de geociências. Cheguei a lecionar Bibliografia Brasileira uma vez, Classificação CDU, Referência, e uma disciplina da qual eu era mais ou menos o dono – porque eu a tinha criado –, a Análise da Informação, que era o desdobramento da Documentação.

Quando cheguei aqui em 1968, verifiquei que se falava muito de Documentação, como hoje se fala de Ciência da Informação, só que a maioria das pessoas nem sabia o que era Documentação. Eu me lembro de que analisei o programa do curso que era dado pelo professor Vicentini, e, na realidade, nas aulas, ele falava da história da Documentação, da criação da Documentação, dos grandes documentalistas Paul Otlet, Henry La Fontaine, etc., da história da Federação Internacional da Documentação (FID), da documentação no Brasil, do IBBD, isso, aquilo e aquilo outro, mas não entrava no cerne da questão que era o trabalho do documentalista. Houve uma revisão do programa e surgiu uma disciplina chamada Análise da Informação, que abordava o conteúdo informacional dos documentos, da preparação dos substitutos dos documentos, por exemplo, os resumos, a indexação tradicional, a indexação por computador, etc., etc. Ministrei essa disciplina durante muito tempo.

Os alunos precisavam cursar certas disciplinas para se formarem, e aí se fazia um levantamento: quem vai dar isso?, quem vai dar aquilo? Era uma improvisação e, às vezes, nem sempre as pessoas estavam qualificadas, mas era uma maneira de resolver os problemas, e o professor poderia aproveitar essa situação até para estudar, para aprender – uma coisa que não faz mal a ninguém.

Eu trazia uma experiência muito, muito, muito longa na área de informação médica, desde aquele primeiro emprego na biblioteca do Hospital dos Servidores do Estado, quando eu tinha 15 anos de idade – claro, depois estudei Biblioteconomia. De modo que tinha uma facilidade muito grande, tinha um conhecimento muito grande, e, exatamente no ano anterior à minha vinda para cá, eu tinha feito um Curso de biblioteconomia médica na Emory University, em Atlanta, nos Estados Unidos. Também já tinha trabalhado no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, localizado no Rio de Janeiro, um centro de pesquisa da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

Não havia ainda uma disciplina de bibliografia especializada em ciências médicas, mas um curso de bibliografia especializada em geral, que era ministrado pela Neusa Dias Macedo. Um dia, logo que eu cheguei, ela falou: “Já que você está sem fazer nada, porque não dá uma aula de informação médica, sobre o *Index Medicus*?”. No dia seguinte, dei a aula e ela ficou espantadíssima porque, ao contrário do que era usual na época – desculpem-me, às vezes, abrir mão da modéstia –, de o professor de bibliografia repetir o conteúdo de uma ficha que ele trazia para sala de aula, eu cheguei sem nada na mão e, simplesmente, durante uma hora, falei sobre uma obra de referência da área de Medicina, que eu conhecia pelo uso e porque tinha estagiado na Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos. Isso cativava realmente as pessoas: alguém que dava uma aula com base no “saber de experiências feito”, como dizia o velho Camões.

Isso era muito importante. Ressalve-se que, não só nesta escola, mas em todas as outras escolas de Biblioteconomia no Brasil, o aluno se forma e começa a trabalhar numa biblioteca; daí a pouco, vai para o mestrado, termina o mestrado, pega o doutorado e... aí, se transforma num especialista em teorias e não um especialista em coisas práticas. Isso está acontecendo com relativa frequência numa profissão cuja natureza é essencialmente prática.

Então, a graduação começou a entrar em crise, porque o Departamento recebia cada vez mais alunos e era muito difícil recrutar professores.

Lecionei de 1968 a 1979, com uma interrupção de um ano e seis meses, quando fui para a Inglaterra.

Pós-Graduação em Biblioteconomia na UnB

No final da década de 60, acentuava-se o interesse do governo em instituir a pós-graduação e as universidades em geral começaram a se preocupar com o recrutamento de pessoal que tivesse um mínimo de qualificação.

De certa forma, no caso da Faculdade de Biblioteconomia da UnB, isso teve início antes, quando Fernanda Leite Ribeiro, Neusa Dias Macedo, João Laurentino de Sousa, Simone Gallo e Antonio Querido foram fazer mestrado nos Estados Unidos com bolsa da Fundação Ford. O Simone Gallo, depois, se casou com a Fernanda Leite Ribeiro. O Antonio Querido nunca retornou ao Brasil. Essa dotação da Fundação Ford permitiu ainda o pagamento de assinaturas de periódicos, a compra de livros e a construção deste prédio.

O fato é que, em 1975, com a titulação necessária para iniciarmos o curso de mestrado só tínhamos o padre Astério, que era doutor, e o Rubens Borba de Moraes, que era um caso especial por ter-se licenciado em Letras pela Universidade de Genebra, na Suíça. E só. Que eu me lembre, nessa época, a única doutora em Biblioteconomia no Brasil era uma professora do Paraná com doutorado nos Estados Unidos. Conseguimos recrutar uma professora com mestrado nos Estados Unidos, oriunda de Belo Horizonte, a Maria Madalena Bastos, uma jovem muito simpática, mas inexperiente, pois passara por aquele processo que comentei há pouco: formou-se e, logo em seguida, foi fazer o mestrado. Ficou aqui algum tempo, mas depois foi morar nos Estados Unidos. Havia, realmente, uma falta muito grande de pessoal e a UnB começou a pressionar os departamentos para que instituíssem cursos de mestrado.

Em 1975, no começo do ano em que houve o famoso 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília, estive aqui o professor inglês Peter Havard-Williams, que tinha sido contratado pela Capes para, como consultor, elaborar um programa de pós-graduação em Biblioteconomia no Brasil. Havard-Williams, muito simpático, muito competente, era chefe do Department of Library and Information Studies, da Loughborough University, muito conhecido na Europa, ligado à FID e principalmente à Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (Ifla). Ele visitou Brasília, Minas Gerais e São Paulo, e fez um bom relatório, com recomendações. Também escreveu um artigo (HAVARD-WILLIAMS¹⁹⁷⁵) a respeito da biblioteconomia no Brasil, bem duro, bem cáustico, bem crítico, intitulado “S.E.O.: a Biblioteconomia no Brasil” – S.E.O. significa “salvo erro ou omissão”. Eis o resumo do artigo:

O status dos bibliotecários é baixo, apesar de a profissão ser regulamentada por lei. A Biblioteconomia é uma profissão predominantemente feminina e os salários são reduzidos, embora venham melhorando, tanto quanto vem aumentando o ingresso de homens em bibliotecas e centros de documentação. A Documentação goza de mais prestígio do que a Biblioteconomia e as bibliotecas mais eficientes são normalmente as que desenvolvem atividades de documentação. Essas bibliotecas, em geral, são as melhores, seguidas pelas bibliotecas universitárias e públicas. A fim de melhorar o status e a eficácia da profissão como fator essencial na vida social e econômica da nação e de preparar professores capacitados é preciso que se estabeleçam cursos de pós-graduação. Uma associação nacional é necessária para influir junto ao Governo no que diz respeito à implantação e melhoramento dos serviços bibliotecários e de documentação. Todos os bibliotecários devem apoiar a implantação de um serviço nacional de bibliotecas que seja forte e tenha amplas atribuições (HAVARD-WILLIAMS, 1975, p. 3).

Começamos, então, a montar o curso de mestrado. A UnB contratou a professora Nice Figueiredo, que havia trabalhado aqui, como chefe da seção de periódicos da Biblioteca Central, até 1968. Exatamente quando nós chegamos, ela estava deixando a UnB e foi substituída por minha mulher, Maria Lúcia Vilar de Lemos, que é bibliotecária como eu e tinha sido convidada pelo Edson Nery da Fonseca para vir junto comigo. Nós fomos os dois contratados: eu, professor, e ela, bibliotecária, para dirigir a seção de periódicos da Biblioteca Central. Nice Figueiredo saiu porque queria retornar ao seu emprego na hoje Unesp, em Araraquara, e fazer o mestrado nos Estados Unidos, onde também fez o doutorado. Para que ela pudesse conseguir a bolsa de estudos para o doutorado, o Departamento forneceu-lhe uma declaração em que afirmava que ela, Nice Menezes de Figueiredo, seria contratada pela UnB assim que terminasse o doutorado, etc. Enfim, fez-se um arranjo que permitiu que ela atendesse a essa exigência burocrática da Organização dos Estados Americanos, que financiou o seu doutorado na Universidade da Flórida. Enquanto isso, fazíamos os encaminhamentos para a montagem do curso, que seria finalizada em 1978.

Foi então que o Conselho Britânico ofereceu um programa de bolsas de estudos para professores de Biblioteconomia irem se capacitar na Inglaterra. Candidatei-me a uma dessas bolsas, fiz os exames de inglês lá no Conselho, e a Universidade me concedeu a licença.

Nessa época, a Universidade era dirigida de uma forma extremamente autoritária e tomou algumas decisões muito estranhas. Quando saí para estudar em Londres no final de 1976, tive a minha situação de professor alterada: era professor em tempo integral e dedicação exclusiva, e perdi o meu salário integral – passei a receber só a metade do que ganhava. A alegação do reitor na época, o capitão de mar e guerra José Carlos Azevedo, era de que se eu ia receber uma bolsa do Conselho Britânico, então porque precisaria de todo

aquele dinheiro? Eu poderia viver com a bolsa e o meu cargo ficaria garantido quando eu voltasse.

Evidentemente eu não estava em condições de brigar, e quase não fui para a Inglaterra por razões de ordem política, porque a Divisão de Segurança e Informações, uma filial do Sistema Nacional de Informações (SNI) que havia dentro da UnB, não me dava licença para eu me ausentar do Brasil. Eu tive que recorrer a muita gente para conseguir convencer as autoridades da área de segurança do Ministério da Educação de que eu não era tão perigoso como me pintavam. Na hora H, graças à intervenção do então vice-reitor, o Marco Antonio Rodrigues Dias, que era da área de Comunicação e tinha boas relações com o Ministério da Educação, me liberaram. Esses detalhes são para mostrar que as coisas neste país não são tão “lisas” como poderiam ser.

Fui para Loughborough, uma cidadezinha perto de Leicester, e fiquei na Inglaterra do final de 1976 até junho de 1978. A Universidade de Loughborough era muito avançada na área de Biblioteconomia e Informação e, inicialmente, Havard-Willians me convidara para fazer o doutorado, mas, quando eu cheguei lá, ele não conseguiu do Conselho Diretor da Faculdade a autorização para que eu ingressasse diretamente no doutorado. Mais tarde, vim a descobrir que em todos os setores, em todas as universidades, em todos os lugares onde se juntam acadêmicos não há consenso com muita facilidade, mas uma guerra de ciúmes, de vaidades... Então, havia um grupo antigo, do Technical College com o seu Curso de Biblioteconomia, que não era considerado de nível superior, mas que estava numa fase de transição, e um grupo novo. Na hora em que estava em votação a proposta do Havard-William para que eu pudesse entrar direto no doutorado, a “turminha da antiga”, que tinha raiva dele, não aceitou. Ele me chamou e falou qual era a situação. Então eu fiz o mestrado e apresentei uma dissertação em que analisei a visão que os estrangeiros tinham da Biblioteconomia dos países subdesenvolvidos, coletando opiniões completamente estapafúrdias de pessoas consideradas competentes, mas que revelavam preconceitos em suas análises, repetição de estereótipos, etc.

Quando terminei o mestrado, me matriculei no doutorado por pesquisa, em que eu tinha que passar seis meses lá, voltava para o Brasil, fazia a tese e estava tudo resolvido. Fiquei uma temporada em Londres, completei meu tempo e voltei para o Brasil. Cheguei aqui em 1978 e fui reintegrado ao Departamento.

Em 1970, o IBBB já tinha criado o seu curso de mestrado em Ciência da Informação – ele começou com esse pecado no Brasil –, em convênio com a

Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que foi o primeiro curso realmente a formar mestres na área. O mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais foi criado de 1976; depois veio o da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 1977 (MUELLER, 1985), e Brasília, que era considerada uma boa escola, também sofria pressão para criar o seu.

Estando o mestrado aqui em processo de implantação, veio outro consultor. Agora um norte-americano, Jack Belzer, um ilustre professor, um homem muito experiente, da Universidade de Illinois. Ele fez um bom relatório e nos ajudou bastante. Conversando comigo, quis saber sobre a minha dissertação e achou-a interessantíssima. Perguntou-me se eu autorizava que fosse publicada e eu disse que sim, claro. Ele enviou o texto para a Universidade de Illinois; lá, passou por alguns cortes e, em 1981, foi editado um folhetozinho, numa série de documentos ocasionais.

Contamos também com a ajuda dos professores ingleses Max Broome e Stephen Parker, dois bibliotecários muito experientes, que deram um Curso de Planejamento de Bibliotecas. A coisa começou a deslanchar, a ganhar impulso. O mestrado era feito em colaboração com outras unidades da universidade, como o Departamento de Psicologia e a Faculdade de Educação.

Implantação do Centro de Documentação do Ministério da Saúde

E aí, um belo dia, em 1979, estava trabalhando na minha proposta de tese de doutorado, quando recebi um convite para organizar o Centro de Documentação do Ministério da Saúde, em Brasília. Eu pensei, pensei e pensei. Realmente estava impensado entre a questão do doutorado e a possibilidade de fazer uma coisa com que eu sempre sonhara: montar um centro, uma unidade de informação na área que eu dominava, em que me sentia muito a vontade. O pessoal do Ministério da Saúde já me conhecia, porque eu tinha dado umas aulas sobre pesquisa bibliográfica em cursos de especialização para sanitaristas. Recebi essa proposta e aceitei, mas supondo que não seria liberado pela universidade. O Azevedo não ia com a minha cara e negaria a licença que o Ministério da Saúde estava pedindo. Eu era mal visto pelas autoridades da segurança e já tinha deixado o Azevedo muito aborrecido ao passar por cima da autoridade dele e ter conseguido viajar para a Inglaterra. Agora, ser requisitado pelo Ministério da Saúde para dirigir o Centro de Documentação numa condição

muito boa – era um cargo de Direção e Assessoramento Superior (DAS), com direito a carro e motorista, pois naquela época havia essas mordomias, etc. “O Azevedo não vai me liberar” – pensei. Resolvi aceitar para não frustrar o pessoal do Ministério, acreditando que o Azevedo daria vazão ao seu espírito vingativo e ficaríamos todos felizes, e eu não deixaria de fazer meu doutorado. Estava eu aqui, tranquilamente, quando, um belo dia, chegou a cópia de um ofício encaminhada para o padre Astério Campos, o chefe do Departamento, e, nesse ofício, o reitor Azevedo comunicava ao ministro da Saúde que eu estava liberado para assumir lá no Ministério. Eu caí das nuvens e disse: “Isso é um absurdo, mas, já que aconteceu, eu vou”.

E fui na expectativa de preparar a coisa e voltar para cá, mas, evidentemente, isso não aconteceu. O Ministério era uma estrutura muito complicada, havia mil proibições de contratação de pessoal, mas eu consegui montar o Centro de Documentação, que funcionou muito bem. Porém, acabei ficando muito mais tempo do que o razoável. E, nesse período, quebrei o processo de participação mais ativa nas atividades do Departamento que acompanhava à distância. Então, um dia, eu disse para o secretário executivo do Ministério da Saúde, o doutor Mozart de Abreu e Lima: “Eu não posso continuar aqui, tenho compromissos com a Universidade de Brasília. Não dá mais!”. Eles ficaram com muita pena, mas me liberaram. Ah, nesse meio tempo é bom lembrar que, por duas vezes, o reitor exigiu a minha volta – acho que se arrependeu de ter-me liberado. Ele pediu uma audiência com o ministro da Saúde, foi lá exigir o meu retorno, e, aí, o ministro, que era uma figura ótima, o Waldir Mendes Arcoverde, um bonachão piauiense com passagem pelo Rio Grande do Sul, que juntava as qualidades dos dois estados, disse-lhe: “Tá legal, reitor. O Briquet volta para a Universidade, mas aqui está a lista de funcionários do Ministério da Saúde cedidos para a Universidade de Brasília há alguns anos. Então, se você os devolver para mim, eu devolvo o Briquet para você”.

Fiquei no Ministério da Saúde de 1979 até 1984 e, quando voltei para cá, retomei as aulas, inclusive no mestrado.

Aí, aconteceu outro problema: fui convidado para dirigir o IBICT. Aceitei, porque era outro desafio interessante. Fiquei lá por um mandato de quatro anos, de 1985 a 1989.

Finalmente, Editor

Estava tudo bem, quando, logo que voltei do IBICT, o reitor Antônio Ibañez, me convidou para dirigir a Editora Universidade de Brasília, cargo que ocupei até 1992, quando me aposentei.

Alguém perguntou se a experiência de dirigir a Editora Universidade de Brasília me incentivou, de certa forma, a criar minha editora. Sim e não. É algo muito pessoal. Sou filho de um tipógrafo. Meu pai teve jornais no Piauí. Nasci dentro da tipografia e, na minha alfabetização, eu não fazia letras no papel; eu fazia composição com tipos soltos, de chumbo. Quando fui para a escola primária, eu já sabia ler e escrever com os tipos. O meu pai fazia letras de cartolina para mim e eu ia aprendendo. Então, o vírus da tipografia, da coisa do livro, do impresso, do papel, estava em mim há muito tempo.

Antes de vir para Brasília, meados da década de 60, lá no Rio de Janeiro, eu já acompanhava essa história da carência de livros na área de Biblioteconomia. Quando estudante, senti essa dificuldade, porque a gente só encontrava textos em francês e espanhol, pouca coisa em português. E um dia eu pensei: vou fazer livros de Biblioteconomia. Um irmão meu, já falecido, tinha uma pequena gráfica especializada em impressos em alto-relevo, que é uma coisa artesanal, muito bonita, ele fazia cartões de visita, convites de casamento, etc. Aproveitei o fato de que ele tinha uma empresa e disse: “Eu quero fazer uma editora, você me empresta aí a razão social e o endereço da gráfica?”. Ficava ali perto da Lapa e eu abri uma editora chamada Pérgamo, o nome já era sugestivo. Entrei em contato com a Unesco – eu era muito desafortado –, e obtive a cessão de direitos para o português de um livro que estava fazendo muito sucesso, *A revolução do livro*, de Robert Escarpit, um importante sociólogo francês, especialista em Sociologia da Leitura. Comecei a traduzir o livro do francês, porém eu trabalhava oito horas por dia, lá depois de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, onde ficava o Centro Pan-Americano de Febre Aftosa e, de tarde, depois que chegava em casa, tinha sempre algum outro bico, pegava revisão de livros para complementar o salário e, com essa coisa toda, o tempo foi passando. Um belo dia, a Unesco disse que não podia esperar mais e eu devolvi os direitos do livro, que foi publicado pela Fundação Getúlio Vargas, em 1976.

Quando vim para Brasília dar aula, era uma tristeza a falta de textos decentes em português que pudessem ser recomendados para os alunos. Então, a gente traduzia. Lembro-me de ter traduzido um capítulo do Jesse Shera sobre bibliotecas, que ele havia publicado na *International Encyclopaedia of the Social*

Sciences. O padre Astério também traduzia alguma coisa e a gente ia montando material para dar aula.

Em determinado momento, conversando com o Edson Nery da Fonseca, que também sentia isso, pensamos em convencer a Editora Universidade de Brasília a publicar obras da área de Biblioteconomia. Parênteses: um pouco antes, o Edson já tinha conseguido da Universidade de Brasília, por meio da Editora, o lançamento de vários livros de Biblioteconomia: o de Allan Kent (1972), um clássico lá nos Estados Unidos; o da Cordélia Robalinho Cavalcanti (1970); o de Jesse Shera e Margareth Egan (1969), desse, eu até peguei o finzinho da revisão. Então já havia esse esforço aqui por parte do Edson.

Quando cheguei, o Edson sugeriu meu nome à editora Polígono, de São Paulo, para traduzir o livro: *Serviço de informação em bibliotecas*, do Douglas Foskett (1969).¹ Para a mesma editora traduzi ainda: *Abordagem temática da informação*, do Anthony Foskett (1973), e *Índices e indexação*, do Robert Collison (1971). Então, era um esforço do Departamento para colocar textos relevantes no mercado.

Essa experiência na Editora Universidade de Brasília foi importante, mas eu já tinha conhecimento prévio do campo editorial, por ter feito revisão de livros para a Civilização Brasileira, a Lux, a Editorial Vitória, a Tecnoprint, que depois virou a Ediouro, livrinhos de *cowboy*, o que aparecia. Naquela época, havia uma característica muito interessante: você não tinha computador. O revisor recebia as provas tipográficas e os originais, que vinham marcados pelo projetista gráfico – o projeto gráfico era definido por meio de marcações feitas nas margens dos originais: corpo tal, negrito, grifo, versal, versalete, tamanho de margem, tipo de fonte –, todos aqueles elementos que você precisa dominar para produzir um livro. Em geral, essas editoras tinham bons projetistas e a gente passava a ver a coisa na prática. Essa experiência com as editoras foi muito útil.

Quando trabalhei no Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, foi por meio de seleção anunciada no *Jornal do Brasil*. Fiz uma prova e fui selecionado para o cargo de *librarian editor* – editor no sentido inglês da palavra –, não um publicador (*publisher*), mas aquele que trabalha com os textos visando a prepará-los para publicação, então, era bibliotecário/editor, ou seja, eu cuidava da bibliotecinha e também de uma publicação mensal de resumos. Havia duas publicações que eu fundi numa só e passou a se chamar *Cuadernos del Centro Panamericano de Fiebre Aftosa*. Tive de comprovar competência e proficiência na língua espanhola, porque eu teria de redigir os resumos em espanhol e fazer publicações também.

Esse cargo me levou a ter contato com gráficas e a aprender a usar equipamentos de composição e impressão. A Organização Pan-Americana da Saúde, simplesmente um dia, resolveu que tínhamos de modernizar o nosso trabalho e lá desembarcou uma máquina chamada Varsityper, que era uma máquina de escrever especial, equipamento de fazer fotocópia, impressora *offset* e respectivos manuais. Pensei: “Quem vai trabalhar com isso?”. Na biblioteca, éramos eu e um auxiliar datilógrafo, semialfabetizado, então eu resolvi aprender a usar aquela máquina. A Varsityper, na realidade, era uma máquina de escrever que tinha recursos de mudança de fonte. Muito antes da IBM Selectric, na qual você trocava as esferas – ninguém sabe do que eu estou falando [*risos*] –, havia um novo tipo de máquina em que você tinha as fontes em pequenos hemisférios de aço e que você trocava. Um problema seriíssimo! Primeiro, você tinha que datilografar o texto em uma máquina comum e marcar no final da linha a quantidade de espaços em branco que sobravam; e, depois, na máquina Varsityper, você tinha que colocar uma alavanca em uma posição... enfim, era uma zorra! Aprendi a usar a máquina, passei para o funcionário essa informação e ele me ajudava a preparar os *Cuadernos*. As outras publicações mais complexas, nós imprimíamos na gráfica do IBGE, em Parada de Lucas. Tudo isso era conhecimento que eu estava adquirindo a respeito de tipografia, de fontes e tipos, de como usar o papel, a cor...

Os dois anos na Editora Universidade de Brasília foram importantes, nem tanto pela parte técnica, mas pela parte comercial: como funcionava a definição de preço, a margem da comercialização, a distribuição – todos os “pepinos” que existem nessa área!

Aí, me aposentei. Não porque que eu tivesse querido realmente me aposentar, mas porque estávamos na era do famigerado Collor, que ameaçava cortar todas as possibilidades que, na época, existiam de um indivíduo se aposentar na mesma situação em que ele se encontrava no exercício do cargo, ou seja, ameaçava-nos com a redução de salário.

Aposentado, eu ia fazer o quê? Tentei não fazer nada nos primeiros meses. Foi ótimo! Eu me sentia tão livre, era tão bom... Por exemplo, um dia eu estava em casa e recebi um telefonema de um amigo, que tinha sido meu aluno na Universidad Autónoma de San Luis Potosí, no México, num cursinho em que participei como professor, o Álvaro Quijano. Ele me disse que a Feira Internacional de Guadalajara começaria no dia seguinte e que uma convidada do Brasil avisou de última hora que não poderia ir. Perguntei quem era essa pessoa e ele me chamou para ir no lugar da doutora Célia Ribeiro Zaher. Respondi: “Claro! Álvaro, eu estou aposentado e nem preciso pedir licença para

me ausentar do país. É só você mandar a passagem”. No dia seguinte embarquei. Depois, apareceram consultorias em Moçambique e no Canadá.

Comecei a achar que estava muito moço para não fazer nada e, aí, me ocorreu de retomar aquela velha história da editora Pérgamo, lá do Rio de Janeiro. Eu e Lúcia criamos, em 1993, uma editora de livros de Biblioteconomia e Ciência da Informação. E... o que lançar? Por coincidência, eu passei pelo Departamento – já não trabalhava mais aqui –, e em cima de uma mesa estava o anúncio de um livro do Lancaster, *Indexing and abstracting in theory and practice*. Entrei em contato com ele imediatamente. Eu o conheci em 1967, quando fiz aquele curso lá nos Estados Unidos e, durante o meu estágio na National Library of Medicine, o Lancaster me foi apresentado rapidamente, porque, na época, ele fazia uma das primeiras grandes avaliações do sistema de informação Medlars/Medline,² e ele era a grande figura nessa área. Escrevi para ele pedindo autorização para traduzir o livro e ele disse não teria problema, que isso custaria uns dois mil dólares. Fizemos um contrato, paguei o valor estipulado e traduzi o livro, que tinha aquela característica que procurei seguir depois: um conteúdo prático, destinado aos profissionais. O livro foi lançado em 1993 e vendeu bem. Em 2004 saiu uma segunda edição, atualizada.

Eu acreditava que a coisa ia pegar e que poderia resolver o sério problema de os professores de Biblioteconomia brasileiros não terem onde publicar, pois eu supunha que haveria muitos títulos interessantes à espera de uma linha de publicação de qualidade nessa área. Isso não aconteceu, porque uma das dificuldades que venho enfrentando até hoje é exatamente encontrar textos para um tipo de publicação chamada de manual. As pessoas nem sabem o que quer dizer manual e chegam dizendo: “Tenho aqui a minha tese, posso publicar?”. E eu respondo: “Não, tese não dá para publicar. Se for para publicar, tem que ser sob outro foco”. E isso tem sido uma constante, mas o fato é que a editora deu certo, apesar dos pesares, em grande parte por causa dessa experiência que eu tinha, ou seja, resolvi, vamos falar de maneira pedante, devolver à sociedade o que a sociedade tinha me proporcionado ao longo dos anos.

Tudo o que aprendi no decorrer da vida permitiu que eu mantivesse a editora com apenas duas pessoas: cuido de tudo aquilo que é mais técnico e a Lúcia fica com a parte da revisão de textos. Se não fosse assim, não daria certo, porque eu teria que pagar salários ou terceirizar etapas da produção. No começo, eu mesmo fazia as capas, mas chegou uma hora em que passei a trabalhar com duas *designers* profissionais, a Priscila Campos da Paz e a Cristina Gomide. Aprendi a usar os programas de computador sozinho e os primeiros livros foram feitos usando o processador de textos WordPerfect. Eu dava conta do recado,

² Medlars/Medline: o termo Medlars provém de Medical Literature Analysis and Retrieval System (Sistema de Análise e Recuperação da Literatura Médica), criado em 1964 e que evoluiu para um sistema *online* em 1971, denominado Medline (Medlars Online). Como outras bases de dados *online* foram desenvolvidas, Medlars tornou-se o nome para todo o sistema de informações da National Library of Medicine (NLM), enquanto Medline é o nome da principal base de dados.

mas, a partir de determinado momento, a própria tecnologia de impressão foi evoluindo e passei para um programa especializado de editoração eletrônica, o Page Maker. Comprei esse programa – foi caro –, tinha um manual e eu aprendi a usá-lo à minha maneira. O Page Maker começou a dar problemas e a empresa que o produzia, a Adobe, o substituiu pelo InDesign e, no ano passado, eu não tive jeito a não ser comprar o novo programa, e, de novo, reaprender tudo aquilo. Outro detalhe importante é que eu tenho um razoável conhecimento de línguas estrangeiras e posso perfeitamente traduzir do inglês, do espanhol, do francês e até do italiano, portanto, se computasse também o valor da tradução, o livro custaria mais caro. E o consumidor nem está sabendo disso.

Essa história da editora está muito ligada a um projeto de vida que me agrada e satisfaz. O ideal seria que as editoras comerciais viessem a se interessar mais pela área da Biblioteconomia. A Polígono se interessou uma época, mas essa editora fechou. Quanto aos órgãos públicos, por exemplo, quando eu fui diretor do IBICT, tentei fazer alguma coisa, mas não foi fácil. Não foi fácil por uma razão muito simples: falta de dinheiro. Embora as publicações sejam rentáveis, o dinheiro não fica lá: o dinheiro vai para o Tesouro Nacional, porque órgão público não pode ter editora.

Há uns três meses, fui a Belém do Pará para dar uma aula sobre exatamente indústria editorial, e um rapaz da editora de uma universidade me perguntou: “O que o senhor acha da editora universitária brasileira?”. Respondi: “Acho uma besteira, nem devia existir. Não porque seja de má qualidade, mas porque enfrenta tantos problemas burocráticos que acaba sendo um desastre”. Isso eu vi na Editora da Universidade de Brasília: não está na vocação da administração pública brasileira lidar com essa história de compra e venda de serviços. Por exemplo, para comprar alguma coisa, há uma lei de licitação que, para evitar fraude, suborno, etc., é cheia de tantas exigências que todo mundo desiste de comprar – vou comprar um lápis, é um problema! E na hora da venda?

Vou dar um exemplo. Eu tenho uma livraria também e compro os livros da Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp, que é famosa, etc. Quando chega a caixa de livros, vem junto com ela uma espécie de “processo administrativo”, uma cópia de um dossiê que contém o estatuto da Universidade de São Paulo, uma lei do Estado de São Paulo, e isso, aquilo e aquilo outro, para provar que a Edusp está isenta da emissão de nota fiscal; caso contrário, ao passar num posto fiscal, a mercadoria ficaria retida. E para eu dar entrada na contabilidade da firma, também é um problema, porque tenho de fazê-lo sem um documento fiscal reconhecido... Então, que diabo? Como é que você vai lidar com livrarias particulares? É muito difícil. É muito complicado. A editora

universitária deveria ser uma empresa subordinada à universidade, mas com autonomia financeira, contábil, etc.

Outra coisa que afeta as editoras universitárias são as greves. Quando cheguei na Editora Universidade de Brasília, encontrei um livro praticamente pronto e, por algum motivo burocrático que eu não sei até hoje qual foi, não se mandava imprimir. Era a biografia do Noel Rosa, um livro pronto, composto, bonito, com ilustrações, até a capa estava pronta – só faltava imprimir. Enfim, resolvemos os problemas e imprimimos o livro, a melhor biografia do Noel Rosa, escrita por João Máximo e Carlos Didier, espetacular! Era perto do Natal e, aí, os funcionários entraram em greve. As livrarias do Rio de Janeiro ligavam para mim perguntando sobre o livro, porque tinha saído notícia nos jornais: “É Natal. Cadê o livro? Está todo mundo procurando...”. E eu disse: “Amigo, nós estamos em greve...”. Vocês nem imaginam as descomposturas que eu tive de ouvir dos livreiros: “Vocês são uns irresponsáveis!”. Enquanto isso, os funcionários ali, ao lado da minha sala, ao ar livre, fazendo churrasco, tocando aquela música fuleira, e eu, lá, de braços amarrados.

E a situação piorou a ponto de a burocracia da UnB começar a exigir que fosse feita licitação para a escolha de tradutor. Então, eu tenho um livro de Biblioteconomia para traduzir e sou obrigado a fazer uma licitação para saber quem me oferece o menor preço? Não dá. Não dá. Eu me lembro de, na década de 1970, quando ainda éramos Fundação, ter sugerido à Universidade de Brasília – porque sempre me interessei pela área de tradução, eu gosto do tema, da parte teórica –, que publicasse um livro chamado *La traduction scientifique et technique*, de Jean Maillot (1975), cuja tradução apresentava-se muito complexa, porque, embora o texto básico fosse em francês, o autor exemplificava com muitos casos de outras línguas, como o inglês, o alemão e até o russo – e isso não era para qualquer um. Então, alguém da Editora me perguntou: “E quem pode traduzir esse livro?”. Eu sugeri o Paulo Rónai, húngaro, mas que dominava o português muito bem e era considerado um dos melhores tradutores do Brasil. Eles entraram em contato com esse tradutor, que aceitou o trabalho pelo preço X. Era um preço alto. E, novamente, alguém da Editora me procurou para comentar sobre o preço, mas eu disse: “Se ele aceitou fazer e está cobrando isso, pois manda fazer. Afinal o Paulo Rónai é o Paulo Rónai!”. Saiu uma boa tradução, mas, hoje em dia, teria de se fazer uma licitação. É muito difícil.

Havia ainda outra preocupação no campo editorial e da qual ainda não falei. Não tínhamos revistas de Biblioteconomia decentes. Em 1972 tinham surgido duas revistas: a *Ciência da Informação*, do IBICT, que é um órgão

público, e a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, da Universidade Federal de Minas Gerais, que, em 1996, mudou o nome para *Perspectivas em Ciência da Informação*.

Em Brasília, nós publicávamos artigos no *Correio Braziliense*, pois o Edson Nery da Fonseca tinha muito boas relações com o responsável pelo Caderno Cultural desse jornal, que era o Hugo Auler e solicitava o envio de artigos: o Edson escreveu sobre Gilberto Freyre, o Rubens Borba de Moraes sobre a Semana de Arte Moderna, eu publiquei um artigo sobre a história do periódico científico, outro sobre as tendências do ensino da Biblioteconomia. O Murilo Bastos da Cunha, da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), pegava esses textos, xerografava e colocava no *Boletim da ABDF*.

Havia uma produção local de relativa importância e, então, apresentei uma proposta para a ABDF de fazermos a *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, que começou a circular em 1973. Para a revista dar certo, ela não poderia sair só pela ABDF; por isso, consegui que o reitor Caio Benjamin Dias autorizasse, por escrito, que o Departamento de Biblioteconomia apoiasse a edição da revista, ou seja, isso implicava que eu, como professor, estava autorizado a colaborar com ela. E por que isso? Porque havia uma política muito rígida em relação à edição de revistas pela UnB.

Nos primeiros anos, a *Revista de Biblioteconomia de Brasília* foi impressa pela gráfica do Senado Federal, que cobrava o preço de custo, eu aparecia como redator chefe, e o diretor era o presidente da ABDF, o Aníbal Rodrigues Coelho, mas, praticamente quem fazia a revista era eu: selecionava os artigos, fazia a revisão, preparava tudo. Era uma revista razoável para os padrões da época. Quando estive na Inglaterra, em 1977, fui visitar uma das melhores escolas de biblioteconomia do mundo, o College of Librarianship Wales, que tinha forte influência internacional, e, ao entrar na biblioteca, estava lá, na prateleira, exposta, a nossa revista!

No Ministério da Saúde eu já tinha feito uma revista chamada *Saúde no Brasil*, para o público em geral, ou seja, não era uma revista médica, não era uma revista especializada, era uma revista que falava de questões de saúde de uma maneira mais acessível. Consegui fazer quatro números, mas, depois que voltei para a UnB, o Ministério não teve fôlego ou não quis continuar com a revista.

Agradeço à professora Maria Alice Guimarães Borges o convite para vir contar-lhes essas histórias. Algumas distantes, outras mais próximas, porém

todas marcadas pelo interesse em facilitar, naquilo que me coube, o acesso ao conhecimento.

Obrigado a vocês pela paciência.

Referências

- COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS. Editoração de publicações oficiais. Brasília: ABDF, 1987.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Catálogo simplificado*. Brasília: Universidade de Brasília, 1970. 161 p. (Biblioteconomia e documentação, 2).
- HAVARD-WILLIAMS, P. S.E.O.: a Biblioteconomia no Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. Brasília, v. 3, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1975.
- KENT, Allen. *Manual da recuperação mecânica da informação*. Brasília: UnB, 1972. 427 p.
- MAILLOT, Jean. *A tradução científica e técnica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975. 196 p.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.
- SHERA, Jesse; EGAN, Margaret. *Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização*. Brasília: Ed. UnB, 1969.

Anexo 1

Bibliografia de Antonio Agenor Briquet de Lemos

(ordem cronológica)³

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *The portrait of librarianship in developing societies as sketched by the foreign observer*. 1977. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Loughborough University of Technology, Loughborough, 1977.

³ Levantamento realizado por Fernanda Miranda, Larissa F. Angelos e Luíza Moreira Camargo, alunas do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UnB.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Braziliense*, Brasília, v. 42, n. 13, jul. 1968. Caderno Cultural.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Adaptação dos profissionais da informação científica à realidade brasileira. *IBBD Notícias*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 239-

244, jul./set. 1970. [Reproduzido em: *Correio Braziliense*, Brasília, v. 149, n. 2, set. 1970. Caderno Cultural, sob o título “Informação científica e realidade brasileira”].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Vacilações e tendências do ensino da Biblioteconomia. *Correio Braziliense*, Brasília, v. 172, n. 3, mar. 1971. Caderno Cultural.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A Biblioteca Regional de Medicina e seu papel no desenvolvimento da comunicação biomédica na América Latina. *Ars Curandi*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 156-161, jul. 1972. [Reproduzido em: *Correio Braziliense*, Brasília, v. 215, n. 2, mar. 1972. Caderno Cultural].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Levantamento das funções exercidas pelo bibliotecário. *Boletim da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal*, Brasília, p. 18-23, set./out. 1972.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Estado atual do ensino da biblioteconomia no Brasil e a questão da ciência da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO, 1., 1972, México. *Anais...* Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 11-37. (Publicação especial da FID/CLA, n. 16). [Reproduzido em: *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 1, n. 1, p. 51-58, jan./jun. 1973].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. O livro no futuro e as perspectivas da tecnologia gráfica. *Educação*, Brasília, v. 3, n. 10, p. 84-90, out./dez. 1973.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro 1939/1973*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1974. 175 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de; MACEDO, Vera Amália Amarante. A posição da biblioteca na organização operacional da universidade. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 167-174, jul./dez. 1974. [Reproduzido em: *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 40-51, mar. 1975].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Cerrado*: bibliografia analítica. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 1976. 361 p. [Segunda edição: 1980].

LEMOS, Antonio A. Briquet de; MACEDO, Vera Amália Amarante; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. *Os livros são para ler*: um manual de treinamento para encarregados de pequenas bibliotecas públicas. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 115 p. [Segunda edição: 1977. Terceira edição revista: 1980].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Educational needs for library management in a developing country. *Studies in Library Management*, London, v. 4, p. 13-25, 1977.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Proposta para criação de um sistema nacional de bibliotecas públicas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 25-33, jan./jun. 1977.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *National interlending systems: a comparative study of existing systems and possible models*. With M. B. Line, S. C. J. Vickers and E. S. Smith. Paris: Unesco, 1978. 280 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Não leio, não imagino, trabalho muito. In: ASSEMBLÉIA DAS COMISSÕES PERMANENTES DA FEBAB, 4., São Paulo, 1978. *Anais...* São Paulo: FEBAB, 1978. v. 2, p. 5-21. [Reproduzido, de forma resumida, em: *O Estado de São Paulo*, 7 jan. 1979. Suplemento Cultural, sob o título "A função da biblioteca pública"].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. International programmes: impact and implementation in developing countries. In: BURNETT, D.; CUMMING, E. E. (Ed.). *International library and information programme*. London: Library Association, 1979. p. 69-82. [Reproduzido, em português, na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 201-217, set. 1978].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. On the feasibility of processing centres in Brazil. In: RESOURCE SHARING OF LIBRARIES IN DEVELOPING COUNTRIES, 1977, Antwerp. *Proceedings*. Edited by H. D. L. Verliet. Munchen: K. G. Saur, 1979. 286 p. (IFLA Publications, n. 14). p. 99-104.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A biblioteca pública em face da demanda social brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 203-210, jul./dez. 1979.b

LEMOS, Antonio A. Briquet de. La DUP (disponibilidad universal de las publicaciones) y Brasil. *Revista de la Unesco de Ciencia de la Información, Bibliotecología y Archivología*, Paris, v. 1, n. 2, p. 82-86, abr./jun. 1979.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Qual a importância da censura nas bibliotecas brasileiras? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v. 3, p. 1158-1161.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A formação de recursos humanos para melhorar o acesso e a utilização da informação em ciência e tecnologia. In: CONGRESSO REGIONAL DE DOCUMENTAÇÃO DA FID/CLA, 5., 1980, Rio de Janeiro. [Trabalhos apresentados]. [S.l.: s.n.], 1980.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *Descriptions of interlibrary lending in various countries and a bibliography of interlibrary lending*. With staff of the IFLA Office for International Lending. Boston Spa: IFLA Office for International Lending, 1980. 136 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A transferência de informação entre o Norte e o Sul: utopia ou realidade? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 300-304, fev. 1981. [Reproduzido em: Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 61-74, mar. 1983].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *BIREME*: a rede latino-americana de informação em ciências de saúde: antecedentes e perspectivas. Com a colaboração de Abraam Sonis. São Paulo: BIREME, 1981. 29 p.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Infra-estrutura da literatura biomédica: considerações acerca de um núcleo de revistas brasileiras do setor saúde. *Educación Médica y Salud*, Washington, v. 15, n. 4, p. 406-423, 1981. [Reproduzido em: Comunicação & Sociedade, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 85-100, mar. 1982].

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A nova fase de Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 69-70, 1981.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. *A portrait of librarianship in developing societies*. Champaign: Graduate School of Library and Information Science, University of Illinois, 1981. 46 p. (Occasional papers, n. 148). [Reproduzido em: PARKER, J. S. (Ed.). *Information consultants in action*. London: Mansell, 1986. p. 25-74]. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3806/gslisoccasionalpv00000i00148.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Para onde vão as bibliotecas públicas? *Palavra-Chave*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 11-12, maio 1982.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Este livro, 40 anos depois [prefácio]. In: MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. 2. ed. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1983. p. 9-12.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Algumas questões, aparentemente relevantes, sobre informação científica em saúde. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 12, n. 1, p. 35-41, jan./jun. 1984.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Análisis de la información científica publicada en el Brasil en cinco años sobre la enfermedad de Chagas, esquistosomiasis, malaria, leishmaniasis y filariasis. Com João A. Costa Lima, Celina M. Schmitt Rosa, Maria H. Piegas, Albaneide Peixinho, André Schmidt e Carlos A. Marcilio de Souza. *Educación Médica y Salud*, Washington, v. 19, n. 2, p. 209-226, 1985.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. Planejamento e coordenação da informação científica e tecnológica no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 107-115, jul./dez. 1986.

Anexo 2

Traduções de obras técnicas

(ordem cronológica)

FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. São Paulo: Polígono, 1969. 159 p. [Do inglês].

COLLISON, R. L. Índices e indexação: guia para a indexação de livros e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais. São Paulo: Polígono, 1971. 225 p. [Do inglês].

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Polígono; Brasília: Editora UnB, 1973. 437 p. [Do inglês].

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. *Normas para bibliotecas públicas*. São Paulo: Quíron; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 56 p. [Do inglês].

LEVI, Mario Attilio. *Péricles: um homem, um regime, uma cultura*. Brasília: Ed. UnB, 1991. 322 p. [Do italiano].

LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993. 347 p. [Do inglês. Segunda edição: 2004].

ROWLEY, Jennifer. *Informática para bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1994. 326 p. [Do inglês. Na segunda edição (2002) o título mudou para: A biblioteca eletrônica].

GROGAN, D. *A prática do serviço de referência*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 196 p. [Do inglês].

LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996. 356 p. [Do inglês].

HARTNESS, Ann. *Brasil: obras de referência 1965-1998: uma bibliografia comentada*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 453 p. [Do inglês].

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 268 p. [Do inglês].

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Trad. e posfácio Antonio A. Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 82 p. [Do espanhol].

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 378 p. [Do italiano.]

OLIVER, Chris. *Introdução à RDA: um guia básico*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011. 153 p.

ACCART, Jean-Philippe. *Serviços de referência: do presencial ao virtual*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2012. 312 p.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. *Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2012. 164 p.

Anexo 3

Edição de texto e anotação

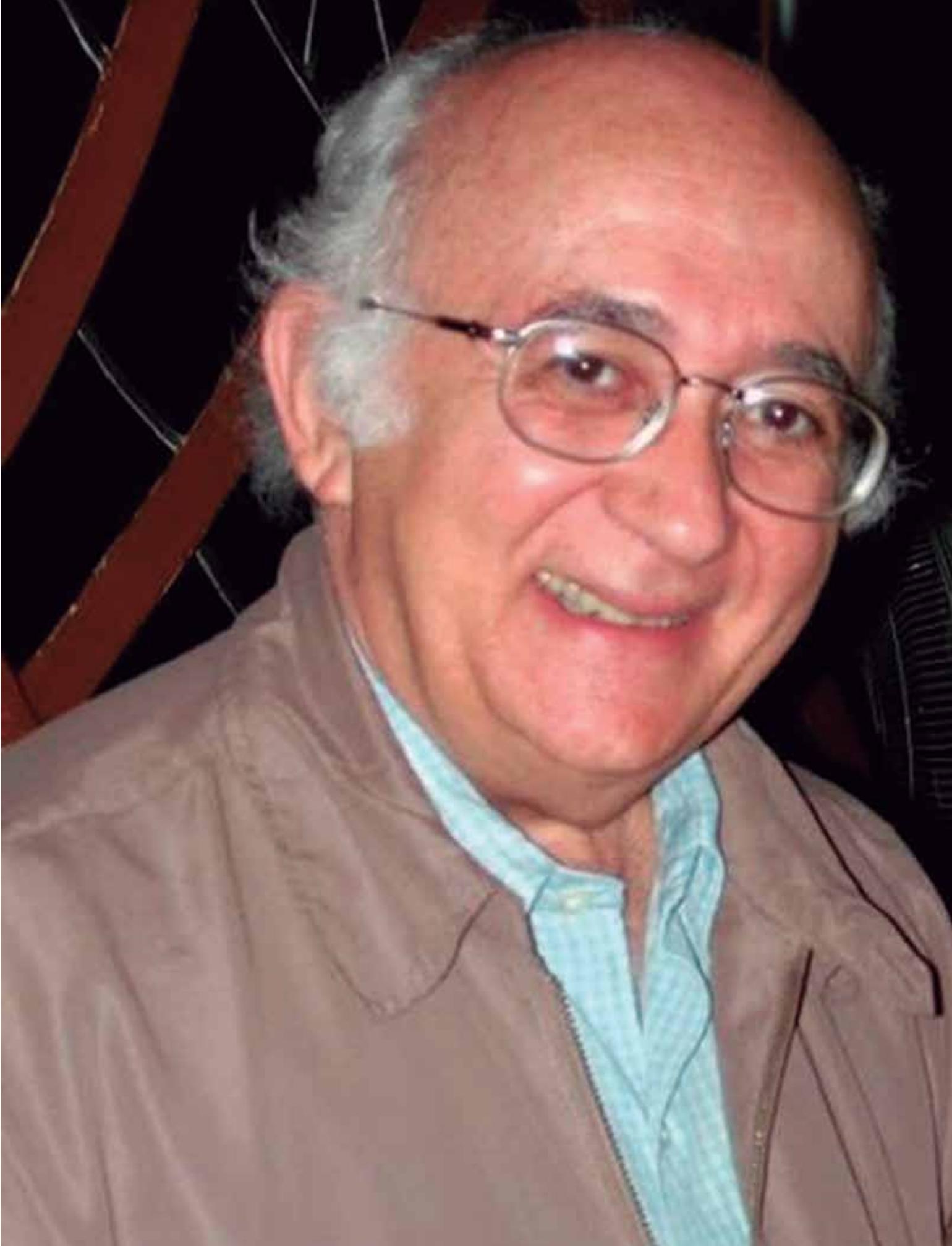
(ordem cronológica)

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 635 p.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2005. 207 p.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 259 p. [O trabalho de edição deste texto foi objeto de estudo em tese de doutorado de 2007, ver: SALGADO, Luciana Salazar. A circulação da energia social inscrita na vitalidade dos textos. *Alfa*, revista de linguística, v. 54, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2868/2643>>. Acesso em: 19 abr. 2013].

MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular: recordações*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2011. 308 p.





Padre Astério, à direita.



3

Astério Tavares Campos

por Tarcisio Zandonade

Padre Astério Tavares Campos (Frei Paulo, SE, 4 de novembro de 1916 – Natal, RN, 21 de janeiro de 1994) foi um sacerdote salesiano (S.D.B.), formado em Filosofia, Teologia e doutor em Direito Canônico. Durante toda a sua vida adulta, além de exercer o ministério sacerdotal, atuou como professor universitário, cujos méritos acadêmicos nunca serão esquecidos pelos milhares de alunos que formou. Filho de Luiz Campos e Adelaide Tavares Campos, o seu nascimento foi registrado sob o nº 238, à folha 67 do livro A-18, do município de Frei Paulo, Estado do Sergipe. Seu irmão José Aloísio de Campos, professor e reitor da Universidade Federal do Sergipe, foi o responsável pela construção da Cidade Universitária que leva seu nome. Do outro irmão, José Arnoivo de Campos, temos poucas referências.

Formação Religiosa

Fez o curso secundário no Ginásio Salesiano do Sagrado Coração, no Recife, Estado do Pernambuco. Em 1934, fez o noviciado – um ano de preparação para o ingresso na vida religiosa –, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, Estado de Pernambuco. Ao final desse mesmo ano, fez sua profissão religiosa, como membro da Congregação de São Francisco de Sales, mais conhecida como Congregação Salesiana. Passou a pertencer, então, à Inspeção Salesiana de São Luiz de Gonzaga, do Norte e Nordeste do Brasil. Durante os anos de 1935, 1936 e 1937, no Estudantado Filosófico de Jaboatão dos Guararapes, realizou seus estudos de Filosofia e Pedagogia, obtendo plena aprovação. As disciplinas principais desse curso de Filosofia e Pedagogia eram assim distribuídas: 1º ano: Introdução à Filosofia, Lógica e Criteriologia; 2º ano: Ontologia, Cosmologia e Antropologia; 3º ano: Teodiceia, Ética e História da Filosofia. Ao final desses três anos, iniciou aí mesmo, em Jaboatão dos Guararapes, seu tirocínio – um estágio de prática pedagógica e educativa, durante o qual o seminarista salesiano trabalha como professor e orientador educacional, na função de “assistente” de uma “divisão” de alunos, em geral, de internato, a forma mais comum dos educandários da época. Terminado o tirocínio, iniciou o curso de Teologia, findo o qual foi ordenado sacerdote, em 8 de dezembro de 1943.

Dado o brilhantismo dos seus estudos até chegar ao sacerdócio, padre Astério foi enviado a Roma para cursar Direito Canônico no Pontifício Ateneu Lateranense, diplomando-se, *magna cum laude*, como licenciado, no dia 20 de junho de 1949. Nesse mesmo ano, prestou concurso de habilitação para o curso de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pernambuco, e, sendo bem-sucedido, colou grau de bacharel no dia 8 de dezembro de 1952. Seu histórico escolar permite o cálculo de sua média global nos três anos do curso: 8,93 (oito inteiros e noventa e três centésimos). É importante lembrar que o curso de Filosofia numa universidade era facultado somente aos melhores candidatos da Inspeção Salesiana que planejassem seguir a carreira acadêmica.

Novamente em Roma para o doutorado em Direito Canônico na Pontifícia Università San Tommaso D'Aquino, conhecida como o *Angelicum*, diplomou-se em 1961. O certificado, ao final do doutoramento, registra: “Dissertazione Dottorale: 20/20; Difesa della dissertazione dottorale: (6 marzo 1961) – 50/50; Nota complessiva di Dottorato: (100/100) = 10,0 = *Summa cum laude*.”

Docente Salesiano

Depois de pequeno período como reitor do Santuário do Sagrado Coração, no Recife, padre Astério foi transferido da Inspeção de São Luiz de Gonzaga, do Norte e Nordeste do Brasil, para a Inspeção de Nossa Senhora Auxiliadora, sediada na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo. A “Crônica” do Instituto Teológico Pio XI,¹ registra algumas pinceladas de sua atividade como professor de Direito Canônico, e, no início do ano de 1953, encontra-se uma nota, em latim, citando o nome e encargos dos salesianos do Instituto. Com relação ao padre Astério pode-se ler: *R. D. Asterius Campos – Iuris Canonici licenciatus – Professor iuris canonici in omnibus cursibus – Theologiae Moralis in primo cursu* (Reverendo Padre Astério Campos – licenciado em Direito Canônico – Professor de Direito Canônico em todos os cursos – de Teologia Moral no primeiro [ano] do curso)².

Em 9 de maio de 1957, consta o registro da sua integração ao colegiado do Instituto Teológico Pio XI: “Pe. Astério Campos, que era Reitor do Santuário do Sagrado Coração, em Recife, veio para o nosso Instituto integrar o corpo docente. Licenciado em direito canônico pela faculdade jurídica do Pontifício Instituto Lateranense”. As informações da “Crônica”, a partir de 1957, apresentam-no ajudando no Oratório Festivo – clube religioso e recreativo de fim de semana, dedicado a crianças e adolescentes “pobres e abandonados”, principal objetivo da obra de São João Bosco – e confessor da casa [o Instituto Teológico Pio XI]. Em 1958 e 1959, registros de sua atuação como bibliotecário:

- 25 de outubro de 1958: Vai ao Rio de Janeiro como especialista em Biblioteconomia, especialista em Classificação Decimal.
- 7 de março de 1959: O Revmo. Pe. Astério Campos, a cuja competência é mister salientá-lo bem, [...] continua confiado o grande e precioso cabedal de uma biblioteca-modelo, haja vista a quase romaria de visitantes desejosos de enriquecer-se das experiências que ele tenazmente, apoiado por uma valorosa equipe de estudantes de teologia, sou (sic) [ousou] levar já a tão notáveis resultados positivos.
- 1º de agosto de 1959: Volta do Rio de Janeiro o Padre Astério Campos, membro ativo das reuniões dos bibliotecários, único membro do clero.

Nesse período de professor do Instituto Teológico Pio XI, o padre Astério despertou para a profissão de cientista da Biblioteconomia, tendo desenvolvido, por certo, os elementos de organização do trabalho intelectual e do uso da biblioteca durante seus cursos de Filosofia, na Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, no Recife, e de Direito Canônico, no Pontifício Ateneu Lateranense, em Roma.

¹ Localizado na Rua Pio XI, número 1.024, Lapa, São Paulo (SP).

² Agradeço ao padre Ilário Zandonade, diretor do Centro Salesiano de Pesquisa e Documentação (CSPD), de Barbacena, Estado de Minas Gerais, e ao padre Américo Vasconcelos, do Instituto Teológico Pio XI, pela contribuição para o preparo da presente biografia.

Neste ponto, passamos a palavra a um dos mais eminentes alunos de Direito Canônico e de Teologia Moral do padre Astério, que se tornou dele um grande amigo e admirador. Trata-se do professor Délcio Vieira Salomon, autor de centenas de artigos, contos, crônicas, ensaios, obras infantis e poesias. Entre suas obras, excele por pioneirismo e qualidade acadêmica a obra *Como fazer uma monografia*, manual que a maioria dos estudantes de graduação brasileiros estuda para a elaboração da monografia de final de curso. De sua obra autobiográfica *Quase memória de uma rua sem memória*³, transcrevemos os trechos seguintes. Com a palavra o professor Salomon:

O terceiro grande sacerdote no meu caminho

O primeiro ano foi cursado com entusiasmo, por um grande motivo particular. Vim a conhecer um sacerdote que acabou coroando toda a minha trajetória intelectual até aquele momento e seria o providencial farol enviado pelo destino a iluminar meu futuro: padre Astério Tavares Campos.

Simpatia recíproca à primeira vista. Seria nosso professor de Direito Canônico e foi por mim escolhido como confessor e diretor espiritual.

O futuro diria que foi a mais acertada e a mais feliz escolha. Senti desde o primeiro contato que estava diante de mim outro Camilo Faresin, mas com um detalhe diferenciador: era brasileiro, por isso com maior identificação com nossa cultura e nosso jeito de ser. Inteligência brilhante e aberta para os grandes problemas filosóficos, religiosos e sociais.

Ele tinha acabado de chegar de Roma, onde na Gregoriana se doutorara. Foi enviado para o Instituto Pio XI pela Inspetoria do Norte-Nordeste como contribuição daquela instituição à formação dos futuros sacerdotes.

Fui convidado por ele, juntamente com outros três colegas, a participar de motivador projeto: organizar a Biblioteca do Instituto.

Em quantidade e qualidade ela era excelente. Mas simplesmente um amontoado de livros, distribuídos pelas enormes estantes sem nenhum critério racional.

Possuía preciosidades tanto no campo da Teologia, como no da Filosofia e no da Cultura em geral. Basta dizer que ali estavam a coleção completa da *Patrística*, obras raríssimas dos grandes pensadores católicos, no original, desde os mais antigos Padres Apostólicos, como Clemente, Inácio de Antioquia, Aristides de Atenas, Justino, Orígenes de Alexandria, Eusébio de Cesareia, Cirilo, Boécio, Ambrósio, Anselmo, Agostinho e muitos outros. Além dos chamados Doutores da Igreja, como Boaventura, Alberto Magno, Tomás de Aquino, até os teólogos contemporâneos de renome, como Garrigou Lagrange, Ricciotti, Cardeal Mercier, Charles Boyer (óbvio, homônimo do astro do cinema!), Hans Küng, Romano Guardini (únicos nomes que me ocorrem...).

³ O livro encontra-se no sítio virtual da editora Usina das Letras (www.usinadeletras.com.br), com o seguinte aviso: “Este autor concorda com o uso de seus textos, desde que informem a autoria e o local da divulgação”.

Por intermédio do Padre Astério, descobri o sistema universal decimal [...].

Aplicar a CDU na organização da biblioteca não era tarefa fácil. Para nos ajudar foi convidado um rapaz especialista no assunto: Abner Lellis Corrêa Vicentini, bibliotecário do ITA de São José dos Campos [...].

Muitos anos depois fiquei sabendo que Padre Astério continuou especializando-se em Biblioteconomia e se tornou autoridade reconhecida pela Unesco. Publicou vários trabalhos, inclusive um juntamente com Abner: *Lições Programadas de Classificação Decimal Universal* (1974).

Revendo a evolução da CDU no Brasil, constato a existência de várias fases, cujo início é 1901, quando o engenheiro Vitor da Silva Freire publicou texto para mostrar as vantagens do Sistema de Classificação de Bruxelas. Nessa esteira me surpreendo com esta informação:

1968 – início da tradução para o português da recém-lançada edição alemã, a DK-Handausgabe, pelo Padre e Prof. Astério Tavares Campos, membro nato da Comissão Brasileira da CDU e grande incentivador e divulgador da CDU no Brasil. Sem apoio, sem deixar a docência, por ser grande defensor da CDU, o Padre Astério consegue divulgar as tabelas traduzidas, que são impressas de forma mimeografada pela Biblioteca Central na UnB — Universidade Federal [sic] de Brasília.

Apesar de leigo, Abner acabou convivendo tão intimamente conosco que parecia um de nossos colegas a cursar Teologia no Pio XI. Desde quando fomos apresentados se firmou entre nós forte vínculo de amizade. Nossa equipe, chefiada pelo padre Astério e orientada pelo Abner, trabalhava no mínimo 25 horas por semana (maior tempo aos sábados e domingos).

A elaboração da ficha catalográfica exigia muito detalhamento de forma, o que por sua vez demandava meticuloso trabalho de datilografia, além de muita consulta nos manuais da CDU. Tinha de conter todos os dados referentes ao assunto, ao autor, à editora, etc., pois se desdobraria no mínimo em três outras fichas, cujo conjunto iria constituir três fichários: o de título, o de assunto e o de autor.

O entusiasmo com o trabalho fez-me pedir à minha família uma máquina de escrever portátil e ela foi muito útil para a confecção das fichas catalográficas.

Conseguimos, em dois anos e meio, organizar cerca de 90% da biblioteca. Sem dúvida um feito extraordinário. [...]

Minha realização futura ali começou

Como extensão de nosso trabalho de organização da biblioteca, o padre Astério nos ofereceu um curso avulso de *Metodologia do Trabalho Científico*, estendido a todos os alunos interessados do Pio XI.

Sob sua orientação, meu colega Geraldo Servo e eu escrevemos a preciosa apostila *Metodologia do Trabalho Científico*. Para ilustrar a eficácia do método proposto,

ambos fizemos uma monografia sobre um tema teológico seguindo passo a passo as fases indicadas na apostila. Os dois trabalhos foram expostos à guisa de painel, no corredor principal, mostrando todas as etapas de sua feitura, desde a escolha do tema, a formulação do problema, a confecção das fichas bibliográficas e de documentação (apresentadas em sequência), o plano de trabalho, as redações provisórias até a apresentação definitiva da monografia.

O texto sobre a metodologia do trabalho científico serviu de ponto de partida para publicar, dez anos depois de ter saído da Congregação, o *Como Fazer uma Monografia*. Fato curioso e digno de registro: quando o livro foi publicado pelo Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais, com tiragem de 3.000 exemplares, apesar de sua forma artesanal, em pouco tempo esgotou. Tal sua aceitação. Justo por ser novidade no Brasil.

Entre as centenas de pedidos, encontrei uma carta do padre Astério Campos. Ao lê-la, apesar do teor quase comercial, senti imensa saudade. Vi que naquele pedido, como a me incentivar, nas entrelinhas, havia sinal de aprovação e de certa cumplicidade. [...] O hábito de estudo, adquirido em Lorena, sobretudo depois da descoberta de Descartes e Sertillanges, juntamente com a disciplina intelectual e organização de trabalho obtidos no curso de metodologia realizado com o padre Astério me facilitaram muito a tarefa de poder frequentar, simultaneamente, dois cursos puxados: o de Teologia, prioritário, e o de Pedagogia.

No final do primeiro ano de teologia, estava em São Paulo, acredito a convite da Universidade Católica, o famoso historiador de Filosofia, Michele Federico Sciacca, tomista e professor na Universidade de Pavia.

Veio ao Pio XI para uma palestra. Ao término, nosso diretor, acompanhado por um cortejo de clérigos, o conduziu a conhecer nossa biblioteca. Nessa época, digna de ser mostrada, uma vez que estava adiantado o trabalho de organização, iniciado por nossa equipe, chefiada pelo padre Astério, juntamente com o Dr. Abner Vicentini (SALOMON, 2010, p. 260-261).

O professor Délcio Vieira Salomon relembra com gratidão o padre Astério, seu mestre e confessor, destacando a importância que esse professor soube dar ao uso da biblioteca dentro de uma instituição de ensino.

Profissional Bibliotecário

Dos seus múltiplos diplomas e certificados consta que o padre Astério Tavares Campos era um grande estudioso de línguas, da Biblioteconomia e, principalmente, da Filosofia. Durante sua permanência na Europa para estudar Direito Canônico, passou um período de estudo da língua alemã na Universidade de Viena, na Áustria, e na cidade de Kassel, então Alemanha Ocidental.

Entre outras atividades, o padre Astério foi membro da Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD/CDU), desde 1958. Foi Secretário da Comissão Classes 1 e 2 (Filosofia, Religião) da Federação Internacional de Documentação (FID), com sede em Haia, Holanda, em 1966.

Certificado da Casa Thomas Jefferson (US Information Service, English Language Institute), de Brasília, Distrito Federal, registra a conclusão do terceiro ano do curso básico de inglês em 30 de junho de 1967.

Certificado da Federação Internacional de Documentação (FID), Comissão da América Latina (CLA), registra sua participação no 2º Congresso Regional sobre Documentação e 9ª Reunião da FID/CLA, realizados pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, de 23 a 28 de novembro de 1969.

Em 11 de julho de 1972, recebeu de Aníbal Rodrigues Coelho, então presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), o certificado de sócio honorário.

Certificado de frequência do 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belém, Estado do Pará, no período de 29 de julho a 4 de agosto de 1973.

Certificados expedidos pelo 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, assinados por seu presidente professor Antônio Agenor Briquet de Lemos, datados de 25 de julho de 1975, registram sua frequência aos cursos de Teoria da Classificação e Classificação Facetada, ambos de 10 horas de duração cada.

Diplomas assinados pelo professor Antônio Caetano Dias, presidente da Associação Profissional dos Bibliotecários do Rio de Janeiro, registram sua participação na Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, realizada na cidade do Rio de Janeiro, de 12 a 17 de setembro de 1976, na qualidade de coordenador do painel “História e Filosofia da Classificação Bibliográfica”.

As atividades didáticas do padre Astério Tavares Campos podem ser relacionadas, sinteticamente, nos seguintes períodos:

- 1954-1959 – professor de Direito Canônico, Teologia Moral e de Organização do Trabalho Intelectual do Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, Estado de São Paulo. Nesse mesmo período, como bibliotecário do Instituto, foi diretor do curso de Iniciação à Biblioteconomia;

- 1955-1959 – professor de História da Filosofia da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, Estado de São Paulo;
- 1961-1962 – professor-visitante de Direito Canônico e Sociologia do Instituto Teológico Salesiano, Estoril, Portugal;
- 1963-1965 – professor de Sociologia da Faculdade de Serviço Social, em Piracicaba, Estado de São Paulo;
- 1965-1986 – professor adjunto III e professor titular do Departamento de Biblioteconomia da UnB, onde lecionou, entre outras disciplinas: Organização do Trabalho Intelectual, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Bibliografia das Ciências Humanas e Classificação Decimal Universal. No Instituto Central de Ciências Humanas, lecionou Teoria da Ciência e História da Filosofia no Brasil.

Ingressou na UnB em 13 de julho de 1965, contratado como professor associado, pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Em 1º de março de 1970, passou a professor colaborador 3 TP-24; em 1º de maio do mesmo ano, passou a professor colaborador 1 DE; em 10 de setembro de 1971, foi registrado como professor adjunto 3 DE. Padre Astério chegou a professor titular no final de sua carreira docente.

No Departamento de Biblioteconomia, exerceu o cargo de subchefe a partir de 25 de junho de 1971; o de chefe de 6 de abril de 1974 até 8 de junho de 1976, e, novamente, o de chefe de 28 de junho de 1978 a 14 de maio de 1981.

- Em seus dados funcionais, registram-se as seguintes licenças e afastamentos:
- de 15 a 18 de julho de 1969, para a reunião da Comissão Brasileira da Classificação Decimal Universal (CB/CDU);
- de 23 a 24 de março de 1972, para participar da reunião da CB/CDU;
- de 9 a 11 de dezembro de 1974, para participar do 2º Encontro Nacional de Professores Especialistas em Classificação, na Universidade Federal da Bahia, Salvador;
- de 28 de abril a 3 de maio de 1976, para participar das reuniões da Comissão IBBD/CDU; e
- de 12 a 17 de setembro de 1976, para participar da Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica.

Consta também nos seus dados funcionais que recebeu elogios pela elaboração de um Manual de Classificação para o Ministério das Relações Exteriores (MRE).

Para confirmar a integralidade de seu trabalho profissional como professor, cabe apresentar o memorial, por ele redigido (CAMPOS, 1983):

Fiz doutorado em Direito Canônico na Pontifícia Universidade “*Angelicum*” de Roma, Itália. Imediatamente após fui contemplado com uma bolsa de estudo do Goethe Institut para estudo da língua alemã em Viena, Áustria, e em Kassel, Alemanha.

A elaboração da tese de doutorado ensejou contato com Norberto Bobbio, que marcou profundamente meu pensamento filosófico. A convergência da formação em Direito Canônico com o pensamento jurídico de Bobbio deu origem a uma série de trabalhos sobre filosofia do Direito, publicados em livros, jornais e revistas, principalmente no período de 1962 a 1968. Recentemente, com a vinda de Bobbio a Brasília, a convite do Decanato de Extensão da UnB, tive importante participação no encontro, como comentador de uma das palestras proferidas pelo Mestre de Turim, resultando daí não somente novo estudo sobre o pensamento de Bobbio, como também colaboração com a Editora da UnB na publicação das contribuições deixadas pelo ilustre professor.

Durante mais de 15 anos dediquei-me aos estudos dos conceitos da Classificação, principalmente na área da Filosofia e do ponto de vista filosófico. Cabe-me dizer, sem falsa modéstia, que meus trabalhos alcançaram considerável repercussão a nível nacional e internacional, o que me levou à condição de membro da Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal; Secretário da Comissão 1/2 (Filosofia, Religião) da Federação Internacional de Documentação (FID) e, posteriormente, Presidente da Comissão I de Filosofia da Federação Internacional de Documentação (FID); e Presidente da Comissão Brasileira de Classificação Decimal Universal, além de tradutor, para a língua portuguesa, das tabelas de Classificação Decimal Universal.

Minha vocação acadêmica está marcada desde 1953, tendo-me iniciado na atividade do Instituto Teológico Pio XI, de São Paulo, e passado por diversas outras instituições de ensino superior do Brasil e de Portugal.

Em 1965 incorporei-me à Universidade de Brasília, tendo participado da consolidação do curso de Biblioteconomia. Além de ter sido designado Chefe do Departamento de Biblioteconomia, nos períodos de abril de 1974 a junho de 1976 e de junho de 1978 a maio de 1981, tenho prestado minha colaboração a outros departamentos, notadamente o de Geografia e História, no qual ministro disciplinas da área de Filosofia e de Metodologia Científica. Tenho também me dedicado, de maneira ininterrupta, a atividades de pesquisa, especialmente no campo da Classificação e das linguagens documentárias, donde me cabe a satisfação de ver meus trabalhos citados por diversos autores nacionais e estrangeiros.

Atualmente integro os conselhos consultivos ou editoriais de diversos periódicos internacionais.

Brasília, 15 de setembro de 1983.

Ass. Astério Tavares Campos.

Os conselhos consultivos ou editoriais, a que se refere no final do memorial acima, são os seguintes: a partir de 1977, editor, consultor e colaborador do periódico *International Classification*, editado em Munique, Alemanha, dedicado ao estudo da teoria do conceito, à terminologia sistemática e à organização do conhecimento; e membro do Comitê de Redação da *Revista Latinoamericana de Documentación*, publicada pela Federação Internacional de Documentação (FID).

Nos cursos de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD (atual IBICT) e de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação da UnB, padre Astério participou, até o ano de 1983, das bancas examinadoras dos seguintes mestrandos: Zita Catarina Prates de Oliveira, Suzana Binato de Moraes, Catarina Helena Knychala, Maria Alice Guimarães Borges, Gladys Finkelstein e Clara Maria Weber Barretto, além daqueles que foram seus orientandos.

Orientou pesquisas, dissertações e teses no Mestrado em Ciência da Informação do IBBD e no Mestrado em Biblioteconomia e Documentação da UnB:

- *Um sistema de disseminação seletiva da informação para os membros do Congresso Nacional*, de Pérola Cardoso Raulino (Rio de Janeiro, 1972);
- *Classificação Decimal Universal: origem, estrutura, situação atual*, de Regina Maria Soares de Oliveira (Rio de Janeiro, 1976);
- *Análise da Classificação Decimal Universal (CDU) e os esforços que estão sendo realizados para a sua transformação em linguagem universal de informação científica*, de Regina Maria Soares de Oliveira (Rio de Janeiro, 1977);
- *Análise de bibliotecas universitárias: um estudo para o estabelecimento de padrões mínimos*, de Maria Carmen Romcy de Carvalho (Brasília, 1980);
- *Estudo sobre hábitos de leitura e uso da Biblioteca Pública Benedito Leite pela comunidade de São Luís*, de Anaíza Caminha Gaspar (Brasília, 1980).

Entre os seus principais trabalhos, situam-se: sua dissertação para obtenção do título de mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense, *O Direito de Padroado no Brasil* (1959) e sua tese para obtenção do título de doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Università San Tommaso

D'Aquino: *O pensamento jurídico de Norberto Bobbio* (1961), posteriormente transformada em livro. Suas contribuições em congressos, artigos de periódicos nacionais e internacionais, artigos de jornais diários (*Correio Braziliense*), traduções (inclusive do Código de Catalogação Anglo-Americano, tradução e adaptação, em colaboração com Abner Lellis Corrêa Vicentini, 1969), contam, até 1983, com mais de três dezenas de trabalhos publicados.

O professor padre Astério foi aposentado compulsoriamente, por haver atingido a idade limite de 70 anos, na UnB, em 4 de novembro de 1986, mas não se sabe quando ele realmente “se aposentou”, uma vez que existe registro de que ele ainda foi convidado para participar da banca do concurso para professor titular, na área de Desenvolvimento e Uso de Fontes de Informação, prevista para o início de dezembro de 1993.

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, em uma homenagem *post-mortem*, conferiu ao padre Astério Tavares Campos Moção de Louvor pelos relevantes serviços prestados ao Distrito Federal em 26 de março de 2012.

Amigo, Professor e Conselheiro

Vi, pela primeira vez, o padre Astério Tavares Campos à margem do campo de futebol do Instituto Teológico Pio XI, no dia 8 de dezembro de 1955. Viajei a São Paulo para assistir à ordenação sacerdotal do meu irmão Ricardo, que ocorreu nessa data. Nessa ocasião, pude ver o sorriso de satisfação que padre Astério exibia ao assistir a uma partida de futebol dos seus alunos de Direito Canônico. Mais tarde, no final da década de 1950, encontrei-o novamente em São João del Rei, Estado de Minas Gerais quando ele se prontificou, juntamente com Abner Lellis Corrêa Vicentini, a organizar a biblioteca da então Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras (FDB). Como fizera no Instituto Teológico Pio XI, formou uma equipe de estudantes de Filosofia para a execução da tarefa.

No domingo de Páscoa, em abril de 1967, viajei para Brasília e me hospedei no Colégio Dom Bosco. Padre Astério, nessa época, já lecionava na UnB e pertencia também à comunidade do Dom Bosco. Logo de início, foi-me confiada a tarefa de, nesse colégio, substituir um professor de Português dispensado por falta de capacidade para controlar a disciplina em classe. Foi nessa ocasião que o padre Astério deu-me um apoio logístico e ficamos amigos. Convidava-me com insistência a deixar o Colégio e a candidatar-me

como professor auxiliar na UnB ou como auxiliar de bibliotecário na Biblioteca Central da universidade. Àquela altura, achei esse desafio ainda maior do que lecionar Português para alunos indisciplinados.

No início de janeiro de 1968, inscrevi-me para o concurso de auxiliar legislativo da Câmara dos Deputados. Na comunidade do Colégio Dom Bosco, alguns membros me apoiaram para vencer essa batalha, outros nem tanto. Mas, o padre Astério foi quem me deu força para superar o embate e mesmo depois de eu ter sido aprovado no concurso da Câmara dos Deputados, insistia que eu fosse para a UnB. Em 1969, ingressei na UnB para fazer o curso de Biblioteconomia, onde o padre Astério lecionava. Sempre com o seu apoio, fiz um período de estágio na Biblioteca Escolar do Colégio Dom Bosco, onde, em seguida, fui contratado como bibliotecário.

Padre Astério era de natureza monástica, pois nunca tinha tempo livre para lazer. Estava sempre com um livro nas mãos e, muitas vezes, era visto sozinho, ensaiando suas aulas em voz baixa. Impressionava-me a preparação que ela fazia durante os dias úteis para o sermão que proferiria aos domingos. De manhã, bem cedo, caminhava em volta do campo de futebol do colégio, lendo e meditando sobre o evangelho do domingo seguinte. Seus sermões dominicais, não mais do que quinze a vinte minutos, eram de uma didática evangélica exemplar.

Aos domingos, rezava a missa em uma capela do bairro da Metropolitana, próximo ao Núcleo Bandeirante. Em seus sermões, conseguia adaptar-se ao linguajar do povo simples que frequentava aquela capela.

Durante o governo do marechal Artur da Costa e Silva, de 1967 a 1969, soube-se que o presidente da República frequentava o Santuário de Dom Bosco, na missa das 10 horas, aos domingos. O vigário do santuário escalou, então, o padre Astério para essa missa. Costa e Silva ouvia com atenção o sermão do padre Astério, que não se intimidava com a presença do presidente na congregação.

Em meados de 1974, já agora oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores (MRE), fui removido para a Embaixada do Brasil em Londres, Inglaterra, onde cursei, em turno noturno, o mestrado em Arquivologia, Biblioteconomia e Estudos da Informação no University College, da Universidade de Londres.

A professora Nice Figueiredo, coordenadora do recém-criado Curso de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação, atenciosamente convidou-me

para integrar o colegiado desse curso. Padre Astério era, nessa oportunidade, o chefe do Departamento e tomou todas as medidas necessárias para minha contratação, uma vez que não fui contratado de imediato no início de março de 1979. Padre Astério encontrou mecanismos para aproveitar a minha colaboração como professor em tempo parcial: assessorar duas professoras estrangeiras que tinham vindo, por um semestre, lecionar no mestrado dentro de um programa da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Com a ajuda do padre Astério e as providências tomadas pelo Decano de Extensão, acabei por ser contratado e tomei posse no dia 1º de agosto de 1979. Fui contratado por apenas por cinco meses, até o fim do ano de 1979. Como a professora Nice Figueiredo, coordenadora da pós-graduação iria se afastar por três meses, em férias acumuladas e licença, a partir de 2 de dezembro de 1979, o padre Astério, estrategicamente, nomeou-me coordenador-substituto até o início de março de 1980, providência que garantiu minha nova contratação por mais um ano. Durante esses três meses, assessoriei o padre Astério, consultando os chefes dos departamentos e os coordenadores dos cursos de pós-graduação da UnB para selecionar disciplinas optativas como candidatas ao currículo do mestrado de Biblioteconomia e Documentação.

Padre Astério Tavares Campos tinha sido meu professor e agora era meu melhor amigo e meu conselheiro. A menos que estivesse prestes a entrar em sala de aula, parava tudo o que estava fazendo para ouvir os interessados em alguma informação, com total consideração. Era um momento de grande aprendizagem para mim, quando podia conversar com ele sobre algum tema filosófico. Transformava-se num autêntico professor particular gratuito! E tinha a humildade de, não estando seguro de suas posições, pedir tempo para consultar sua maravilhosa coleção particular de Filosofia.

Todos os que o conheciam, professores ou estudantes, consideravam-no a bondade e a magnanimidade em pessoa. Desfazia-se de grande parte de seus vencimentos, emprestando dinheiro aos empregados do Colégio Dom Bosco e nunca cobrava deles a devolução! Tinha uma qualidade, grandemente apreciada por aqueles ou aquelas que o acompanhavam, que era a de fazer longas viagens de automóvel, quando todas as despesas corriam por sua conta. E seu maior defeito era a compulsão com que comprava livros quase que diariamente! Sua rica coleção de Filosofia brasileira e internacional, de Biblioteconomia e de Teologia encontra-se, como uma coleção autônoma, na Biblioteca Central da Universidade Católica de Brasília, no *campus* de Águas Claras, no Distrito Federal.

Nos últimos anos de sua vida, depois de aposentado na UnB, o padre Astério sofreu vários problemas de saúde, que ele não tratava adequadamente. Fez uma cirurgia de catarata malsucedida, que o deixou parcialmente sem visão. Em face disso, como não mais podia dirigir, deixou o Colégio Dom Bosco e recolheu-se ao Instituto Israel Pinheiro, em Brasília, Distrito Federal, onde residiu até sua morte.

Não mais pude encontrar-me com o padre Astério a partir de julho de 1990, uma vez que fui removido para outra missão no exterior. Encontramos, entre seus papeis, um cartão de Dom Edvaldo Gonçalves Amaral, S.D.B., arcebispo metropolitano de Maceió, com os seguintes dizeres:

Brasília, 27/07/91.

Meu caríssimo amigo Padre Astério.

Estando em Brasília, vim fazer-lhe uma visitinha e informar-me de sua saúde. Rogo a Deus que esteja bem e Nosso Senhor lhe dê forças e a sua divina graça para sua alegria e felicidade. Sou-lhe sempre imensamente grato por tudo que fez na minha formação sacerdotal. Qualquer dia, espero encontrá-lo aqui ou no Nordeste.

Meu abraço fraterno, do irmão em D. Bosco.

D. Edvaldo

Em memorando de 15 de setembro de 1993, o chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID/FA/UnB), convidou o padre Astério Tavares Campos a prestar mais uma colaboração ao departamento, onde trabalhara por mais de um quarto de século, para integrar uma banca de seleção de professor titular.

Além desse convite, entre seus papeis, foi encontrado outro, para os 50 anos de ordenação sacerdotal do padre Cleto Caliman, S.D.B., seu amigo e colega de ordenação sacerdotal em 8 de dezembro de 1943. Essa solenidade seria celebrada em Venda Nova do Imigrante, Estado do Espírito Santo, terra natal do padre Cleto. À mão, o remetente fez a seguinte anotação: “Astério, sem forçar a barra, você não pode faltar na Festa do Velho Companheiro. Abraço. Pe. Cleto”.

Entretanto, o padre Astério não pôde atender a nenhum dos últimos convites. Em vez disso, viajou a Natal, Estado do Rio Grande do Norte, para descansar e para aceitar o convite do Criador para celebrar suas Bodas de Ouro sacerdotais na Eternidade! Faleceu no dia 21 de janeiro de 1994, aos 77 anos de idade, dos quais 50 anos dedicados ao ministério sacerdotal e a uma rica carreira acadêmica. Seu corpo foi transladado para o Distrito Federal e descansa

na Igreja de Dom Bosco, no Núcleo Bandeirante. No dia 27 de janeiro de 1994, o *Correio Braziliense* anunciou uma missa de sétimo dia, em sua intenção, encomendada pela sua família e por amigos.

Que o padre Astério Tavares de Campos descanse em Paz!

TARCISIO ZANDONADE. Doutor em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB), é Professor Adjunto 2 nessa Universidade. Como acadêmico, sua experiência deu-se principalmente em Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma área na qual ensinou e pesquisou desde 1979. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3947258273993939>

Referências

CAMPOS, Astério Tavares. *Memorial*. Brasília: UnB, 1983.

SALOMON, Délcio Vieira. *Quase memória de uma rua sem memória*. Santo Ângelo: FuRI; Florianópolis: LEDIX, 2010. 336 p. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=13039&cat=Contos&vinda=S>>. Acesso em: 8 abr. 2013.

Anexo 1

Bibliografia de Astério Tavares Campos

(ordem cronológica)⁴

CAMPOS, Astério Tavares. *How to locate educational information and data: an aid to quick utilization*. Trad. Alexander Carter. New York: Columbia University, 1958.

CAMPOS, Astério Tavares. O problema das leis meramente penais. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 19, n. 1, p. 134-143, 1959.

⁴ Levantamento realizado por Luana Gomes, Mariana Bessa e Thaís Rodrigues, alunas do curso de bacharelado em Biblioteconomia da UnB.

CAMPOS, Astério Tavares. *O pensamento jurídico de Norberto Bobbio*. São Paulo: Universidade de São Paulo: Saraiva, 1966. 134 p.

CAMPOS, Astério Tavares. Ciências humanas e ciências naturais. *Correio Braziliense*, Brasília, 25 maio 1968. Caderno Cultural, p. 2.

CAMPOS, Astério Tavares. Filosofia e ciências humanas. *Correio Braziliense*, Brasília, 3 jan. 1968. Caderno Cultural, p. 4.

CAMPOS, Astério Tavares. O conceito de pessoa como fator de desenvolvimento. *Correio Braziliense*, Brasília, 14 set. 1968. Caderno Cultural, p. 3.

CAMPOS, Astério Tavares. A edição média da Classificação Decimal Universal. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, v. 7, n. 3/4, p. 174-180, jul./out. 1970.

CAMPOS, Astério Tavares. Problemas relativos à tradução brasileira das tabelas médias da CDU. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2.; REUNIÃO DA FID/CLA, 9., 1969, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBBD, 1970. p. 96-101.

CAMPOS, Astério Tavares. Sobrevivência ou morte da Classificação Decimal Universal (CDU) na era dos computadores eletrônicos? *Correio Braziliense*, Brasília, 23 out. 1970. Caderno Cultural, p. 3. [Reproduzido em: *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, v. 8, n. 4, p. 186-189, out. 1971].

CAMPOS, Astério Tavares. Classificação e classificadores. *Correio Braziliense*, Brasília, 30 jul. 1971. Caderno Cultural, p. 2.

CAMPOS, Astério Tavares. Fim ou começo de uma alienação? *Correio Braziliense*, Brasília, 15 out. 1971. Caderno Cultural, p. 2. [Reproduzido em: *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, v. 9, n. 2, p. 92-94, abr. 1972.].

CAMPOS, Astério Tavares. Novas perspectivas para a CDU face à sua possível inserção no projeto UNISIST. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 set. 1971. Caderno Cultural, p. 3.

CAMPOS, Astério Tavares. As novas perspectivas para a CDU face à sua possível inserção no projeto UNISIET. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*, Coimbra, Portugal, v. 9, n. 2, p. 82-91, abr. 1972.

CAMPOS, Astério Tavares. Que há com a filosofia no Brasil? *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo, v. 22, n. 85, p. 42-54, jan./mar. 1972.

CAMPOS, Astério Tavares. O nascer de uma utopia: ainda e sempre o problema de Classificação Bibliográfica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 15-19, jan./jun. 1973.

CAMPOS, Astério Tavares; VICENTINI, Abner Lellis Corrêa. *Lições programadas de CDU*. Brasília: VIPA, 1974. 92 p. (Visão da informática pura e aplicada, 4).

FOSKETT, A. C. *The Universal Decimal Classification: the history, present status and future prospects of a large general classification scheme*. London:

Clive Bingley, 1973. Recensão de: CAMPOS, Astério Tavares. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 112-114, jan./jun. 1974.

CAMPOS, Astério Tavares. A teoria das classificações analítico-sintéticas ou facetadas e a influência sobre a reforma da Classificação Decimal Universal. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 23-26, jan./jun. 1975.

CAMPOS, Astério Tavares. Classification: theory and practice (Drexel Library Quarterly, Oct. 1974). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 110-111, jan./jun. 1975.

CAMPOS, Astério Tavares. Apresentação. In: CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal: Classe 32, Política, e Classe 37, Educação: edição desenvolvida em língua portuguesa. Rio de Janeiro: IBBD, 1976.

CAMPOS, Astério Tavares. Apresentação. In: CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal: edição média em língua portuguesa. Rio de Janeiro: IBICT, 1976.

CAMPOS, Astério Tavares. Classification at the 9th Brazilian Conference on Library Science and Documentation. *International Classification*, Munchen, v. 4, n. 2, p. 105, Nov. 1977.

CAMPOS, Astério Tavares. Estruturas básicas das linguagens de indexação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 4, n. 1, jan./jun. 1978.

PIEDADE, M. A. R. Introdução à teoria da classificação. Rio de Janeiro: Interciencia, 1977. 185 p. Recensão de: CAMPOS, Astério Tavares. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 4, n. 1, jan./jun. 1978.

Anexo 2

Traduções feitas por Astério Tavares Campos

(ordem cronológica)⁵

CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal: edição desenvolvida em língua portuguesa: 1. Filosofia. Tradução do Rev. Padre Astério Campos, S.D.B. Rio de Janeiro: IBBD, 1960. 97 f. [Original: alemão].

CÓDIGO de Catalogação Anglo-Americano. Preparado pela Associação Americana de Bibliotecas (ALA), Biblioteca do Congresso do Estados Unidos (LC), Associação Britânica de Bibliotecas (LA), Associação Canadense de Bibliotecas (CLA). Tradução e adaptação do texto norte-americano editado pela ALA por Abner Lellis Corrêa Vicentini, com a colaboração de pe. Astério Campos. Brasília: Edição dos Tradutores, 1969.

CLASSIFICAÇÃO Decimal Universal: edição média em língua portuguesa. [S.l.: s.n., 1976?]. [Original: alemão].

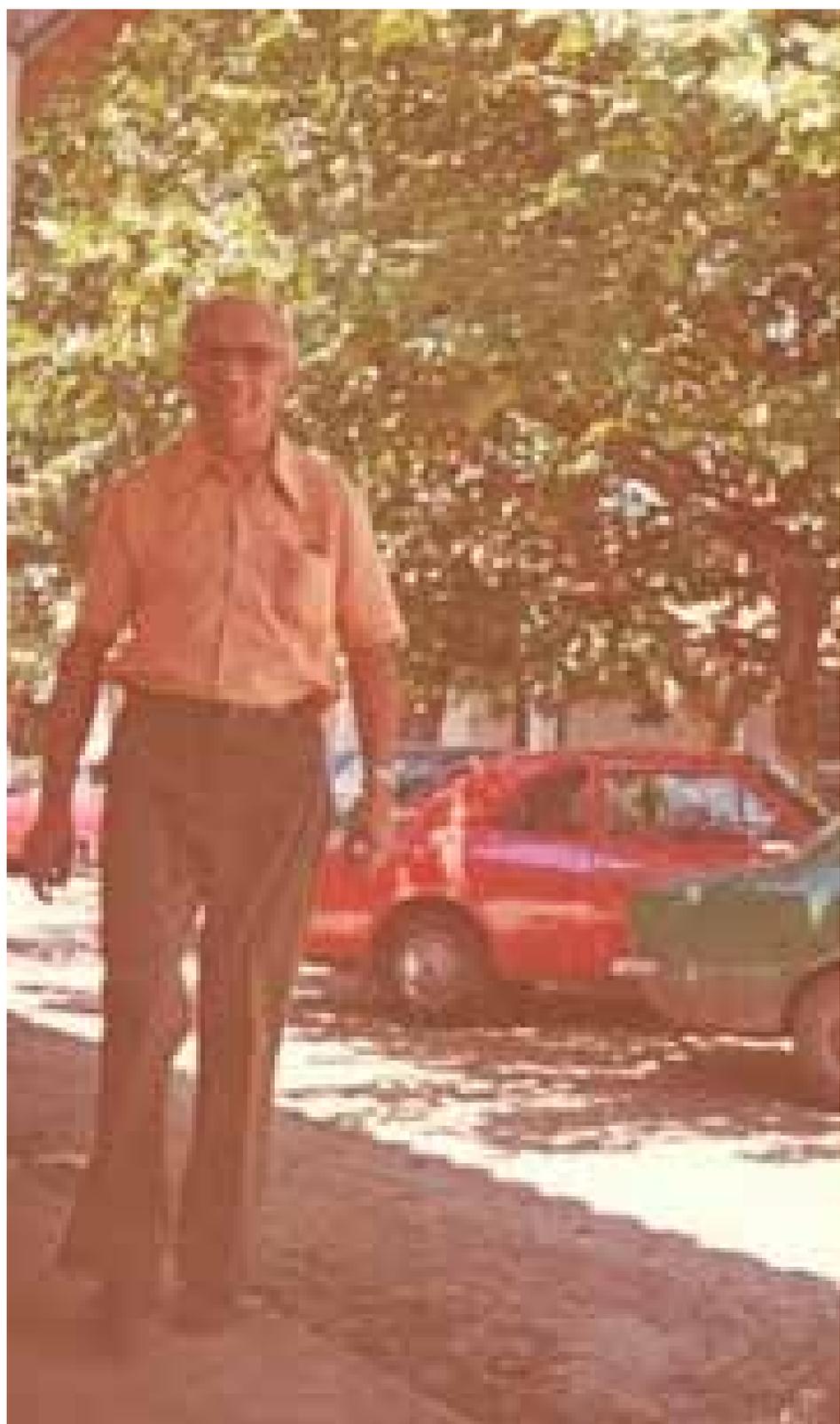
⁴ Levantamento realizado por Luana Gomes, Mariana Bessa e Thaís Rodrigues, alunas do curso de bacharelado em Biblioteconomia da UnB.



Padre Astério



Padre Astério





Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti.



4 *Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti* *por Adelaide Ramos e Côrte*

Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, filha de Antônio de Oliveira Cavalcanti e Geraldina Robalinho de Oliveira Cavalcanti nasceu em 11 de janeiro de 1920, em Palmares, pequena cidade do interior do Estado de Pernambuco, localizada na Zona da Mata Sul. Inicialmente habitada pelos índios Trombetas é, hoje, conhecida como Terra dos Poetas, ou Atenas Pernambucana, por ter sido berço de renomados e importantes poetas, a exemplo de Afonso Paulins, Artur Griz, Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, Darel Valença Lins, Eniel Sabino de Oliveira, Fenelon Barreto, Hermilo Borba Filho, Jayme Griz, Juarez Barbosa Correia, Murilo La Greca, Raymundo Alves de Souza e Telles Junior. Cidade tradicional e muito importante na história de Pernambuco, seu nome é também uma homenagem ao Quilombo dos Palmares, que se instalou na região durante muito tempo. Nesse ambiente de efervescência cultural, cresceu a menina Cordélia, futura professora universitária e pesquisadora.

Formação

Cordélia formou-se em 1949, aluna do primeiro curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde conheceu e teve como mestre o professor Edson Nery da Fonseca.

A escolha da Biblioteconomia deu-se por sugestão de uma prima que, trabalhando na Faculdade de Medicina da UFPE, soube que seria criado um curso “ótimo, que não precisava estudar e não precisava trabalhar”. Essa era a fama do curso de Biblioteconomia, destinado a pessoas cultas que gostavam de livros e de leitura, conhecimento fluente de línguas, literatura, português na escrita e na fala, história do Brasil e do mundo. Esse era o perfil da então jovem Cordélia. Candidatar-se ao curso e ser aprovada foi só uma questão de tempo. Teve como colegas Letícia de Andrade Lima, Gaciele Vilar e Orlando Costa Silva, jovens “inteligentes e brilhantes”.

No início do curso, o professor Edson Nery da Fonseca, então chefe do Departamento de Documentação e Cultura e também diretor da Biblioteca da Faculdade de Direito da UFPE, chamou os cinco alunos primeiros colocados no vestibular para trabalharem com ele na biblioteca. Foi assim que a jovem estudante Cordélia começou a sua vida profissional. Sobre esse período, diz que “Edson chefiando foi uma verdadeira revolução, porque ele fez o que não se pode fazer: botou tudo abaixo. Os livros todos. Saiu tudo dos lugares. Quando chegava um aluno pedindo um livro, para se encontrar era o maior trabalho. Mas enfim, conseguimos organizar a biblioteca da Faculdade de Direito.” (Cavalcanti, 2001).

Após concluir o curso de Biblioteconomia não parou de estudar. Fez um estágio de seis meses na Library of Congress (Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos) e na Mullen Library da Universidade Católica de Washington. Encantou-se com a seção latino-americana de direito e de literatura da Library of Congress. A seção de direito possuía muito mais livros do que o acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito da UFPE. Era uma coleção completíssima de livros latino-americanos.

Continuando sua formação, fez o curso de Lusotropicologia na Faculdade de Direito do Recife. Em 1953, participou do curso avulso de Biblioteconomia sobre Publicações Oficiais e Seriadas, durante um semestre, na UFPE e, ainda, de outros cursos: Paleografia, Documentação, Interrelacionamento e Futurologia.

Sua formação básica foi sendo complementada com a leitura de artigos e livros especializados, pois assinava os principais periódicos na área de

Biblioteconomia produzidos nos Estados Unidos, na França, no Brasil, na Inglaterra, principalmente. Participava de congressos da área, sempre que podia. Considerava como atividades fundamentais ao crescimento do bibliotecário a leitura e a participação em congressos sobre Biblioteconomia, Bibliotecas e Documentação, no Brasil e no exterior.

Trajetória Profissional como Bibliotecária

Na Universidade Federal de Pernambuco

Graduada em Biblioteconomia em 1949, deixou o curso com os conhecimentos teóricos associados à prática obtida em estágio realizado na Biblioteca da Faculdade de Direito, sob a orientação e supervisão do professor Edson Nery da Fonseca. Assim, não foi difícil ser aprovada para o cargo de bibliotecária na UFPE, onde, de 1949 a 1963, teve oportunidade de ocupar os seguintes cargos e funções:

- Bibliotecária auxiliar;
- Bibliotecária assistente;
- Chefe do Serviço de Aquisição e Intercâmbio do Serviço Central das Bibliotecas da UFPE;
- Bibliotecária chefe;
- Coordenadora do curso de Biblioteconomia.

Na Universidade de Brasília

Em 1963, a convite do professor Edson Nery da Fonseca, mudou-se para Brasília e ajudou a “criar” a Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), um conceito inovador, que prevalece até os dias atuais.

Enquanto trabalhava na organização da BCE, teve o privilégio de intermediar o contato entre a UnB e a American Library Association (ALA), conseguindo uma verba especial para comprar livros para a biblioteca. Foi uma ajuda importantíssima e, na época, era muito comum receber, por doação, livros dos Estados Unidos.

Como bibliotecária assistente e substituta do professor Edson Nery da Fonseca, teve a oportunidade de trabalhar com Anísio Teixeira, reitor da UnB, “um baiano maravilhoso e, como humanista, digno de se conhecer, pois dava muito valor ao livro e gostava de ler” (Cavalcanti, 2001), e também participava do processo de aquisição de livros para a BCE. A bibliotecária Cordélia coordenava essa atividade, que era realizada de uma maneira muito interessante. Os livreiros deixavam os livros para seleção. Esses livros eram levados para o reitor Anísio Teixeira, que separava os bons para os alunos, os que serviam para estudos mais profundos, os bons autores, os autores que não prestavam, os que serviam para uma ou outra disciplina, e assim por diante. Todos os títulos eram avaliados por ele. A UnB comprava coleções inteiras de importantes bibliófilos brasileiros, obras raras – enfim, o reitor queria que a BCE contasse com um acervo exemplar.

Cordélia obteve o primeiro lugar no concurso para Bibliotecário da Câmara dos Deputados, pediu exoneração do cargo na UnB e tomou posse na Câmara dos Deputados em maio de 1964.

Na Câmara dos Deputados

Sua trajetória na Biblioteca da Câmara dos Deputados foi de lutas, coroada de êxitos e vitórias. Já em novembro do ano de sua posse, assumiu a função de chefe da Seção de Preparação e, também, passou a substituir a diretora Lêda Câmara Labouriau em suas faltas e impedimentos, por quem tinha grande admiração e respeito, pela sua coragem de inovar, promover e divulgar essa biblioteca no ambiente profissional e acadêmico. “A teoria sempre aliada à prática” era uma característica de Lêda, que incentivou a recém-contratada Cordélia a investir em sua carreira profissional, estudando, propondo, criando e sugerindo novas frentes de trabalho e ação para a biblioteca.

Respondeu pela diretoria da biblioteca no período de novembro de 1966 a setembro de 1967, e, quando a diretora Lêda precisou afastar-se devido a problemas de saúde, Cordélia foi chamada ao gabinete do diretor-geral da Câmara que lhe comunicou ter sido ela escolhida e nomeada pelo presidente da Câmara dos Deputados para assumir a direção da biblioteca.

Cordélia lembra-se de que, naquele momento, sua reação foi de muito choro. Disse ao diretor-geral que não gostava de mandar e de dirigir. Preferia sempre ficar na retaguarda, apoiando e criando novos projetos. De nada adiantou sua argumentação, pois a nomeação já estava assinada pelo presidente da Câmara. Eis o relato de sua reação:

Quando eu fui ver Lêda, ela realmente não podia mais encarar as idas e vindas, as viagens de sua cidade para Brasília todas as semanas. Porque ela não morava aqui em Brasília. Ela vinha na segunda ou terça, voltava para o Rio na sexta. Depois que eu entrei na direção, ela tirou licença. Ela teve um problema de saúde, coisa séria, grave, pulmonar. Então, ela tirou uma licença prolongada e eu fiquei na direção mesmo não querendo, como eu disse. Chorei no gabinete do diretor. Eu dizia: “Eu não quero ser diretora, eu já saí do Recife porque não queria mais ser chefe! Eu não quero!” E a resposta: “Já está decidido, já está nomeada.” (CAVALCANTI, 2001).

Nessa época, a Biblioteca da Câmara dos Deputados exercia um papel fundamental na Biblioteconomia do Distrito Federal, porque muitos dos seus bibliotecários eram também professores da UnB, o que provocava interação entre o mundo acadêmico e a prática. Eram oferecidos estágios para os estudantes da UnB e de outros lugares. Os da Biblioteconomia faziam estágio orientado em todas as seções e havia, também, estagiários de outras áreas. Para os estudantes de Direito, havia um sistema de visitas, e eles eram selecionados em vários Estados para passarem algumas semanas em Brasília conhecendo o funcionamento do Congresso e, no roteiro, constava a Biblioteca da Câmara.

Mecanização e automação da biblioteca da Câmara

Os estudos sobre automação da Biblioteca da Câmara dos Deputados tiveram início com a mecanização dos setores de Catalogação, Referência Legislativa e de Expedição de Publicações, com a aquisição de duas máquinas Flexowriter, para a duplicação de fichas catalográficas, e de uma Addressograph, para o endereçamento de publicações.

A máquina Flexowriter, a primeira tentativa de mecanização e racionalização das atividades de biblioteca, era uma inovação na época. Esse equipamento imprimia, perfurava a fita e reproduzia as fichas catalográficas, o que era um grande auxílio, porque, ao invés de o funcionário datilografar dez vezes a mesma ficha catalográfica, datilografava uma perfurando a fita e imprimia 10 ou 15 fichas, tantas quantas fossem necessárias para compor os catálogos de autor, título, assuntos e topográfico ou o catálogo sistemático.

Em 1968, a Câmara contratou os serviços de um especialista para elaborar o programa de um sistema integrado de automação, utilizando equipamentos da IBM. O programa foi criado e implantado em teste, por um ano, ao final do qual, foi possível transferir essa experiência para a academia, quando a professora

Cordélia preparou o curso de Automação de Bibliotecas, fruto da observação do trabalho efetuado, dos erros e acertos em todo o processo de automação da biblioteca da Câmara dos Deputados. Ela constatou que

[...] um programa inicial de mecanização – com possibilidade de automação no futuro – é aplicável em bibliotecas brasileiras e também demonstra que qualquer projeto de mecanização ou automação deve ser precedido de uma análise do sistema em uso. Prova que o bibliotecário, trabalhando em estreita colaboração com o especialista – ou, futuramente, o próprio bibliotecário formado em programação e análise de sistemas – poderá ter uma visão geral dos problemas da biblioteca, solucionando-os por intermédio das novas técnicas e de acordo com programas flexíveis. Para funcionarem bem, os projetos de automação devem: refletir o conhecimento dos objetivos da biblioteca, a visão panorâmica da biblioteca e de seus serviços; privilegiar o ciclo documental; ter um planejamento claro e preciso do processo de execução; e, introduzir a implantação de forma cooperativa, envolvendo todos os bibliotecários e demais servidores, para que não haja o medo da substituição do homem pela máquina. (CAVALCANTI, 1969).

Atendimento aos usuários

A relação da Biblioteca da Câmara com os deputados era muito boa e eles mesmos solicitavam pesquisas sobre determinados assuntos que precisavam estudar para fazer um discurso ou emitir parecer em algum processo. Como não havia assessoria, os próprios deputados iam à biblioteca e diziam: “O que é que você tem sobre o assunto X? Junte na cabine tal que eu venho ver amanhã”. A partir dessa pergunta, o bibliotecário ia ao catálogo de assuntos para levantar o que havia. Livros eram separados, páginas marcadas com tirinhas de papel para facilitar a consulta. Artigos de revistas indexados eram localizados nos catálogos, mas, se ainda não estavam indexados, o bibliotecário consultava fascículo por fascículo, artigo por artigo, folheava página por página marcando com uma tirinha de papel, indicando a página inicial e final, e empilhava na mesinha de um dos gabinetes para o deputado consultar quando lhe fosse possível. A pesquisa normalmente era em publicações em português e espanhol, porque muitos não liam outras línguas. O bibliotecário não apresentava somente a referência bibliográfica, mas também o texto completo para o usuário fazer sua leitura e seus estudos.

A satisfação dos que realmente liam os textos selecionados era muito grande. Alguns não liam. Pediam um assessor para fazê-lo. Tudo bem, o trabalho do bibliotecário fora feito. O usuário atendido.

A ideia de se criar assessoria para os parlamentares foi resultado da visita que Cordélia fizera à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Passei seis meses na Library of Congress. Foi uma experiência muito boa, porque convivi com bibliotecários diversos, de várias raças, várias cores. Eu conversava muito com todos. Passei esse tempo estagiando nos diversos serviços: cataloguei, fazia as fichas de catalogação, classifiquei, fiz fichas de referência, atendi a leitores. Na seção de aquisição, fazia escolhas de livros em português para a coleção de livros brasileiros. Fiz também estágio na Faculdade de Direito da Universidade Católica. Na Biblioteca do Congresso, vi a importância da atividade de assessoramento legislativo, o que me interessou muito. Gostei muito de ver, presenciei, fiz parte de vários grupos de assessores legislativos que estavam estudando algum assunto pertinente à América Latina, porque eles achavam que sendo brasileira estava mais apta a examinar aqueles assuntos que eram em português e em espanhol. Muitos não dominavam o português, embora alguns dominassem bem o espanhol. Mas o português era difícil. Então trouxe para Brasília, a inovação que foi justamente a dos assessores, da assessoria que não existia na Câmara. Existiam vários grupos que davam assessoria a deputados, mas não havia um grupo homogêneo, de pessoas que se dedicavam a esse estudo. Hoje você tem, tanto na Câmara como no Senado, os assessores legislativos. No início, os assessores trabalhavam na Biblioteca, em uns gabinetes que ficavam nas salas de leitura. (CAVALCANTI, 2001).

A Biblioteca da Câmara era mais do que uma biblioteca. Exercia um papel preponderante junto aos deputados. Já abrigava a assessoria legislativa e, então, “nossa proposta foi criar o Centro de Documentação e Informação, incluindo o Arquivo, a Biblioteca, as publicações da Câmara e a assessoria legislativa. Era uma proposta inovadora para a época e que permanece até hoje” (CAVALCANTI, 2001).

Como bibliotecária da Câmara dos Deputados, Cordélia teve oportunidade de colaborar com a implantação do Departamento de Documentação do Centro Nacional de Referência Cultural, em agosto de 1975.

Tesouro

A bibliotecária Cordélia acompanhava o desenvolvimento da profissão lendo revistas técnicas especializadas, em inglês, português e francês. Esse agradável hábito diário de ler, levou-a a interessar-se por um novo instrumento de busca bibliográfica – hoje conhecido de todos –, o tesouro. E começou a estudar sobre o assunto. Pareceu-lhe, na ocasião, uma coisa muito boa, embora de muito difícil execução. No seu entender, o tesouro, como instrumento de pesquisa é uma ferramenta que o bibliotecário é capaz de criar e utilizar, porque é um profissional com boa formação para a indexação e utilização de cabeçalhos de assuntos. O termo tesouro foi sugerido por ela como tradução

do termo *thesaurus*, que significa tesouro em latim. Escreveu um livro sobre elaboração de tesouros contribuindo, assim, para o desenvolvimento na área.

Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Foi durante sua gestão como diretora do Centro de Documentação da Câmara dos Deputados que aconteceu o 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), em Brasília, em julho de 1975, e o sucesso do evento, que marcou época na história da Biblioteconomia brasileira, deveu-se em grande parte ao seu apoio e da Biblioteca da Câmara dos Deputados à Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), entidade organizadora do evento.

Concedeu a Aníbal Rodrigues Coelho, também bibliotecário da Câmara dos Deputados e presidente da ABDF, licença remunerada por três meses para que se dedicasse integralmente à organização do CBBDD, que foi realizado para orgulho de todo bibliotecário brasiliense.

Nesse Congresso, por sugestão da própria Cordélia, foi discutido, pela primeira vez, o tema Publicações Oficiais Brasileiras. Porém, mais do que tratar desse tema específico em uma mesa de trabalho, a comissão organizadora abriu espaço para a realização do 1º Seminário sobre Publicações Oficiais.

O resultado concreto dessa ação foi a criação, junto à ABDF, sob a orientação do professor Edson Nery da Fonseca, da Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras (CPOB), como comissão permanente daquela associação. A CPOB funcionou de 1975 a 1991, realizou sete seminários e publicou, sob o patrocínio da Câmara dos Deputados, cinco volumes da Bibliografia Brasileira de Publicações Oficiais.

Diretora da Biblioteca e do Centro de Documentação e Informação

Relatórios de sua gestão como chefe de seção, diretora da Biblioteca e diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados apresentam, com riqueza de detalhes, todas as atividades sob sua supervisão.

As estatísticas de cada setor: Seleção, Aquisição, Catalogação, Classificação, Atendimento ao Usuário, Livros e Revistas Emprestados, apresentam números que, comparados mensalmente, registram o crescimento de cada setor.

Além de números e dados estatísticos, também discorrem sobre importantes personalidades da vida política, social e cultural que visitavam a Biblioteca. Membros de missões diplomáticas tinham roteiro programado para visitar a Biblioteca da Câmara dos Deputados.

Nos relatórios consta, inclusive, o investimento com a participação de bibliotecários em congressos nacionais e internacionais na área de Biblioteconomia e, também, importantes viagens de estudos realizadas no Brasil e no exterior. Certamente foi uma maneira escolhida por Cordélia para motivar o bibliotecário a experimentar, na sua vida profissional, o processo de educação continuada.

Trajatória Profissional como Docente

Cordélia foi professora do curso de Biblioteconomia da UFPE e professora fundadora do curso de Biblioteconomia da UnB. Lecionou: Catalogação, Classificação, Documentação, Mecanização e Automação de Bibliotecas.

Nomeada pelo Ministro da Educação e Cultura (MEC) como representante da UFPE na 1ª Reunião para Estudos Relativos à Reestruturação do Ensino de Biblioteconomia, e como membro da comissão reunida pela Diretoria de Ensino Superior do MEC para a realização de estudos relativos ao currículo mínimo de Biblioteconomia, teve a oportunidade de colaborar para os avanços do currículo de Biblioteconomia e melhoria na formação do bibliotecário.

Conta a professora Cordélia que a relação do grupo de professores do Departamento de Biblioteconomia com os demais professores da UnB era muito boa, porque “éramos poucos”. Havia reuniões entre eles e com o reitor Darcy Ribeiro, e, depois, com Anísio Teixeira. Os professores, antes da construção da Colina, moravam nas “ocas”, pequenos apartamentos com dois quartos e um banheiro (CÔRTE, 2001).

Da mesma forma, era grande a interação e amizade entre os professores e os alunos da primeira turma do curso de Biblioteconomia da UnB. Como eram poucos, todos se conheciam e participavam da vida social, fazendo passeios nos feriados e fins de semana. Aos casamentos, iam todos: alunos e professores. A professora Cordélia, com toda a sua timidez, era a mais distante de todos, mas

não pôde deixar de ser qualificada por Neusa Dourado, uma das alunas, como “silenciosa afetividade”. A razão dessa característica é que embora silenciosa, Cordélia fora capaz de, num gesto muito elegante, dirigir-se, na noite anterior ao casamento de Neusa e Amaro, à casa da noiva, levando-lhe um presente (que Neusa guarda até hoje), parabenizá-la pelo casamento, e também ao noivo, reafirmando a excelente escolha por aquela noiva.

Voltando ao curso de Biblioteconomia, inicialmente, a idéia era dar ao aluno um conhecimento mais geral. As características de Brasília, como capital do País, onde todos os órgãos dos poderes executivo, legislativo e judiciário estavam aqui representados, exigiam do bibliotecário uma visão mais voltada para as bibliotecas especializadas. Brasília não contava ainda com bibliotecas públicas, sendo essa função exercida pela Biblioteca Demonstrativa do Instituto Nacional do Livro. Os ministérios precisavam muito de bibliotecários, tanto que, um dia chegou um rapaz do Ministério da Marinha para conversar com a professora Cordélia. Ele foi logo dizendo: “Quero fazer o curso. Fui designado para fazer o curso de Biblioteconomia”. Ela disse que não seria fácil, pois era preciso conhecer línguas. E o rapaz respondeu: “Eu conheço bem inglês e leio espanhol também”. O fato é que o rapaz fez o vestibular, passou, matriculou-se e fez o curso completo. O Ministério da Marinha precisava de profissionais aqui e, certamente, os bibliotecários de carreira tinham ficado no Rio de Janeiro.

O curso de Biblioteconomia da UnB, quando foi criado, visava formar bons bibliotecários, segundo a professora Cordélia:

Essa era a ideia: formar pessoas, procurar também candidatos que fossem de áreas diversas do conhecimento. Que não fosse.... – como diria? – alguém que procurasse um curso pensando somente assim: vou fazer esse curso que dizem ser ótimo. Foi assim que eu tomei conhecimento do curso de biblioteconomia: “Vai haver um curso ótimo: não precisa estudar”. No entanto, é bem diferente. Não era um “cursinho”, não era curso de “espera marido”. Era um curso que procurava dar aos alunos – pelo menos nas reuniões que os professores fizeram antes da sua criação – um conhecimento integral do que era biblioteca, do seu valor, do que podia fazer pela educação do povo. E, assim, foi criado o curso de Biblioteconomia na Universidade. (CAVALCANTI, 2001).

Quanto à mudança do nome do Departamento de Biblioteconomia para Ciência da Informação, a professora Cordélia comentou que os tempos mudam, as coisas avançam, a sociedade caminha e, da mesma forma, o mundo acadêmico deve acompanhar a evolução social. É uma questão conceitual, porque

Ciência da Informação é [um termo] mais amplo. Biblioteconomia prende-se muito só a “biblio”, a livros. E Ciência da Informação lhe dá, no tempo de hoje, uma ideia melhor do que seja. Você se prepara para fornecer informações a quem precise delas, e que nem sempre quem precisa sabe onde procurar, não é? A

pessoa muitas vezes chega a uma biblioteca e não sabe o que fazer, onde procurar tal coisa. (Cavalcanti, 2001).

A professora Cordélia viveu muito proximamente o período da ditadura e a invasão da UnB. Sobre esse período, sua posição:

Os alunos sofreram muito, porque havia um bom número de alunos que eram mais de esquerda do que de direita, não é? Isso ninguém pode negar. Agora para a biblioteca não foi ruim nem houve censura. Uma vez me disseram: “Ah! Houve muita censura...”. E eu pergunto: “Onde?”. Porque onde eu trabalhei não houve censura. Porque lá na Universidade mesmo não havia censura, a não ser que os diretores a fizessem. Eu não acredito que houvesse censura, pois [na biblioteca] você encontra de tudo.

Como lá na Câmara também, desde o tempo de Leda, que era de esquerda e ela comprava muito livro de esquerda, tanto que o José Bonifácio, deputado e depois presidente da Câmara, chegava lá e dizia: “Vocês só compram livros de esquerda!” E Leda dizia: “Não, Deputado, aqui tem de tudo. Não é só de esquerda, não. Tem de direita também”. E mostrava a ele.

Naquela época, e bem depois da minha época, comprava-se de tudo que pudesse interessar a um deputado. Fosse solicitado, um só ou por 20 ou 30, sempre se procurava cumprir ou cobrir uma gama de assuntos que tratassem de um lado e de outro. Porque a verdadeira assessoria é feita assim: você prepara o trabalho com as opiniões que são positivas sobre aquele assunto e com as opiniões que são negativas ou contrárias àquele assunto. Pelo menos, era assim no meu tempo, era essa a orientação. Apresentava-se o positivo e o negativo para o deputado escolher e ter onde se basear para escrever o discurso dele. (Cavalcanti, 2001).

Atuação no movimento associativo e entidades de classe

Como bibliotecária ou como professora, Cordélia era uma pessoa muito quieta, de trabalho na retaguarda. Admirava o trabalho do movimento associativo, e fez parte da primeira gestão do Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª região e da diretoria da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), quando Adélia Leite Coelho foi presidente. Porém, o movimento associativo não era “sua praia”, porque entendia que, para participar da Associação ou do Conselho, a pessoa teria de opinar, de falar muito. “Eu sempre gostei de falar pouco, era calada”, disse na entrevista. Mesmo assim, nunca faltou ao compromisso de ajudar e colaborar quando chamada.

Foi membro da Comissão Organizadora do 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, realizado na cidade do Recife, em 1954, e também

representou a UFPE na Comissão de Documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), na Comissão Nacional do Catálogo Coletivo, e na de Classificação Decimal Universal, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

Também fez parte da Comissão Brasileira de Catalogação, da Associação Pernambucana de Bibliotecários (APB), e da Federação Internacional de Documentação (FID).

Conclusão

A Biblioteconomia não é para quem gosta de livros, como foi a primeira notícia que Cordélia obteve do primeiro curso no Recife, porém, quem não gosta de livros, não pode fazer Biblioteconomia.

A Biblioteconomia dá ao aluno uma visão ampla do mundo, dos assuntos, dos acontecimentos e dá metodologias que são úteis em outras áreas. Para Cordélia, uma característica do bibliotecário é ser um prestador de serviço com uma visão suprapartidária. O bibliotecário não pode criticar ou censurar o que o usuário pede. Não pode selecionar fontes de informação em função de questões ideológicas. É imprescindível apresentar o resultado das buscas bibliográficas contemplando as várias visões de um determinado assunto.

Fica registrada a mensagem que uma bibliotecária, pesquisadora, professora e estudiosa, hoje, do alto dos seus 92 anos de idade, residindo em Recife, deixa para o bibliotecário que inicia sua vida profissional:

Nunca se esqueça dos outros quando estiver trabalhando para a Biblioteconomia, porque você estará ajudando alguém a encontrar alguma coisa de seu interesse. Então, você não pode ser egoísta e manter só para si o que você encontrou em livros, em revistas ou mesmo no mundo em geral. Precisa fornecer aos outros essa mesma informação. É isso! (CÔRTE, 2001).

ADELAIDE RAMOS E CÔRTE é mestre em biblioteconomia pela Universidade de Brasília e bibliotecária aposentada pelo serviço público federal. Exerceu suas funções na Biblioteca Central da UnB, no Conselho de Siderurgia e Não Ferrosos (Consider), na Empresa Brasileira

de Transportes Urbanos (EBTU), na Escola Nacional de Administração Pública (Enap), sendo cedida por duas vezes à Presidência da República. Trabalhou, ainda, na biblioteca da curso de medicina da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (Fepecs) do Distrito Federal. Na iniciativa privada, trabalhou na biblioteca do Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb). Trabalhou por vários anos no movimento associativo de bibliotecários brasileiros. Atualmente é consultora na área de biblioteconomia e vice-presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3085470279837126>

Referências

CÔRTE, Adelaide Ramos e. *Entrevista*. Entrevistadora: Adelaide Ramos e Corte. [S.l.: s.n.], 2001. [Entrevista com Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti realizada por Adelaide Ramos e Côrte em março de 2001].

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Mecanização em processos técnicos de biblioteca. *Boletim Bibliográfico da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 18, n. 3, p. 489-500, set./dez. 1969.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. *Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil*. Rio de Janeiro: IBBD, 1971. 544 p.

MACHADO, Luiz Alberto. *Palmares, a memória que resta da Terra dos Poetas*. [S.l.: s.n., 201-?]. Disponível em: <<http://www.sobresites.com/poesia/artigos/palmares.htm>>. Acesso em: 10 out. 2012.

Anexo 1

Bibliografia de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti

(ordem cronológica)¹

¹ Levantamento realizado por Bruna Guedes Martins, Luiza Martins de Santana e Rebeca Araújo, alunas do curso de bacharelado em Biblioteconomia da UnB

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Cabeçalhos de assunto*. 2. ed. Recife: Curso de Biblioteconomia da Universidade do Recife, 1953. 16 f. Mimeografado. [Terceira edição: 1958].

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Catálogo simplificado*. Recife: Serviço Central das Bibliotecas da Universidade do Recife, 1953. Mimeografado.

- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Biblioteca do Congresso. *Boletim dos Cursos de Biblioteconomia*, Recife, n. 2, p. 4-5, 1955.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. A Universidade do Recife e suas bibliotecas. *Boletim Informativo*, Recife, v. 3, n. 2, p. 83-89, maio/jun. 1956.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho (Org.). *Normas para a catalogação nas bibliotecas da Universidade do Recife*. Recife: Serviço Central das Bibliotecas, 1959. 26 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Bibliotecas da Universidade do Recife. *Boletim Informativo da Universidade do Recife*, Recife, n. 1, p. 13-30, dez. 1959.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Normas para a catalogação nas bibliotecas da Universidade do Recife*. Recife: Serviço Central das Bibliotecas, 1959. 26 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Cabeçalhos de assunto*. Recife: Serviço Central das Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco, 1960. 17 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Documentalistas e bibliotecários*. Diário de Pernambuco, Recife, 2 fev. 1960. Seção 1, p. 4.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Cabeçalhos de assunto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. *Trabalhos apresentados*. Curitiba: [s.n.], 1961.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Normas para catalogação na Biblioteca Central*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963. 17 p. Mimeografado.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Escritor e bibliotecário: bibliografia de Edson Nery da Fonseca. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 147-290, jan./abr. 1967.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Bibliografia básica de classificação*. Brasília: Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB, 1968. 7 p. Mimeografado.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Glossário: terminologia do catálogo sistemático e da indexação de assuntos*. Brasília: Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB, 1968. 9 p. Mimeografado.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Normas de catalogação simplificada*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Seção de Preparação da Biblioteca da Câmara dos Deputados, 1968. 108 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Automação de serviços de biblioteca nas escolas de biblioteconomia. *Correio Braziliense*, Brasília, 6 dez. 1969. Caderno Cultural, p. 4.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Automação de serviços de biblioteca nas escolas de biblioteconomia: a experiência da Universidade de Brasília*. Brasília: Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB, 1969. 5 p. Mimeografado.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Bibliografia computadorizada sobre automação de bibliotecas*. Brasília: Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica da UnB, 1969. 2 v.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Experiência de mecanização em processos técnicos de biblioteca. *Correio Braziliense*, Brasília, 29 nov. 1969. Caderno Cultural, p. 3.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Experiência de mecanização em processos técnicos de biblioteca*. Rio de Janeiro: CNPq: IBBD, 1969. 9 p.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Algumas aplicações de mecanização na Biblioteca da Câmara dos Deputados. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO NA DOCUMENTAÇÃO, 1969, Brasília. [Anais]. Brasília: MEC, 1970.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Catálogo simplificado*. Brasília: Universidade de Brasília, 1970. 161 p.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Experiência de mecanização em processos técnicos de biblioteca. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 2.; REUNIÃO DA FID/CLA, 9., 1969, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBBD, 1970. p. 207-211.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *New approaches to legal research: abstract*. The Hague: International Federation for Documentation, 1970. 7 p.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Novos métodos de pesquisa legislativa = Nuevos enfoques en la investigación legal = New approaches to legal research*. Brasília: Biblioteca da Câmara dos Deputados, 1970. 87 p. Trabalho apresentado ao Congresso Internacional de Documentação, realizado em Buenos Aires, de 21 a 24 de setembro de 1970. Texto em português, espanhol e inglês.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Nuevos enfoques en la investigación legal. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE DOCUMENTACIÓN, 1970, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: FID, 1970. p. 1-8.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Novos métodos de pesquisa legislativa*. Brasília: Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, 1972. p. 573-596. [Separata de: Processo legislativo].

TENÓRIO, Igor; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho; WANDERLEY, Carlos Alberto. *Direito e cibernética*. 2. ed. Brasília: Embrasa, 1972.

- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Parliamentary service in South America Brazil*. Brasília: [s.n.], 1974. 6 f.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Services parlementaires en Amerique du Sud Bresil*. Brasília: Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, 1974. 7 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Informática jurídica: bibliografia*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1975. 1 v.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Universal integrated media for information processing. In: INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION RESEARCH, 3., 1975, Bombay, India. *Ordering systems for global information networks: proceedings of the Third International Study Conference on Classification Research*. Bangalore: FID/CR; Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 1979. p. 100-118.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. A classificação bibliográfica como instrumento de recuperação da informação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT: ABDF, 1979. v. 1, p. 241-253.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Análise temática da informação*. Brasília: UnB, 1977. 13 p. (Relatório técnico, 19).
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Metodologia da indexação*. Brasília: UnB, 1977. 13 p. (Relatório Técnico, 18).
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Indexação & tesouro: metodologia & técnica*. Brasília: ABDF, 1978. 89 p.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Juridical informatics vs. interdisciplinary integration. In: CONVEGNO SUL TEMA L'INFORMATICA GIURIDICA AL SERVIZIO DEL PAESE, 2., 1978, Roma. *Anais...* Roma: Corte Suprema di Cassazione, 1978. p. 1-13.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Relatório de participação no 44th IFLA Council Meeting Tchecoslováquia, 1978*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978. 1 v.
- ASHEIM, Lester; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. O estudo da Biblioteconomia comparada. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, v. 2, p. 49-62, jun. 1979.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Legal information activities in Brazil. *Interdoc*, v. 1, n. 2, fev. 1979.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Les services de bibliothèques d'Angola et leur développement future*. Paris: Unesco, 1979. 40 p. (Relatório de missão).

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Panorama de sistemas de classificação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IBICT, ABDF, 1979. v. 1, p. 3-9.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Fontes de informação: espécies*. [S.l.: s.n.], 1980. 6 p.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Maria Luisa Monteiro da Cunha [verbetes]. In: *ALA WORLD Encyclopedia of Library and Information Science*. Chicago: American Library Association, 1980. p. 168.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. A interface da pesquisa científica com os sistemas gerais de informação. *Ciência e Cultura*, v. 33, n. 7, p. 118, jul. 1981.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Peregrinações de um bibliotecário: roteiro quase bibliográfico. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981, Brasília. *Anais...* Brasília: Capes, 1981. p. 369-372.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Tendências atuais do processamento técnico em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981, Brasília. *Anais...* Brasília: Capes, 1981. p. 246-270.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. A interface da pesquisa científica com sistemas gerais de informação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 65-68, jan./jun. 1982.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Indexação. In: ESTUDOS avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ABDF, 1982. v. 1, p. 211-233.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. A recuperação da informação e as linguagens documentárias. *Revista Latinoamericana de Documentación*, v. 3, n. 2, p. 24-27, jul./dic. 1983.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Systems applications and concepts in the field of classification. In: UNIVERSAL classification: subject analysis and ordering systems. Frankfurt: [s.n.], 1983. p. 52-60.

ROBREDO, Jaime; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho; CUNHA, Murilo Bastos da; MACEDO, Vera Amália Amarante; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; TARAPANOFF, Kira. Tendências observadas no mercado de trabalho dos bibliotecários e técnicos da informação, nas bibliotecas especializadas do Distrito Federal, e qualificações requeridas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 123-147, jul./dez. 1984.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Conceito de publicações oficiais. In: SEMINÁRIO SOBRE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS, 5., 1983, Brasília. *Anais...* Brasília: Senado Federal, 1985.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Ensino de Informática na formação de bibliotecários. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 135-137, jan./jun. 1985.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Indexação e tesouro em arquivos: curso*, 9 a 20 de junho de 1986. Brasília: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1986. 57 f.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Definição de publicações oficiais brasileiras. *Revista Forense*, v. 83, n. 298, p. 377-380, abr./jun. 1987.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Arquivos e bibliotecas: semelhanças e diferenças. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília v. 16, n. 1, p. 5-17, jan./jun. 1988.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Manual de catalogação: exemplos ilustrativos do AACR2. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 16, n. 1, 1988.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Da Alexandria do Egito à Alexandria do espaço: um exercício de revisão de literatura. Brasília: Thesaurus, 1996. 238 p.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451 p.

Anexo 2

Dissertações orientadas por Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti

(ordem cronológica)

FERREIRA, Meireluce da Silva. Estudo das consultorias internacionais e estrangeiras, realizadas em instituições brasileiras, na área de Informação em Ciência e Tecnologia – ICT. 1981. 121 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)—Universidade de Brasília, Brasília, 1981.

MEDEIROS, Marisa Brascher Basílio. Levantamento e análise da terminologia brasileira em ciência da informação. 1984. 192 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)—Universidade de Brasília, Brasília, 1984.

CUNHA, Inácia Rodrigues dos Santos. Serviços de informação para o poder legislativo: estudo comparativo entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá. 1985. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985. [Publicado como livro pela Câmara dos Deputados, em 1987].

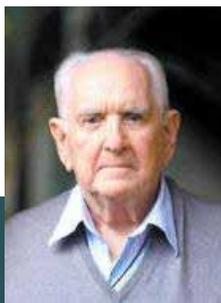
MEY, Eliane Serrão Alves. Estudo analítico e conceitual da descrição bibliográfica. 1987. 194 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 1987.

NAKAYAMA, Haruka. Tradução e adaptação de tesouros: um estudo de caso: tesouros SPINES. 1985. 139 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)—Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. A institucionalização das atividades de informação científica e tecnológica no Brasil: o caso do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). 1987. 226 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 1987.



Edson Nery da Fonseca.



5

Edson Nery da Fonseca

por Luiz Antônio Gonçalves da Silva

Edson Nery da Fonseca, um dos sete filhos do comerciante Inácio Nery da Fonseca Filho e de Maria Luísa Nery da Fonseca, nasceu no dia 6 de dezembro de 1921 na cidade do Recife. Sua avó materna, Elisa Maria Harris, era inglesa e veio para o Brasil com os trabalhadores da firma Machine Cotton, localizada no Rio Grande do Norte. Seu avô paterno, Inácio Nery da Fonseca, era dono da Tipografia Industrial, no Recife, que editou importantes autores pernambucanos, a *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, e diversos títulos de folhetos de cordel.

Foi alfabetizado em casa e, depois, matriculado na Escola Normal Pinto Júnior. Concluiu o curso primário no Ginásio do Recife e o ginásio no Colégio Nóbrega, dirigido pelos jesuítas. Em 1939, fez o curso pré-jurídico do Colégio Oswaldo Cruz como preparatório para ingressar na Faculdade de Direito do Recife, onde entrou, em 1942, após prestar exame vestibular. Esse curso foi escolhido por exclusão, já que, além dele, na época, só existiam no Recife o de Engenharia e o de Medicina, pelos quais não sentia atração.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, foi convocado em 1943 para servir no Exército, interrompendo o curso jurídico. Iniciou como soldado raso no 14º Regimento de Infantaria, em Socorro. Como universitário, matriculou-se no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), onde entrou após prestar vestibular. Concluído o curso, recebeu a espada de Aspirante a Oficial. Considerou sua passagem no Exército como uma experiência realizadora. Tinha um pelotão a comandar, praticou exercícios físicos e ensinou seus comandados a ler, pois muitos eram analfabetos.

Com o término da guerra em 1945, deixou o Exército como 2º Tenente R/2 (Reserva não Remunerada). Sentia-se desanimado, sem saber o que fazer da vida. Abandonou o curso de Direito, decepcionado com a mediocridade que reinava na faculdade. Longe iam os tempos áureos em que lá estudaram Castro Alves, Tobias Barreto e Martins Júnior.

Entrou no serviço público em 1946 e foi trabalhar na Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo da prefeitura do Recife, transformada posteriormente em Diretoria de Documentação e Cultura (DDC). Dirigida por José César Regueira Costa, a DDC tinha grande atuação cultural na cidade. Um dos seus projetos inovadores era a implantação de bibliotecas populares nos bairros, para as quais eram necessários bibliotecários formados. Durante uma viagem ao Rio de Janeiro, José César conversou sobre o assunto com Lydia de Queiroz Sambaquy, diretora da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), que sugeriu a formação de pessoal nos cursos da Biblioteca Nacional.

Curso da Biblioteca Nacional

Em 1944, o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, criado em 1911, iniciava uma nova etapa. Voltado prioritariamente para a preparação de pessoal para atender às próprias necessidades, abria-se para formar profissionais aptos a atuar em qualquer tipo de biblioteca, passando a ofertar três tipos de cursos: o Fundamental de Biblioteconomia, o Superior de Biblioteconomia e os Avulsos. O primeiro destinava-se a formar pessoal auxiliar, o segundo a habilitar para administração, organização e direção de serviços técnicos de bibliotecas, e os cursos avulsos visavam oferecer oportunidades de atualização e especialização. Os aprovados no curso superior recebiam o diploma de bibliotecário que, a partir de 1953, começou a ser registrado no então Ministério da Educação e Cultura.

A par dessas inovações, o art. 7º do Regulamento dos Cursos criou bolsas de estudos “destinadas a candidatos residentes fora do Distrito Federal e da capital do Estado do Rio de Janeiro”. Os candidatos deveriam ser escolhidos “de preferência entre servidores estaduais e municipais com exercício em bibliotecas”. Começa, a partir de então, a formar pessoal oriundo de diferentes pontos do Brasil.

Com uma bolsa de estudo conseguida por José Césio Regueira Costa, Edson Nery seguiu, em 1946, para o Rio de Janeiro, a fim de participar dos cursos da Biblioteca Nacional. Concluiu o curso fundamental em Biblioteconomia, em 1947, embora Rubens Borba de Moraes, diretor da Biblioteca Nacional, bem impressionado com o aluno, o houvesse aconselhado a ir estudar em uma universidade americana. Teve, entre os professores, o próprio diretor da Biblioteca Nacional, que lecionava Bibliografia e Referência, e dois funcionários do Dasp: Ary Fernandes e Lydia de Queiroz Sambaquy, que lecionavam, respectivamente, Administração de Bibliotecas e Catalogação e Classificação.

A sua passagem pela Biblioteca Nacional coincidiu com a reforma executada por Rubens Borba de Moraes, que muito influenciou sua visão de serviços bibliotecários modernos e eficientes. Teve a oportunidade de assistir à cerimônia de inauguração das novas instalações, com a presença do presidente Dutra e a apresentação do maestro Villa-Lobos na regência da orquestra e coro nacionais, executando e entoando a *Canção de boas-vindas*. Anos mais tarde, Rubens Borba de Moraes, a convite de Edson, veio lecionar na UnB.

Para completar sua formação, cumpriu estágio, por indicação de Lydia Sambaquy, na biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, dirigida pelo escritor Otto Maria Carpeaux, de quem se tornou amigo, e com ele colaborou no preparo da primeira edição da *Bibliografia crítica da literatura brasileira*, publicada em 1949. Foi frequentador da biblioteca do Dasp, que, naquele momento, era um centro dinâmico liderado por Lydia. Foi lá que conheceu a bibliotecária Myriam Gusmão de Martins, sua amiga de toda a vida.

De Volta ao Recife

O seu retorno ao Recife foi meio a contragosto: estava enamorado pelo Rio, como recordou. Achava que todos os brasileiros tinham duas terras: aquela onde nasceram e a cidade do Rio de Janeiro, que é a namorada de todos. Retomou suas atividades na DDC como assistente de José Césio Regueira Costa e fez os

contatos iniciais com a Escola Industrial da Encruzilhada para o funcionamento da primeira biblioteca popular.

Com a participação de Milton Melo, outro bolsista da DDC, que também cursara Biblioteconomia, mas na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e do bibliotecário paulista Ernani Cerdeira, que era responsável pela discoteca da DDC, José César Regueira Costa criou o primeiro curso de Biblioteconomia do Nordeste. Coube a Edson Nery da Fonseca a coordenação e as disciplinas Bibliografia e Referência.

O reitor da recém-criada Universidade do Recife, Joaquim Amazonas, decidiu modernizar as bibliotecas universitárias. Durante viagem ao Rio de Janeiro, discutiu suas ideias com Lydia de Queiroz Sambaquy, que indicou o nome de Edson como a pessoa apta a realizar o trabalho. Feito o convite pelo reitor, Edson aceitou o trabalho, que foi iniciado com a reforma da biblioteca da Faculdade de Direito.

A biblioteca reunia um acervo valioso, que vinha se formando desde 1827, com a criação do curso jurídico de Olinda. Não era composto só de obras jurídicas, mas também das demais áreas das Ciências Sociais, como Filosofia, História, Literatura, Arte e Religião. A coleção refletia o importante centro de estudos humanísticos em que o curso se tornara em determinado momento da sua trajetória, com o movimento chamado Escola do Recife, liderado por Tobias Barreto, de quem a biblioteca conserva os livros.

A reforma fazia-se necessária e, liderando um grupo constituído pelos primeiros alunos do curso da DDC, Edson Nery pôs mãos à obra: reclassificou o acervo, criou catálogos por autor, título e assunto, organizou a coleção de referência junto ao salão de leitura e adotou o serviço de empréstimo domiciliar para alunos, antes restrito aos professores. Cuidou também da restauração dos livros danificados e providenciou a assinatura de revistas estrangeiras. Os serviços – inclusive o empréstimo – foram estendidos ao público em geral. Medidas certamente avançadas para a época. Foi a “ressurreição de uma biblioteca”, como definido por Gilberto Freyre em artigo publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1952.

O início do trabalho de Edson Nery na faculdade de Direito foi registrado em uma reportagem publicada no *Jornal Pequeno*, do Recife, no dia primeiro de novembro de 1948, de autoria do jornalista Guerra de Holanda, intitulada *Nem monge, nem militar – apenas bibliotecário*. O título fazia alusão às duas primeiras aspirações de Edson Nery, que agora abraçava a nova profissão de bibliotecário. A matéria comentava a “escolha muito feliz” do reitor da então

Universidade do Recife, de contratar o jovem escritor Edson Nery da Fonseca, na época com 27 anos e recém-formado em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional, para reformar a biblioteca da Faculdade de Direito.

Logo a Universidade do Recife manifestou desejo de criar um curso de Biblioteconomia dentro da sua estrutura, garantido, dessa forma, o mandato universitário. Edson foi convidado pelo reitor Joaquim Amazonas para organizar o curso em 1950, tendo-o dirigido até 1951.

Na época, envolveu-se em uma grande polêmica com personalidades da intelectualidade local, como os diretores da Biblioteca Pública e do Museu do Estado. O ápice foi o artigo “Verdades incômodas”, publicado no *Diário de Pernambuco* de 18 de novembro de 1951, em que se manifesta contra a proposta de localização do novo edifício da Biblioteca Pública do Recife e critica duramente a posição dos defensores da ideia. Como os envolvidos eram pessoas ligadas à reitoria, Edson foi instado a retratar-se, mas recusou-se a fazê-lo e foi punido com a demissão da Universidade.

Como já havia trabalhado para o Instituto Nacional do Livro (INL) inspecionando bibliotecas públicas do Estado que tinham recebido auxílio do Instituto, Edson Nery aceitou o convite para ministrar um curso intensivo de Biblioteconomia em Alagoas, realizado em janeiro de 1952.

Em fevereiro de 1952, com a indenização recebida da Universidade do Recife, viajou para os Estados Unidos. Lá, conheceu modernos serviços de bibliotecas, como os da Biblioteca Pública de Nova Iorque e da Biblioteca do Congresso, em Washington.

De volta ao Brasil, transferiu-se para João Pessoa, na Paraíba, convidado pelo governador José Américo para reorganizar a Biblioteca Pública local, projeto que intitulou Biblioteca da Restauração, em alusão ao terceiro centenário da rendição dos holandeses no Nordeste. Em face das dificuldades para colocar em prática suas ideias, ministrou dois cursos intensivos de Biblioteconomia, patrocinados pelo INL. Em um deles contou com a ajuda da bibliotecária Myriam Martins que ministrou aulas de Bibliografia e Referência. Na recusa do diretor da biblioteca pública em ceder a sala, as aulas foram dadas em um bar situado defronte ao edifício.

Em princípios de 1954, retornou ao Rio de Janeiro. Trabalhou na elaboração de fichas impressas para o Serviço de Intercâmbio de Catalogação, que funcionava na Biblioteca do Dasp. Nomeado pelo presidente do INL, Augusto Meyer, assumiu a direção da Biblioteca Demonstrativa Castro Alves,

mantida pelo Instituto em convênio com a Associação dos Servidores Cívicos do Brasil (ASCB). Participou do início do movimento associativista e foi eleito presidente da Associação Brasileira de Bibliotecários, conseguindo filiação à Federação Internacional de Bibliotecários.

Prestou o concurso do Dasp para a carreira de bibliotecário do Serviço Público. Aprovado, foi nomeado para o Departamento de Imprensa Nacional. Naquele momento, Lydia de Queiroz Sambaquy, que dirigia o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), criado em 1954, conseguiu, por meio do CNPq, sua requisição para colaborar com o Serviço de Bibliografia do Instituto. Lá iniciou suas atividades como bibliógrafo com a compilação da *Bibliografia brasileira de documentação*, publicada em 1960. Arrolou 1.129 referências do que tinha sido publicado de relevante no Brasil sobre a matéria, cobrindo o período de 1811 a 1960. O trabalho tornou-se um modelo para a realização e apresentação de pesquisas bibliográficas e fez parte do programa de compilação de bibliografias especializadas pelo IBBB. Foi utilizada, para sua organização, a Classificação Decimal Universal (CDU), da qual Edson foi um dos entusiasmados defensores e divulgadores. Cabe registrar a participação no trabalho, como reconhecido na apresentação, de Cordélia Cavalcanti e Pérola Cardoso Raulino, que mais tarde foram professoras da Faculdade de Biblioteconomia da UnB .

Ingressou por concurso, em 1955, como funcionário da biblioteca da Câmara dos Deputados. Suas primeiras atividades consistiram no preparo da documentação bibliográfica e legislativa de apoio aos projetos legislativos. Em seguida, foi editor do *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados* e chefe da Seção de Publicações da mesma biblioteca.

Com autorização da Câmara, participou de diversas atividades. Em 1959, foi nomeado pela Diretoria de Ensino Superior do MEC para integrar uma comissão encarregada da modernização do ensino de Biblioteconomia. Ministrou cursos de documentação na Universidade Federal do Ceará e no Arquivo Público Estadual de Pernambuco.

Ainda como bibliotecário da Câmara, tomou parte na comissão encarregada pelo presidente da República Juscelino Kubitschek para organizar a biblioteca do Palácio da Alvorada, ainda em fase de construção. Faziam parte dessa comissão: Celso Cunha, então diretor-geral da Biblioteca Nacional, Antônio Houaiss e Francisco de Assis Barbosa. Por sua sugestão, a biblioteca foi formada das seguintes seções: obras de referência, obras-primas da literatura universal, obras-primas da literatura brasileira, brasileira e obras gerais em

evidência (*best-sellers*). Adquiridas as primeiras coleções, foi encarregado do tombamento e viajou duas vezes a Brasília para arrumar os livros no local da biblioteca do palácio.

Na Universidade de Brasília

Com a inauguração de Brasília em 1960 e a transferência da Câmara Federal, mudou-se, a contragosto, para a nova cidade. Definiu os seus primeiros anos como de poeira e solidão. Toda vez que sobrava algum dinheiro, pegava a ponte aérea e ia passar o fim de semana no Rio de Janeiro. Seus dias no Planalto eram ocupados por leituras durante as manhãs, enquanto esperava o ônibus da Câmara dos Deputados que passava no início das tardes para levar o pessoal ao trabalho.

A situação começou a mudar após a inauguração da Universidade de Brasília (UnB), em abril de 1962, quando recebeu três convites desafiadores de seu criador, Darcy Ribeiro, a quem já conhecia da Capes por intermédio de Anísio Teixeira.

Já nomeado para ministro da Educação do governo de João Goulart, e a reitoria sendo exercida pelo vice-reitor, frei Mateus Rocha, Darcy Ribeiro telefonou para Edson fazendo o primeiro convite. Era para lecionar Metodologia da Pesquisa aos alunos dos três cursos de mestrado que a universidade estava implantando nas áreas de Artes, Ciências Humanas e Letras. Aceito o convite, foi contratado como professor associado a partir de agosto de 1962.

O segundo convite foi para organizar a biblioteca da UnB. Um núcleo bibliográfico já existia em uma sala chamada “dos papiros”, no prédio da Faculdade de Educação, sob os cuidados da bibliotecária Doris de Carvalho Queiroz, irmã de Lydia de Queiroz Sambaquy. Para ajudar no trabalho de organização, conseguiu a requisição de Cordélia Robalinho Cavalcanti, que tinha implantado o Serviço Central de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco.

No *Projeto de normas para a organização e o funcionamento da Biblioteca Central da UnB*, apresentado em 1963, foi adotado o modelo de uma biblioteca única, evitando a duplicação de serviços e adotado o horário de funcionamento integral. Necessitando de um local adequado para a expansão da biblioteca, Edson Nery obteve todo o subsolo do andar térreo e parte da sobreloja do prédio

SG-12, muito disputado em uma época de pouca disponibilidade de edifícios. Aí funcionou, a biblioteca durante vários anos, até a construção do seu edifício próprio.

Grandes coleções foram compradas para formar o acervo: a que pertencera ao jurista Homero Pires continha uma preciosa ruiana, a do professor paulista Pedro de Almeida Moura, rica em estudos greco-romanos. Como as despesas com as aquisições estavam aumentando, perguntou a Darcy Ribeiro qual era o limite para a compra de livros. Recebeu como resposta que não havia limites e que ele estava desafiado a comprar todas as obras referenciadas na *Bibliografia brasileira*, de Rubens Borba de Moraes.

Em 1963, Edson Nery recebeu “com muita alegria” o convite para organizar o curso de Biblioteconomia. Em suas memórias, disse que gostava mesmo era de dedicar-se à formação de bibliotecários. Para assumir a nova tarefa, deixou a administração da Biblioteca Central e, por indicação sua, veio substituí-lo Abner Vicentini, que era diretor da biblioteca do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, no Estado de São Paulo.

O *Plano orientador da UnB* já previa uma faculdade de Biblioteconomia que deveria formar bibliotecários graduados em Ciências Exatas, Ciências Biológicas, Geociências, Ciências Sociais e Letras. A ideia é atribuída a Lydia de Queiroz Sambaquy, que teria colaborado com Darcy Ribeiro na elaboração do *Plano*. Dentro das propostas inovadoras da UnB voltadas para o ensino de pós-graduação, Edson Nery conseguiu implantar uma experiência pioneira na área: a pós-graduação *lato sensu* em Biblioteconomia. Iniciada em 1964, formou uma só turma. O curso era composto por módulos teóricos e a apresentação de um trabalho final. Teve entre seus alunos Zila Mamede, que dirigiu a biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Fernanda Leite Ribeiro e Gilda Maria Whitaker Verri.

Entre os primeiros professores convidados estavam, como já citado, Rubens Borba de Moraes, Cordélia e o padre salesiano Astério Campos, que se tornou grande especialista em classificação. Mais tarde, em 1968, juntou-se ao grupo, também a seu convite, Antonio Agenor Briquet de Lemos, que atuou como secretário acadêmico da Faculdade.

Foi iniciativa de Edson Nery a inserção no curso das disciplinas Introdução à Biblioteconomia e Bibliografia Brasileira, esta que tinha como objetivo o conhecimento de fontes de informação sobre o Brasil. Lecionou também durante vários anos Técnicas de Pesquisa Bibliográfica.

O curso manteve uma atividade de extensão que foi a da biblioteca ambulante. Por meio do INL, foi conseguido um ônibus-biblioteca que, sob a direção de professores do curso, circulava nas primeiras cidades satélites de Brasília, como Taguatinga, Gama e Sobradinho. Foi uma experiência fascinante e de sucesso, como considerou. Por dificuldades burocráticas, no entanto, o projeto não foi adiante.

Beneficiado com a lei que dava aos funcionários públicos que serviram às Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial o benefício de se aposentarem com 25 anos de serviço, requereu sua aposentadoria e, em 1965, tornou-se professor da UnB em regime de dedicação exclusiva.

O novo regulamento da UnB transformou a Fubica em Departamento de Biblioteconomia da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, que abrangia também os Departamentos de Administração, Comunicação e Direito. Edson Nery foi convidado pelo reitor Amadeu Cury para ser o primeiro diretor da nova Faculdade, de 1972 a 1978.

A aposentadoria veio em 1991, ao completar 70 anos. Em 1997, a UnB lhe outorgou o título de Professor Emérito. O evento contou com a presença de inúmeros ex-alunos, que cantaram em coro com ele a marchinha de carnaval eternizada por Dircinha Batista e que começa assim: *Hoje eu não quero sofrer, hoje eu não quero chorar.*

Em 1992, Edson publicou a obra *Introdução à Biblioteconomia*, com prefácio de Antonio Houaiss. Fruto de duas licenças sabáticas, nela pode ser encontrado de forma sistematizada o conteúdo das disciplinas que ministrou como docente.

O exame da trajetória e da vasta produção bibliográfica de Edson leva a destacar algumas de suas facetas que contribuíram para o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil: o formador da consciência, o pesquisador, o antenado e o divulgador.

Formador da Consciência Profissional

Antônio Houaiss, no prefácio que escreveu para o livro *Introdução à Biblioteconomia*, reconhece o autor como um “bibliósofo”. Como tal, Edson Nery escreve e pensa sobre a profissão e contribui para a formação da consciência profissional. Assim foi reconhecido por uma das suas primeiras ex-alunas, Cléa Dubeux Pinto Pimental (2001, p. 69), em um dos depoimentos

incluídos na coletânea *Interpretação de Edson Nery da Fonseca*: “Aprendemos com eles (Edson e Myriam Martins) que o bibliotecário possui importante responsabilidade, e será baseado na sua experiência, nos seus conhecimentos e no seu entusiástico interesse pelo seu trabalho, que ganhará o respeito e a confiança dos seus leitores”.

De fato, em vários momentos de sua carreira Edson conclamou os bibliotecários a tomar consciência do seu papel e exigiu comportamentos profissionais adequados. Publicou vários textos com esse objetivo, muitos incendiários, que contribuíram para reforçar sua característica polemista. Vejamos alguns.

Em 1966, inspirado em Shakespeare, publicou o manifesto *Ser ou não ser bibliotecário*. Nele, enumera declarações de princípios que alternam condutas positivas e negativas que devem pautar a atuação dos bibliotecários. Um dos princípios do manifesto diz: “Não ser bibliotecário para silenciar diante de uma Biblioteca Nacional que é uma vergonha nacional [...]”. A afirmativa atraiu a ira de Adonias Filho, diretor da Biblioteca Nacional, que iniciou uma campanha em defesa da biblioteca e exigiu a retratação e punição de Edson Nery. Chegou a abrir dois processos contra ele. Um no Ministério da Educação e outro no Serviço Nacional de Informações (SNI). Após uma entrevista de Edson com o general Golbery do Couto e Silva, o processo foi arquivado.

Porém, o fato teria continuação e faria Edson Nery passar por um episódio no mínimo pitoresco em sua vida. Adonias Filho anunciou em entrevista que seu substituto na direção da Biblioteca Nacional seria o advogado Plínio Doyle. Como naquele momento já havia sido promulgada a lei que tornava privativa a bacharéis em Biblioteconomia a direção de bibliotecas e centros de documentação, Edson resolveu protestar em matéria publicada no *Jornal do Brasil*, na qual defendia o cumprimento da lei. O caso teve ampla repercussão, com réplicas e trélicas estampadas nas folhas do jornal, e resultou na criação de uma CPI na Câmara dos Deputados para investigar as condições em que se encontrava a Biblioteca Nacional, com relatório publicado no *Diário do Congresso Nacional* de 8 de abril de 1967.

Outro escritor que havia dirigido a Biblioteca Nacional, Josué Montello, também se sentiu ofendido com as declarações de Edson Nery de que escritores, de modo geral, não haviam sido bons diretores da Biblioteca. Publicou veemente artigo no *Jornal do Brasil* em defesa da sua gestão, atacando grosseiramente a passagem pela Biblioteca Nacional de seu antecessor, Rubens Borba de Moraes. Edson não duvidou em responder por meio de outro artigo “muito forte”,

cuja publicação foi recusada pelo jornal. A alternativa para a divulgação foi o *Boletim da ABDF*, publicado em 1971. Uma cópia do fascículo – mimeografado na época – foi enviada a Montello. Algumas semanas depois, Edson recebia pelo correio um envelope anônimo que continha as páginas de seu artigo sujas de fezes, acompanhadas de outra folha anexa que trazia datilografadas maldosas quadrinhas.

Em 1968, o *Correio Braziliense* publicou o “Manifesto antibibliofílico” contra os lugares comuns para se referir a livros e bibliotecas como “o amigo silencioso que não falha”, o “hospital de almas”, “abrir bibliotecas é fechar prisões” e outras do gênero que são utilizadas até hoje. Parafrazeando Manuel Bandeira, diz: “Estou farto da bibliofilia lânguida e da biblioteconomia rotineira; da biblioteca repartição pública, com livros de ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor; da catalogação que para e vai averiguar no Código da Biblioteca Vaticana, se deve usar colchetes ou parênteses”.

E reage a uma situação comum na época: “Estou farto das mocinhas que, como escreveu Rubens Borba de Moraes, querem ser bibliotecárias enquanto não casam (acho que esta situação mudou) e das perigosíssimas pessoas que vão trabalhar em bibliotecas porque gostam de ler e querem à força estar no meio de livros”. E conclama: “Os bibliotecários que se levantem! As mocinhas que vão esperar pelo casamento em outros lugares! Limpem e iluminem as estantes! Soltem gatos para que todos os ratos da biblioteca sejam devorados”.

A pedido de sua irmã bibliotecária, Aída, já falecida, escreveu uma colaboração para os *Cadernos de Biblioteconomia*, publicados no Recife em 1973, intitulada “Receita de bibliotecário”, que inicia parafrazeando “Receita de mulher”, de Vinícius de Moraes: “os bibliotecários mais ignorantes que me perdoem, mas cultura é fundamental.”

Publicado no *Jornal do Commercio* do Recife, em 1976, o artigo “Catiripapas e catiripocas” insurge-se contra os comportamentos de muitos bibliotecários acomodados, que insistem em práticas como o uso de obsoletos livros de tomo e catalogação manual, e defende a informatização dos serviços. O texto, dessa vez, provocou reações no próprio meio bibliotecário, em cabeças onde caíram as carapuças. Por esses e outros textos, Edson foi acusado de violento, derrotista, pessimista e dono da verdade.

O seu zelo pela profissão fez com que também saísse em sua defesa pública. Foi com “grande mágoa” que leu n’*O Estado de S. Paulo* um artigo de Carlos Lacerda, sob o pseudônimo de Júlio Tavares, que questionava o nível universitário para uma profissão que se resumia “à simples arrumação,

catalogação e defesa dos livros, em suma, os rudimentos de uma profissão para principiantes ou pessoas sós, profissão pela qual se começa ou se acaba a vida, é, não somente estúpido, como cruel, confinar a um curso”.

A sua admiração por Lacerda, contudo, não o impediu em sair em defesa da classe. O *Correio Braziliense*, de 21 de março de 1970, publicou seu artigo “A Biblioteconomia incompreendida”, no qual refuta cada um dos pontos levantados por Lacerda e justifica o nível universitário da carreira. Considerou no mínimo ingratas as palavras do autor, porque entre os leitores da *Tribuna da Imprensa* estavam muitos bibliotecários que, como assinantes-protetores, o ajudaram, com votos, a eleger-se deputado federal e, depois, governador da Guanabara.

Anos mais tarde, com o parecer de Edson Nery, a biblioteca de Carlos Lacerda foi adquirida pela UnB e hoje integra o acervo da Biblioteca Central.

Pesquisador

A atividade como pesquisador é outra das contribuições de Edson Nery da Fonseca. Suas colaborações foram pioneiras em um campo que é pouco considerado pelos pesquisadores da área: a história das bibliotecas no Brasil.

Um texto clássico de sua autoria é o “Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil”, publicado na *Revista do Livro* em 1957, que constitui leitura obrigatória para se ter uma ideia de conjunto sobre o desenvolvimento dessas áreas no País. Nele reproduz e comenta um dos primeiros documentos da história das bibliotecas no Brasil, o *Plano para o estabelecimento de uma biblioteca publica na cidade de S. Salvador...*, de autoria de Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, publicado em 1811, documento que já tinha sido por ele referenciado na *Bibliografia brasileira de documentação*.

Outro documento importante para a história da Biblioteconomia brasileira por ele analisado foram as atribuições do bibliotecário estabelecidas pelo bispo de Olinda, dom Azeredo Coutinho, nos Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora da Graça da cidade de Olinda, em 1798. À falta de conhecimento de fonte mais antiga, trata-se do primeiro documento a referir-se à profissão de bibliotecário no Brasil.

Em 1959, publicou *Bibliotecas e bibliotecários da província*, no qual fornece informações históricas sobre três bibliotecas pernambucanas: a da

Faculdade de Direito, a Pública e a do Gabinete Português de Leitura, e traça o perfil de três precursores da biblioteconomia no Estado.

Em *Ramiz Galvão, bibliotecário e bibliógrafo*, de 1963, oferece um ensaio biográfico sobre o diretor da Biblioteca Nacional no período de 1870 a 1882. Nele analisa as contribuições deixadas pelo barão Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que deu início à publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional* e realizou a famosa Exposição de História do Brasil, cujo *Catálogo* é até hoje importante obra de referência, tendo sido reeditado pela editora da UnB.

Em 1979, publicou *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*, que resume seus trabalhos de pesquisas. A obra recebeu o Prêmio MEC de Biblioteconomia e Documentação de 1978.

Infelizmente, essa linha de estudos aberta por Edson teve poucos seguidores. Os estudos de cunho histórico na área são poucos e pontuais, não havendo linha de pesquisa estruturada em nossos centros acadêmicos.

Antenado

Um exame da produção bibliográfica de Edson Nery da Fonseca leva a constatar o quanto ele esteve atento às inovações da área e se preocupou em introduzir as novas ideias no Brasil. Foi um dos primeiros a divulgar os modernos conceitos de documentação e a obra de Paul Otlet e Henry La Fontaine. Com interesse, acompanhou a visita ao Brasil do especialista Herbert Coblans, consultor da Unesco junto ao governo brasileiro para assessorar o projeto-piloto relativo à criação de um centro bibliográfico nacional. O centro veio a ser o IBBD, fundado em 1954, e atual IBICT. Embora não tenha participado diretamente da criação do Instituto, a passagem de Coblans no Brasil, segundo Edson, foi altamente estimulante. O curso que ele deu na Biblioteca Nacional foi o primeiro sobre Documentação promovido no Brasil, com abordagem de problemas da informação científica. Apoiou com entusiasmo a tradução e publicação em língua portuguesa do seu livro *Introdução ao estudo da documentação*, do qual fez uma resenha no *Jornal do Brasil*.

Representou um dos entusiastas da introdução da Classificação Decimal Universal (CDU), em substituição à Classificação Decimal de Dewey, que considerava obsoleta.

Em 1973, a Editora Thesaurus publicou, sob o título *Problemas de comunicação da informação científica*, uma coletânea reunindo trabalhos

elaborados em diferentes períodos, que abordaram temas de vanguarda para a época, como explosão bibliográfica, informação científica, bibliometria e comunicação de massa. Citava com propriedade autores ainda pouco conhecidos em nosso meio, como D. J. Foskett, Michel Foucault, Allen Kent, Marshall McLuhan, Abraham Moles, Jesse Shera, entre outros. Muitos dos bibliotecários da época tiveram conhecimento desses autores por meio das citações de Edson.

Suzana Pinheiro Machado Mueller (2001), no capítulo que escreveu para o livro *Interpretação de Edson Nery*, faz um estudo das fontes da produção intelectual de Edson, no qual destaca as influências por ele recebidas.

Edson Nery não deixou de tratar da automação, quando tal matéria iniciava sua introdução nas práticas bibliotecárias. Elaborou uma lúcida reflexão sobre o tema, intitulada *Fundamentos transdisciplinares da automação*, como conferência de abertura do 2ª Seminário sobre Automação de Bibliotecas e Centros de Documentação, promovido pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), em 1986.

Divulgador

Edson dedicou-se desde cedo ao jornalismo literário, e logo foi reconhecido pelos seus conterrâneos. Com apenas 20 anos, foi notado por Álvaro Lins – que entrou na Academia Brasileira de Letras em 1955 – como possuidor de “uma verdadeira vocação”, considerando que seu primeiro artigo “apresenta uma segurança e uma lucidez muito acima da sua idade”.

“Um novo escritor provinciano”, reconheceu o jornalista Aníbal Fernandes em artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1946: “Ele tem todos os dons do bom estilo, escreve com a precisão e a concisão dos mestres”. Ainda no mesmo ano, também foi notado pelo escritor Mário Sette, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, por um dos seus trabalhos na imprensa que lhe chamou a atenção pelo “estilo e pensamento”.

Suas primeiras publicações em jornais do Recife datam de 1942. Colaborou no *Jornal do Commercio*, no *Diário de Pernambuco* e no *Jornal Pequeno*, exercendo a crítica literária.

“O meu primeiro interesse foi por literatura. Queria seguir o exemplo do meu professor Álvaro Lins, para ser crítico literário. Essa era a minha paixão, essa era a minha ambição”. A coroação dessa atividade deu-se em 1950, quando obteve o 1º lugar no Concurso de Crítica Literária do *Jornal de Letras*, do Rio de

Janeiro, com o melhor ensaio sobre o poeta João Cabral de Melo Neto, intitulado “Um poeta puro”.

A colaboração de Edson Nery em órgãos da imprensa brasileira foi uma constante, desde então. No Rio de Janeiro, escreveu para o *Correio da Manhã*, a *Tribuna da Imprensa*, o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias*. Em Pernambuco, para o *Jornal do Comércio*, o *Diário de Pernambuco* e aqui, em Brasília, para o *Correio Braziliense*.

Soube aproveitar sua presença na mídia para divulgar temas relacionados à biblioteca, à Biblioteconomia e à documentação junto ao grande público. Sua maior colaboração deu-se no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, onde foi responsável pela seção de documentação durante quase um ano, em 1957. Até hoje a área não voltou a ter um espaço semelhante na imprensa brasileira.

Conclusão

Que mais dizer sobre Edson Nery da Fonseca? O místico, o oblato de São Bento, o humanista. O declamador competente, o memorialista, o conhecedor da obra de Manuel Bandeira e Gilberto Freyre, que roubou a cena em duas edições da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) nas quais foram homenageados esses autores. O ator descoberto por Nelson Pereira dos Santos, que o dirigiu no seriado “Casa Grande & Senzala”, em 2001/2002. Enfim, tantas outras facetas poderiam ser descritas sobre o bibliotecário que extrapolou seu universo profissional.

LUIZ ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA é mestre em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) e doutor em Ciência da Informação pela Universidad Complutense de Madrid. Atua principalmente nos seguintes temas: História da informação, Unesco, Informação científica, Documentação, América Latina.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1989302997844083>.



Professor Edson Nery da Fonseca recebendo placa de homenagem na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia da UnB (1995).



Edson Nery e Luiz Antônio
(Brasília, 2012).

Referências

BANDEIRA, Suelena Pinto; SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. *Entrevista*. [S.l.: s.n.], 2007. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Suelena Pinto Bandeira e Luiz Antonio Gonçalves da Silva].

BORGES, Maria Alice Guimarães. [*Entrevista*]. [S.l.: s.n., 2011]. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Maria Alice Guimarães Borges].

CUNHA, Murilo Bastos da. [*Entrevista*]. [S.l.: s.n., 2011]. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Murilo Bastos da Cunha].

CÔRTE, Adelaide Ramos e. [*Entrevista*]. [S.l.: s.n., 2010?]. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Adelaide Ramos e Côrte].

FONSECA, Edson Nery da. *Vão-se os dias e eu fico*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. [*Entrevista*]. [S.l.: s.n., 2011]. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Antonio Agenor Briquet de Lemos].

MIRANDA, Antonio. [*Entrevista*]. [S.l.: s.n., 2011]. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Antonio Miranda].

MOTTA, Antônio; VERRI, Gilda Maria Whitaker (Org.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca: textos reunidos*. Recife: Bagaço, 2001.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Fontes da produção intelectual em Biblioteconomia e Documentação. In: MOTTA, Antônio; VERRI, Gilda Maria Whitaker (Org.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca: textos reunidos*. Recife: Bagaço, 2001. p. 116-150.

PIMENTEL, Cléa Dubeux Pinto. O mestre. In: MOTTA, Antônio; VERRI, Gilda Maria Whitaker (Org.). *Interpretação de Edson Nery da Fonseca: textos reunidos*. Recife: Bagaço, 2001.

PIRES, Carol. O memorialista: as amizades e os livros de Edson Nery da Fonseca. *Piauí*, [s.l.], n. 72, p. 72-76, set. 2012. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-72/figuras-das-letras/o-memorialista>>. Acesso em: 21 abr. 2013.

Agradecimentos a Carlos Ramos, da Fundação Joaquim Nabuco no Recife, pelo fornecimento de cópias de artigos de Edson Nery da Fonseca que se encontram depositados no arquivo da Fundação.

Anexo 1

Bibliográfica seletiva de Edson Nery da Fonseca sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação

(ordem cronológica)¹

FONSECA, Edson Nery da. Serviço de Intercâmbio de Catalogação. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 10 out. 1948. Suplemento Literário.

FONSECA, Edson Nery da. Uma pedra no meio dos catalogadores. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 17 out. 1948. Suplemento Literário.

FONSECA, Edson Nery da. Uma biblioteca moderna para o Recife. *Jornal Pequeno*, Recife, 11 jan. 1949. p. 6. [Sobre a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife].

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia. *Estudantes*, Recife, n. 5, p. 69-75, jul. 1949. [Notícias sobre vários livros e periódicos].

FONSECA, Edson Nery da. Uma biblioteca humanista. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1 e 6, 19 jun. 1949. Suplemento Literário. [Sobre a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife].

FONSECA, Edson Nery da. A propósito do Curso de Biblioteconomia da Universidade do Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 12 jan. 1950.

FONSECA, Edson Nery da. Ainda a propósito do Curso de Biblioteconomia. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 2 e 4, 15 jan. 1950.

FONSECA, Edson Nery da. O bibliotecário se diverte. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 3 e 4, 14 mar. 1950.

¹ As referências dos anexos foram retiradas de (com acréscimos e adaptações): CAVALCANTI, Cordélia Robalinho; GASPAR, Lúcia. *Bibliografia (1942-2001)*. In: MOTTA, Antônio; VERRI, Gilda M. Whitaker. *Interpretação de Edson Nery da Fonseca: textos reunidos*. Recife: Bagaço, 2001. 444p. ISBN 85-7409-334-3.

FONSECA, Edson Nery da. Normas para catalogação de impressos. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 22 mar. 1950.

FONSECA, Edson Nery da. A propósito de bibliotecas municipais. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4 e 5, 10 jun. 1950.

FONSECA, Edson Nery da. A propósito das bibliotecas do interior. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, 24 dez. 1950. Suplemento Literário.

FONSECA, Edson Nery da. Garanhuns sem água, sem luz e sem biblioteca. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 9, 14 mar. 1951.

- FONSECA, Edson Nery da. Ainda sobre bibliotecas do interior. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 2, 1 abr. 1951.
- FONSECA, Edson Nery da. História de uma biblioteca. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 2 e 6, 19 ago. 1951. Suplemento Literário. [Sobre a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife].
- FONSECA, Edson Nery da. História de uma biblioteca. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1, 26 ago. 1951. Suplemento Literário. [Sobre a Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife].
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito de bibliotecas populares. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 2., 28 ago. 1951.
- FONSECA, Edson Nery da. Problemas da Biblioteca Pública. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 28 out. 1951. Suplemento Literário.
- FONSECA, Edson Nery da. Ainda sobre a Biblioteca Pública. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 4 nov. 1951. Suplemento Literário.
- FONSECA, Edson Nery da. Um amigo dos livros. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1, 6 abr. 1952. Suplemento Literário. [Sobre Oliveira Lima e sua biblioteca].
- FONSECA, Edson Nery da. Bibliotecários paraibanos. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 18 jan. 1953. Suplemento Literário.
- FONSECA, Edson Nery da. Sugestões a respeito das bibliotecas de colégios. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 4, 14 abr. 1953.
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito de uma Biblioteca Pública em Olinda. *Diario de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 16 ago. 1953. Suplemento Literário.
- FONSECA, Edson Nery da. Curso de Biblioteconomia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1954. [Sobre e Curso da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro].
- FONSECA, Edson Nery da. “Panorama da bibliografia brasileira”: um plágio. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 5, 22 jun. 1954. Suplemento Letras e Artes.
- FONSECA, Edson Nery da. Uma questão de nomenclatura. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 19-20, jan./fev. 1955. [Sobre a denominação da técnica biblioteconômica].
- FONSECA, Edson Nery da. Concurso para bibliotecário especializado. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 177-181, jul./ago. 1955.

FONSECA, Edson Nery da. Importância da bibliografia e da biblioteca para os estudos históricos. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956. 15p. [Separata de: *Revista do Arquivo Público*, Recife, n. 9/10, 1953].

FONSECA, Edson Nery da. Normalização da documentação. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 15-23, jan./abr. 1956.

FONSECA, Edson Nery da. Técnica bibliográfica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1956. [Reproduzido em: *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 19 fev. 1956. Suplemento Literário].

FONSECA, Edson Nery da. Ainda sobre técnica bibliográfica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 9 e 12, 10 mar. 1956. [Reproduzido em: *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-2, 18 mar. 1956. Suplemento Literário].

FONSECA, Edson Nery da. Curso para bibliotecários auxiliares. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Informação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Informação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15, 22 e 29 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Informação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6, 13, 20 e 27 out. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Informação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 e 17 nov. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia de bibliografias. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2/6, mar./dez. 1955. [Bibliografia publicada até v. 3, n. 1/4, jan./ago. 1957].

FONSECA, Edson Nery da. Resenha de livros e periódicos. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5/6, set./dez. 1955. [Seção mantida até v. 3, n. 1/4, jan./ago. 1957].

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 95-124, mar. 1957.

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia de história do Brasil, 1930-1955. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 89-133, jan./jun. 1957.

FONSECA, Edson Nery da. Jesse H. Shera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Documentalistas em ação. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 31 ago. 1957. Suplemento Tribuna dos Livros. [Reproduzido em: *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, 8 set. 1957. Suplemento Literário].

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia de Jesse H. Shera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Concurso para bibliotecários e estudantes de biblioteconomia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Entrevista com Jesse Shera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. La bibliographie. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, 1 set. 1957. Suplemento dominical. [Obra de Louise-Noëlle Malclès, sobre a história da bibliografia].

FONSECA, Edson Nery da. Grandes documentalistas, I: James W. Perry. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Aqui-del-Rei pela publicação de um livro perdido no DASP. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação. [Sobre a publicação do livro “Introdução ao estudo da documentação”, de Herbert Coblans].

FONSECA, Edson Nery da. A Biblioteconomia no Brasil: um ano de atividades. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Que obras de biblioteconomia e documentação devem ser traduzidas para o português? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Que obras de biblioteconomia e documentação devem ser traduzidas para o português? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6, 13, 20 e 27 out. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Que obras de biblioteconomia e documentação devem ser traduzidas para o português? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 e 17 nov. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Problemática da Bibliografia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 set. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Problemática da Documentação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 out. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação.

FONSECA, Edson Nery da. Vocação de bibliotecária. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 out. 1957. Suplemento dominical, seção Documentação. [Sobre a Biblioteca Santo Agostinho do Instituto Santa Úrsula, no Rio de Janeiro e a bibliotecária Helena Maranhão].

FONSECA, Edson Nery da. Bibliotecas especializadas e catálogos coletivos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 3, 26 out. 1957. Suplemento Tribuna dos Livros.

FONSECA, Edson Nery da. Documentação: conceitos amplo e restrito, documentação e biblioteconomia, documentação e bibliografia. In: [TEMAS de documentação]. [S.l.: s.n., 1958?]. p. 1-5. Documento completo possui paginação irregular. Mimeografado.

FONSECA, Edson Nery da. Documentação: origem, histórico, objetivos. In: [TEMAS de documentação]. [S.l.: s.n., 1958?]. p. 1-[3]. Documento completo possui paginação irregular. Mimeografado.

FONSECA, Edson Nery da. Elementos essenciais da documentação: biblioteca, arquivo, filmoteca, discoteca, mapoteca. In: [TEMAS de documentação]. [S.l.: s.n., 1958?]. p. 1-5. Documento completo possui paginação irregular. Mimeografado.

FONSECA, Edson Nery da. Uma introdução ao estudo da documentação. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 4-5, 12 abr. 1958. Suplemento Tribuna dos Livros.

FONSECA, Edson Nery da. Documentation and information retrieval. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 8, 20 abr. 1958. Suplemento dominical. [Sobre a obra de J. W. Perry e Allen Kent, com o mesmo título].

FONSECA, Edson Nery da. Incunábulo da Biblioteca Nacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 4-5, 24 maio 1958. Suplemento Tribuna dos Livros.

FONSECA, Edson Nery da. Fontes de informação. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 jun. 1958. Suplemento Tribuna dos Livros.

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia, biblioteconomia e documentação. *A Biblioteca*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 6-11, jul./dez. 1958.

FONSECA, Edson Nery da. El desarrollo de la biblioteconomía y de la bibliografía en el Brasil. *Universidad*, Santa Fé, Argentina, v. 38, p. 337-344, jul./dic. 1958.

FONSECA, Edson Nery da. Alguns equívocos em torno da Classificação Decimal Universal. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, v. 83, n. 3, p. 321-328, jun. 1959.

FONSECA, Edson Nery da. Índice bibliográfico das constituições. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 389-407, jul./dez. 1959.

FONSECA, Edson Nery da. Documentação, uma atividade nova no setor empresarial. *Diário de Pernambuco*, Recife, 29 nov. 1959. p. 3.

RAEDERS, Georges. *Bibliographie franco-brésilienne (1551-1957)*. Avec la collaboration de Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 260 p. (Coleção B1. Bibliografia, 11).

FONSECA, Edson Nery da. A Classificação Decimal Universal no Brasil. In: BRADFORD, S. C. *Documentação*. Introd. do prof. Jesse H. Shera. Trad. de M. E. de Mello e Cunha. Apêndice para a edição brasileira por Edison Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p. (Biblioteca Fundo Universal de Cultura. Estante de documentação). p. 269-278.

FONSECA, Edson Nery da. Panorama da bibliografia brasileira corrente. *Handbook of Latin-American Studies*, Gainesville, Flórida, v. 23, p. 401-406, 1961.

FONSECA, Edson Nery da. Utilizadores da CDU no Brasil. In: BRADFORD, S. C. *Documentação*. Introd. do prof. Jesse H. Shera. Trad. de M. E. de Mello e Cunha. Apêndice para a edição brasileira por Edison Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292 p. (Biblioteca Fundo Universal de Cultura. Estante de documentação). p. 279-283.

FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca da Câmara dos Deputados: geral ou especializada? *Correio Braziliense*, Brasília, 20 maio 1961. 1 caderno, p. 4. [Reproduzido em: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 maio 1961, 2. Caderno, p. 4. Reproduzido em: *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 6 jun. 1961. Reproduzido em: *Boletim da Federação Brasileira das Associações de Bibliotecários*, São Paulo, v. 3, n. 5/6, p. 82-84, maio/jun. 1961].

FONSECA, Edson Nery da. The Universal Decimal Classification in Brazil. *Revue de la Documentation*, La Haya, Holanda, v. 28, n. 2, p. 67-69, maio 1961.

FONSECA, Edson Nery da. Uma biblioteca do Congresso em Brasília. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 10 jun. 1961. [Reproduzido em: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1 e 5, 23 jul. 1961. Suplemento Letras e Artes. Sobre as razões para a unificação das Bibliotecas da Câmara e do Senado numa Biblioteca do Congresso].

- FONSECA, Edson Nery da. Libraries in Brazil. *Library Journal*, New York, v. 86, n. 20, p. 3890-3895, Nov. 15 1961.
- FONSECA, Edson Nery da. Brasília precisa de bibliotecas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 10 dez. 1961. Suplemento Letras e Artes.
- FONSECA, Edson Nery da. Bibliotecas populares, sim: Biblioteca Nacional, não. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 jul. 1962. [Reproduzido em: *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 20 jul. 1962].
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito do Serviço Nacional de Bibliotecas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 8 ago. 1962. [Publicado sob o título “Com o Congresso Nacional”].
- FONSECA, Edson Nery da. Importância da biblioteca nos programas de alfabetização e educação de base. *Revista do Serviço Público*, Rio de Janeiro, v. 94, n. 3, p. 99-108, jul./set. 1962.
- FONSECA, Edson Nery da. *Projeto de normas para a organização e funcionamento da Biblioteca Central da UnB*. Brasília: [s.n.], 1963. 17 f. Mimeografado.
- FONSECA, Edson Nery da. *Ramiz Galvão, bibliotecário e bibliógrafo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963. 47 p.
- FONSECA, Edson Nery da. *Universidade e informação científica*. Belo Horizonte: Curso de Biblioteconomia da UMG, 1965. 14 p.
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito da Semana Nacional da Biblioteca. *Correio Braziliense*, Brasília, 6 jun. 1965. 3. caderno, p. 2.
- FONSECA, Edson Nery da. Ainda a propósito da Semana Nacional da Biblioteca. *Correio Braziliense*, Brasília, 27 jun. 1965. 3. caderno, p. 3.
- FONSECA, Edson Nery da. Repertório das publicações periódicas portuguesas. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 14, n. 3, p. 525-526, set./dez. 1965.
- FONSECA, Edson Nery da. Research Project for the evaluation of the UDC as the indexing language for a mechanized reference system: progress report. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 185-187, maio/ago. 1966.
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito de “Ser ou não ser bibliotecário”: 1, o caso da Biblioteca Nacional. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 ago. 1966. Caderno 4, p. 4.
- FONSECA, Edson Nery da. A propósito de “Ser ou não ser bibliotecário”: 2, classificação decimal, código da Vaticana e outras coisas obsoletas. *Jornal do Commercio*, Recife, 11 set. 1966. Caderno 4, p. 3.

- FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia sobre a Universidade de Brasília. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 15, n. 3, p. 517-593, set./dez. 1966.
- FONSECA, Edson Nery da. National directory of Latin Americanists: bibliographies of 1884 specialists in the social sciences & humanities. *Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados*, Brasília, v. 15, n. 3, p. 398-401, set./dez. 1966.
- FONSECA, Edson Nery da. Índice da Coleção Brasileira. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 38, p. 123-166, 3º trimestre, 1969.
- FONSECA, Edson Nery da. Precursores da bibliografia brasileira. *Estudos Universitários*, Recife, v. 9, n. 4, p. 69-87, out./dez. 1969.
- FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia brasileira corrente: evolução e estado atual do problema. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 9-14, 1972.
- FONSECA, Edson Nery da. *Martírio e restauração de uma universidade*: depoimento pessoal publicado no décimo aniversário de instalação da Universidade de Brasília. São Paulo: [s.n.], 1972. 42 p.
- FONSECA, Edson Nery da. *A importância da documentação em face da explosão bibliográfica*. Rio de Janeiro: Estado-Maior das Forças Armadas, 1973. 18 f.
- FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca Central da Universidade de Brasília: história com um pouco de doutrina e outro tanto de memória. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 1973.
- FONSECA, Edson Nery da. Receita de bibliotecário. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, n. 1, p. 3-10, jul. 1973.
- FONSECA, Edson Nery da. Ler ou não ler todos os livros. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 1974.
- FONSECA, Edson Nery da. Origem, evolução e estado atual dos serviços de documentação no Brasil. *Revista do Arquivo Público*, Recife, ano 11, n. 13, p. 7-13, dez. 1974. [Conferência no Arquivo Público Estadual de Pernambuco, em 29 de outubro de 1973, em comemoração ao Dia Nacional do Livro].
- FONSECA, Edson Nery da. *Conservação de bibliotecas e arquivos em regiões tropicais*. Apresentação de Gilberto Freyre. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1975. 46 p.
- FONSECA, Edson Nery da. Seleção, sim; coleções, não! *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 17-22, jan./jun. 1975.
- FONSECA, Edson Nery da. Um desafio à Biblioteconomia brasileira. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 1-2, jan./jun. 1975.

FONSECA, Edson Nery da. As bibliotecas brasileiras em face da explosão científica e tecnológica. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2/3, p. 78-87, jul./dez. 1975.

FONSECA, Edson Nery da. O que é e o que não é pesquisa bibliográfica. *Revista do Arquivo Público*, Recife, v. 29, n. 31, p. 3-10, dez. 1975.

FONSECA, Edson Nery da. A biblioteca e o bibliotecário segundo Azeredo Coutinho. *Arquivos*, Recife, nova série, n. 1, p. 107-113, dez. 1976.

FONSECA, Edson Nery da. Apogeu e declínio das classificações bibliográficas. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. v. 1, p. 115-123.

FONSECA, Edson Nery da. Biblioteconomia brasileira: avaliação e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. *Anais*. Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v. 3, p. 906-913.

FONSECA, Edson Nery da. A bibliografia como ciência: da crítica textual à bibliometria. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 12, n. 1/2, p. 29-38, jan./jun. 1979.

FONSECA, Edson Nery da. Por uma só biblioteca em cada universidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981. *Anais*. Brasília: SESu/Ministério da Educação, 1981. p. 369-377.

FONSECA, Edson Nery da. Tudo o que no mundo existe começa e acaba em livro. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 5-11, 1981.

FONSECA, Edson Nery da. Os mitos de Brasília: nota prévia sobre o sonho de São João Bosco. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 53, p. 211-221, jul. 1981.

FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca e educação permanente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 2, p. 53-60.

FONSECA, Edson Nery da. *A biblioteca escolar e a crise da educação*. São Paulo: Pioneira, 1983. 19 p. [Conferência pronunciada na sessão solene de abertura do Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, realizado em Brasília, de 5 a 8 de outubro de 1982].

FONSECA, Edson Nery da. Bibliografias brasileiras gerais. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 12, n. 1, p. 151-166, jan./jun. 1984. [Bibliografia comentada].

FONSECA, Edson Nery da (Org.). *Bibliometria: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix; Ed. da USP, 1986. 141 p.

FONSECA, Edson Nery da. Catálogo dos Anais do Seminário de Tropicologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., 1986, Recife. *Ciência para os trópicos: documentação básica*. Recife: Massangana/FJN, 1986. p. 9-13.

FONSECA, Edson Nery da. Museologia e interdisciplinaridade. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 14, n. 1, p. 19-25, jan./jun. 1986. [Conferência proferida no Congresso Nacional de Museologia, Recife, 1982].

FONSECA, Edson Nery da. Ciência da informação e prática bibliotecária. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 125-127, jul./dez. 1987.

FONSECA, Edson Nery da. Contribuição portuguesa à bibliografia brasileira. In: OS PORTUGUESES E O MUNDO: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, 1985, Porto. *Língua portuguesa*. [S.l.]: Fundação Eng. Antonio Almeida, 1988. v. 3, p. 29-31.

FONSECA, Edson Nery da. I miti di Brasilia: nota prèvia sul sogno de San Giovanni Bosco del 30 agosto 1883. In: DON Bosco e Brasília: profezia, realtà sociale e diritto, a cura del Cosimo Semearo. Padova: CEDAM, 1988. p. 139-145.

FONSECA, Edson Nery da. *Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina*. Prefácio de Suzana Sperry. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1988. 260 p.

FONSECA, Edson Nery da. Idéias para um centro cultural. *Brasília*, Brasília, ano 1, n. 82, p. 44-47, abr./jun. 1988.

FONSECA, Edson Nery da. No tempo da madureza. *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 fev. 1989. [Discurso de agradecimento ao receber a Medalha da Biblioteca Nacional].

FONSECA, Edson Nery da. Saudade do futuro/saudades de ser. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 ago. 1989. Panorama literário.

FONSECA, Edson Nery da. *Três conceitos de tempo na poética bandeiriana*. Recife: Fundarpe, 1989. 50 p. (Oficina Espaço Passárgada, 3). [Conferência em comemoração ao vigésimo aniversário da morte de Manuel Bandeira, na casa do avô do poeta, na Rua da União, Recife].

FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca não é academia. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 11, 11 dez. 1990.

FONSECA, Edson Nery da. Avanços e retrocessos na universidade. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 mar. 1991. Caderno Viver, p. 6. [Sobre bibliotecas universitárias].

- FONSECA, Edson Nery da. Reflexões sem método em torno da metodologia. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 abr. 1991. Caderno B, p. 6.
- FONSECA, Edson Nery da. Literatura biblioteconômica. *Jornal do Commercio*, Recife, 29 mar. 1992. Opiniões, p. 6.
- FONSECA, Edson Nery da. Bibliotecas, uni-vos. *Fogo Serrado*, Brasília, p. 5, out. 1992. Edição especial.
- FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. Prefácio de Antônio Houaiss. São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p. (Manuais de estudos).
- FONSECA, Edson Nery da. Uma amiga dos livros. *Jornal do Commercio*, Recife, 31 out. 1992. Opiniões, p. 7. [Sobre Zila Mamede].
- FONSECA, Edson Nery da. *Acertos e desacertos da Biblioteconomia no Brasil*. Recife: Edições Flamboyant, 1993. 21 p. [Conferência proferida na Fundação Joaquim Nabuco, em comemoração ao Dia do Bibliotecário, em 12 de março de 1993].
- FONSECA, Edson Nery da. Bibliografia brasileira mudou-se para Mossoró. *Jornal do Commercio*, Recife, 13 jun. 1993. Opiniões, p. 11.
- FONSECA, Edson Nery da. Morte ao livro? *Jornal do Commercio*, Recife, 1 ago. 1993.
- FONSECA, Edson Nery da. Biblioteca Nacional e salas de leitura. *Jornal do Commercio*, Recife, 22 ago. 1993.
- FONSECA, Edson Nery da. Enciclopédias brasileiras. *Jornal do Commercio*, Recife, 8 mar. 1994.
- FONSECA, Edson Nery da. Serendipidade... *Jornal do Commercio*, Recife, 5 e 12 mar. 1995. [Sobre a tradução da palavra *serendipity*].
- FONSECA, Edson Nery da. A Ciência da Informação. *Jornal do Commercio*, Recife, 23 jul. 1995.
- FONSECA, Edson Nery da. Brasília revisitada. *Jornal do Commercio*, Recife, 29 out. 1995.
- FONSECA, Edson Nery da. Catiripapas e catiripocas. *Jornal do Commercio*, Recife, 7 jan. 1996. [Contra o uso dos obsoletos livros de tombo, da catalogação manual e pela informatização de tais serviços].
- FONSECA, Edson Nery da. Vaticana na Unicap. *Jornal do Commercio*, Recife, 12 maio 1996. [Sobre a base de dados que coloca o acervo da

Biblioteca Apostólica Vaticana à disposição dos consulentes da Biblioteca da Universidade Católica de Pernambuco].

FONSECA, Edson Nery da. A Alexandria do espaço. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 jul. 1996. [Sobre o livro de Cordélia Robalinho Cavalcanti, *Da Alexandria do Egito à Alexandria do espaço*].

FONSECA, Edson Nery da. Darcy Ribeiro e a UnB. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 fev. 1997.

FONSECA, Edson Nery da. A biblioteca e o computador. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 abr. 1997.

FONSECA, Edson Nery da. Assunto ou tamanho. *Jornal do Commercio*, Recife, 14 abr. 1999. [Sobre entrevista do diretor da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, informando que os livros voltaram a ser ordenados nas estantes por tamanho e não pelas matérias].

JARDIM, Rinaldo. Edson Nery da Fonseca: a paixão incontrolável pelo livro: entrevista com a mais respeitável autoridade brasileira em Biblioteconomia. *Entre Amigos*: Informativo da Sociedade dos Amigos da Biblioteca Demonstrativa de Brasília, Brasília, p. 1, maio 1999. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Rinaldo Jardim].

FONSECA, Edson Nery da. *Alumbramentos e perplexidades*: vivências banderianas. 2. ed. São Paulo: Arx, 2002. 175 p.

FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de A a Z*: referências essenciais à sua vida e obra. Rio de Janeiro: Z. Mario: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. 186 p.

FONSECA, Edson Nery da. *O Recife revisitado*. Natal: EDUFRN, 2002. 181 p.

FONSECA, Edson Nery da. *Sub specie aeternitatis*: vida monástica no Brasil e no mundo. São Paulo: Arx, 2003. 183 p.

FONSECA, Edson Nery da. *Em torno de Gilberto Freyre*: ensaios e conferências. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007. 376 p.

FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. Prefácio de Antônio Houaiss. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007. 152 p.

FONSECA, Edson Nery da. *Vão-se os dias e eu fico*: memórias e evocações. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 223 p.

BARROSO, Ivo. A vida e os livros: Edson Nery da Fonseca relembra em autobiografia seus encontros intelectuais [entrevista]. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 jan. 2010. 1 recorte de jornal. Caderno Prosa & Verso, p.6. [Entrevista com Edson Nery da Fonseca feita por Ivo Barroso].

FONSECA, Edson Nery da. *Estão todos dormindo*. Recife: Cepe, 2010. 175 p.

FONSECA, Edson Nery da. *O grande sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Cassará, 2011. 723 p.

Anexo 2

Trabalhos de editoração

(ordem cronológica)

IBBD BOLETIM INFORMATIVO. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 2, n. 3/6, maio/jun. 1956. [Editor até o v. 3, n. 1/4, maio/ago. 1957].

FONSECA, Edson Nery da. Documentação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1957. [Pela primeira vez, no Brasil, um jornal abrigou na sua edição dominical, seção especializada em Documentação. Editor dos fascículos de: 1, 15, 22 e 29 set. 1957; 6, 13, 20 e 27 out. 1957; 3 e 17 nov. 1957].

BOLETIM DA BIBLIOTECA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Brasília: Câmara dos Deputados, v. 11, n. 1, jan./jun. 1962. [Editor até o v. 15, n. 4, set./dez. 1966].

CIÊNCIA & TRÓPICO. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, v. 8, n. 1, jul./dez. 1980. [Editor até o v. 14, n. 2, jul./dez. 1986].

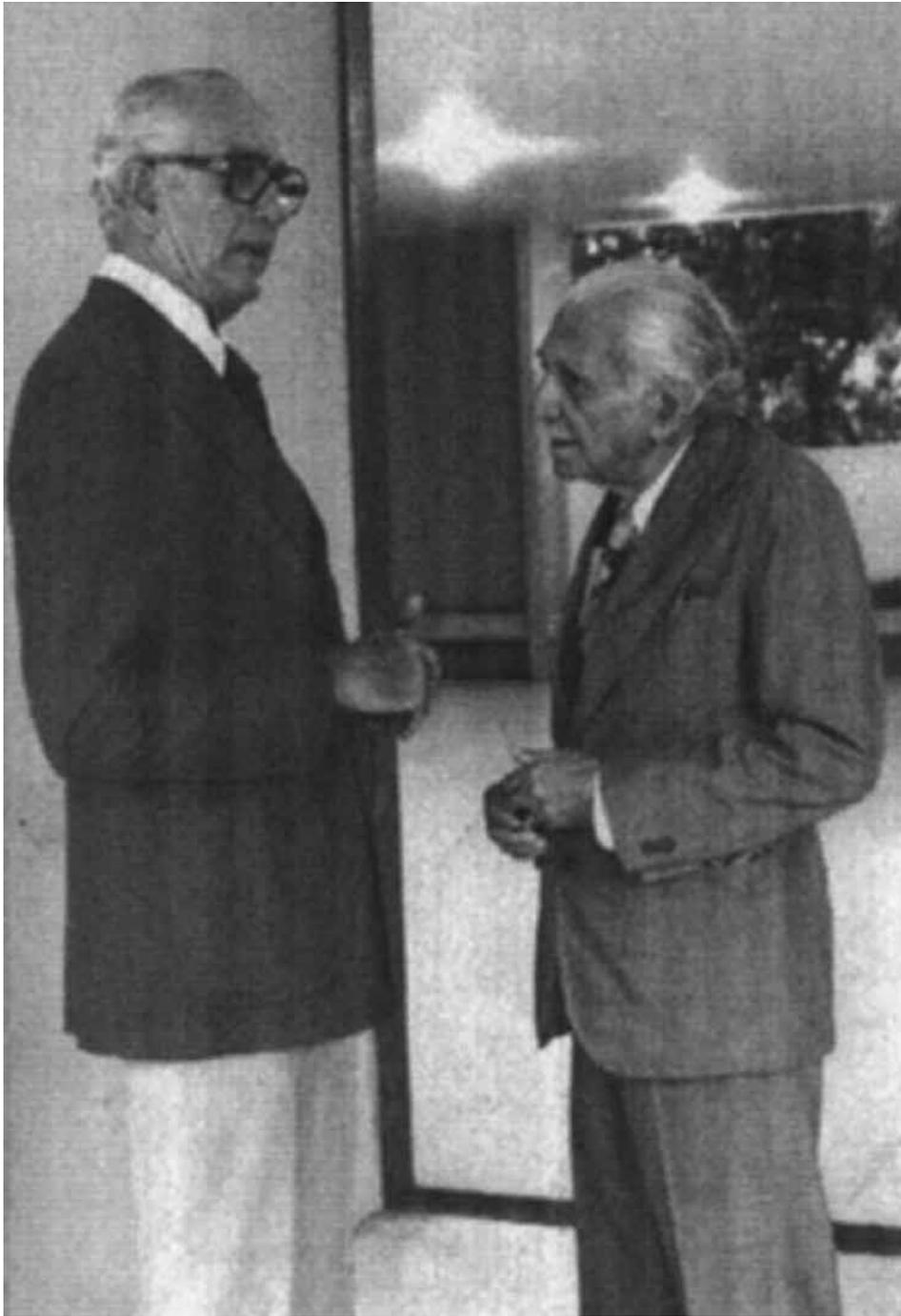
Anexo 3

Filmografia

EDSON Nery da Fonseca. Produção: Vanessa Menescal. Narração de Edson Nery da Fonseca. Recife: Massangana Multimídia Produções, 2001. 50 min. (Nomes que fazem a diferença).

Para uma bibliografia mais completa, conferir:

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho; GASPAR, Lúcia. Bibliografia (1942-2001). In: MOTTA, Antônio; VERRI, Gilda M. Whitaker. *Interpretação de Edson Nery da Fonseca: textos reunidos*. Recife: Bagaço, 2001. 444 p. ISBN 85-7409-334-3.



Edson Nery com
Gilberto Freyre
(1994).



Edson Nery na IV Jornada
Sul-Rio-Grandense
de Biblioteconomia e Documentação
(Porto Alegre, 1974).



Almoço de formatura (1967). Ao centro, professora Etelvina, paraninfa da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB.



6 *Etelvina Lima*

por Virginia Astrid Alburquerque de Sá e Santos

Sinto-me honrada por ter sido escolhida para falar sobre a professora Etelvina Lima, de quem tive o privilégio de ser aluna. Ao aceitar esta missão, coloquei-me diante de dois grandes desafios. O primeiro, a responsabilidade que se impunha. A vida da homenageada, de excepcional importância para a Biblioteconomia no Brasil, merece um livro, que não me atreveria a escrever, mas, espero que, um dia, alguém lhe preste esta justa e merecida homenagem. O segundo, a premência de tempo para realizar a pesquisa.

Assim, consideradas as circunstâncias, optei por traçar um esboço biográfico sobre ela, citando cronologicamente alguns dos fatos mais relevantes de sua trajetória profissional.

A revista *Perspectivas em Ciência da Informação*, em seu volume 5, número especial, de 2000, publicou um “*Festschrift*” em homenagem aos 50 anos da Escola de Biblioteconomia da UFMG, atual Escola de Ciência da Informação da UFMG 1950/2000 – primeira diretora professora Etelvina Lima 1928/1999”. Meu trabalho foi baseado nessa edição especial, fundamentalmente.

Agradeço a colaboração da bibliotecária Luciana Lemos, da Seção de Referência da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB), que pronta e eficientemente me auxiliou nesta pesquisa.

¹ Publicação constituída de textos escritos com a finalidade de se homenagear e registrar os feitos de uma entidade ou pessoa.

Agradeço especialmente a Maria Alice Guimarães Borges, professora adjunta da Faculdade de Ciência da Informação da UnB, pela confiança que em mim depositou ao me delegar esta tarefa.

Síntese Biográfica

Etelvina Lima nasceu em Belo Horizonte, em 15 de fevereiro de 1919. Filha de Manuel Ramos de Lima, fiscal de rendas do Estado, e de Etelvina Vianna Lima, professora do Estado. Tinha cinco irmãos. As atividades do pai impuseram à família constantes mudanças, tendo morado em vários municípios mineiros, como Ouro Fino, Caxambu, Belo Horizonte e Guaxupé.

Iniciou os estudos no Grupo Escolar Afonso Pena, onde cursou até o terceiro ano primário. O quarto ano, do então chamado grupo escolar, e parte do primeiro ano do curso de adaptação ao curso normal foram feitos no Colégio Imaculada Conceição, em Guaxupé. Etelvina tinha nove anos de idade quando o seu pai morreu repentinamente. Sua família, então firmou raízes em Belo Horizonte.

Após o falecimento do pai, a mãe retornou ao trabalho, mas, com a saúde já debilitada, era substituída pela filha em suas ausências. Ao se aposentar, acalentava o sonho de ver Etelvina ocupando sua vaga de professora, mas esta não concordava, alegando que não queria lecionar. Matriculada no curso normal do Instituto de Educação, formou-se aos 17 anos. Felizmente, para todos nós, mudou de ideia e abraçou o magistério por vinte e cinco anos.

Em 1937, a Prefeitura de Belo Horizonte abriu o primeiro concurso para “praticante”. Classificada em décimo segundo lugar, foi nomeada para executar funções burocráticas, ali permanecendo por quatro anos. A seguir, convidada por José Guimarães Menegale, foi trabalhar no Setor de Biblioteca Pública, dando assim os primeiros passos na área de Biblioteconomia.

Até 1940 só havia três cursos de Biblioteconomia no Brasil. O da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1911 e que começou a funcionar em 1915. O da Universidade Mackenzie – então Mackenzie College –, em São Paulo, criado em 1929. E o da Prefeitura Municipal de São Paulo, criado em 1936 e ligado ao seu Departamento de Cultura, mas, em 1940, esse curso foi incorporado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), onde funciona até hoje.

Um acordo firmado com a Fundação Rockefeller, a fim de viabilizar a formação de pessoal para trabalhar em bibliotecas públicas a serem criadas pelas prefeituras com o suporte financeiro da Fundação, concedeu bolsas para a formação de bibliotecários mediante o comprometimento de os prefeitos criarem as bibliotecas.

Etelvina foi aprovada, após entrevista de seleção com o professor Rubens Borba de Moraes, e foi para São Paulo cursar Biblioteconomia, com bolsa da Fundação Rockefeller, diplomando-se pela Escola Livre de Sociologia e Política, em 1944.

Concluído o curso, retornou às suas atividades na Prefeitura de Belo Horizonte, trabalhando com José Guimarães Menegale. Nessa ocasião, o Departamento de Educação e Cultura passava por uma reestruturação e foi criado o cargo de Bibliotecário, com duas vagas, uma delas ocupada por Etelvina. Na qualidade de bolsista da Fundação, ela sentia-se na obrigação de divulgar os conhecimentos adquiridos. Porém, a administração municipal não cumpria o compromisso de criar a biblioteca, e ela retornou ao Gabinete do Prefeito.

Em 1949, essa situação começou a mudar. Etelvina assinou um contrato de trabalho com o Instituto Nacional do Livro (INL), como assistente técnica regional e foi incumbida pelo secretário de Cultura de dar aulas para professores do interior, em um curso de especialização em Biblioteconomia. Primeira mulher a ocupar o cargo de assistente técnico, suas atividades consistiam, também, em visitar bibliotecas municipais registradas no INL apresentando relatórios sobre sua real situação.

Nessa ocasião, com o objetivo de solucionar a carência de bibliotecas em escolas públicas – a fim de suprir os alunos de material bibliográfico para a realização de trabalhos escolares – Etelvina elaborou uma relação de obras de referência a serem adquiridas pelas escolas públicas de Minas Gerais.

Fundadora de Cursos de Biblioteconomia

Em 1950, o curso de Biblioteconomia de Belo Horizonte teve como fundadora Etelvina Lima. O curso surgiu de um programa destinado a professores primários, criado nesse ano pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, em convênio com o INL, para ministrar os conceitos básicos de biblioteconomia. As aulas começaram em 25 de março de 1950, numa sala do Instituto de Educação, com 31 alunos, tendo o curso a duração de um ano.

Em 1953, passou a ter a duração de dois anos e, finalmente, três anos, em 1957. Em 1960, transformou-se na Escola de Biblioteconomia de Minas Gerais, que foi incorporada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como instituição complementar, anexa ao Departamento Cultural da Reitoria. Em 1966, o Conselho Universitário concedeu mandato universitário ao Curso de Biblioteconomia que, a partir de então, estava autorizado a conferir grau, expedir diploma profissional e promover registro de diplomas anteriormente expedidos, desde 1950. Em 27 de maio de 1966, a Escola de Biblioteconomia foi elevada à categoria de Unidade da UFMG.

Em 1975, Etelvina, em colaboração com a professora Ana Soledade Vieira, elaborou um anteprojeto do curso de pós-graduação em Administração de Bibliotecas, entregue a Capes.

Em 1976, a professora Jandira Baptista Assumpção, diretora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, deu-lhe a Incumbência de criar, na UFMG, o Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, que iniciou suas atividades com o Mestrado em Administração de Bibliotecas. Instalações definitivas foram inauguradas em março de 1990, no *campus* da Pampulha. Em 1991, houve a mudança do nome do curso de pós-graduação em Biblioteconomia para curso de pós-graduação em Ciência da Informação, nível de mestrado. Em 1996, implementou-se o doutorado.

Remetendo-nos aos primórdios da Biblioteconomia brasileira, Jourglade de Brito Benvindo Souza (2000) assinala que, nas décadas de 40 e 50, ela estava inteiramente voltada para o processamento técnico, sem se preocupar com a biblioteca como um todo ou com o leitor.

Na sua fase inicial, o curso de Biblioteconomia, em Minas Gerais, estava sob a responsabilidade de duas pessoas com formações diferentes: Etelvina Lima, que se orientava pela corrente americana, com formação em São Paulo, e Cacilda Basílio de Souza Reis, que tinha orientação europeia, formada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Ambas, porém, tinham um interesse comum: a busca constante do aperfeiçoamento do curso.

Etelvina sentia que os alunos tinham dificuldade em entender o sistema de classificação, “pois classificação é um processo mental e que exige conhecimento cultural mais amplo para compreensão da própria artificialidade da organização do conhecimento no sistema”, e que o problema se ligava ao curso de origem do aluno. Assim, para contornar a situação, Etelvina tomou a iniciativa de procurar o professor Arthur Versiani Velloso, que se ofereceu para lecionar a disciplina Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, que consistia em aulas de cultura geral.

Outro desafio era a disciplina Bibliografia e Referência, difícil de ser ministrada porque as obras citadas nos guias praticamente não existiam nas bibliotecas de Belo Horizonte. Nessa ocasião, prestaram inestimável suporte ao curso de Biblioteconomia as bibliotecas do Arquivo Público Mineiro, Ministério da Fazenda, Ministério da Educação, Secretaria do Interior, Reitoria da Universidade, Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e Colégio Izabella Hendrix.

Por sugestão do professor Arthur Versiani Velloso, sempre em contato com Etelvina Lima, foi criada a disciplina Introdução às Ciências Sociais, pois faltava abordagem específica nessa área. Em 1962, ela foi integrada ao currículo mínimo de Biblioteconomia, juntamente com Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, por meio de parecer aprovado pelo Conselho Federal de Educação.

Profissional Bibliotecária

Trabalhou no Serviço Social da Indústria (Sesi) de 1950 a 1954, no planejamento, instalação e direção de serviços de biblioteca que atendiam a comunidade da indústria, na sede da biblioteca, e os operários das fábricas, tanto na capital como no interior do Estado, por meio de um serviço de caixa-estante. Ali elaborou um plano para a organização de uma biblioteca ambulante para distribuir livros às fábricas pequenas, com a utilização de caminhonetes, implantando-se assim o serviço de extensão bibliotecária.

Sua experiência no Sesi – um serviço que surgiu a partir do nada –, “foi de grande importância para suas atividades posteriores, principalmente no que se referiu à proposta pedagógica adotada posteriormente no curso de Biblioteconomia”. Diferente das realidades europeia ou americana, onde o bibliotecário atuava como peça de uma engrenagem, no Brasil ele participava de todas as etapas necessárias ao funcionamento de uma biblioteca, “ele entrava para o emprego para fazer uma biblioteca”.

De 1952 a 1953, enquanto trabalhava no Sesi e na Prefeitura de Belo Horizonte, foi indicada pelo INL para prestar serviços ao governo do Paraná, pois os governos Federal e do Estado firmaram um acordo para criar uma biblioteca pública em Curitiba. Ao INL caberia colaborar na formação do pessoal para trabalhar nessa biblioteca e ao Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), elaborar o projeto do prédio, acompanhar sua construção e reorganizar o acervo já existente, que se encontrava encaixotado.

Etelvina cuidaria da instalação e coordenação do curso de Biblioteconomia em Curitiba, bem como de sua docência. Além disso, colaborou também com Lydia de Queiroz Sambaquy, acompanhando a construção do edifício da biblioteca e orientando a seleção de equipamentos. Em 1954, foi inaugurada a Biblioteca Pública de Curitiba e Etelvina retornou a Belo Horizonte.

Em 1954, Etelvina foi transferida da Prefeitura de Belo Horizonte para o governo do Estado de Minas Gerais, integrando a comissão constituída para planejar a organização da Biblioteca Pública de Minas Gerais.

Em 1955, por intermédio de Lydia de Queiroz Sambaquy, conseguiu uma bolsa no Departamento de Estado Americano. Etelvina passou quatro meses na biblioteca pública de Oklahoma City e mais dois meses visitando bibliotecas públicas nos Estados Unidos, tema que, diga-se, sempre foi de seu maior interesse. Nessa ocasião, recebeu o título de *Ambassador of Good Will from the city of Oklahoma*.

Obteve também uma bolsa para conhecer o sistema de bibliotecas ambulantes na Inglaterra. Essa experiência rendeu frutos, pois, após o seu retorno, a biblioteca pública recebeu o seu primeiro carro-biblioteca.

Em 29 de novembro de 1956, em reunião realizada no IBBD, no Rio de Janeiro, Etelvina Lima assinou um documento – juntamente com Edson Nery da Fonseca, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, Sully Brodbeck, Abner Lellis Corrêa Vicentini e Zilda Galhardo de Araújo –, solicitando ao MEC a aprovação do currículo oficial para o ensino de Biblioteconomia no Brasil.

Em 1959, recebeu o Prêmio Paula Britto, na categoria bibliotecário, conferido pela Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal a personalidades que se distinguiram na área cultural.

Em 1962, foi convidada pela Diretoria do Ensino Superior do MEC para participar da comissão para a elaboração de currículos mínimos e estabelecimento de normas e critérios para expansão do ensino superior.

Em 1963, durante quatro meses, como bolsista do British Council, cumpriu na Inglaterra um programa de visitas a escolas de Biblioteconomia, bibliotecas regionais e serviços de documentação. Participou, ainda, de um curso sobre *Library Management Research in Britain*, em Cambridge.

Etelvina transferiu-se para Brasília a convite do professor Edson Nery da Fonseca, pelo breve período de 1963 a 1965, integrando o grupo que criou o curso de Biblioteconomia da UnB, onde exerceu as funções de coordenadora da Biblioteca Central, secretária executiva do curso e professora assistente do Departamento de Biblioteconomia. Os tempos eram incertos e difíceis.

Havia boatos de demissão de professores. A polícia invadia as dependências da Biblioteca e os gabinetes dos professores derrubando estantes, num clima de anarquia e desrespeito. Descontente, pediu demissão, juntamente com inúmeros outros professores e retornou a Minas Gerais.

Em 1964, recebeu a Medalha de Mérito Comemorativo do 10º Aniversário da Biblioteca Pública de Minas Gerais Prof. Luis de Bessa.

Em 1967, convidada para paraninfar a primeira turma de formandos em Biblioteconomia da UnB, Etelvina proferiu o discurso que transcrevemos a seguir:

Paraninfar a turma que, em 1967, conclui o Curso na Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Universidade de Brasília é grande honra. Mas, também, grande responsabilidade.

Em minhas aulas – e não foram muitas as que dei, durante os atribulados meses de minha permanência em Brasília – tentei guiar os alunos que agora completam o Curso à compreensão do que representa para a sociedade moderna a profissão de bibliotecário, transmitindo-lhes opiniões e conceitos registrados em bibliografia especializada da matéria. Creio que é tempo, agora, de refletir no significado que eu mesma empresto à profissão que exerço há cerca de vinte anos, na esperança de que meu depoimento seja de utilidade para aqueles que iniciam a vida profissional, pois que é o resultado de experiências adquiridas em nosso meio, com os recursos de que dispomos e de acordo com a realidade brasileira.

Pode-se falar em Biblioteconomia como profissão, no Brasil? Profissão encarada no sentido de utilidade social que lhe empresta Ortega y Gasset e não como atividade regulamentada por lei. Estou convencida de que sim. Facilitar o tráfego de ideias e informações é, para nós brasileiros, como, de resto, para todos os povos, tão necessário quanto alfabetizar, curar, dispensar justiça. Não importa que não tenhamos bibliotecas. Também não temos escolas, hospitais e muitas outras instituições indispensáveis à valorização do homem. Culpa do caos administrativo em que nos debatemos, da falta de recursos, enfim, do tão falado subdesenvolvimento. Paradoxalmente, o desenvolvimento que tanto desejamos está condicionado à existência daquelas instituições que não temos.

Não se pode, entretanto, medir o grau de utilidade social do bibliotecário, no Brasil, pelos mesmos padrões com que se avalia a profissão em países desenvolvidos, onde as bibliotecas são aceitas como responsabilidade pública, da mesma forma que as escolas, os hospitais ou as estradas. Ser bibliotecário, no Brasil, é muito diferente do que é ser bibliotecário onde os recursos da ciência e da tecnologia são plenamente utilizados para o bem estar comum. Mas, ser bibliotecário, no Brasil, é muito mais fascinante. De fato, aqui, o trabalho é ainda e principalmente de catequese e organização, e, portanto, muito mais humano. O bibliotecário comum brasileiro participa muito mais do contexto de sua profissão. É chamado a planejar, a organizar e a criar, ao passo que seu colega americano, por exemplo, aceita uma posição específica em uma instituição já em funcionamento, competindo-lhe, na maioria dos casos, executar tarefas repetitivas que, se o levam a uma necessária especialização, contribuem para distanciá-lo dos objetivos primordiais daquilo que faz todos os dias, por meses e anos seguidos, acabando por anular suas características individuais. Somente a

minoria que atinge os postos de direção tem ainda a oportunidade de contribuir para o progresso da profissão.

Não hesito, portanto, em afirmar que o bibliotecário é, no Brasil, um profissional útil e não somente um empregado público. A ele está confiada a dura missão de convencer, autoridades e público, de que a busca da informação é básica para quaisquer ramos de atividade; de que a leitura como recreação é caminho para a plena integração do indivíduo na sociedade. E, mais ainda: a ele compete organizar a “selva bibliográfica”, domá-la para torná-la serva eficiente do homem. Ser Homem, diz Saint-Exupéry, é sentir sua própria contribuição ajudando a construir o mundo. Exercendo sua profissão com probidade e entusiasmo, o bibliotecário brasileiro poderá considerar-se plenamente realizado.

Vale a pena, portanto, ser bibliotecário, no Brasil.

Etelvina Lima

Em 1966, de volta a Belo Horizonte, reassumiu seu cargo de professora. Nesse mesmo ano, com a criação do Conselho de Bibliotecários da UFMG, foi designada sua presidente. Iniciou-se aí o seu trabalho para criar e dirigir a Coordenação das Bibliotecas Universitárias da UFMG. Nesse mesmo ano, fundou a Biblioteca Universitária da UFMG.

Aceitou o convite do Queens College de New York, para atuar como *visiting lecturer*, executando o processamento técnico de obras, em português, da Biblioteca Paul Klapper, no período de outubro de 1966 a setembro de 1967.

Em 1972, criou a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*.

Em 1973, no artigo sobre bibliotecas de hospitais, abordou seus problemas de estruturação, funcionamento e de serviços aos leitores, sugerindo o estabelecimento de normas e padrões para o seu desempenho, bem como a elaboração de um plano de estudos em cursos de extensão e pós-graduação para os bibliotecários do setor bio-médico.

Em 1974, na sua tese para professor titular, analisou “a questão da centralização e descentralização dos recursos bibliográficos na biblioteca universitária”. Ela não concordava com a centralização, por entender que era inaceitável que a UFMG tivesse apenas uma biblioteca. Questionada pela banca que a examinava, defendeu a manutenção das bibliotecas setoriais, que já existiam distribuídas pelas faculdades. Não era contra a criação de uma biblioteca central, absolutamente, mas defendia a manutenção das setoriais já existentes.

Em 1975, recebeu o título de Pioneira da Biblioteconomia em Minas Gerais, concedido pela Associação de Bibliotecários desse Estado.

Em julho desse ano, apresentou o trabalho “A biblioteca no ensino superior”, durante o 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Brasília, discorrendo sobre a reforma universitária brasileira, o planejamento de bibliotecas vinculadas ao ensino superior, a caracterização dos estabelecimentos de ensino superior no Brasil e a formação de acervos. Ressaltou a falta de redefinição de objetivos da biblioteca, para permitir o planejamento adequado de seus serviços e sugeriu que se instituísse um grupo de trabalho para promover esses estudos, como já havia sido feito para a reforma do ensino superior.

Em 1976 e 1977, colaborou com o Programa de Bibliotecas da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e foi membro do grupo de trabalho constituído pelo secretário de Educação de Minas Gerais para estudar a implantação de bibliotecas em municípios mineiros em convênio com o INL.

Etelvina foi diretora, nos períodos de 1950-1951 e 1954-1963, da Biblioteca do Curso de Biblioteconomia, fundada em 1950. Integrante do Sistema de Bibliotecas da UFMG, ela é especializada em Biblioteconomia e Documentação, Ciência da Informação, Arquivologia e Museologia. Em 27 de maio de 1980, passou a chamar-se Biblioteca Professora Etelvina Lima.

Em 1981, a Biblioteca Central da UFMG foi inaugurada.

Em 23 de novembro de 1981, foi agraciada com o título de Professora Emérita. De acordo com o parecer assinado pelas professoras Ruth Versiani Tavares e Carlita Maia Campos, a Congregação da Escola de Biblioteconomia assim se manifestou: “Isto posto, somos de parecer que esta Congregação não fará mais que justiça em reconhecer a Alta Qualificação Científica e o Notório Saber da professora Etelvina Lima”.

Em 1982, com os olhos sempre voltados para a educação, Etelvina publicou o artigo “A criança e a biblioteca”, em que assinala a necessidade de se inculcar na infância o hábito da leitura, pois o livro não desapareceu, apesar de preconizado nos anos 60. Ele convive em perfeita harmonia com a documentação eletrônica, mas, “ler não é fácil”, disse ela. Ao ler, é preciso que a mensagem seja assimilada, e, para isso, entende que a biblioteca pública infantil reúne as condições ideais para conduzir a criança ao gosto pela leitura, assimilando-a e tornando-a uma parte de suas vidas. Concluiu o seu artigo, chamando a atenção para a necessidade de serem criados esses espaços.

Em 1996, a *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG* mudou seu nome para *Perspectivas em Ciência da Informação*.

Pesquisas realizadas por Etelvina: Uso de livros e bibliotecas; Programa de pesquisa em convênio com a Book Franklin Programs Inc., Secretaria de Educação de Minas Gerais e Escola de Biblioteconomia.

Ao longo de sua trajetória, registramos que ela foi membro fundador da Associação Paranaense de Bibliotecários e da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal; sócia fundadora e presidente da Associação de Bibliotecários de Minas Gerais; fundadora da Associação de Bibliotecas Universitárias; associada da Associação Paulista de Bibliotecários; membro do Conselho Federal de Biblioteconomia e do Conselho Regional de Biblioteconomia de Minas Gerais.

Professora Etelvina Lima faleceu em 4 de agosto de 1999, aos oitenta anos de idade.

Conclusão

A vida de Etelvina Lima e a história da evolução da Biblioteconomia no Brasil se entrelaçam e se confundem. Impossível dissociar uma da outra. Premonitoriamente, viveu a profissão, antes mesmo de abraçá-la. Ao prestar serviços no Setor de Biblioteca Pública, embora sem qualquer formação na área, é nesse período que ela dá os primeiros passos em sua brilhante trajetória no campo da Biblioteconomia.

A condição de professora primária, aliada a um agudo senso de observação, levaram-na a perceber desde cedo os problemas educacionais enfrentados pelo País, suas carências e a necessidade de buscar meios para solucioná-los. A opção pela Biblioteconomia veio apenas somar esforços para o alcance desses objetivos. No exercício da profissão, a competência, o empenho, a seriedade, a honestidade de propósitos, a lealdade e a humildade – entre outros méritos – sempre a nortearam, nunca perdendo de vista duas de suas maiores preocupações: a formação de pessoal e a organização de acervos bibliográficos.

Assim como não é possível falar sobre Biblioteconomia no Brasil sem mencioná-la, necessário é lembrar que a bibliotecária sempre caminhou de mãos dadas com a mestra, numa profícua união que – como um farol – iluminou a trajetória de tantos e trouxe os mais eficazes resultados para a nossa profissão em seu todo.

Pioneira, avançada, Etelvina Lima foi uma mulher à frente do seu tempo. De comportamento discreto, por vezes tímido, afirmava sempre: *“olha, eu nunca fiz nada sozinha”*, orientada pelo profundo respeito ao trabalho de equipe.

Mas, quando necessário, sabia muito bem lutar por uma boa e justa causa, defendendo seus pontos de vista com coragem. Era quando não se importava de ter os holofotes voltados para a sua cabeça, sendo suas estas palavras: “*Você tem que acreditar no que quer fazer! E ousar para explicar! Mas eu sempre me dei bem.*”

Sim, professora Etelvina, a senhora sempre se deu bem, no mais elevado sentido da palavra. Combateu o bom combate, viveu lindos 80 anos de profícua existência, serviu a tantos, exerceu a nobre missão de ensinar com eficiência e brilho, projetou e elevou o nome da nossa profissão. Neste improvisado bate papo final, que mantenho com a senhora, quero que saiba: *nós nos demos melhor ainda*, por termos tido o raro privilégio de receber os seus ensinamentos, numa convivência que, embora breve, marcou-nos para o resto de nossas vidas.

Muito obrigada!

VIRGINIA ASTRID ALBUQUERQUE DE SÁ E SANTOS, integrante da primeira turma do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB), graduou-se em 1967. Aprovada no concurso para bibliotecária da Câmara dos Deputados em 1968, chefiou a Seção de Coleções Especiais de 1972 até 1980. Trabalhou na Consultoria Legislativa de 1980 a 1988 e, em 1989, na Comissão de Finanças do Departamento de Comissões (Decom). Aposentou-se em 1990. Foi presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF) de 1975 a 1977.

Anexo 1

Bibliografia de Etelvina Lima

(ordem cronológica)¹

LIMA, Etelvina. O bibliotecário brasileiro na década dos 70. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 212-218, set. 1972.

¹ Levantamento elaborado por Érika Carvalho, Luana Patrícia de Oliveira Porto e Jaqueline Taketsugu Alves da Silva, alunas do curso de bacharelado em Biblioteconomia da UnB.

LIMA, Etelvina. Bibliotecas de hospitais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 141-159, set. 1973.

LIMA, Etelvina. *Estrutura organizacional da biblioteca universitária da Universidade Federal de Minas Gerais*: um estudo de centralização

e descentralização. 1974. 75 f. Tese (Professor Titular)—Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1974.

LIMA, Etelvina. Introdução. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 7-12, mar. 1974.

LIMA, Etelvina. A biblioteca no Ensino Superior. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 847-861, jul./dez. 1977.

VIEIRA, Anna Soledade; LIMA, Etelvina. A pós-graduação em Biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 125-135, set. 1977.

LIMA, Etelvina. *A biblioteca no ensino superior*. Brasília: Capes: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1978. 23 p.

LIMA, Etelvina. A criança e a biblioteca. *Cultura*, Brasília, v. 32, n. 9, p. 57-67, set. 1979.

LIMA, Etelvina. Biblioteca nos programas de alfabetização e educação de adultos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: APBP, 1982. v. 2, p. 111-125.

Anexo 2

Dissertações orientadas por Etelvina Lima

ANDRADE, Ana Maria Cardoso de. *Análise da disponibilidade de documentos no Centro de Educação Permanente “Prof. Luís de Bessa”*. 1981. 82 f. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.

DUMONT, Márcia Milton Vianna. *As bibliotecas escolares comunitárias da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais: análise de seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo Horizonte*. 1983. 245 f. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

RAMALHO, Francisca Arruda. *Biblioteca pública do Estado da Paraíba: uma análise do seu uso entre estudantes do 2º grau de ensino*. 1982. 151 f. Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.

Anexo 3

Bibliografia sobre Etelvina Lima

CESARINO, Maria A. de N.; CALDEIRA, Paulo da T. Últimas palavras: entrevista realizada no dia 04 de agosto de 1998. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 49-66, jan./jun. 2000. Edição especial. “Entrevista realizada em 4 de agosto de 1998, em Belo Horizonte, com a Professora Etelvina Lima, onde ela discorre sobre as atividades profissionais como professora e bibliotecária da UFMG, e em outras universidades e bibliotecas do país”. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/27/337>>. Acesso em: 2 out. 2012.

FIUZA, Marysia Malheiros. Percorrendo o currículo de Etelvina Lima. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 39-44, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/554/335>>. Acesso em: 30 set. 2012.

LIMA, Etelvina. *Estrutura organizacional da biblioteca universitária da Universidade Federal de Minas Gerais: um estudo de centralização e descentralização*. 1974. 75, 39 f. Tese (Doutorado)—Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1974. Recensão de: FONSECA, Edson Nery da. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 134-136, mar. 1975.

MACEDO, Vera A. A. O legado de uma mestra: trabalhos de Etelvina Lima. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 45-48, jan./jun. 2000. Edição especial. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/555/336>>. Acesso em: 2 out. 2012.

SILVEIRA, Júlia Gonçalves da. Biblioteca “Profª Etelvina Lima”: algumas reminiscências dignas de nota e situação atual. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 77-89, mar. 1990.

SOUZA, Jourglade de Brito Benvindo. Uma mulher mineira: a construção de um ideal. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 25-37, jan./jun. 2000. Edição especial. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/553/334>>. Acesso em: 30 set. 2012.



Myriam Dulac recebendo medalha da professora Maria Alice na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995).



7 *Myriam Mello Dulac*

Depoimento

Eu nasci em Belém do Pará, no dia 6 de abril de 1926. Casei-me com Jean Dulac e escolhi a profissão de bibliotecária ainda jovem.

Em 1942, fiz o curso fundamental de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, no então Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro. Em 1945, na mesma instituição, fiz o curso superior de Biblioteconomia. De 1945 a 1947, trabalhei na biblioteca da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em seguida, de 1947 a 1949, atuei na Biblioteca Instituto Brasil-Estados Unidos, no Rio de Janeiro.

Em 1954 fui trabalhar no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), iniciando como secretária da presidente, D. Lydia de Queiroz Sambaquy e do Conselho Diretor. No IBBB, tive a oportunidade fazer alguns cursos de especialização. Em 1957, o de Documentação, ministrado pelo professor Jesse Shera, reitor da Western Reserve University, e no ano seguinte, o curso sobre Métodos Modernos de Documentação ministrado pelo professor J. Samain, diretor do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França.

Em 1959 fiz o curso de Pesquisas Bibliográficas em Tecnologia, promovido pelo IBBD. Ainda no Instituto, fui readaptada para o cargo de bibliotecária, sendo nomeada chefe do Serviço de Referência da biblioteca.

Permaneci no IBBD até 1961, quando me transferi para Brasília. Fui nomeada para o cargo de oficial bibliotecário do Senado Federal, lotada na Seção de Referência Legislativa.

Tendo em vista a existência de poucos bibliotecários em Brasília, nesse período desenvolvi alguns trabalhos em tempo parcial como bibliotecária. Em 1962, na Biblioteca Central da UnB e, em 1963, no Primeiro Hospital de Brasília, atual Hospital de Base. Nessa época, fui uma das fundadoras da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, juntamente com a bibliotecária Adélia Leite Coelho, então diretora da Biblioteca do Senado Federal.

Em 1965, fui convidada para dar aula no curso de Biblioteconomia da UnB como professora de Catalogação II, onde permaneci até o ano de 1966. Aceitei o convite, animada pela perspectiva de transmitir aos alunos as lições recebidas de grandes mestres da matéria: o professor Octávio Calazans Rodrigues e a professora Laís da Boa Morte. O clima de entusiasmo reinante entre docentes e discentes começava a transformar em realidade a ambiciosa e avançada meta do presidente Juscelino Kubitschek da criação desta Universidade. A UnB foi concebida para ser um estabelecimento de ensino modelar, fora dos padrões clássicos existentes, à altura da era tecnológica em que o Brasil ingressava.

Contudo, acontecimentos de natureza política atingiram a Universidade. Professores de renomado saber foram afastados de suas funções. Em ato de solidariedade, juntamente, com outros colegas, pedi minha demissão.

Além de bibliotecária, era também advogada. Em setembro de 1967, depois de aprovada em concurso público para serventúria da Justiça, aceitei o novo cargo para cartório. Com esse passo, dediquei a minha vida ao Direito.

Considero válida a minha breve experiência como professora. O aprendizado foi comprovado pelos exercícios e trabalhos feitos pela classe. Guardo uma agradável recordação daqueles alunos, dos colegas e dos funcionários.

O professor Edson Nery da Fonseca, âncora da Biblioteconomia nos primeiros anos, e sua equipe têm razão para orgulhar-se de sua obra. Merecem o nosso aplauso caloroso. A Biblioteconomia da Universidade de Brasília é um exemplo do ensino superior diferente, moderno e dinâmico.



Myriam Dulac com Míriam Gusmão
(ao centro) e Edson Nery da Fonseca na
cerimônia de comemoração dos 30 da
Biblioteconomia na UnB



Professores da Biblioteconomia. A partir da esquerda: Nice Figueiredo, Kira Tarapanoff, Suzana Mueller, Vera Amarante, Briquet de Lemos.



8 *Nice Menezes de Figueiredo* *por Sueli Angelica do Amaral*

Fiquei radiante quando a professora Maria Alice Guimarães Borges me incumbiu de escrever sobre a professora Nice Menezes de Figueiredo. Foi um privilégio para mim. Aceitei sem pestanejar e, no mesmo dia, telefonei para ela.

Em nossa conversa, recordei que havíamos nos encontrado no dia 6 de novembro de 2003, na celebração do Jubileu de Prata do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB), quando eu era a coordenadora do Programa. Nice Figueiredo e Edson Nery da Fonseca nos honraram naquela ocasião, como representantes dos professores pioneiros. Lá estava Nice, a primeira coordenadora do Programa, que teve sua origem com a criação do curso de mestrado em Biblioteconomia, no ano de 1978.

Foi uma honra para todos nós – professores, alunos e ex-alunos da UnB – que estivemos presentes na comemoração dos 25 anos do Programa. Honra maior foi o reencontro com Nice Figueiredo para resgatar um pouco da sua participação na história da Biblioteconomia e da Ciência da Informação na UnB, destacando fatos da sua trajetória profissional que revelam o seu espírito empreendedor marcado pelo pioneirismo e pela coragem para enfrentar desafios.

Interesse nos Estudos e Preocupação com a Atualização

Nice Menezes de Figueiredo nasceu em Sorocaba, Estado de São Paulo. O interesse nos estudos e a preocupação com a atualização marcaram sua vida profissional. Entretanto, coragem era fundamental para uma mulher viajar sozinha para ir morar no exterior, mesmo que fosse apenas por um determinado período. Para ela, eram oportunidades que apareceram e foram, assim, aproveitadas.

Nice foi a primeira doutora brasileira em Biblioteconomia, quando em 1975, conquistou seu título de *Philosophy Doctor* na School of Library Science na Florida State University, Tallahassee, Florida, nos Estados Unidos.

Sua tese foi sobre *A conceptual methodology for error prevention in reference work*, sob a orientação de Gerald Jahoda, engenheiro químico e cientista da informação, que tinha um projeto de pesquisa financiado pelo governo americano na área de referência. Ele convidou Nice e ela passou a participar do grupo de pesquisa. A ideia para o desenvolvimento da tese veio dessa participação. Era uma visão moderna do serviço de referência como um processo de interação entre usuário–bibliotecário, um trabalho bastante original para a época e de abordagem diferente. Nice recebeu a bolsa de *assistantship*.

Antes dessa conquista pioneira, seu interesse pelos estudos no exterior conduziu-a, em 1969, como bolsista da Organização dos Estados Americanos (OEA), ao *Master of Library Science* na Drexel University, Philadelphia, concluído em 1971.

Em 1974, também como bolsista da OEA e na mesma universidade americana onde fez seu doutoramento, a Florida State University, concluiu o *Advanced Master of Library Science*.

Para Nice, o desafio era uma aventura enriquecedora que a deslumbrava pela oportunidade de conhecer outras culturas, em especial as de países onde poderia aprender mais sobre Biblioteconomia e satisfazer sua curiosidade científica. Queria estar bem preparada para inovar ao atuar profissionalmente em bibliotecas, na perspectiva da modernidade.

O mundo era o seu itinerário como bolsista corajosa. Em 1966, com bolsas de estudos concedidas pelos governos da Holanda e da França, pelo

British Council e pela Ford Foundation, Nice visitou e estagiou em bibliotecas universitárias, centros de documentação e escolas de Biblioteconomia na Europa e nos Estados Unidos.

Abner Lellis Vicentini, professor a quem Nice se refere com admiração e respeito, propôs que ela fizesse um estágio na Free Library of Philadelphia (Biblioteca Pública de Filadélfia) nos Estados Unidos, e, em 1968, ela viajou para lá como participante do Programa de Intercâmbio para Bibliotecários Estrangeiros. Naquele tempo, no exterior, o que se conhecia sobre o Brasil era o jogador de futebol Pelé e as histórias da construção de Brasília. Entretanto, nos contatos com as pessoas de nossa área, muitos perguntavam por Lydia Sambaquy, que também incentivava e encaminhava bibliotecários para estudar no exterior.

Nice relata que um professor americano em Chicago, que era brasilianista, surpreendeu-se com a sua coragem, pois imaginava que as brasileiras ainda fossem “sinhazinhas”, que não enfrentassem aquele desafio como ela.

Quando já trabalhava no IBICT, em 1984 visitou Departamentos de Ciência da Informação e de Ciências Sociais, bibliotecas públicas, serviços de informação na área socioeconômica e em comunidades, com bolsa do British Council.

Também visitou várias bibliotecas e escolas de Biblioteconomia na França com bolsa da Unesco oferecida a Nice por intermédio de Célia Ribeiro Zaher.

Nice sempre se dedicou com afinco aos estudos. Movida pela sua coragem de pioneira, nunca teve medo de enfrentar os desafios que a vida profissional lhe apresentou e, mesmo tendo conquistado o cargo de pesquisadora titular do CNPq, até hoje sustenta com orgulho sua formação profissional como bibliotecária.

Atuação Profissional como Bibliotecária

Nice graduou-se em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1951. Conta que teve bons professores e recorda as aulas de classificação de Noêmia Lentino e as de catalogação de Maria Luiza Monteiro da Cunha. Para Nice, o curso foi basicamente bom, algumas disciplinas melhores que outras. A deficiência maior era a absoluta falta de textos em português, uma vez que não existiam coleções da área de Biblioteconomia, só mesmo enciclopédias e dicionários nas bibliotecas públicas.

Foi trabalhar no Serviço Social da Indústria (Sesi), em São Paulo, onde não chegou a completar um ano como bibliotecária. Mesmo assim, aprendeu sobre o magnífico trabalho que era feito com as caixas estantes nas indústrias.

Logo seguiu como bibliotecária auxiliar para trabalhar na biblioteca da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), onde ficou de 1952 a 1958. Era uma biblioteca bem conceituada, lá aprendeu muito e lembra-se de Lygia Gaia Bohn, uma bibliotecária muito competente. Nice atuou no setor de livros e no de periódicos e trabalhou na aquisição de materiais. Embora seguisse os padrões da época, não existia qualquer interação entre bibliotecário e usuário na biblioteca. Não existia o setor de referência, os usuários não eram conhecidos pelos profissionais. Não se sabia quem e o que era consultado.

Na biblioteca da Politécnica, Nice inseria fichas no catálogo, mas as demais profissionais não realizavam essa atividade por serem mulheres casadas. Elas não podiam contrariar seus maridos, que permitiam o trabalho em bibliotecas, porque, nesse ambiente, suas mulheres estariam resguardadas nos escritórios, catalogando livros. Os maridos não queriam que se expusessem aos alunos da Universidade. Nice foi escalada para essa tarefa, pois sempre se interessava em vivenciar novas experiências. Essa atitude ajudou-a muito em sua trajetória profissional.

Depois de seis anos na Politécnica, Nice considerou-se apta para pleitear sua colocação na então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara, hoje Universidade Estadual Paulista (Unesp). Essa Faculdade foi a primeira a ser criada no interior para descentralizar o ensino, de acordo com a política traçada pelo governador de São Paulo, Jânio Quadros.

De 1958 até 1982, Nice trabalhou como bibliotecária chefe para criar a biblioteca da Faculdade. Quando lá chegou, levando em sua bagagem a experiência vivenciada, suas tarefas foram mais facilmente cumpridas. O diretor, Dr. Paulo Guimarães da Fonseca, engenheiro químico, disse-lhe que a biblioteca seria a coisa mais importante da Faculdade. Mais tarde, essa biblioteca serviu de modelo para a organização de várias outras. Nice foi aquela bibliotecária que fazia tudo: organizou toda a biblioteca, adquiriu outros tipos de materiais além de livros e periódicos, tais como folhetos, mapas e discos e, também, treinou o pessoal. Para ela, foi muito importante ter comprado todo o material solicitado nas listas de pedidos dos professores. Foram “anos dourados”, recorda Nice.

Nice também sabia defender a causa bibliotecária em suas reivindicações. Isto contribuiu positivamente em apoio institucional da Faculdade a favor do desenvolvimento das atividades bibliotecárias. Naquele tempo, catalogar e

classificar livros e periódicos eram o cerne da Biblioteconomia. Os serviços de referência e outros tipos de serviços eram quase inexistentes. Porém, o espírito pioneiro de Nice não deixava que ela, curiosa em aprender sobre as novidades, ficasse de braços cruzados sem encontrar soluções para as questões bibliotecárias da época.

O diretor Paulo Guimarães da Fonseca sempre a incentivou a fazer cursos para se aperfeiçoar e atualizar seus conhecimentos. Em 1963, assim que conseguiu contar com um profissional que a substituísse, Nice foi fazer a Especialização em Pesquisa Bibliográfica, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com sede em Brasília.

Concluído o curso de especialização, Nice trabalhou como bibliotecária chefe no Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB), sob a direção de Lydia de Queiroz Sambaquy, durante o ano de 1964, cedida pela Unesp.

Sua carreira como bibliotecária foi construída com muita dedicação e interesse pelo fazer bibliotecário, com base na ética e no estudo para se manter atualizada com a evolução da sociedade e do País. Assim, desde o tempo em que trabalhava na Politécnica, estudou inglês e obteve o diploma de Cambridge, na Cultura Inglesa de São Paulo, sempre buscando estar preparada para aceitar os desafios que se apresentassem.

Para Nice, ser bibliotecária não foi um sonho propriamente dito. As coisas foram acontecendo em sua vida e ela contou com a ajuda de pessoas como Abner Lellis Corrêa Vicentini que, naquela época, recrutava pessoal para trabalhar na Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB). Conhecedor da trajetória profissional de Nice, Vicentini, que em 1964 exercia o cargo de Diretor da BCE e Coordenador do Sistema de Bibliotecas, convidou-a para ser a bibliotecária chefe do Serviço de Circulação e do Serviço de Referência. Nice aceitou o convite e veio para a UnB cedida pela Unesp.

Um novo desafio se apresentava a partir da ideia inovadora de uma biblioteca central, que atenderia toda a Universidade. Eram aproximadamente 100 mil livros sem catálogo. Não havia computadores, mas Vicentini era bem relacionado com profissionais e instituições de âmbito internacional. O conhecimento dos avanços teóricos, técnicos e tecnológicos era propiciado com as facilidades para viajar para o exterior, principalmente Estados Unidos e Inglaterra. Vicentini estimulava e apoiava iniciativas para a realização de cursos no exterior pelos bibliotecários da BCE.

Nice recorda que sua experiência na UnB foi uma das mais fascinantes, pois teve a oportunidade de instalar várias seções na BCE: Circulação, Referência, Periódicos e a de Documentação Científica, onde ficavam todos os materiais não incluídos nas outras seções ou nas coleções especiais, como, por exemplo, as partituras musicais.

Conta Nice que o presidente americano John F. Kennedy havia criado o *Peace Corp* (Voluntários da Paz) e que o papel dos seus membros era levar os ideais americanos aos outros países. Havia interesse também em receber bibliotecários brasileiros, mas era necessário o conhecimento da língua inglesa. Vicentini também trouxe esses bibliotecários americanos para trabalharem na BCE como “voluntários da paz”. Assim, havia oportunidade de aperfeiçoar o conhecimento da língua inglesa com os bibliotecários americanos que vinham para o Brasil. Eles auxiliaram na imensa tarefa de organizar os 100 mil volumes e o respectivo catálogo.

Na BCE da UnB, Nice permaneceu durante 1964 e 1965.

No ano de 1966, Brasília estava sendo construída e tudo era novidade. Vicentini conhecia muitas pessoas e era muito bem relacionado. Sabia como obter bolsas e auxílios financeiros para proporcionar oportunidades de atualização e aperfeiçoamento profissional. Ele ofereceu bolsas que permitiram que Nice visitasse vários países da Europa e outras tantas cidades dos Estados Unidos, onde ela, às vezes, conhecia até três bibliotecas ou escolas de Biblioteconomia no mesmo dia. Nice esteve na Holanda, na França, na Inglaterra, na Suécia, na Tchecoslováquia (hoje República Tcheca), na Hungria, na Dinamarca, na Noruega e na Alemanha Ocidental.

Quando Nice voltou dessa viagem de estudos, Fernanda Leite Ribeiro, Neusa Macedo, Etelvina Lima e Zila Mamede já estavam na BCE. O curso de mestrado que não vingou havia começado. Naquela época, outra experiência riquíssima e excepcional foi a de ter conhecido o professor Rubens Borba de Moraes.

Ser bibliotecária sempre foi motivo de satisfação e realização pessoal para Nice, tanto que, mesmo quando já trabalhava no IBICT, foi cedida para a Fundação Biblioteca Nacional para trabalhar junto com a diretora Célia Ribeiro Zaher, de 1982 a 1983.

Contudo, sua carreira como docente e pesquisadora, para o bem dos profissionais da informação e muito em especial para os bibliotecários, despontou como consequência inevitável do seu gosto e interesse pelos estudos e sua preocupação com a atualização.

Docente e Pesquisadora

Em 1964, quando concluiu o Curso de Especialização em Pesquisa Bibliográfica no IBBD, Nice foi convidada para lecionar a disciplina Serviços Técnicos como professora colaboradora da Cátedra de Serviços Técnicos em Biblioteconomia no referido Curso de Especialização.

As características do perfil profissional de Nice justificaram que ela fosse cedida pela Unesp para trabalhar na UnB de 1967 a 1968.

Quando Nice voltou das viagens de estudo que realizou com bolsa obtida por intermédio de Vicentini, ela ainda trabalhou na BCE, mas foi atuar também como professora colaboradora no Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, que passou a Departamento de Biblioteconomia e Documentação, inicialmente vinculada à Faculdade de Estudos Sociais Aplicados e, depois, a Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação da UnB. Hoje, o Curso de Graduação em Biblioteconomia integra a Faculdade de Ciência da Informação da UnB.

Em 1971, o chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação era o professor Antonio Agenor Briquet de Lemos e ficou acertado que, quando Nice tivesse concluído o mestrado e o doutorado nos Estados Unidos, na sua volta ao Brasil, ela cumpriria sua missão de criar o Curso de Mestrado em Biblioteconomia na UnB.

Durante o tempo em que cursou o doutorado, Nice aprofundou-se na literatura especializada em currículos, inovações, discussões e tendências na Biblioteconomia. Em suas leituras, observou temas muito debatidos: a interdisciplinaridade, isto é, a necessidade de agregar ao currículo técnico disciplinas de caráter social e didático, entre outras; a Ciência da Informação, que se constituía em debate dos mais acalorados sobre o seu relacionamento ou não com a Biblioteconomia e as diferenças entre essas áreas; o *library planning* (planejamento de bibliotecas) abordado por Carlos Victor Peña, consultor da Unesco.

Concluído o seu doutorado, Nice voltou para o Brasil em 1975, quando a chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação era a professora Suzana Pinheiro Machado Mueller. O desafio proposto a Nice foi o de criar um segundo curso em nível de Mestrado em Biblioteconomia, posto que a primeira

iniciativa não tinha sido bem-sucedida. O curso criado em 1963/1964 fechou em 1965, por causa da crise que a Universidade enfrentava naquela época.

Em 1975, a UnB já contava com certa infraestrutura de pós-graduação, e, desta vez não poderia falhar, pois todos estavam empenhados em garantir que o curso fosse considerado exemplar em sua proposta e contribuísse para apagar a imagem negativa do primeiro curso proposto.

Nice passou a lecionar a disciplina Seminário na graduação de Biblioteconomia. Também lecionou a disciplina Seleção, segundo ela, herdada do professor Edson Nery da Fonseca. Por outro lado, permanecia o seu encargo de criar o Mestrado. Continuou suas leituras, especificamente sobre currículo e as experiências americana e inglesa. Examinou também o que era feito no Brasil no âmbito do IBICT, bem como os estudos da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que também se interessava em começar o seu.

O projeto do Mestrado em Biblioteconomia a ser apresentado ao corpo docente da UnB, essencialmente, tinha que ser mais avançado do que o curso de graduação. Para isto, só podiam contar com a literatura estrangeira, o que significava adaptá-la ao nosso meio ambiente e ao nosso nível de conhecimento da área no Brasil. Era o que Nice chamava de “pincelada verde e amarela”. Também foi dada atenção à tecnologia em uso no exterior, embora não tivéssemos equipamento disponível para pronto uso. Em âmbito nacional, já existia recomendação da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para que se fortalecessem duas linhas no curso: administração e ensino, consideradas de efeito multiplicador, de acordo com o seu diretor, Darcy Closs.

Nice, a coordenadora do mestrado, e Suzana Mueller, chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, contavam com a acolhida e o prestígio que desfrutavam junto aos dirigentes do topo administrativo da UnB para despachar as solicitações e os processos administrativos e acadêmicos. Também contavam com a proximidade dos órgãos governamentais sediados em Brasília. Frequentemente, despachavam com Darcy Closs na Capes, que sempre abria as portas para recebê-las.

Com o currículo pronto, perceberam a necessidade de treinar os professores do Departamento, isto é, titulá-los para lecionarem no Mestrado, uma vez que só os professores Edson Nery da Fonseca, Astério Tavares Campos, Cordélia Robalinho Cavalcanti e a própria Nice Figueiredo possuíam tal titulação. Naquela época, foi contratado o professor Jaime Robredo, que se

juntou ao grupo de doutores e, mais tarde, implementou o aparato tecnológico para o curso.

Naquela ocasião, foram obter titulação no exterior os professores Kira Maria Antonia Tarapanoff, Antonio Agenor Briquet de Lemos e Suzana Pinheiro Machado Mueller.

Professores americanos e ingleses vieram colaborar com o curso, como Stephen Parker, Lester Asheim e Herbert Goldhor.

O British Council, a Embaixada Americana e a Comissão Fulbright também foram acionados a colaborar. Àquela época, a área de Biblioteconomia era prioritária para essas entidades, que apoiaram o nosso curso, e também outros mestrados que estavam sendo criados no país.

Ao mesmo tempo, na UnB, o Departamento de Biblioteconomia e Documentação contava com o apoio do Decano de Pós-graduação, professor Amadeu Cury, que queria fazer do curso um modelo para os demais a serem criados e para os já criados que precisavam ser reformulados. O Regimento do Mestrado foi elaborado em total acordo com as normas vigentes na UnB.

Para propiciar a desejada interdisciplinaridade, que também era do interesse da Capes, Nice procurou apoio em outros mestrados da UnB cujas disciplinas, cuidadosamente selecionadas, pudessem ser cursadas como optativas pelos mestrados em Biblioteconomia, como por exemplo: Educação, Psicologia Social, Estatística, Linguística, Didática, Ciências Sociais, entre outras áreas afins.

A disciplina mais complexa para ser lecionada era a de *Library Planning*. Naquela época, só existia o curso de especialização do antigo IBBD. A disciplina sobre Planejamento era nova e foi necessário convocar um professor inglês para ministrá-la e superar as nossas dificuldades no ensino desse tópico da Biblioteconomia. O Ministério do Planejamento ainda não existia, as fontes de dados eram escassas e dispersas. Mas o curso era inovador por enfrentar esses desafios.

De modo inovador, a disciplina Metodologia do Ensino em Biblioteconomia foi incluída entre as demais disciplinas do mestrado. Naquela época não havia formação específica para preparar professores de Biblioteconomia. Nice relata que essa disciplina foi ministrada pelo professor inglês J. Dean, que acabara de publicar um livro sobre *Planning Library Education*. Ela acompanhou a primeira turma para se preparar e, depois, passar a ministrar a disciplina. Assim foi sendo feito em relação a outras disciplinas.

A estrutura do curso seguiu as normas da Capes. Havia um tronco comum, disciplinas específicas da área de Biblioteconomia e mais o corpo de disciplinas optativas. Foram montadas duas linhas: a primeira para bibliotecários, que era mais técnica; e, a segunda, para profissionais de outras áreas, com possíveis interesses ou necessidades relacionados com a Biblioteconomia que pudessem alargar os horizontes biblioteconômicos, preparando profissionais para atuarem em sistemas de informação como especialistas em informação na sua área de atuação.

Os alunos com formação em outras áreas recebiam tratamento diferenciado. Eram orientados pelo coordenador, que após entrevista individual detalhada, indicava uma série de leituras preliminares, de acordo com o fluxo das disciplinas a serem cursadas, considerando o perfil de cada aluno. As leituras indicadas deveriam ser feitas após a aprovação do candidato, no período de dezembro a março, antes do início do curso.

Todo o material referente à montagem do Mestrado foi registrado e enviado para o arquivo do Centro de Documentação e Arquivo (Cedoc) da UnB, que, em carta datada de 20 de julho de 1976, agradece a Nice pela remessa do material que documenta a criação desse curso.

Na UnB, cedida pela Unesp, Nice atuou de 1976 a 1980 como professora visitante, adjunta II, para coordenar a implantação do Mestrado em Biblioteconomia.

Em 1980, Nice foi chefiar o Departamento de Ensino e Pesquisa do IBICT, no Rio de Janeiro, mas ficou menos de um ano na chefia, pois o Instituto transferiu-se para Brasília e no Rio ficou apenas o Mestrado em Ciência da Informação.

De 1981 a 1984, cedida pela Unesp, Nice atuou como professora associada e pesquisadora associada no Departamento de Ensino e Pesquisa e no Departamento de Ciência da Informação do IBICT. A partir de 1984, passou a atuar como pesquisadora titular do CNPq/ IBICT.

Como docente e pesquisadora, suas linhas de pesquisa eram: Ensino e pesquisa em Ciência da Informação; Gerência de sistemas de informação; Usuários da informação; Desenvolvimento e avaliação de coleções; Serviço de referência e informação.

Em 1984, Nice desenvolveu o projeto de pesquisa “Análise de uso da coleção de periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. Coordenou outros projetos de pesquisa financiados pelo CNPq: “Avaliação do uso de material

didático nos cursos de Biblioteconomia/Ciência da Informação no país, em nível de graduação e mestrado” (1988-1991); “Metodologias para a promoção do uso da informação em Ciência e Tecnologia” (1997-1998). Este projeto englobou outros dois: Projeto Piloto para a cidade do Rio de Janeiro (1994) e Projeto nas bibliotecas públicas de São Paulo (1995). Também coordenou o projeto “A situação das bibliotecas universitárias perante a perspectiva da comunicação eletrônica” (1998-1999).

Nice foi membro do Conselho Editorial do IBICT (1980) e representou a direção da Biblioteca Nacional na Conference of Directors of National Libraries, em Ottawa, Canadá (1982). Também foi Membro de várias comissões: Comissão de Consultores da Capes (1984); Comissão de Consultores Científicos da Capes (1985); The New York Academy of Sciences (1995); Comissão Coordenadora do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT (de junho a dezembro de 1995); Comissão de Visita, nomeada pela Capes para o recredenciamento do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da UFMG (outubro de 1985).

Foi paraninfa da turma dos formandos em Biblioteconomia da UnB (1980) e patronesse das turmas “Nice Menezes de Figueiredo” do Curso de Biblioteconomia da Unirio (2000, 2006 e 2009).

Recebeu o título de “Pessoa Foco” pela Unesco, em 1979, e, em 1981, foi condecorada com a Medalha Comemorativa dos 30 Anos do CNPq, outorgada pelo presidente por serviços prestados ao Conselho. No mesmo ano recebeu o título de “*Resource Person for Brazil*” pelo Standing Committee on Library Education, da American Library Association, em Chicago, nos Estados Unidos.

O apoio financeiro recebido do CNPq possibilitou que participasse de diversos eventos no exterior, onde apresentou trabalhos, tais como: Conference on Library and Information Science Education in the Americas, em Austin, Texas (1980); Seminário da Pré-conferência e da Conferência Geral da IFLA, no International Development Research Centre, em Montreal, Canadá (1982); Sessão de Estudos sobre “Acesso à Informação Técnica e Científica” no I Encontro Pernambucano de Biblioteconomia e Ciência da Informação, em Recife, Pernambuco (1982, como presidente); Seminário e Pré-conferência da Conferência Geral da Federação Internacional de Documentação, Unesco, em Haia (1984); Reunión Regional sobre Formación de Profesionales de la Información, Unesco, em Caracas, Venezuela (1990).

Desenvolveu trabalhos de natureza técnica como o “Anteprojeto do curso de mestrado em Biblioteconomia da PUCCAMP” (1979) e a “Avaliação

de coleções de referência em bibliotecas universitárias e recomendações para aperfeiçoamento dos serviços de referência” (1981).

Emitiu pareceres sobre o curso de pós-graduação em Biblioteconomia (Administração de Biblioteca) da Escola de Biblioteconomia da UFMG (1985) e sobre as alterações de critérios para a avaliação das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação (1992).

Atuou como consultora em várias instituições:

- Fundação Fullbright (1978);
- Capes, para área de Biblioteconomia (1979);
- Universidade Federal Fluminense (UFF), para o projeto “Estabelecimento de Critérios para adequação da coleção à necessidade dos usuários das bibliotecas da UFF” (1985);
- Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), consultora *ad hoc* para “Análise e pareceres de projetos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais apresentados ao CNPq” (1985);
- Sistema de Informação Científica e Tecnológica da Amazônia (Informam – 1985);
- Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Ensino Superior (SESu), para o Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU – 1986);
- Unesp, para o “Levantamento da situação e apresentação de recomendações para a reestruturação do Sistema de Bibliotecas” (1988);
- consultora *ad hoc* para “Análise e pareceres de projetos apresentados ao PADCT” (1993);
- Fundação Osvaldo Cruz, para “Projeto de avaliação e desenvolvimento de coleções do Sistema Integrado de Bibliotecas da Fiocruz” (1996);
- Secretaria de Cultura de São Paulo, para “Implantação de metodologia de avaliação das coleções de referência” (1997);
- Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (1997);
- Fundação de Amparo Ciência e Tecnologia de Pernambuco, consultora *ad hoc* (1997);
- Capes, para o projeto “Recuperação e ampliação dos acervos bibliográficos destinados ao ensino de graduação nos Institutos de Ensino Superior” (1998).

Participou de 28 bancas examinadoras de mestrado e doutorado, a maior parte delas no IBICT e algumas na USP. Participou também de uma banca examinadora de concurso público para professor titular na Universidade Federal do Paraná, em 1978, e da banca para o Prêmio do Instituto Nacional do Livro, em 1979, na UnB.

Orientou 13 alunos do mestrado em Ciência da Informação do convênio IBICT/UFRJ: Nadir Ferreira Alves, Fátima Maria Nascimento, Mônica Simas Santos, Maria Inez Carvalho Maranhão, Vânia Monteiro, Valéria Gauz, Arturo G. Luengo Medina, Nanci A. de Lima, Esther L. Araújo, Regina Célia Montenegro de Lima, Clara Maria W. Barreto, Maria José F. Maia, Marcos L.C. de Miranda.

Nice orientou também duas alunas de doutorado em Ciência da Informação do convênio IBICT/UFRJ: Regina Célia Montenegro de Lima e Ligia M. Moreira Dumont.

De 1976 a 1997 ministrou 62 cursos de curta duração sobre temas de interesse alinhados às suas linhas de pesquisa, tais como: Estudos de Usuários, Desenvolvimento de Coleções e Serviço de Referência, tendo como base o planejamento, a administração e o *marketing* de serviços.

Em sua trajetória profissional, Nice desde cedo se preocupou, também, em registrar na literatura da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação seus estudos e pesquisas. Sua experiência como bibliotecária, docente e pesquisadora nessas áreas, enriquecida com o seu aprendizado no exterior, sempre deixavam evidente para ela a escassez e as carências da literatura brasileira nessas áreas do conhecimento.

A Produção Científica

Nice escreveu 18 livros, sete capítulos de livros, 43 artigos de periódicos, 24 trabalhos que foram publicados em anais de congressos, 24 trabalhos técnicos e 14 textos de jornais de notícias/revistas.

Nice também foi uma das pioneiras a publicar seus trabalhos no exterior, escrevendo em inglês e tendo seus artigos aceitos em periódicos internacionais de nossa área.

Para melhor visualização da produção científica de Nice, suas obras serão relacionadas em ordem cronológica crescente pela data de publicação.

Sua tese de doutorado, escrita em inglês, deu origem à linha de pesquisa Serviço de Referência e Informação, que, mais tarde, desdobrou-se em outras linhas.

A conceptual methodology for error prevention in reference work. Florida: The Florida State University, 1975. 312p.

Dos quatro livros produzidos em seguida, três destacaram o período da trajetória profissional de Nice dedicado ao ensino de Biblioteconomia e o que foi publicado em 1979 tratou de dois temas relacionados às suas linhas de pesquisa: usuários da informação; desenvolvimento e avaliação de coleções.

Tópicos modernos em Biblioteconomia. Brasília: ADBF, 1977. 42 p. (Série Cadernos didáticos em Biblioteconomia, 1).

O ensino de Biblioteconomia no Brasil: relatório de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de Biblioteconomia e Documentação. Brasília: Capes, 1978. 3v.

Manual de reprografia. São Paulo: [Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo], 1980. 61 p.

Avaliação de coleções e estudo de usuários. Brasília: ABDF, 1979. 96 p.

Em 1982, Nice escreveu em espanhol seu relatório de uma missão na Colômbia para a Unesco, que tratou de outra temática de interesse da linha de pesquisa Desenvolvimento e Avaliação de Coleções.

Criterios para la evaluación de las colecciones de obras de referencia: informe de misión. Paris: Unesco, 1982. 20 p.

No ano seguinte, 1983, o livro que Nice escreveu tratou dos edifícios de bibliotecas.

Edifícios de bibliotecas: diretrizes e planejamento. Recife: Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação, 1983. 40 p.

De 1985 a 1993, Nice escreveu cinco livros. Dois deles abordaram o desenvolvimento e avaliação de coleções; um foi sobre promoção do uso da informação e os outros dois trataram do serviço de referência e informação.

Metodologias para avaliação de coleções, incluindo procedimentos para revisão, descarte e armazenamento. Brasília: IBICT, 1985. 54 p.

Tendências dos serviços de referência/informação. Brasília: IBICT, 1986. 130 p.

Metodologias para a promoção do uso da informação: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: APB, Nobel, 1990. 144 p.

Serviços de referência e informação. São Paulo: Polis, APB, 1992. 167 p.

Desenvolvimento e avaliação de coleções. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993. 194 p.

Nice escreveu dois livros em 1994 e, a partir de 1996, passou a escrever um livro a cada ano. Os temas abordados nesses livros foram: Estudos de uso e

de usuários, Ciência da Informação, Serviço de referência, Avaliação da coleção de referência, Desenvolvimento e avaliação de coleções.

Estudos de uso e usuários da informação. Brasília: IBICT, 1994. 154 p.

Tópicos modernos em ciência da informação. São Paulo: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1994. 145 p.

Textos avançados em referência/informação. São Paulo: Polis, APB, 1996. 124 p.

Avaliação da coleção de referência nas bibliotecas. Brasília: Thesaurus, 1997. 239 p.

Desenvolvimento e avaliação de coleções. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 1998. 237 p.

Paradigmas modernos da Ciência da Informação. São Paulo: Polis, APB, 1999. 168 p.

Os livros que Nice escreveu estão esgotados. Porém, e principalmente, em relação à teoria sobre os estudos de uso e de usuários, eles ainda têm grande valor, diante da quase inexistência de livros didáticos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Dos sete capítulos de livros escritos por Nice, três estão em inglês: um deles é sobre o processo de referência (1976); outro, sobre educação de usuários e marketing (1985) e, o terceiro, sobre microcomputadores em bibliotecas (1987). Nos quatro capítulos escritos em português, os assuntos tratados foram: seleção de livros, usuário e processo de referência, avaliação do serviço de referência, marketing de serviços de informação.

The reference process: modules for instruction. In: JAHODA, Gerald. The process of answering reference questions. A test of a descriptive model. Florida, 1976. 120 p. p. 47-51.

Seleção de livros. In: ESTUDOS avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ADBF, 1982. v. 1, p. 1-48.

O usuário e o processo de referência. In: ESTUDOS Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ABDF, 1983. v. 2, p. 19-59.

User education and marketing of information services in Brazil. In: FID EDUCATIONAL AND TRAINING COMMITTEE WORKSHOP, 1985, The Hague, Netherlands. *Curriculum development in a changing world: papers presented at the Fid...* [Edited by Marta L. Dosa, Thomas J. Forehlich]. The Hague: FID, 1985. 240 p. p. 46-51.

Técnicas e métodos para avaliação de Serviços de Referência/Informação. In: ESTUDOS avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ABDF, 1987. v. 4, p. 57-90.

The application of micro-computers in libraries: a case study on Brazil. In: *The application of micro computers in information, documentation and libraries:*

proceedings of the Second International Conference... [Edited by Klaus-Dieter Lehmann, Hilde Strohl-Goebel]. Amsterdam: Elsevier Science, 1987. p. 543-548.

Marketing de serviços e produtos de informação, segundo a visão do professor Tefko Saracevic. In: SILVEIRA, Amélia; AMARAL, Sueli Angélica do (Org.). *Marketing em unidades de informação: estudos brasileiros*. Brasília: IBICT, 1993. p. 279-290.

Não poderia deixar de comentar que Nice, com seu perfil profissional de pioneira receptiva à inovação e pela sua coragem para enfrentar desafios, também defendeu a adoção do *marketing* no sentido de deslocar o foco do produto para o usuário. No II Encontro de Biblioteconomia e Informática, realizado em Brasília, em 1986, ela apresentou um trabalho intitulado “*Marketing de serviços e produtos de informação, segundo a visão do professor Tefko Saracevic*”. O texto de Nice incluía a definição de *marketing* da informação apresentada por Saracevic, que havia sido publicada naquele mesmo ano. Ciente das dificuldades de acesso à literatura estrangeira de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Nice divulgava os trabalhos dessas áreas escritos em inglês e que abordavam temas inovadores, muitos deles pouco conhecidos. Era o caso da publicação de Tefko Saracevic, intitulada “*Marketing of information instructional objectives and rationale*”, que foi editada em Paris pela Unesco, em 1986, como capítulo da obra *A course in information consolidation: a handbook for education and training in analysis, synthesis and repackaging of information*. A importância do trabalho apresentado por Nice foi destacada, quando eu e a professora Amélia Silveira reunimos os poucos trabalhos publicados no Brasil sobre esse tema e organizamos a coletânea *Marketing em unidades de informação: estudos brasileiros*, publicada pelo IBICT, em 1993, e o trabalho de Nice foi incluído.

Dos 43 artigos de periódicos escritos por Nice, somente três deles foram escritos em coautoria, sendo Nice sempre a primeira autora. Cinco artigos foram escritos em inglês nos periódicos: *Information Development* (1987), *International Library Review* e *Journal of Education for Library and Information Science* (1988), *The International Information & Library Review* (1992) e *Education for Information* (1993).

Os periódicos brasileiros que publicaram os artigos de Nice foram: *Ciência da Informação* (11 artigos); *Revista de Biblioteconomia de Brasília* (10 artigos); *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (4 artigos); *Revista de Escola de Biblioteconomia da UFMG* (4 artigos); *Ângulo (FATEA)* (4 artigos); *Revista do Núcleo de Documentação da Universidade Federal Fluminense* (1 artigo); *Ângulo (Lorena)* (1 artigo); *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação* (1 artigo); *Tempo Brasileiro* (1 artigo); *Revista da Associação Catarinense de Biblioteconomia* (1 artigo).

Os primeiros artigos escritos por Nice, em decorrência de sua tese, abordaram temas relacionados ao serviço de referência. Sobre essa temática escreveu artigos de revisão, mas também escreveu artigos sobre avaliação de serviços.

Evolução e avaliação do serviço de referência. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, p. 175-198, 1974.

Metodologia conceitual para a prevenção de erros no serviço de referência. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 6, p. 87-98, 1977.

Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (Impresso), v. 11, n. 3/4, p. 155-168, 1978.

Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979.

O processo de transferência de informação. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 8, n. 2, p. 119-138, 1979.

O bibliotecário de referência: técnicas e métodos de ensino. *Revista do Núcleo de Documentação da Universidade Federal Fluminense*, v. 2, p. 5-22, 1982.

Serviços de informação para a comunidade em bibliotecas públicas. *Revista da Associação Catarinense de Biblioteconomia*, v. 2, p. 50-55, 1982.

Avaliação das coleções de referências nas bibliotecas brasileiras: uma proposta de metodologia. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 11, n. 2, p. 31-35, 1982.

Estudos de uso de catálogo. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 11, n. 2, p. 193-208, 1982.

Recomendações práticas para o aperfeiçoamento do serviço de referência/ Informação nas bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 11, n. 1, p. 35-44, 1983.

O bibliotecário de referência: técnicas e métodos de ensino. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 13, n. 1, p. 55-76, 1984.

Nice relata que a experiência de ter lecionado disciplinas na graduação em Biblioteconomia na UnB fez com que ela percebesse a grande deficiência de textos nacionais, em especial quando ministrou aulas sobre seleção de obras para bibliotecas. Ela procurou cobrir este tema, produzindo revisões de literatura e textos mais abrangentes sobre o enfoque de desenvolvimento de coleções. Sobre essa temática, escreveu em coautoria e em periódico estrangeiro.

FIGUEIREDO, N. M. ; LIMA, R. C. M. . Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna aplicação de técnicas bibliométricas. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 13, n. 2, p. 137-150, 1984.

Library data collection in Brazil. *International Library Review*, v. 20, n. 2, p. 203-214, 1988.

Da importância dos artigos de revisão na literatura. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 23, p. 131-135, 1990.

Outro tema que merece atenção na produção científica de Nice está relacionado aos usuários. Além dos livros texto, Nice publicou diversos artigos em periódicos nacionais e internacionais sobre usuários.

Aspectos especiais de estudos de usuários. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 12, n. 2, p. 43-57, 1983.

O pesquisador como barreira à transferência de informação. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, n. 8, p. 17-25, jun. 1984.

Estudos de usuários como suporte para planejamento/avaliação de sistemas de informação. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 14, n. 2, p. 27-35, jul./dez. 1985.

Treinamento de usuários. *Ângulo*, Lorena, v. 30, n. 2/3, p. 4-5, abr./jun. 1986.

Usuários, produtos e serviços. *Ângulo*, Lorena, v. 33, p. 16-16, 1987.

FIGUEIREDO, N. M.; MENO, M. Assessing needs for teaching information science in Brasil. *Journal of Education for Library and Information Science*, v. 28, Winter, p. 188-200, 1988.

As bibliotecas e os serviços bibliotecários foram lembrados por Nice, não apenas em artigos publicados em periódicos nacionais, como também em periódico internacional.

Bibliotecas como sistema de informação. *Ângulo*, Lorena, v. 22, p. 2-3, 1984.

Serviço de informação para a comunidade como um instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (Impresso), v. 18, n. 3/4, p. 7-19, jul./dez. 1985.

Análise da situação das bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 9, p. 211-218, 1986.

Técnicas de administração para bibliotecários. *Ciência da Informação* (Impresso), Brasília, v. 16, n. 1, p. 103-111, jan./jun. 1987.

Inovação, produtividade e sistemas de Informação. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 18, n. 1, p. 83-95, 1989.

Informação como ferramenta para o desenvolvimento. *Ciência da Informação* (Impresso), v.19, n. 2, p. 123-129, 1990.

Information as a tool for development. *The International Information & Library Review* (Impresso), v. 24, n. 3, p. 189-201, Sep. 1992.

Novas tecnologias: impacto sobre a formação de coleções. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 245-254, jul./dez. 1996.

O ensino em Biblioteconomia foi outro tema abordado nos artigos de Nice publicados em periódicos nacionais e internacionais.

FIGUEIREDO, N. M.; LIMA, R. C. M. Desenvolvimento profissional e inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 15, n. 1, p. 47-67, 1986.

FIGUEIREDO, N. M.; MENO, Michel. Metodologia para avaliação de material didático da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação em nível de graduação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 16, p. 33-44, jan./jun. 1988.

Elaboração de dissertação em Biblioteconomia/Ciência da Informação: notas para iniciantes. *Ângulo, Lorena*, v. 45/46, p. 22-22, 1990.

Da importância dos artigos de revisão na literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 23, n. 1/4, p. 131-135, 1990.

Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 20, n. 2, p. 161-175, jul./dez. 1991.

Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 22, n. 2, p. 239-256, 1993.

Continuing education in Brazil: review from the past and perspective for the future. *Education for Information*, v. 11, n. 4, p. 321-329, Dec. 1993.

Assuntos relacionados a tecnologia, Informática e microcomputadores também fizeram parte como temas dos artigos de periódicos escritos por Nice no Brasil e no exterior.

Dominação ou (a 2ª) revolução industrial: o dilema da informática nos países em desenvolvimento. *Tempo Brasileiro*, v. 86, p. 29-45, 1986.

Legislação de informática no Brasil: desenvolvimento e debates. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 14, n. 2, p. 287-297, jul./dez. 1986.

Aplicação de computadores em bibliotecas. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 14, p. 227-244, 1986.

Informatics in Brazil. *Information Development*, v. 3, n. 4, p. 203-207, Oct., 1987.

As novas tecnologias: previsões e realidades. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 24, n. 1, p. 109-117, 1995.

Nice também escreveu artigos de periódicos, destacando a importância das atividades de promoção, que já estavam implícitas nas leis de Ranganathan.

Da necessidade de promover o uso da informação. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 16, n. 1, p. 75-79, jan./jun. 1987.

Técnicas e ideias para promover o uso da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* (Impresso), v. 21, n. 3/4, p. 85-100, jul./dez. 1988.

A modernidade das cinco leis de Ranganathan. *Ciência da Informação* (Impresso), v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.

Os trabalhos apresentados por Nice em diversos congressos, conferências, seminários e reuniões realizados no Brasil e no exterior foram publicados nos anais dos eventos e agregaram valor a sua produção científica. Esses trabalhos foram listados tematicamente e apresentados em ordem cronológica crescente pela data de publicação dentro de cada tema.

Ensino de Biblioteconomia:

Currículo de Biblioteconomia: uma questão de mudança de orientação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9., 1977, Porto Alegre, RS. *Anais do IX Congresso...* Porto Alegre, 1977. v. 1, p. 258-263.

Pesquisa em Biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. *Anais do X Congresso...* Curitiba, 1979. v. 3, p. 964-979.

Basic and continuing/preparation of teachers of Library and Information Science in Latin America. In: LIBRARY and Information Science Education in the Americas: present and future papers from a conference held in Austin, Texas, 1980. (Edited by William Vernon Jackson). Washington, DC: ERIC Clearinghouse, 1981. 86 p. p. 39-58.

Research in Library and Information Science. In: SEMINÁRIO PRE-CONFERENCIA IFLA SOBRE EDUCACIÓN PARA LA INVESTIGACIÓN E INVESTIGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN, 1982, Montréal, Canada. *Memorial del Seminario...* Bogotá: Asociación Latino americana de Escuelas de Bibliotecología y Ciencias de la Información (ALEBCI), 1983. v. 1, p. 15-20.

Proposta para a criação de um centro nacional de aperfeiçoamento do pessoal da informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. *Anais do XIV Congresso...* Recife, 1987. v. 2, p. 1039-1052.

Novo curso de especialização em gerência e administração de bibliotecas e sistemas de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 15., 1989, Rio de Janeiro. *Anais do XV Congresso...* Rio de Janeiro, 1989. v. 1, p. 14-28.

Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. In: CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SIBI/UFRJ, 1990, Rio de Janeiro. *Anais do Ciclo...* Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1990. v. 1, p. 179-196.

Estudos de uso da biblioteca e estudos de usuários:

User education and marketing of information services in Brazil. In: FID EDUCATIONAL AND TRAINING COMMITTEE WORKSHOP, 1985, The Hague, Netherlands. *Curriculum development in a changing world: papers presented at the Fid...* [Edited by Marta L. Dosa, Thomas J. Forehlich]. The Hague: FID, 1985. 240 p. p. 46-51.

O impacto da automação no serviço de referência/informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais do II Encontro...* Brasília, 1986. p. 57-72.

Marketing de serviços e produtos de informação segundo a visão do Prof. Tefko Saracevic. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais do II Encontro...* Brasília, 1986. p. 409-422.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. The application of microcomputers in libraries: a case study on Brazil. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE APPLICATION OF MICRO-COMPUTERS IN INFORMATION, DOCUMENTATION AND LIBRARIES, 2., 1986, Baden-Baden. *The application of [...] : proceedings of the Second International Conference...* [Edited by Klaus-Dieter Lehmann, Hilde Strohl-Goebel]. Amsterdam: Elsevier Science, 1987. p. 543-548.

Formulários para coleta de dados e estudos de uso de bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5., 1987, Porto Alegre. *Anais do V Seminário...* Porto Alegre, 1987. v. 1, p. 443-464.

Serviços de referência/informação em sistemas/redes de bibliotecas universitárias: subsídios para projeto de implantação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 6., Belém, 1990. *Anais do IV Seminário...* Belém, 1990. v. 1, p. 130-145.

Informação para negócios: um novo desafio. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1994, Belo Horizonte. *Anais do II Congresso...* Belo Horizonte: ABMG, 1994. p. 150-168.

Situação da automação nas bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais do X Seminário...* Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1998.

Desenvolvimento da coleção de livros para o ensino da graduação: novas perspectivas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais do X Seminário...* Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1998.

Situação da automação nas bibliotecas universitárias. In: CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais do VI Ciclo...* Rio de Janeiro: UFRJ/SIBI, 1998. v. 1, p. 7-12.

Desenvolvimento e avaliação de coleções:

Seleção e aquisição de material em bibliotecas universitárias brasileiras. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981, Brasília. *Anais do II Seminário...* Brasília: Capes, 1981. p. 330-350.

Avaliação da coleção de referência nas bibliotecas universitárias brasileiras: proposta de metodologia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5., 1987, Porto Alegre. *Anais do V Seminário...* Porto Alegre, 1987. v. 1, p. 527-534.

Metodologia para avaliação de coleções de periódicos em bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais do II Encontro...* Brasília: ABDF, 1986. 537 p.p. 37-46.

Avaliação de coleção de referência nas bibliotecas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 2., 1995, Valinhos. *Anais do II Encontro...* Brasília: Ancib, 1995. v. 1, p. 9-12.

Avaliação de coleções de referência nas bibliotecas públicas do Rio de Janeiro e São Paulo. In: FÓRUM LATINO-AMERICANO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 3., 1997, Rio de Janeiro. *Anais do I Fórum... e III Encontro Nacional...* Rio de Janeiro: ANCIB, 1997. v. 1, p. 1-9.

Nice foi responsável pelo preparo, compilação e coordenação do *Boletim da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara*, desde o seu primeiro até o quarto boletim, enquanto lá trabalhou. Ela também escreveu artigos em jornais de notícias:

Da carreira do profissional bibliotecário. *Boletim CRB-7*, p. 2, 20 jul. 1992.

Da carreira do profissional bibliotecário. *Boletim CRB-8*, São Paulo, p. 9-10, ago. 1992.

Propuesta para la creación de un Centro Nacional de Perfeccionamento de Personal de Información. *Boletim Infolac*, Caracas, p. 11-11, 10 set. 1990.

Library of the University of Brasilia. *Stechert-Hafner Book News*, New York, p. 129-130, 2 maio 1968.

A maciça produção científica de Nice revela-nos o seu empenho em contribuir intensamente para a evolução tanto da Biblioteconomia quanto da Ciência da Informação, ampliando a visibilidade dessas áreas do conhecimento entre as demais Ciências Sociais Aplicadas. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação ainda precisam intensificar, em especial, a produção de livros textos e material didático, para ampliar o seu campo de atuação perante a sociedade e o país.

Ao considerar os obstáculos e dificuldades do campo editorial que os autores enfrentam na atualidade, é preciso reconhecer na produção científica de Nice o seu pioneirismo. Na segunda década do século XXI ainda é bastante precária a distribuição dos livros de Biblioteconomia e Ciência da Informação e, como consequência desta realidade, é praticamente inexistente a presença de livros da área de Biblioteconomia e Documentação em nossas livrarias. Entretanto, na década de 1990, os livros de Nice podiam ser adquiridos em muitas delas.

A Visão do Futuro

Estudar a trajetória profissional de Nice Menezes de Figueiredo para relatar sua história fez aumentar ainda mais minha admiração por ela. Este relato pode estimular outros profissionais a enfrentarem os desafios decorrentes das constantes mudanças que vivenciamos, especialmente para os bibliotecários, que trabalham com a informação e o conhecimento. Pedi a Nice que dissesse algumas palavras para estimular os bibliotecários do amanhã:

Os tempos futuros poderão ser mais difíceis para os bibliotecários. Portanto, sejam persistentes e não desistam nunca, se é isto que querem ser. Sigam em frente, com ética e coragem para que possam se orgulhar do trabalho que realizaram.

Nice Figueiredo trabalhou como bibliotecária na USP, na Unesp e na UnB. Como docente e pesquisadora, atuou na UnB e no IBICT, no Rio de Janeiro, onde se aposentou como pesquisadora titular, em 1999.

Obrigada Nice, por tudo que nos ensinou e pela valiosa obra com que nos brindou.

SUELI ANGELICA DO AMARAL é doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em Planejamento e Marketing de Serviços de Informação pela School of Library and Information Studies da University of Wisconsin, Madison, Estados Unidos e em Marketing para Empresas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas de Brasília. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB de 2000 a 2004. Atualmente, exerce suas atividades acadêmicas de ensino e pesquisa no âmbito da graduação em Biblioteconomia e da Pós-graduação em Ciência da Informação como professora associada e líder do Grupo de Pesquisa Marketing da Informação. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1986609559174583>

Anexo 1

Bibliografia de Nice Menezes de Figueiredo

(ordem cronológica)¹

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Library of the University of Brasilia. *Stechert-Hafner Book News*, New York, p. 129-130, May 2 1968.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *The use and users of academic libraries: a review*. Philadelphia: Drexel University, Graduate School of Library Science, 1970. 20 p. Final paper for Measuring Library Use Course. Datilografado.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Evolução e avaliação do serviço de referência. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 175-198, jul./dez. 1974.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *A conceptual methodology for error prevention in reference work*. Florida: The Florida State University, 1975. 312 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. The reference process: modules for instruction. In: JAHODA, Gerald. *The process of answering reference questions: a test of a descriptive model*. Florida, 1976. p. 47-51.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Metodologia conceitual para a prevenção de erros no serviço de referência. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 6, n. 2, p. 87-98, jul./dez. 1977.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Tópicos modernos em biblioteconomia*. Brasília: ADBF, 1977. 42 p. (Série Cadernos Didáticos em Biblioteconomia, 1).

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Currículo de Biblioteconomia: uma questão de mudança de orientação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 9., 1977, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 1977. v. 1, p. 258-263.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *O ensino da Biblioteconomia no Brasil: relatório de pesquisa sobre o status quo das escolas de Biblioteconomia e Documentação, com ênfase na situação do pessoal docente*. Brasília: Capes, 1978. 3 v.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 11, n. 3/4, p. 155-168, jul./dez. 1978.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Manual de reprografia*. São Paulo: ECA/USP, 1978. 61 p.

¹ Levantamento realizado por Cláudio César de Oliveira Campos (09/92062), Janaína Soares Lopes Barbosa (09/97102) e Thiago Wilian Barbosa de Oliveira (06/39567), alunos do curso de bacharelado em Biblioteconomia da UnB.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Avaliação de coleções e estudo de usuários*. Brasília: ABDF, 1979. 96 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Bibliotecas universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 7, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1979.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O processo de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 119-138, 1979.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Pesquisa em Biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 1979. v. 3, p. 964-979.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Basic and continuing/preparation of teachers of Library and Information Science in Latin America. In: JACKSON, William Vernon. *Library and information science education in the Americas: present and future: papers from a conference held in Austin, Texas, 1980*. [Washington, DC]: ERIC Clearinghouse, 1981. p. 39-58.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Seleção e aquisição de material em bibliotecas universitárias brasileiras. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981, Brasília. *Anais...* Brasília: Capes, 1981. p. 330-350.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Avaliação das coleções de referência nas bibliotecas brasileiras: uma proposta de metodologia. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 31-35, 1982.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O bibliotecário de referência: técnicas e métodos de ensino. *Revista do Núcleo de Documentação da Universidade Federal Fluminense*, v. 2, p. 5-22, 1982.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Serviços de informação para a comunidade em bibliotecas públicas. *Revista da Associação Catarinense de Biblioteconomia*, Florianópolis, v. 2, p. 50-55, 1982.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Estudos de uso de catálogo. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 193-208, set. 1982.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Criterios para la evaluación de las colecciones de obras de referencia: informe de misión*. Paris: Unesco, 1982. 20 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Seleção de livros. In: ESTUDOS avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ABDF, 1982. v. 1, p. 1-48.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Research in Library and Information Science. In: SEMINARIO PRE-CONFERENCIA IFLA SOBRE EDUCACIÓN PARA

LA INVESTIGACIÓN E INVESTIGACIÓN PARA LA EDUCACIÓN, 1982, Montréal, CA. *Memoria del Seminario...* Bogotá: Asociación Latinoamericana de Escuelas de Bibliotecología y Ciencias de la Información, 1983. v. 1, p. 15-20.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Recomendações práticas para o aperfeiçoamento do serviço de referência/informação nas bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 1983.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Aspectos especiais de estudos de usuários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 43-57, jul./dez. 1983.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Edifícios de bibliotecas: diretrizes e planejamento*. Recife: Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia e Documentação, 1983. 40 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O usuário e o processo de referência. In: ESTUDOS avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Brasília: ABDF, 1983. v. 2, p. 19-59.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O bibliotecário de referência: técnicas e métodos de ensino. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 55-76, mar. 1984.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O pesquisador como barreira à transferência de informação. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, n. 8, p. 17-25, jun. 1984.

LIMA, Regina Célia Montenegro de; FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Seleção e aquisição: da visão clássica à moderna aplicação de técnicas bibliométricas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 137-50, jul./dez. 1984.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Bibliotecas como sistema de informação. *Ângulo*, Lorena, n. 2, p. 2-3, 1994.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Serviço de informação para a comunidade como instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 18, n. 3/4, p. 7-19, jul./dez. 1985.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Estudos de usuários como suporte para planejamento e avaliação de sistemas de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 27-35, jul./dez. 1985.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Metodologias para avaliação de coleções incluindo procedimentos para revisão, descarte e armazenamento*. Brasília: IBICT, 1985. 54 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. User education and marketing of information services in Brazil. In: FID EDUCATIONAL AND TRAINING COMMITTEE WORKSHOP, 1985, The Hague, Netherlands. *Curriculum development in a changing world: papers presented at the FID...* [Edited by Marta L. Dosa, Thomas J. Forehlich]. The Hague: FID, 1985. (FID Publication, 645). p. 46-51.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Legislação de informática no Brasil: desenvolvimento e debates. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 14, n. 2, p. 287-297, jul./dez. 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de; LIMA, Regina Célia Montenegro de. Desenvolvimento profissional e inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 47-67, mar. 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Treinamento de usuários. Ângulo, Lorena, SP, v. 30, n. 2/3, p. 4-5, abr./jun. 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Aplicação de computadores em bibliotecas: estudo comparativo entre países desenvolvidos e o Brasil. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 14, n. 2, p. 227-244, jul./dez. 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Análise da situação das bibliotecas brasileiras. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 9, p. 211-218, 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Dominação ou (a 2ª) revolução industrial: o dilema da informática nos países em desenvolvimento. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 86, p. 29-45, set. 1986.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Tendências dos serviços de referência/informação*. Brasília: IBICT, 1986. 13 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O impacto de automação no serviço de referência/informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais...* Brasília: ABDF, 1986. p. 57-72.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Marketing de serviços e produtos de informação segundo a visão do Prof. Tefko Saracevic. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais...* Brasília: ABDF, 1986. p. 409-422. [Posteriormente publicado em: SILVEIRA, Amélia; AMARAL, Sueli Angélica do (Org.). *Marketing em unidades de informação: estudos brasileiros*. Brasília: IBICT, 1993. p. 279-290].

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Técnicas de administração para bibliotecários. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 103-111, jan./jun. 1987.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Informatics in Brazil. *Information Development*, London, v. 3, n. 4, p. 203-207, Oct. 1987.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Da necessidade de promover o uso da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 75-79, jan./jun. 1987.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Usuários, produtos e serviços. *Ângulo*, Lorena, SP, v. 33, p. 16-16, 1987.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. The application of micro-computers in libraries: a case study on Brazil. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE APPLICATION OF MICRO-COMPUTERS IN INFORMATION, DOCUMENTATION AND LIBRARIES, 2., 1986, Baden-Baden. *The application of micro-computers in information, documentation and libraries: proceedings of the Second International Conference on the Application of Micro-computers in Information, Documentation and Libraries*. [Edited by Klaus-Dieter Lehmann, Hilde Strohl-Goebel]. Amsterdam: Elsevier Science, 1987. p. 543-548.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Técnicas e métodos para avaliação de Serviços de Referência/Informação. In: ESTUDOS avançados em biblioteconomia e ciência da informação. Brasília: ABDF, 1987. v. 4, p. 57-90.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Avaliação da coleção de referência nas bibliotecas universitárias brasileiras: proposta de metodologia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5., 1987, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 1987. v. 1, p. 527-534.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Metodologia para avaliação de coleções de periódicos em bibliotecas universitárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA E INFORMÁTICA, 2., 1986, Brasília. *Anais...* Brasília: ABDF: IBICT, 1986. p. 37-46.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Formulários para coleta de dados e estudo de uso de bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 5., 1987, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 1987. v. 1, p. 443-464.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Proposta para a criação de um centro nacional de aperfeiçoamento do pessoal da informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. *Anais...* Recife: [s.n.], 1987. v. 2, p. 1039-1052.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de; MENOU, Michel. Metodologia para avaliação de material didático da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação a nível de graduação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 1988.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Técnicas e idéias para promover o uso da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 21, n. 3/4, p. 85-100, jul./dez. 1988.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de; MENO, M. Assessing needs for teaching Information Science in Brazil. *Journal of Education for Library an Information Science*, State College, Pennsylvania, v. 28, p. 188-200, Winter 1988.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Library data collection in Brazil. *International Library Review*, v. 20, n. 2, p. 203-214, Apr. 1988.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Inovação, produtividade e sistemas de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 83-95, jan./jun. 1989.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Novo curso de especialização em gerência e administração de bibliotecas e sistemas de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 15., 1989, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: [s.n.], 1989. v. 1, p. 14-28.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Informação como ferramenta para o desenvolvimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 123-129, jul./dez. 1990.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Da importância dos artigos de revisão de literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 23, n. 1/4, 131-135, jan./dez. 1990.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Metodologias para promoção do uso da informação: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas*. São Paulo: Nobel: Associação Paulista de Bibliotecários, 1990. 144 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Elaboração de dissertação em Biblioteconomia/Ciência da Informação: notas para iniciantes*. Ângulo, Lorena, SP, v. 45/46, p. 22-22, 1990.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Propuesta para la creación de un Centro Nacional de Perfeccionamento de Personal de Información. *Boletim Infolac*, Caracas, p. 11, 10 set. 1990.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Serviços de referência/informação em sistemas/redes de bibliotecas universitárias: subsídios para projeto de implantação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 6., 1990, Belém. *Anais...* Belém: [s.n.], 1990. v. 1, p. 130-145.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. In: CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SIBI/UFRJ, 1990, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1990. v. 1, p. 179-196.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 161-175, jul./dez. 1991.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Information as a tool for development. *The International Information & Library Review*, v. 24, n. 3, p. 189-268, Sept. 1992.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Serviços de referência e informação*. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1992. 167 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Da carreira do profissional bibliotecário. *Boletim CRB-7*, Rio de Janeiro, p. 2, 20 jul. 1992.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Da carreira do profissional bibliotecário. *Boletim CRB-8*, São Paulo, p. 9-10, ago. 1992.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Desenvolvimento e avaliação de coleções*. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993. 194 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Continuing education in Brazil: overview from the past and perspective for the future. *Education for Information*, Amsterdam, v. 11, n. 4, p. 321-329, Dec. 1993.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 239-256, jul./dez. 1993.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Tópicos modernos em ciência da informação*. São Paulo: Centro Cultural Teresa d'Ávila, 1994. 145 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília: IBICT, 1994. 154 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Informação para negócios: um novo desafio. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1994, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ABMG, 1994. p. 150-168.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Bibliotecas como sistemas de informação. *Ângulo*, Lorena, n. 2, p. 2-3, abr./jun. 1994.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. As novas tecnologias: previsões e realidades. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 109-117, jan./abr. 1995.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Avaliação de coleção de referência nas bibliotecas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA, 2., 1995, Valinhos. *Anais...* Brasília: Ancib, 1995. v. 1, p. 9-12.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Textos avançados em referência/informação*. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1996. 124 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Novas tecnologias: impacto sobre a formação de coleções. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 245-254, jul./dez. 1996.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Avaliação da coleção de referência nas bibliotecas*. Brasília: Thesaurus, 1997. 239 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Avaliação de coleções de referência nas bibliotecas públicas do Rio de Janeiro e São Paulo. In: FÓRUM LATINO-AMERICANO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1.; ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 3., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ancib, 1997. v. 1, p. 1-9.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Desenvolvimento e avaliação de coleções*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 1998. 237 p.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Situação da automação nas bibliotecas universitárias. In: CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ/SIBI, 1998. v. 1, p. 7-12.

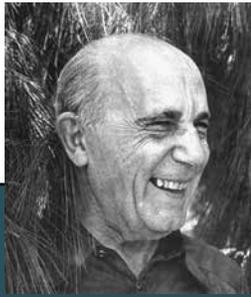
FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Desenvolvimento da coleção de livros para o ensino da graduação: novas perspectivas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1998.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Situação da automação nas bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1998.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Paradigmas modernos da ciência da informação: usuários, coleções, referência & informação*. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1999. 168 p.



Da esquerda para a direita: Em pé: Aníbal, Maria Alice Machado, Suelena, Maria Yeda, Miriam Gusmão, Luis Antonio, Angela, Regina Célia, Ignácia; Sentados: Nilcéia Amábília, Normanda, Rubens Borba, Alcídia.



9 *Rubens Borba de Moraes* *por Suelena Pinto Bandeira*

A primeira vez que vi Rubens Borba de Moraes foi quando ele entrou em sala de aula para ministrar a disciplina História do Livro e das Bibliotecas. Elegante, em sua roupa bem talhada, perfumado sem exagero, simples e ao mesmo tempo imponente – tanto que sempre o vi como um homem alto e vigoroso – o que não era exatamente a realidade. Era baixo e estava um pouco acima do peso.

Descendente de bandeirantes, pelo lado materno de Manuel de Borba Gato, pelo lado paterno de Fernão Dias Paes Leme, nasceu na fazenda de seus avós, em Araraquara, em São Paulo, no dia 23 de janeiro de 1899.

Órfão de mãe desde cedo, começou seus estudos em casa, tendo o pai como professor. Mais tarde, aos nove anos, seu pai manda-o estudar, primeiro, na França e, depois, em Genebra, Suíça. À época, era mais barato estudar na Europa do que na capital de um Estado. Em Paris terminou o curso primário e, depois, seguiu para o Collège de Genebra, fundado por Calvino, para fazer o curso secundário. Ali moldou seu caráter, sua disciplina e seu amor aos livros. Diplomado pela Faculdade de Letras em Genebra, ele voltou ao Brasil em setembro de 1919.

Aproximou-se de Mário de Andrade, com quem a família mantinha laços quase familiares. “Vá procurar o Mário. Ele também gosta de literatura e entende de livros. Procurei o Mário e aí reatamos a nossa amizade, que durou até a morte dele, coitado” – disse ele em suas memórias. Chegado da Europa com uma grande coleção de livros modernos na bagagem, começou a difundir, emprestando para leitura e posteriores discussões, os livros de autores mais representativos, especialmente franceses, que estavam dando novo tratamento à literatura. Por sua vez, Mário de Andrade emprestava-lhe livros de literatura brasileira, de autores sobre os quais não possuía nenhuma informação.

Mário de Andrade reunia-se, às terças-feiras, com um grupo de amigos na sua casa. Foi uma época memorável, entre 1921 e 1923. Dele faziam parte, além de Rubens e Mário, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Luiz Aranha, entre outros. Foi ali que nasceu o movimento modernista de São Paulo, ali foram discutidas as ideias, debatidos os princípios e estabelecida toda a ideologia do movimento. Esse movimento se cristalizou com a realização da Semana de Arte Moderna nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Foi considerada como a maior revolução estética de todos os tempos explodida em São Paulo, repercutindo em todas as áreas de manifestação artística (literatura, música, pintura, escultura, desenho, arquitetura) e em todo o País.

Rubens Borba dizia que a Semana começou de forma desprezível. A primeira ideia era montar uma exposição de quadros de Di Cavalcanti, em dificuldades financeiras. Ampliou-se o movimento congregando pessoas que estivessem atuando em diferentes áreas artísticas. Rubens Borba, por ser o mais desocupado do grupo, segundo suas próprias palavras, ficou encarregado de fazer os contatos com os intelectuais, especialmente os do Rio de Janeiro. A Semana efetuou-se em noitada de glória no Teatro Municipal de São Paulo, animada por uma plateia que aplaudia e, na maior parte do tempo, vaiava. Rubens Borba não participou das festividades porque, nas vésperas, foi acometido de febre tifóide que o levou a ficar afastado da vida social por quase dois meses.

Em meados de 1922, no bojo da ideologia do movimento modernista – trazer o novo para o Brasil em termos de arte –, o mesmo grupo, o “grupo dos hominhos” numa clara alusão à faixa etária de seus componentes, criou a revista *Klaxon*, que em francês designa “buzina”, nome de indisfarçável inspiração futurista. Tudo nela denotava modernidade e se afastava do usual. Era uma criação coletiva, de responsabilidade coletiva, sem trazer a indicação de responsáveis por sua edição. Apareceu com o objetivo de difundir as ideias dos componentes do grupo ou que por eles fossem adotadas. Plínio Doyle afirma ter

sido Rubens Borba o homem-chave da revista: tudo fazia, tudo providenciava, tudo articulava – assinaturas, anúncios, colaborações.

Em 1924, associado a Tasso da Silveira, funda “Candeia Azul”, uma casa editora. Lançou três livros. A casa teve vida curta e encerrou-se quando o dinheiro acabou. Depois, lançou um jornal literário que se propunha a publicar nomes emergentes da literatura nacional. Chamava-se “Terra Roxa e outras terras”. Tudo era feito de forma amadorística e o jornal durou também até acabar o dinheiro de seus mantenedores.

Em 1924, uma revolução, o levante armado do tenentismo, eclodido em São Paulo, surpreendeu os cidadãos comuns e o grupo de literatos modernos que até ali haviam se ocupado somente com a revolução das artes. Esse grupo era composto por cerca de 12 pessoas, entre elas: Antonio de Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Oswaldo e Mário de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Prudente de Moraes, neto, Paulo Prado, José Mariano de Camargo Aranha, e liderado por Paulo Nogueira Filho. Iniciaram um movimento de idéias e formaram uma sociedade de discussões, conferências e artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, que visavam esclarecer a opinião pública sobre os problemas políticos nacionais e fazer com que o clamor dessa opinião interferisse nas decisões nacionais. A intenção era derrubar a oligarquia representada pelo partido da situação, o Partido Republicano Paulista (PRP), instituir o voto secreto, uniformizar a legislação e o sistema tributário. Queriam “modernizar” a política brasileira. A repercussão intensa e positiva evoluiu para a criação de um partido político. O Partido Democrático surgia como uma proposta liberal contrapondo-se aos propósitos governamentistas do PRP. O novo partido granjeou grande aceitação e viu filiar-se a seus quadros intelectuais, professores e políticos profissionais, mas, segundo Rubens Borba, “os políticos nos absorveram, fomos engolidos e nossas idéias de renovação se adaptando à realidade partidária.”

Participou como “conspirador”, em 1929, do movimento que desencadearia a Revolução de 1930: foi escalado a ir até Buenos Aires convidar Luis Carlos Prestes para chefiar o movimento. Não obteve êxito. Também ele não participou desse movimento porque não acreditava em seus ideais e, como ele mesmo recorda, estava mais interessado em amor.

Em fins de 1931, São Paulo enfrentava sérios problemas políticos. Os cargos mais importantes vinham sendo exercidos por pessoas estranhas à terra, o que causava grande incômodo aos paulistas. Juntamente com Tácito de Almeida e com a adesão de Alfredo Ellis Júnior resolveram fundar a Liga de Defesa Paulista. Para isso organizaram comícios, conferências e distribuíram panfletos à população, visando preparar a opinião pública para o separatismo.

Em 1932 fundaram um tablóide, *O Separatista*, e, em seu primeiro número, conclamavam a população a abraçar a causa. Rememorando o movimento, afirmava estar animado por um sentimento de revolta contra o governo provisório, que “tratava o estado como terra inimiga e conquistada”. Com a Revolução de 32, a Liga de Defesa Paulista organizou um batalhão para combate. Como primeiro-tenente foi para Cunha, no vale do Paraíba, e ali lutou até a capitulação ante as forças legalistas.

A derrota das forças paulistas levou-o a repensar a realidade nacional e concluiu que o problema do Brasil era de educação, instrução propriamente dita. O que se necessitava no País era incentivar um programa de formação, no qual, ao lado da cultura, se enquadrasse a formação técnica. Em 1934 existiam em São Paulo algumas faculdades – Medicina, Direito, Farmácia, Odontologia, Politécnica – todas voltadas para uma formação especializada. O que propunha era uma escola onde se aprendessem as ciências comportamentais, que estudavam o homem de forma mais abrangente, identificando as variáveis que interferem no desempenho humano.

Isso levou-o a idealizar, junto com Ciro Berlinck, Antonio Carlos Couto de Barros, Tácito de Almeida e Sérgio Milliet, uma escola onde se estudassem as novas ciências – Sociologia, Política, Estatística – que não eram estudadas no País. Com o apoio financeiro de Roberto Simonsen, fundou a Escola Livre de Sociologia e Política “cujo nome era um programa e uma revolução no ensino, uma nova visão do Brasil”, conforme dito por ele numa entrevista feita pelo Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, em 1981. Tamanho sucesso fez a escola que, quando da criação da Universidade de São Paulo (USP), Armando Sales de Oliveira a incorporou àquela Universidade como instituto complementar, em reconhecimento a sua importância.

Acabada a revista *Klaxon*, foram todos cuidar da vida, ele inclusive. Fez concurso para o Itamarati, onde foi reprovado em inglês. Então, resolveu comprar um emprego, como era costume na época. Por trinta contos de réis comprou um emprego na Recebedoria de Rendas do Estado. Acabou se interessando pelo serviço e montou um sistema mecanizado de arrecadação. A receita passou a ser controlada mecanicamente e não através de recibos escritos à mão.

Somente em 1935, o projeto de criação de um órgão financiado pelo Estado se concretizou. Fábio Prado assumiu a prefeitura da cidade de São Paulo e, convencido por seu primo Paulo Prado, criou o Departamento de Cultura e de Recreação, dando sua direção ao escritor Mário de Andrade. Fruto de inspiração do mesmo grupo de modernistas da Semana de Arte Moderna, seria uma organização brasileira, de estudos de coisas brasileiras e de sonhos brasileiros.

O projeto desse Departamento previa a implantação de sistema de parques infantis, restauração e publicação de documentos históricos, teatros, bibliotecas, campos de atletismo, estádios, piscinas, estação de rádio. Para estruturar a parte referente ao setor de bibliotecas foi chamado Rubens Borba, conhecido como “devorador de livros”.

A Divisão de Bibliotecas organizava-se em duas seções. A primeira encarregava-se de vários serviços: classificação, catalogação, fichamento e arquivo; de consulta, referências, informações bibliográficas e traduções; de revistas e jornais; biblioteca infantil; brasileira e gravuras, documentos, manuscritos e mapas. À outra seção ficaram os serviços afetos à limpeza, zeladoria, expediente, portaria, almoxarifado, depósito, encadernação e conservação.

Tão logo assumiu, colocou em execução o plano que havia idealizado para o desenvolvimento da Biblioteconomia de São Paulo – o sistema municipal de bibliotecas. Esse plano, denominado Plano Bibliotecário, era dividido em sete itens:

- Construção de um moderno edifício para a Biblioteca Pública Municipal.
- Criação de uma biblioteca infantil com a instalação de cinema e mobiliário especial, no prédio da Biblioteca.
- Criação de uma biblioteca de jardim, por meio de automóvel-biblioteca.
- Criação de bibliotecas de bairro.
- Fusão da Biblioteca do Estado com a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo.
- Criação de uma escola de Biblioteconomia.
- Legislação bibliotecária especial.

Ainda contemplava a organização completa dos serviços técnicos, adoção de esquema de expansão bibliotecária, a formação de pessoal habilitado e cooperação com outros institutos.

Deu início a seu plano, modernizando e ampliando o acervo e estruturando os processos técnicos. Não havia regras de catalogação, não havia critérios, não havia política nem diretrizes. Implantou serviços técnicos de tombamento, registro, catalogação e classificação. Elaborou e organizou catálogos, centralizou o processo de aquisição e os serviços de catalogação e classificação. Promoveu um extenso programa de aquisições, modernizando o acervo e adquirindo livros raros e preciosos, de forma a enriquecer a seção Brasileira.

Para a construção do prédio, foi desapropriado um terreno para ali ser instalada a Biblioteca Municipal, hoje Biblioteca Municipal Mário de Andrade. O projeto, executado pelo arquiteto francês Jacques Pillon, obedecia aos princípios da arquitetura moderna e funcional para os padrões da época. Um recuo de dez a vinte metros do alinhamento das ruas circundantes assegurava não só a tranquilidade ao ambiente interno como também a existência de um jardim à volta do edifício. As janelas e portas ocupavam toda a altura da parede proporcionando iluminação natural. O vestíbulo era destinado a abrigar exposições. Os pisos e demais dependências eram revestidos de borracha, visando amortecer o barulho. Dispunha ainda de um pequeno auditório para conferências, dotado com aparelhos de cinema sonoro.

A idéia do governo era dotar a cidade da maior biblioteca pública do País, que pudesse abrigar toda a população que a ela recorresse. O início da construção deu-se em maio de 1938, com prazo previsto para durar 18 meses. As obras foram paralisadas por 3 anos. Começou a funcionar efetivamente em abril de 1943.

A biblioteca infantil teve sua sede instalada numa casa alugada e adaptada. O acervo especializado constituía-se de obras nacionais de literatura e de boas traduções, de estórias, de figuras, revistas educativas e recreativas, de mapas, gravuras, selos e moedas e também era facultado o empréstimo domiciliar. Foi um sucesso de público.

A biblioteca de jardim, ou de parque, ou ambulante, funcionava como uma extensão ao desenvolvimento das atividades previstas para a Biblioteca. Num chassis doado pela fábrica de automóveis Ford, adaptou-se uma carroceria onde foram instalados livros, jornais e revistas. Estacionava cada dia numa praça pública, oferecendo aos usuários daqueles locais seu acervo. A idéia central era fomentar o interesse do leitor pelo livro e disseminar o uso da biblioteca. Pretendia ser um trabalho de *marketing*. Pelo ineditismo da idéia, esse serviço foi motivo de fortes críticas da oposição. Chegou a ser considerado um “escândalo”, por emprestar livros, material comprado com dinheiro público, sujeito a roubos, destruições, desvios. O sistema de levar leitura aos parques não obteve o retorno pretendido. O carro-biblioteca foi desativado em 1942 pelo prefeito Prestes Maia sob a alegação de que o automóvel ficava “imobilizado e imobilizando horas a fio dois funcionários a 15 metros da biblioteca-sede, proporcionando romances policiais a uma dúzia de vagabundos escanchados nos bancos da Praça da República, justamente nas horas de trabalho da população”. Embora não tenha sido bem aceita na época, a idéia acabou sendo adotada posteriormente em várias cidades brasileiras.

A ideia de criação de bibliotecas de bairro, ou uma rede de bibliotecas era suprir a população, e principalmente as classes operárias, com serviços de biblioteca, criar salas de leitura em bairros como Brás, Belenzinho, Mooca, Vila Mariana, Lapa, Bom Retiro, Ipiranga, todos com forte concentração operária. Baseado em estudos de densidade demográfica e tipo de população e em diversas variáveis – concentração populacional, acervos, localização, tipos de bibliotecas, públicos-alvo – ficou estabelecido o número de bibliotecas a serem instaladas em dez bairros da cidade. Com esse número, praticamente toda a cidade estaria atendida. Os dez bairros correspondiam aos que abrigavam maior contingente de fábricas e de operários. A grande inovação era a filosofia do sistema, tendo a Biblioteca Pública Municipal como a coordenadora do sistema. A ela caberia a superintendência das demais e a centralização dos serviços técnicos. Previam-se a implantação de um serviço de orientação à leitura e empréstimo domiciliar, cursos de vulgarização e conferências, além da criação de uma associação de caráter educativo, embrião das modernas associações de bairro. Todas teriam uma seção destinada ao público infantil.

Infelizmente o sistema não foi implantado. Com a mudança administrativa, o Departamento de Cultura sofreu um processo de esvaziamento. Não havia mais verbas nem interesse político em prestigiá-lo. Esse projeto só foi viabilizado a partir de 1952, mas sem atender aos princípios recomendados pelo plano de seu criador.

A Lei nº 2.839, de 5 de janeiro de 1937, em suas Disposições Gerais e Transitórias, determinava a transferência da atual Biblioteca Pública do Estado para o Município da Capital. Essa incorporação era um item de um plano maior. Os municípios ficariam responsáveis pelas bibliotecas não especializadas, difundidoras de conhecimentos gerais sem fins determinados. Ao Estado caberiam as bibliotecas universitárias e as dos institutos de cultura e de pesquisa científica. A biblioteca estadual foi fechada e seu acervo transferido para um depósito, enquanto não se construía o prédio.

Em 1936, através do Ato 1146, a Prefeitura da cidade de São Paulo determinou que cabia à Divisão de Bibliotecas a criação de um curso de Biblioteconomia. O primeiro curso no Brasil foi instituído em 1911 e implementado a partir de 1915 pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Diferentemente do curso desta, que somente atendia aos seus servidores, o da Prefeitura de São Paulo destinava-se a todo o público que se interessasse. Criado para ser um curso, transformou-se numa escola. Sua abrangência levou-o a ser considerado como a primeira escola regular de Biblioteconomia no Brasil e uma das primeiras da América Latina.

Quando fundou a escola, Rubens Borba tinha em mente preencher uma lacuna existente no Brasil. Não havia bibliotecários e as bibliotecas eram gerenciadas por pessoas, geralmente intelectuais, que gostavam de livros. Como dizia Paulo Duarte, todo bacharel malgrado que não ia ser professor ia ser bibliotecário. A escola mantida pela Prefeitura seguia orientação americana, voltada para a organização e administração de bibliotecas, com ênfase no desenvolvimento dos processos técnicos. Com recursos da American Library Association, estabeleceu um programa de concessão de bolsas de estudo, beneficiando Rubens Borba, que se especializou em organização e administração de bibliotecas e fez estágio em várias cidades nos Estados Unidos, principalmente Indianápolis.

Os dois professores Adelpha Figueiredo e Rubens Borba, além de executarem os trabalhos da biblioteca, se revezavam em ministrar as disciplinas do curso. No período de 1936 a 1938, a escola formou 86 bibliotecários, entre os 295 alunos matriculados.

Quando, em 1939, Prestes Maia assumiu a Prefeitura, ele desativou a escola por entender que não cabia ao município subvencionar uma escola de Biblioteconomia. Inconformado com o fechamento, Rubens Borba de Moraes recorreu a Ciro Berlinck e conseguiu que a Escola Álvares Penteado abrigasse o curso, cedendo-lhe as instalações. Agora como instituição particular, ela foi anexada à Escola Livre de Sociologia e Política, sob a direção de Rubens Borba e com a colaboração dos professores do curso da Prefeitura, que o acompanharam.

Para a consolidação da escola foi fundamental o apoio da Fundação Rockefeller. Durante cinco anos proveu-a com recursos financeiros para sua manutenção e funcionamento. Essa subvenção possibilitou a contratação de pessoal qualificado e de funcionários, a aquisição de livros e de equipamentos. Mais ainda, proporcionou a concessão de bolsas de estudo, para que alunos de outros Estados viessem a São Paulo estudar Biblioteconomia. Desse grupo cabe destacar Etelvina Lima, que praticamente criou a Biblioteconomia em Minas Gerais; Bernadete Neves, que fundou a escola na Bahia; Maria Luiza Monteiro da Cunha e Heloisa de Almeida Prado, em São Paulo. Tal processo facilitou a disseminação da Biblioteconomia em São Paulo.

O desenvolvimento da escola fundada por Rubens Borba proporcionou a instalação de novas escolas, criadas pelos alunos de outros Estados que lá se formaram. Com o tempo, essas escolas foram se incorporando às universidades que iam sendo criadas.

Hoje existem mais de trinta cursos de Biblioteconomia, distribuídos em todas as regiões brasileiras e muitos cursos de pós-graduação, com concentração

em áreas tão diferenciadas quanto sua clientela: bibliotecas públicas, escolares, universitárias, infantis, planejamento e administração, centros e serviços de documentação e informação com atendimento cada vez mais especializado.

Cansado de ver as bibliotecas serem administradas por pessoas alheias ao trabalho biblioteconômico, tendo como justificativa de escolha somente o pendor de ler e gostar de livros, Rubens Borba resolveu que somente com amparo legal essa situação poderia ser revertida. Tentou e conseguiu impor medidas legais, a nível municipal, que protegiam os serviços e os profissionais bibliotecários da concorrência de pessoal não habilitado. A Lei nº 2.839, de 5 de janeiro de 1937, estabeleceu a competência de gerenciamento de bibliotecas, criou o Conselho Bibliotecário do Estado, o serviço do catálogo coletivo das bibliotecas paulistas, tratou do provimento de cargos públicos em bibliotecas e promoveu a fusão da biblioteca estadual com a municipal.

O Conselho era o órgão coordenador de todos os trabalhos relativos a biblioteca no Estado de São Paulo, a nível estadual e municipal. A ele cabia servir de órgão consultivo em questões técnicas e coordenar os esforços de todas as bibliotecas paulistas para a realização de uma obra comum e de grande valor: o catálogo coletivo das bibliotecas paulistas, o primeiro no gênero a se tentar fazer no Brasil. O Conselho tinha ampla autonomia nas suas decisões fossem elas de ordem técnica ou administrativa. Arbitrava salários de seu pessoal, inclusive gratificações, estabelecia o *quantum* de verbas seria necessário ao seu funcionamento e de subvenção de material técnico às bibliotecas da rede e fiscalizava os serviços executados. Subordinado ao Conselho foi criado o serviço do catálogo das bibliotecas paulistas, que tinha como finalidade centralizar os repertórios de todas as bibliotecas paulista num único catálogo, tecnicamente organizado. A primeira atividade do Conselho foi estudar a padronização das fichas catalográficas. Sem fixar regras de catalogação, determinava o número mínimo de informações que cada ficha deveria conter, bem como a ordem e o lugar onde deveriam figurar.

A legislação bibliotecária, moderna até os dias atuais, era um enorme passo em defesa da profissão, acabando com situação das bibliotecas serem gerenciadas e administradas por pessoas não qualificadas. Por motivos fáceis de entender, gerou inúmeros protestos. Os burocratas fizeram uma gritaria louca contra a lei. O Conselho durou um ano. Somente em 1943 é que pessoas ligadas à área resolveram criar um novo Conselho, agora de Bibliotecas e Museus.

A primeira associação de representantes da classe bibliotecária surgiu em 1938, fundada por Rubens Borba. A Associação Paulista de Bibliotecários (APB) representou o primeiro passo em direção ao movimento associativo, na área

de Biblioteconomia. Foi criada para seguir, basicamente, a American Library Association. Pretendia agir como grupo de pressão e tinha como meta promover o aprimoramento cultural do bibliotecário, com a promoção de cursos, ciclo de palestras e conferências, versando sobre história geral, literatura, crítica literária, tendências da arte em geral. A idéia era colocar o bibliotecário a par das novidades surgidas na profissão. Prestava serviços aos profissionais trabalhadores em bibliotecas editando manuais de normas e regras. Foi editado um pequeno código de catalogação, contendo as normas básicas daquela técnica, um guia de classificação decimal e um manual de terminologia biblioteconômica.

A associação paulista serviu de modelo para a criação de outras associações em vários Estados brasileiros. Atualmente sindicatos vêm sendo criados substituindo o papel das associações. Parece ser consensual que às associações cabe a defesa do exercício profissional visando ao entrosamento com outros segmentos, enquanto os sindicatos têm o papel político de servir de elemento de persuasão junto aos dirigentes das instituições, de propor e lutar por salários mais justos e trabalho digno.

Coincidindo com a volta de seu curso nos Estados Unidos, Rubens Borba encontrou nova realidade política e administrativa. Prestes Maia era o novo prefeito nomeado e, segundo Rubens Borba, veio com “uma gana de destruição contra o Departamento de Cultura inacreditável, destruindo tudo, fechando tudo, convencido que havia por lá grossas comedeiras”. Uma comissão de inquérito foi instalada e nada ficou comprovado. Ele, então, questionou a validade das atividades desempenhadas e serviços oferecidos à comunidade pelo Departamento, começando por desativá-las ou desacelerando a sua execução. Afastou Mário de Andrade da sua direção e lentamente começou o processo de desagregação de um órgão que havia lançado bafejos de modernidade na cultura nacional. O senhor Prestes Maia, como desabafa Paulo Duarte, nunca compreendeu o Departamento de Cultura. Injetou curare nele. Tirou-lhe os movimentos sem tirar a sensibilidade para a dor. Acabou com a Divisão de Expansão Cultural e suas seções, revogou a lei que permitia a construção da Casa da Cultura, dissolveu o conselho técnico que assessorava as seções de Teatro e Cinema e Salas de Concerto e matou a Sociedade de Folclore.

Quanto à Divisão de Bibliotecas, o prefeito fez objeções a quase todos os projetos em desenvolvimento e aos em via de realização. Desativou a biblioteca ambulante, encerrando as atividades do carro-biblioteca e suspendeu o curso da escola de Biblioteconomia por entender que à Prefeitura não competia fomentar escolas técnicas. A obra do prédio da biblioteca foi poupada pela existência de

uma multa contratual altíssima – 500 contos de réis – em caso de desistência do contratante, mas fez diversas alterações no projeto. Trocou também as chefias: entrava Rubens Borba para a Divisão de Documentação Histórica e Social e, para ocupar a Divisão de Bibliotecas, Sérgio Milliet. Embora divergindo de suas idéias, Rubens Borba sempre reconheceu no prefeito sua integridade moral, a honestidade e a energia de um político que sabia resistir às pressões e à politicagem. Quase um ano depois foi colocado à disposição do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Esse episódio encerrou sua participação profissional em São Paulo. Só voltaria a atuar naquela cidade em atividades particulares de pesquisa e através de serviços de consultoria.

Em 1941, ao assumir o Ministério do Trabalho, Marcondes Filho percebeu que a biblioteca daquele órgão estava desorganizada e desatualizada. Então, convidou Rubens Borba para organizá-la. Levando dois auxiliares, Washington Moura e Irene Menezes Dória, iniciou o trabalho.

Por sua vez, em 1945, Gustavo Capanema estava muito preocupado com a situação em que se encontrava a Biblioteca Nacional, e, seguindo o conselho de seu chefe de gabinete, Carlos Drummond de Andrade, mandou preparar um documento que identificasse os problemas encontrados e apontasse possíveis soluções. Rubens Borba de Moraes apresentou, em março de 1945, o “Relatório do Diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde”, em que se reportava, entre outras informações, a quatro itens: conservação das coleções, serviços, conservação do prédio e pessoal. Conclusivamente, recomendava completa reforma da instituição, quanto a pessoal, instalações e acervo. O ministro Capanema assombrou-se de tal forma com o teor do documento que resolveu não divulgá-lo, preocupado com a repercussão que poderia ter. A opinião pública só veio tomar conhecimento do relatório quando este foi publicado pela *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, em 1974.

Resolvido a alterar aquele estado de coisas, o ministro Capanema acatou as recomendações feitas pelo relator não só quanto ao plano de reestruturação da biblioteca, mas também em relação a uma assessoria a ser prestada por técnicos americanos. Definidos os serviços a serem implementados – reorganização geral dos serviços, catalogação, classificação e conservação de livros raros, a pedido do ministro, e sob os auspícios da Fundação Rockefeller, foram indicados três técnicos americanos para ajudar na tarefa. Baseado nas sugestões dos técnicos, Rubens Borba apresentou ao ministro a seguinte proposta de reorganização administrativa: Divisão dos Cursos da Biblioteca Nacional, Divisão de

Administração, Divisão de Aquisição, Divisão de Catalogação e Classificação, Divisão de Circulação e a Divisão de Serviços Especiais. Essa estrutura se manteve por cerca de 20 anos.

Nomeado diretor da Biblioteca Nacional em 21 de dezembro de 1945, o plano de trabalho de Rubens Borba de Moraes para 1946 compreendia cinco etapas: reorganização técnica de todo o acervo; recatologação de todo o acervo, baseada em normas e princípios universalmente adotados; criação de um serviço especial para livros raros; limpeza e desinfecção de livros; e, reforma do prédio e instalações para o público. Cada uma dessas etapas está minuciosamente descrita em seus desdobramentos no referido relatório.

Parece claro que, ao mesmo tempo em que empreendia a reforma, Rubens Borba tirou partido do fato, fazendo chegar ao conhecimento público a situação da Biblioteca. Matérias publicadas nos jornais detalhavam o estado de abandono em que se encontrava a Biblioteca Nacional e falavam das providências que estava tomando para acabar com aquela situação caótica. A reforma abrangia não só os serviços, mas a reestruturação administrativa, ou seja, pessoal. Foram feridos muitos interesses de pessoas que lá se encontravam colocadas, muitas vezes, por interveniência de “padrinhos” influentes. O descontentamento foi grande e uma campanha, discreta no início, foi engendrada para desalojá-lo do cargo. Ele recorda que sofreu a mais sórdida oposição, com telefonemas, cartas anônimas e até despacho de macumba colocado em sua mesa de trabalho. Iniciou-se, por meio de artigos de jornais, uma briga pública entre ele e o antigo diretor, a quem sucedera.

Embora todos esses percalços, a reforma continuou e, no final de 1946, a Biblioteca reabriu suas portas, com novas instalações. Mas seu tempo na Nacional estava contado. Em dezembro de 1947, segundo ele próprio, o diretor-geral do Ministério mandou chamá-lo e, constrangido, disse-lhe que precisava do cargo para oferecê-lo a outra pessoa, indicada ao ministro por um político. Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, Rubens Borba de Moraes revela que sua passagem pela Biblioteca Nacional foi a experiência mais frustrante da sua vida e que, muitos anos depois, quando Janice Monte-Mor foi designada para diretora, encontrou-a quase no mesmo estado de abandono e descaso em que ele a havia encontrado quase trinta anos antes.

Estranhamente, sua administração não ficou registrada nos documentos da instituição. Seus relatórios não constam nos Anais da Biblioteca Nacional. Todo o período da sua gestão não está documentado.

A saída de Rubens Borba da Biblioteca Nacional alimentou o noticiário por alguns dias. Houve protestos de alguns intelectuais e discursos inflamados

na Assembléia Legislativa. Alguns correspondentes internacionais, que cobriam a cidade do Rio de Janeiro, também noticiaram o fato. As matérias jornalísticas referiam-se ao fato de a substituição ter ocorrido por problemas políticos internos brasileiros. A notícia se propagou no meio bibliotecário norte-americano, já que ele era uma pessoa bastante conhecida por lá. Duas instituições ofereceram-lhe emprego. A União Pan-Americana, para dirigir seu serviço de cultura, em Washington, e a Organização das Nações Unidas (ONU), para ser bibliotecário-adjunto de sua biblioteca em Nova Iorque. Aceitou a segunda proposta, indo trabalhar com Carl Milam, considerado um expoente da Biblioteconomia americana. Em Nova Iorque, como dizia, aprendeu a dirigir bibliotecas, mas, por problemas particulares, pleiteou um posto em Paris pela Unesco. Entretanto, a própria ONU ofereceu-lhe o cargo de diretor do Centro de Informações em Paris. Além de ser o posto mais alto da carreira e ser em Paris, cidade que o encantava, foi para lá com todas as regalias e “mordomias” diplomáticas, pois era também o representante do Secretário-Geral das Nações Unidas junto ao governo da França, Bélgica e Luxemburgo.

A experiência foi nova e diferente de tudo quanto havia feito antes. Deixava o trabalho de biblioteca para se dedicar ao jornalismo internacional, o mundo das informações sobre política. Seu serviço consistia em fazer a publicidade da ONU junto aos órgãos de comunicação e aos meios culturais, fazendo palestras e conferências nas universidades dos países que representava. Mais tarde, em face do crescimento do organismo, foi-lhe oferecida a direção da biblioteca em Nova Iorque. Ali deveria acumular as funções técnicas do cargo com os serviços burocráticos da ONU. A biblioteca que lhe competia dirigir estava muito bem organizada, mas ele resolveu adaptá-la a uma nova política. O acervo deveria ser voltado para os fatos da atualidade, sua função seria a de atender prontamente às necessidades informacionais dos corpos técnico e diplomático, provendo-os de dados atualizados para a tomada de decisão. Assim, o acervo seria rotativo, corrente e de caráter imediato. Ficou seis anos no cargo, até a idade limite da aposentadoria.

Quando voltou a São Paulo, veio resolvido a nunca mais trabalhar com horários a cumprir, principalmente levantar cedo, mas a Universidade de Brasília (UnB) não ia desistir dele. Já há algum tempo vinha tentando contar com sua colaboração profissional. Em carta datada de 14 de novembro de 1963, o então reitor da UnB, professor Anísio Teixeira, convidou-o para exercer o cargo de coordenador da Biblioteca Central. Em 11 de março do ano seguinte, o vice-reitor, professor Almir de Castro teve seu convite aceito para que Rubens Borba integrasse o Conselho Consultivo da Biblioteca Central. Mais tarde, como ele mesmo conta, “pelas mãos amigas do professor Edson Nery da Fonseca e do reitor Zeferino Vaz”, foi convidado a dar um curso de três meses.

Como professor, tinha a preocupação de desmistificar o livro antigo para os alunos que, ante um exemplar demonstravam ou respeito exagerado ou absoluto desprezo. Seu curso – tanto em História do Livro quanto em Referência, disciplinas que lecionou na UnB –, era dividido em duas partes: uma técnica e outra cultural. Alertava que a técnica não fosse confundida com a cultura. O bibliotecário, além de técnico deveria ter um lastro de cultura geral, mas, sobretudo, deter um conhecimento vasto e profundo da história do livro.

Em sua experiência em Brasília, deu-se conta do hiato entre sua geração e a de seus alunos: o que lhes procurava dar – “os meios de desenvolver o espírito crítico e guiá-los pela leitura e o estudo nos caminhos que levam à cultura” – não era o que esperavam de um professor.

Sua contribuição à UnB não se restringiu à docência. Participou da reformulação dos planos de construção do atual prédio da Biblioteca Central, juntamente com os professores Antonio Agenor Briquet de Lemos, Edson Nery da Fonseca e Elton Eugênio Volpini, bem como os arquitetos José Galbinski, Walmir Santos Aguiar, Jodete Rios Sócrates e Miguel Alves Pereira.

Participou, ainda, do Conselho Editorial da Editora da Universidade, como conselheiro, desde sua instalação em 31 de janeiro de 1969 até 1972, ano em que se desligou da instituição.

Sua vivência em Brasília foi muito gratificante e conheceu um outro Brasil, mas aos 73 anos de idade estava cansado da lida e dos compromissos.

A UnB outorgou-lhe o título de Professor Emérito, a primeira pessoa a quem se deu esse título. Em sua fala de agradecimento disse:

Não há dúvida que esta Universidade continua na vanguarda. A prova disso é que concede, pela primeira vez neste país, um título tão alto ao um professor de Biblioteconomia. Até há poucos anos, essa ciência era olhada com desconfiança, comentada com ironia, julgada inútil e indigna de fazer parte do currículo universitário. Quebrando mais esse tabu, Vossas Excelências reconhecem o valor da técnica de informação e da Biblioteconomia no mundo de hoje.

Voltou para São Paulo. Foi morar numa casa que construiu em Bragança Paulista, no meio de uma mata com pássaros e bichos. Foi seu momento de jogar fora o despertador, de reler livros, colecioná-los com critério, como fez a vida inteira, e escrever o que mais gostava – bibliografias. Morreu aos 87 anos de idade.

A lição que Rubens Borba de Moraes nos deixa, para muito além do limite da Biblioteconomia, da bibliofilia e da bibliografia, faz-nos crer que o entusiasmo, a competência e o amor ao trabalho são os fatores que impulsionam

o homem para que este se faça dono do próprio destino, e, como tal, útil a seus contemporâneos e modelar para quem vem depois. Fundador de cursos e reformador de bibliotecas, Rubens pode servir de exemplo. Se os problemas agora são outros, as soluções passam pela mesma acuidade de visão e pela mesma determinação. Nesse aspecto, os pioneiros não envelhecem.

SUELENA PINTO BANDEIRA é bibliotecária, formada pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou no Ministério das Minas e Energia, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e na Câmara dos Deputados, como Diretora do Centro de Documentação e Informação. Fez mestrado em planejamento de sistemas de informação na UnB, onde apresentou a dissertação *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*.

Anexo 1

Bibliografia seletiva de Rubens Borba de Moraes sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação

(ordem cronológica)¹

MORAES, Rubens Borba de. *Discurso de inauguração* das novas instalações da Biblioteca Nacional. [S.l.: s.n., 194-]. 2 p. [Apresenta os resultados dos trabalhos realizados ao Presidente da República, Ministro da Educação e demais autoridades presentes no ato].

¹ Retirada de (com adaptações): BANDEIRA, Suelena Pinto. *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)—Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. Orientação: João Evangelista de Andrade Filho.

MORAES, Rubens Borba de. *Remodelação na casa dos livros e das traças*. *O Globo*, Rio de Janeiro. 5. d. [Sobre a reabertura da Biblioteca Nacional depois de um mês fechada para reforma].

MORAES, Rubens Borba de. Uma notável biblioteca de livros antigos sobre o Brasil e as raridades que possuem. *Correio da Tarde*, São Paulo, 23 out. 1931. [Comentários de Rubens Borba de Moraes numa observação ao pé do artigo: “o repórter atrapalhou tudo, me atribui besteiras que eu não disse”].

MORAES, Rubens Borba de. Uma bibliographia latino americana. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1939. [Lançamento do *Handbook of Latin American studies* como um acontecimento auspicioso no desenvolvimento da cultura sul-americana].

MORAES, Rubens Borba de. A América descobre o Brasil. *O Estadão*, São Paulo, 16. out. 1939. [De como o Brasil poderia ser mais conhecido nos Estados Unidos e a propósito do congresso bibliotecário realizado na Universidade de Michigan em julho de 1939].

MORAES, Rubens Borba de. São Paulo terá sua biblioteca central. *Planalto*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 17, 15 maio 1941. [Conversa com Rubens Borba de Moraes sobre a Biblioteca Municipal, seu novo prédio, o plano bibliotecário, a escola de biblioteconomia e as reações do público].

MORAES, Rubens Borba de. A lição das bibliotecas americanas. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 84, p. 197-208, jul./ago. 1942. [Sobre a organização e administração das bibliotecas americanas].

MORAES, Rubens Borba de. *O problema das bibliotecas brasileiras*. Prefácio de Gilberto Freyre. Apresentação de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943. 64 p. [Outras edições: 2. ed. Brasília: ABDF, 1983. 37 p. Contém o discurso de abertura do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD)].

MORAES, Rubens Borba de. Três redes diferentes de bibliotecas públicas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1944. [Rubens Borba de Moraes expõe problemas e propõe soluções para a reorganização de bibliotecas. Diferença entre bibliotecas para leitores comuns, para estudo e para pesquisadores].

MORAES, Rubens Borba de. Bibliotecas em todos os bairros. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1 e 10, 3 jan. 1946. [Sobre a reorganização e atualização dos serviços da Biblioteca Nacional e o programa de bibliotecas para o Rio de Janeiro].

MORAES, Rubens Borba de. A tarefa que a atual direção da Biblioteca Nacional tem de enfrentar: refazer tudo numa biblioteca de 1 milhão de volumes e de centenas de milhares de manuscritos e gravuras. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1946. Segunda Secção, p. 1 e 6. [Afirma serem necessários “8 anos de trabalho duro e intenso” para recuperar a Biblioteca Nacional].

MORAES, Rubens Borba de. Completa reforma da Biblioteca Nacional. *Folha Carioca*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1946. [Sobre a reabertura da Biblioteca Nacional em dezembro de 1946].

MORAES, Rubens Borba de. Biblioteca Nacional: inauguradas as novas dependências com a presença do Sr. Presidente da República. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1946. [Os discursos proferidos pelo diretor da Biblioteca Nacional, Rubens Borba de Moraes, e Professor Souza Campos, interino].

MORAES, Rubens Borba de. Remodelação da Biblioteca Nacional: abertas ao público as novas instalações. *O Estadão de São Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1946.

MORAES, Rubens Borba de. Já se pode ler, meditar na Biblioteca Nacional. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, p. 6 e 9, 16 dez. 1946. [Rubens Borba explica as mudanças ocorridas em vários setores da Biblioteca Nacional e seus planos para o futuro].

MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Sob a direção de Rubens Borba de Moraes e William Berrien. Rio de Janeiro: Ed. Souza, 1949. 895 p.

MORAES, Rubens Borba de. Conceituados no exterior os bibliotecários brasileiros. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1954.

MORAES, Rubens Borba de. Conversa de porta de livraria. In: Raridades para bibliófilos: assuntos fora do comum do séc. XV ao XIX. Rio de Janeiro: *Kosmos*, 1960. p. 1-4. Título da capa: Catálogo 205-1960. [Sobre as livrarias no Brasil, especialmente do papel da Livraria Kosmos nos seus 25 anos de trabalho em prol da cultura].

IZAR, Margarida. “Louco seria se eu não desse por ela, hoje, um milhão de cruzeiros”. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1962. Seção 2, última página. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes]. “O sr. Rubens Borba de Moraes, o homem que escreveu a Bibliografia Brasileira (bíblia dos livreiros antiquários do mundo), justifica a valorização inédita de livros antigos sobre a nossa história”.

MORAES, Rubens Borba de. Memórias de um sobrevivente de Klaxon. *Anhembi*, São Paulo, v. 12, n. 138, p. 492-502, maio 1962.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 198 p. [Outras edições: 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975. 187 p.].

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*: catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969. 437 p.

MORAES, Rubens Borba de. Relatório do diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde (março 1945). *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 1, p. 91-106, jan./mar. 1974.

MORAES, Rubens Borba de. Relatório do diretor da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde relativo ao exercício de 1946. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 2, n. 2, p. 203-231, jul./dez. 1974.

MORAES, Rubens Borba de. Discurso pronunciado na sessão de abertura do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. *Revista de*

Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 5, n.1, p. 9-13, jan./jun. 1977. [Discorre sobre o papel dos bibliotecários na realidade brasileira].

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. *Depoimento sobre a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo*. Bragança Paulista, 7 set. 1978. 14 f. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes, na qual rememora a Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura].

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 234 p.

SOUZA, Sebastião de. *A biblioteconomia e a bibliografia no Brasil*. Bragança Paulista, 1980. 16 p. [Entrevista com Rubens Borba de Moraes, na qual discorre sobre o Departamento de Cultura, bibliotecas e bibliografia].

MORAES, Rubens Borba de. *Aspectos históricos da biblioteca Mário de Andrade e o papel do Dr. Rubens na biblioteconomia brasileira*. Entrevistadora: May Brooking Negrão. Bragança Paulista, SP, 1983. 1 fita cassete (50 min).

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia brasiliana: a bibliographical essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works of Brazilian authors published abroad before the independence of Brazil in 1822*. 2nd ed. rev. and enlarged. Los Angeles: UCLA Latin American Center Publications; Rio de Janeiro: Kosmos. 1983. 2 v.

MORAES, Rubens Borba de. Sai a segunda edição (em inglês) da “Bibliographia brasiliana”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1983. [Notícia a nova edição da obra e Rubens Borba de Moraes indica como e porque chegou ao ramo da bibliografia].

DANTAS, Maria Regina. *Entrevista com Rubens Borba de Moraes*. Bragança Paulista, SP, 19 set. 1983. 30 f. [Transcrição de uma gravação sonora de 2 fitas, onde Rubens Borba de Moraes fala a Regina Maria Dantas sobre sua vida profissional e especialmente do tratamento de obras raras em bibliotecas].

MARINHO, Terezinha. *Entrevista [com Rubens Borba de Moraes]*. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. 48 p. (Memória oral, 2. Depoimento de Rubens Borba de Moraes). [Entrevista realizada em Bragança Paulista em 22/10/1902].

Para uma bibliografia mais completa, conferir:

BANDEIRA, Suelena Pinto Bandeira. *A paixão que vem dos livros: um estudo biográfico sobre Rubens Borba de Moraes*. 1990. 308 f. Dissertação (Mestrado

em Biblioteconomia e Documentação)—Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1990. Orientação: João Evangelista de Andrade Filho.

BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros*: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

Anexo 2

Cronologia Rubens Borba de Moraes

- 1909 – Segue para Paris onde cursa o *huitième*, último ano do curso primário; depois, vai para Genebra, na Suíça, para fazer o curso secundário.
- 1919 – Retorna ao Brasil.
- 1922 – Participa da Semana de Arte Moderna.
- 1922 – Cria a revista modernista *Klaxon*.
- 1929 – Revolução de 1930; segue para Buenos Aires para convidar Luis Carlos Prestes a participar dessa Revolução
- 1929 – Cria o partido político “Democrático”.
- 1932 – Participa da Liga de Defesa Paulista e luta na Revolução de 1932.
- 1934 – Cria a Escola Livre de Sociologia e Política, mais tarde incorporada à USP.
- 1935 – Cria o Departamento de Cultura e Recreação da cidade de São Paulo, sendo responsável pela Divisão de Bibliotecas.
- 1936 – Cria a primeira escola de Biblioteconomia do Brasil.
- 1938 – Cria a legislação bibliotecária, a Associação Paulista de Bibliotecários e o Conselho de Bibliotecários do Estado.
- 1943 – Demitido do Departamento de Cultura pelo prefeito Prestes Maia.
- 1945 – Nomeado diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- 1947 – Demitido da Biblioteca Nacional
- 1948 – Aceita trabalhar na seção de processamento da Biblioteca da ONU, em Nova Iorque.
- 1949 – Diretor do Centro de Informações da ONU, em Paris.

1963 – Aceita o convite da Universidade de Brasília para integrar o Conselho Consultivo da Biblioteca Central.

1972 – Regressa a São Paulo e vai morar em Bragança Paulista.



Rubens Borba em sua casa de Bragança Paulista, SP (16 de fevereiro de 1982).



Catarina Sanchez Moura, esposa de Washington Moura, recebe, das mãos da bibliotecária Adelaide Ramos e Côrte, placa de homenagem ao professor na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995).



10

Washington José de Almeida Moura *por Rosa dos Anjos Oliveira*

Washington José de Almeida Moura nasceu em São Paulo, em 27 de outubro de 1916. Fez o curso secundário no Ginásio do Estado, um colégio de grande prestígio. Diplomou-se em Biblioteconomia em 1940, conforme noticiado no jornal *Correio Paulistano*, de 13 de fevereiro de 1941:

Realiza-se, amanhã, às 20.30 horas, na Escola de Sociologia e Política (predio da Escola de Commercio “Alvares Penteado”, largo de São Francisco), a sessão solenne para distribuição dos diplomas aos bibliothecarios formados pelo Curso de Biblioteconomia dessa Escola em 1940. São os seguintes os bibliothecarios que terminaram o curso:

<p>Abigail Carvalho Mineiro, Adail Odin de Arruda, Alice Camargo Guarnieri, Clarisse Salgado Taborda, Diva de Campos Lenon, Eny Dias, Francisca Eugenia Brand Corrêa, Gisela Candia Barbosa, HildegardNobiling, Ilmen da Rocha Maia, Irene de Menezes Doria, Jacintho Silva Filho, Jandyra de Barros Fourniol, Joaquina Coelho Vilhena, Judith Anna Sophia Wysling, Lavinia Cardoso de Vasconcellos, Lenyra Camargo Fraccaroli, Maria A. de Barros Santiago, Maria Eunice Villas Boas de Andrade, Maria José de Andrade</p>	<p>Maria Leonor Cardoso Gomes, Maria Luisa Machado, Maria Luisa Monteiro da Cunha, Marlies Arnold, Martha Cajado de Oliveira, Neddy de Almeida Branda, Neida Wagner Coe, Nelson Toledo Blake, Noemi do Val Penteado, NoemiaRath de Sousa, Pedro Aloisi, Rosina Camargo Guarnieri, SaphiraDrolhe, Solange Barbosa Azzi, Sonia Sterman, Stefan Baron, Stella de Miranda Azevedo Mendes, TheresaAlmasio, Zenobia Pereira da Silva, Washington José de Almeida Moura.</p>
--	--

O paranympho da turma é o dr. Rubens Borba de Moraes, e a oradora a sra. d. Maria Luisa Monteiro da Cunha.

Washington Moura foi colega de vários profissionais que, como ele, foram bem-sucedidos e, até, famosos: Alice Camargo Guarnieri, poetisa, sócia fundadora da Associação Paulista de Bibliotecários e diretora da Biblioteca do Instituto de Eletrotécnica da USP (Alice..., 2006); Irene de Menezes Dória, presidente da Comissão IBBD/CDU e da Comissão de Documentação da ABNT; JandyraFourniol, funcionária da USP, chefe da Divisão de Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAMÍLIA..., 2012); Lenyra Fraccaroli, idealizadora da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo, e criadora de incontáveis bibliotecas destinadas às crianças, foi agraciada com inúmeras homenagens, condecorações e prêmios (Bortolin, 2001, p. 78).

Profissional Bibliotecário

Com a reforma do Estado definida no governo de Getúlio Vargas, os ministérios foram reestruturados e, segundo Souza (2000, p. 28), a inclusão de bibliotecas em todos esses órgãos deve-se à ação de Simões Lopes, diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp). No bojo dessa reforma administrativa, em dezembro de 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), órgão que patrocinava bolsas de estudo para a formação de bibliotecários no Rio de Janeiro, no curso oferecido pela Biblioteca Nacional. Esse fato explica a grande demanda pelos cursos de Biblioteconomia. Em São Paulo, a Escola de Biblioteconomia, criada por Rubens Borba de Moraes no Departamento de Cultura de São Paulo, formou 69 bibliotecários em 1938, mas em 1939 não houve curso por decisão do prefeito (Funaro, Castro Filho, 2003, p. 114). Em 1940, quando o curso foi incorporado à Escola de Sociologia e Política, foram 40 os formandos da turma de Washington Moura.

Em 1941, Rubens Borba de Moraes foi convidado por Marcondes Filho, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, para organizar a biblioteca do Ministério, e, para dar início ao trabalho, levou dois auxiliares: Washington Moura e Irene Menezes Dória. Washington Moura ficou no MTIC até 1944 (*Diário Oficial da União*, Seção 1, p. 19.583, 18 nov. 1944).

Rubens Borba de Moraes, nomeado diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1945, convidou Washington para com ele colaborar na reestruturação dessa biblioteca, entretanto, não foi possível identificar o período que Washington permaneceu nessa instituição.

No Ministério da Educação e Cultura, o nome de Washington Moura aparece na lista de “Indicações de antiguidade e listas de merecimento, relativas às promoções do 3º e 4º trimestres de 1953” (*Diário Oficial*, Seção 1, p. 10.966, 21 jun. 1954) e de “Indicação de antiguidade e listas de merecimento relativas às promoções do 1º trimestre de 1956” (*Diário Oficial*, Seção 1, p. 5.695, 26 mar. 1956). Aparece também na nomeação de Maria Carolina Motta Minelli para exercer o cargo da classe I da carreira de Bibliotecário do Quadro Permanente do MEC, “vago em virtude da posse de Washington José de Almeida Moura em outro cargo (*Diário Oficial*, Seção 1, p. 7.225, 27 mar. 1957), ou seja, ele tinha sido nomeado para o cargo efetivo de bibliotecário da Câmara dos Deputados em 17 de maio de 1956, na cidade do Rio de Janeiro.

A Câmara dos Deputados transferiu-se para Brasília, em 1960, e Washington Moura também. Aqui chefiou a Seção de Periódicos e se aposentou em 1968.

Em 16 de setembro de 1966, Washington Moura tomou posse como membro do Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região (*Diário Oficial*, Seção 1, Parte II, p. 2.014, 28 ago. 1967).

De 1969 a 1970, trabalhou na Biblioteca Regional de Medicina (Bireme), da Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), como diretor de Suporte Técnico, com *status* de funcionário internacional, até sua aposentadoria compulsória.

Docência

Washington Moura foi professor de Reprografia do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, de 1965 a 1970. Também lecionou na Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, como professor adjunto.

Conclusão

Washington José de Almeida Moura foi casado com Catarina Sanchez Moura. Tiveram quatro filhos Amílcar, Aníbal, Asdrúbal e Graziela e adotaram Simone Alexandre da Silva. Faleceu em 8 de abril de 1991.

ROSA DOS ANJOS OLIVEIRA, bacharel em Biblioteconomia e especialista em Lexicografia e Terminologia pela Universidade de Brasília (UnB), é bibliotecária do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

Agradecimento a Amílcar Sanchez Moura, filho de Washington, pelas informações fornecidas.

Referências

ALICE Camargo Guarnieri faz parte da história da Biblioteconomia no país. *Boletim Informativo CRB-8*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 8, 2006. [Entrevista concedida em julho de 2006].

BORTOLIN, Sueli. *A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador*. 2001. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2001. Orientação: Maria Helena Toledo Costa de Barros. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.

ESCOLA de Sociologia e Política. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 fev. 1941. [Notícia sobre a formatura da turma que concluiu o curso de Biblioteconomia em 1940]. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader>>.

FAMÍLIA Fourniol Rebello. Folha do Servidor Público [AFPEP], São Paulo, n. 233, p. 6, abr. 2012.

FUNARO, V. M. B. O.; CASTRO FILHO, C. M. Comparación entre dos escuelas de Biblioteconomia de Brasil y España: aspectos curriculares. *Scire*, Zaragoza, v. 9, n. 1, p. 113-124, enero/jun. 2003.

Anexo 1

Bibliografia de Washington José de Almeida Moura

(ordem cronológica)

MOURA, Washington José de Almeida. A propósito da vinda do professor Shera ao Brasil. *IBBD Boletim Informativo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3/4, p. 165-168, maio/ago. 1957.

MOURA, Washington. Informações básicas sobre as bibliotecas biomédicas brasileiras. In: REUNIÃO DO COMITÊ CIENTÍFICO ASSESSOR DA BIBLIOTECA REGIONAL DE MEDICINA DA ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 4., 1971, São Paulo. [*Anais*]... [S.l.: s.n., 1971?].

MOURA, Washington. O trabalho da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan Americana da Saúde em prol do desenvolvimento da

informação científica na América Latina. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 3.; REUNIÃO FID/CLA, 2., 1971, Lima. [*Anais*]... [S.l.: s.n., 1971?].

MOURA, Washington. *Programa educacional de Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan Americana de Saúde*. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 25-35, 1972.

Anexo 2

Traduções feitas por Washington José de Almeida Moura

MANN, M. *Catálogo e classificação de livros*. Trad. Washington José de Almeida Moura. Rev. de Alice Príncipe Barbosa. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. 338 p.



Washinton Moura no casamento de sua filha.



BCE SG-12 - Setor de Reprografia (1966).

Parte II

Depoimentos dos Primeiros Alunos



Gilda Verri (ao centro) e Geraldo Santana, esposo e ex-professor da Faculdade de Arquitetura da UnB, com Maria Alice (Recife, 2012).



1 *Gilda Maria Whitaker Verri* *pós-graduação, 1964*

Brasília ao alvorecer

Nos jornais, as manchetes. Nos grupos, as conversas. Nas escolas e universidades, as arquiteturas e as perspectivas socioeconômicas. Da nova capital, surgida no centro do País, as novidades eram apresentadas e discutidas, formando um tecido de opiniões. As notícias corriam. Eram os custos da construção de uma cidade em local ainda pouco divulgado por companhias de aviação ou de turismo. Eram as largas avenidas ao lado de edifícios de linhas curvas onde o vento forte levantava nuvens de barro laranja escuro, tingindo a catedral, os veículos, os sapatos e as roupas. Era o polo político-administrativo, com três poderes definidos e visíveis, erguido e inaugurado com data e hora marcadas, reunindo convidados ilustres, habitantes de quadras e superquadras, ajuntando trabalhadores da construção civil e outros que viviam em cidades satélites. Lugar onde, ao lado das construções, a perder de vista, a terra avermelhada recoberta por esparsas plantas retorcidas e ressecadas recebia a luz do sol que incendiava ou obscurecia o horizonte com intensidade. Uma cidade celebrada no cerrado. Brasília era fonte de informação e de tendências políticas em processo.

Em meados do século XX, jovens que lá não trabalhavam ou sequer a visitavam, ficavam a grandes distâncias. O sonho próximo à realidade só poderia materializar-se em *souvenirs*, pequenas reproduções, objetos de recordação de um momento fugaz: fotografias fixadas em papel, buquês de flores do cerrado, pequenas reproduções em gesso do Palácio da Alvorada, da estrutura da Catedral, da Igrejinha, do plano da cidade em forma de planta baixa. No imaginário, o extenso traçado das vias e os volumes das formas arquitetônicas dos edifícios agigantavam-se, sem comparações com as antigas cidades coloniais construídas à beira dos rios ou do Atlântico.

Por contraste, no Nordeste do Brasil, a imensidão do mar nascia nas praias. Em uma pequena cidade à beira-mar, o centro conservava ares de vila de interior. As ruas estreitas, paralelas, cumpriam o traçado urbano de finais do século XIX. Calçadas de pouca largura beiravam as modestas edificações. Caminhos levavam a novos espaços, onde se destacava, entre outros, um edifício grande, moderno. Um hotel, cujas instalações se adequavam para reunião de grupos, intercâmbio de ideias, de planos e projetos em execução ou por vir. De várias partes do País e do exterior, profissionais, professores e estudantes vieram encontrar-se em Fortaleza, em julho de 1963, para o 4º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

Em sessão temática, uma paulista, residente no Recife, falava da aplicação de medidas para atender às necessidades de uma indústria têxtil: adotara princípios de organização e classificação de documentos técnicos com o auxílio operacional de um grande computador, produto de uma multinacional, como hoje se diz. A notícia despertara a atenção de interessados no uso do tratamento da informação tecnológica. No plenário, uma bibliotecária do Rio Grande do Norte, sem renegar os avanços científicos, reagia às disparidades econômico-financeiras das instituições, expondo com veemência as dificuldades concretas para adquirir e preparar livros destinados a ampliar as coleções especializadas de sua Universidade. Eram provas e resultados contrapostos. Demonstrações vincadas por ideais profissionais comuns: servir melhor ao usuário leitor, ampliando e aprofundando o acesso às fontes de informação. Cenários valiam como retratos. Marcavam e separavam o mundo da Biblioteconomia de uma mesma região geográfica.

Nesse momento, para aquelas duas jovens que não se conheciam, as práticas do ofício haviam definido um trajeto inédito. Elas ainda não sabiam que um professor de olhos azuis esverdeados, um metro e noventa, com participação destacada nesse Congresso, pensador da Biblioteconomia, defensor de altos padrões de bibliotecas para o País, coordenava o curso de formação em Brasília.

E recebera a autorização para estabelecer e aplicar normas institucionais, com o objetivo de dar início aos estudos avançados na área, na nova capital da República.

A Universidade de Brasília (UnB) começava a ser conhecida nacionalmente por suas propostas inovadoras. A Pós-Graduação em Biblioteconomia, defendida por Edson Nery da Fonseca perante Darcy Ribeiro, estava incluída nesse quadro, devendo programar o início de suas atividades com um reduzido número de alunas. Assim, de Natal, chegara a norte rio-grandense, diretora da biblioteca universitária, com estágio nos Estados Unidos, poeta Zila Mamede. Tive a chance de reconhecê-la quando pisei no salão de estar da “Oca”, residência em madeira, destinada aos alunos da Pós, em 24 de março de 1964.

As apresentações iniciais foram feitas pela pernambucana Cordélia Robalinho Cavalcanti, a quem devo o honroso convite para participar de uma inesquecível vivência acadêmica. Na ocasião, entretanto, ela mencionou o coordenador Edson Nery da Fonseca como o autor da indicação dos nomes que escolhera em um dado momento. Da diretoria do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), no Rio de Janeiro, para estudar no planalto central, chegaria dias depois Fernanda Leite Ribeiro: conhecedora do campo da Documentação em nível internacional, e dona da sempre lembrada “Paulina”, a Kombi que iria levar, nos fins de semana, os mestrandos em Arquitetura e em Biblioteconomia a excursões por trajetos históricos de cidades próximas, remanescentes do século XVIII, em Goiás.

Os dias subsequentes foram marcados por três situações distintas, que se refletiriam em eventos ocorridos nos meses seguintes. A primeira: o impacto produzido pelos 120.000 volumes dispostos em livre acesso. Uma grandiosa biblioteca central planejada por Edson Nery da Fonseca e incentivada por Darcy Ribeiro que, ao referir-se à natureza enciclopédica e aos veios especializados do empreendimento, sempre dizia aí residir um dos grandes desafios para uma universidade que se almejasse notável. Portanto, sem limites financeiros para adquirir coleções, a composição inicial do núcleo bibliográfico foi formada por 40.000 volumes, incluindo obras raras que pertenceram ao jurista e letrado baiano devoto de Rui Barbosa, Homero Pires. Posteriormente, foi adquirido o conjunto que pertencera ao professor de línguas e literaturas alemã, grega e latina, Pedro de Almeida Moura. A essas, outras foram anexadas. Títulos destacados em todas as áreas. Preciosas fontes bibliográficas, que faziam parte da seção de referência, tinham sido recomendados por Edson Nery da Fonseca para compor a estrutura documental básica destinada aos cursos universitários recém instituídos.

A segunda situação inusitada firmou-se ainda na primeira semana: o *campus* foi tomado por soldados armados da Polícia Militar de Minas Gerais, enquanto, em sala de aula, a professora Etelvina Lima falava sobre administração em bibliotecas. A hora não deixava dúvidas quanto à necessidade de providência a tomar: optou-se pela saída imediata do recinto, andando com tranquilidade pelos corredores e ruas, em direção a “nossa Oca”. Soube-se depois, que a biblioteca havia sido vasculhada, alguns professores detidos. Do outro lado da cidade, alunos e professores escondiam, rasgavam ou queimavam muitos livros, papéis, documentos vários e filmes suspeitos de conteúdo ideológico. A mudança política no País e na direção da Universidade logo veio transformar nossos dias em sobressaltos contínuos. Naquelas circunstâncias, as tensões e movimentações nacionais atingiram o Curso, quando duas alunas de Estados do sul não vieram juntar-se às outras três.

O terceiro momento, de ordem pessoal, foi marcado por dois acidentes de trânsito: um, sem maiores gravidades para as passageiras da “Paulina”; outro fatal, em que perdeu a vida Maria Luísa, professora de letras co-habitante da “Oca”.

Nessas circunstâncias, já estavam em andamento os mestrados em Artes, Arquitetura, Ciências Humanas e Letras, que se enquadravam no plano orientador da UnB, privilegiando o ensino, a pesquisa e extensão. Pensado e estruturado por Edson Nery da Fonseca, o curso de pós-graduação em Biblioteconomia abria essa larga via, integrando-se aos demais por contar com o apoio docente de mestres de grande porte, como: Cordélia Robalinho Cavalcanti, professora e ex-diretora do Serviço Central de Bibliotecas da Universidade do Recife; Etelvina Lima, com experiência em direção de biblioteca pública e professora da Universidade de Minas Gerais; Pérola Raulino, bibliotecária do Senado Federal, e Nilcéa Gonçalves, da Câmara dos Deputados. Tendo ainda como professores visitantes: o renomado bibliófilo, Rubens Borba de Moraes; o batalhador pela normalização em documentação, Zeferino Ferreira Paulo, da Associação Portuguesa de Normalização Técnica, que havia levado o coordenador do curso a fundar uma comissão de documentação na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) no Rio de Janeiro; e o mentor da organização do trabalho intelectual, padre Astério Tavares Campos.

Os cursos da pós foram organizados nos moldes das universidades norteamericanas: programas e metas, visando à concepção de um trabalho final a ser apresentado pelas alunas. Neste, porém, repercutia o alcance da área de concentração: Bibliografia Brasileira. Os conhecimentos teóricos a serem traduzidos em monografias foram ministrados por Zeferino Paulo, com a

disciplina Normalização da Documentação Científica. A Abner Lellis Vicentini cabia dar orientações sobre Indexação em Cadeia. Rubens Borba de Moraes proporcionava magníficos conhecimentos sobre as obras raras da Bibliografia Brasileira. Edson Nery da Fonseca, que deixara a direção da Biblioteca Central, dedicando-se à coordenação dos dois cursos, dava brilho às aulas matutinas de Introdução à Bibliografia Brasileira, e aos Estudos de Fontes Bibliográficas e Institucionais para o Conhecimento do Brasil, fazendo-nos despertar para o futuro da documentação e esquecer as famigeradas normas catalográficas. À época não funcionavam as infovias ou as infografias, de amplo uso nos dias atuais.

A cada módulo do programa, pesquisar o material didático era uma agradável e surpreendente prática diária, desenvolvida em longas paradas durante os passeios pelas estantes, perscrutando os autores, os títulos, as imagens, as palavras: verdadeiras caixas de segredos, que se multiplicavam em doações, pela grandeza infinita dos livros. Para a obtenção do grau de Mestre, entretanto, far-se-ia necessário o cumprimento da grade curricular e a elaboração de um repertório temático que pudesse contribuir para nortear, identificar e organizar informações que viessem facilitar ou revelar o avanço nas Ciências Humanas.

A dedicação em tempo integral ao estudo e à pesquisa viabilizava-se fundamentalmente pela organização do Curso, que funcionava no primeiro andar do edifício conhecido como SG-12 – Serviços Gerais 12. Divisórias criavam e separavam os ambientes para salas individuais, onde era possível trabalhar no horário que se quisesse. Em nosso segundo ano de curso, Fernanda tinha ido estudar na Universidade de Pittsburg. Zila e eu começávamos as atividades às 8h30, indo até 23h. Isto porque, minutos após esse horário, passava o último ônibus destinado ao conjunto residencial no qual ocupávamos um apartamento muito bem dividido, para oito estudantes. A “Colina”, morada de professores e bolsistas, “ficava depois de uns matos”, como apontavam os “candangos”, operários das estradas em construção.

No térreo do mesmo prédio onde funcionava o curso, ficava a Biblioteca Central, dirigida por Abner Lellis Vicentini, vindo do Centro Técnico da Aeronáutica, por indicação de Edson Nery da Fonseca. Aberta ao público todos os dias, das 8h às 7h da manhã do dia seguinte, incluindo os fins de semana, oferecia e incentivava a consulta, a leitura de obras gerais e especializadas, além da troca de informações a todos os que desejassem participar do prazer de conhecer.

A interdisciplinaridade era comemorada em programas de extensão, em sessões semanais no auditório da Escola Parque, com o curso de Apreciação Cinematográfica, com Paulo Emílio Salles Gomes, ou de História da Arte, sob a coordenação de Alcides da Rocha Miranda. Concertos sinfônicos regidos por Cláudio Santoro, ou de música antiga, congregavam, aos sábados pela manhã, professores e alunos, além dos limites diários do restaurante universitário.

No âmbito profissional, a cidade oferecia a oportunidade de conhecer e analisar os serviços bibliotecários do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, sob a coordenação de Leda Labouriau; dos Tribunais Superiores e dos Ministérios, além do recém implantado Serviço Nacional de Bibliotecas, organizado por Lydia de Queiroz Sambaquy, que havia dirigido, com grande competência e repercussão nacional, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, no Rio de Janeiro.

Nesse contexto, havia recursos materiais e peças documentais que justificavam a realização de trabalhos. A orientação competente do professor Edson alargava nossas potencialidades em áreas de informação científica. Pesquisas individuais foram desenvolvidas, como as bibliografias anotadas: *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, elaborada com desvelo e obstinação por Zila Mamede e publicada em 1970 pela Fundação José Augusto, em Natal (RN). *A Ruiana na Universidade de Brasília: catálogo da seção de Rui Barbosa da coleção Homero Pires*, coligida com esmero por Fernanda Leite Ribeiro e publicada, no Rio de Janeiro, pela Casa de Rui Barbosa, em 1967.

As aulas de iniciação às raridades bibliográficas, com Rubens Borba de Moraes, levaram-me a identificar e referenciar *Viajantes franceses no Brasil*, atualizado e editado no Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, em 1994. Lembro ainda, com satisfação, o desempenho de uma tarefa solicitada pelo professor Edson, para organizar e acompanhar, em gráfica, *o Catálogo de obras francesas* doadas à Biblioteca Central por ocasião da visita do Presidente General Charles de Gaulle à UnB. Esses e outros trabalhos monográficos foram elaborados por causa das condições excepcionais oferecidas pela pluralidade dos repertórios, organizados para multiplicar o significado de uma universidade que se construía e se firmava no meio do cerrado. E pela dedicação, erudição e persistência de um intelectual como Edson Nery da Fonseca.

Mas, sinais frequentes indicavam a falta de condições para o melhor desempenho profissional das tarefas. O rumo dado à condução da Universidade, que garantia sustentação ao caráter experimental e orgânico dos cursos, foi

mudando ao longo do período dedicado ao desenvolvimento das pesquisas. E – por que ocultar? – professores e instrutores-alunos passaram por momentos de confrontos, com as mudanças decorrentes de uma nova ordem social. A proposta de antes deixara de ser inovadora: fracionara-se. O entusiasmo, a dedicação aos estudos, o clima de comprometimento e de alegria foram se esvaindo. A interrupção do programa tornara-se iminente. Um código que não lhes convinha estendia seu poder invisível. Arrefecia e aprisionava os ânimos. Levava ao impasse. Romperam-se os laços que uniam nossos trabalhos. Daí o pedido de demissão coletiva, em fins de 1965.

Foi assim, por contingência, decepcionadas, sob o peso das circunstâncias, juntamente com a maioria dos colegas de cursos diversos, tivemos que abandonar nossos sonhos e realizações. Mas juntamos o conhecimento adquirido às nossas bagagens materiais. Voltamos às nossas cidades de origem, para andar por outros caminhos. E envolvemos, com cuidado, nossas amizades à longa duração.



Maria Lúcia com Maria Alice (Recife, 2012).



2

Maria Lúcia Dália da Costa Lima

Adoro lidar com livros

Cheguei a Brasília em janeiro de 1959, com uma filha recém-nascida, Valéria, acompanhando o marido arquiteto. Quatro anos e mais dois filhos depois, Gabriela e Felipe, comecei a trabalhar como escriturária na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Pelo fato de gostar muito de ler, adorei lidar com livros e, então, resolvi estudar Biblioteconomia. Já tinha concluído, em Recife, o bacharelado de Línguas Neolatinas. Prestei o concurso de habilitação e fui classificada para o Instituto Central de Artes, optando pelo Curso de Biblioteconomia e Informação Científica. Nessa ocasião, era reitor da UnB o professor Darcy Ribeiro. A Biblioteca Central era dirigida pelo bibliotecário Edson Nery da Fonseca, hoje professor emérito e organizador de várias bibliotecas importantes. Ele foi meu primeiro chefe, era um professor excepcional e foi maravilhoso incentivando-me a conciliar curso, trabalho e filhos.

Lembro com muita saudade esse tempo da UnB. Os professores escolhidos chegavam de todas as partes com muita vontade de ensinar. E os alunos, com muito interesse em aprender. Na Biblioteconomia, professores como o próprio Nery da Fonseca, pernambucano como eu, e os portugueses Agostinho da

Silva, filósofo e poeta, fundador do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, cuja biblioteca tive o prazer de dirigir de novembro de 1965 a maio de 1966, e o filólogo Eudoro de Sousa, do Centro de Estudos Clássicos (Cultura Greco-Romana), cuja biblioteca também foi dirigida por mim entre maio e fins de 1966. E tantos outros de quem não consigo lembrar os nomes. Eram profissionais do maior gabarito, jovens de idade ou de espírito, gentis e bem-humorados.

A Biblioteca Central crescia rapidamente! A toda hora chegavam caixotes de publicações do Brasil e do exterior. E esse material precisava ser classificado e catalogado com presteza para ser consultado por professores e alunos.

Uma coisa de que me recordo com muito prazer: os concertos realizados pelos professores do Departamento de Música, coordenado pelo professor, compositor e maestro Cláudio Santoro, aos sábados pela manhã. Todo mundo ia: professores, alunos, funcionários. Era muito bom.

Em 1967 voltei para Recife com minha família. Logo fui convidada para trabalhar em caráter temporário na biblioteca da Fundação para o Desenvolvimento Industrial do Nordeste (Fundinor). No ano seguinte, com a criação da Secretaria de Indústria, Comércio e Minas (Sicom, atual Secretaria de Desenvolvimento Econômico), fui contratada pelo governo de Pernambuco para organizar e chefiar a biblioteca do órgão. Fui efetivada em agosto de 1974 no serviço público estadual, onde fiquei até a aposentadoria, em 1992.

Entre os trabalhos que realizei nesse período, destaco a organização do acervo da biblioteca do Centro de Desenvolvimento Empresarial de Pernambuco (Ceag, antigo Núcleo de Assistência Industrial – NAI), em 1972, e minha participação no desenvolvimento da sistematização do Arquivo Geral e Memória Técnica da Companhia de Desenvolvimento Industrial de Pernambuco (Diper), em 1985. Também colaborei na publicação *Pernambuco: Informes básicos ao investidor* (Sicom/Diper, 1985) e na organização do Encontro Estadual pelo Detalhamento da Política Industrial de Pernambuco, em 1987, trabalho pelo qual recebi, junto com outros dez servidores da Diper, registro de congratulações pela eficiência, competência e espírito público.

Hoje, recordando aquela época na UnB, vejo como fui privilegiada por conviver com todas essas pessoas, dos professores aos colegas de turma e de trabalho. E sei o valor da sólida base educacional e ética que recebi e que me acompanha desde então.



Maria Lúcia



Angela com colegas da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967). A partir da esquerda: Neusa, Edna, Eladir, Maria Alice, Angela, Vilma, Maria Laura, Branca Rabelo (sentada).



3

Angela Maria Cavalcanti Mourão Crespo

UnB 50 anos: foi assim...

Nasci no Rio de Janeiro, no dia 8 de fevereiro de 1947, a primeira de uma equipe de cinco. Cresci molecando na chamada Universidade Rural, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Aos 10 anos fui estudar interna em Machado, sul de Minas Gerais, e, depois, fui para Niterói, onde aprendi a dançar com o Ronnie Von... (pouco, né?) e a música era *Only you*. Em 1959 viemos para Copacabana e estudei no Colégio Mallet Soares.

Em maio de 1961, meu pai, médico e veterinário com especialização em saúde pública, teve 24 horas para se apresentar, transferido, em Brasília. Para não interromper o semestre letivo, minha irmã e eu fomos para Brasília somente em julho, começando nova fase nas nossas vidas. Tenho muitas saudades daquela época, quando éramos uma grande família.

Assim, fui da primeira turma do Elefante Branco, da primeira do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM) e da primeira do curso de Biblioteconomia da UnB. Em julho de 1964, no CIEM, comecei a namorar e, como adolescente que acha que sabe o que quer, apaixonei-me e sabia que era para casar... No final do ano viria o vestibular e eu queria cursar Medicina. Só que tardaria muito p

ara eu realizar certos sonhos de mulher, mãe e dona de casa, dada a extensão do curso!

Então, um dia, abri o *Jornal do Brasil* e encontrei uma página inteira sobre a área de Biblioteconomia. Chamou-me a atenção pelo nome em letras garrafais e que eu não conhecia. Fui ler, por curiosidade, e eis que me interessou. Naquele momento, decidi que seria uma opção para mim. Quando fui me inscrever, lá estava o curso de Biblioteconomia, que assinalei como minha segunda opção.

Prestei o vestibular e fui chamada pela UnB para decidir: “Se quiser fazer Medicina, terá que cursar um ano de Física” – matéria que eu não apreciava. Não quis. Matriculei-me logo em Biblioteconomia, e, sem sombra de dúvida, foi a escolha certa.

A turma era pequena, muito unida e bagunceira, diga-se de passagem, mas com um detalhe: na hora de sermos sérios e capazes, éramos os tais. O Aníbal era o único homem na turma e o chamávamos, carinhosamente, de “maridinho”, com todo respeito.

Os professores eram realmente especiais. Tarimbados e com vasta bagagem prática dos conhecimentos que nos passavam. Lembro-me perfeitamente de um tique nervoso da dona Cordélia, que mexia os ombros enquanto falava. A elegância do professor Edson Nery da Fonseca, seu conhecimento e aptidão para a escrita e a paixão pelos livros.

Ah, e o professor Vicentini? Com lenço no bolso superior do terno, a aula dele era um conto, pois falava de temas dos quais participava, cheio de contatos tanto no Brasil quanto no exterior. Nunca vou me esquecer da viagem de estudo que fizemos a São Paulo. Ficou marcada na minha memória e ainda guardo as fotos em branco e preto, embora a lembrança seja colorida.

Com o professor Briquet tive mais aproximação, pois, mesmo depois da Faculdade, continuamos nos reencontrando em eventos, e, para minha satisfação, trabalhamos juntos quando ele foi o diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Padre Astério ficou amigo da família e batizou meus filhos.

Lembro-me, com muito carinho, das nossas aulas de Estudo da Arte, na Arquitetura, e dos demais professores que tivemos.

Cabe um detalhe: todos aqueles quando sabiam que eu estudava Biblioteconomia, logo perguntavam: “Você deve gostar muito de ler, não?”. Mal sabiam eles que ler os livros é o que não fazíamos tanto quanto gostaríamos!

Em 12 de dezembro de 1967 nos formamos. Uma glória!

Naquela época, eu já trabalhava na Biblioteca da Fundação Educacional do Governo do Distrito Federal, com a Branca Rabelo como chefe. Daí em diante, foram sempre novos desafios.

Em 1969 casei-me, um sonho realizado que durou 24 anos e me rendeu excelentes frutos: Luciana, Daniela e Fernando, que me tornaram avó de quatro lindos netos.

Depois, fui trabalhar na Biblioteca de Entrequadra, na 108 Sul.

Em 1972 fui para o Ministério do Interior, indicada pelo Aníbal e creio que não o desapontei. Criamos uma equipe de primeira linha, reunindo a Neusa, a Maria Alice (Mará), a Nelma e a Eladir (que não se formou conosco, porque trancou um semestre) e realmente conseguimos um excelente e reconhecido trabalho. Criamos uma rede automatizada com todas as entidades de Documentação do Ministério, desde a Suframa, em Manaus, até a Sudesul, no Rio Grande do Sul, ou seja, de norte a sul, de leste a oeste do Brasil.

Em 1975, no Congresso de Biblioteconomia, foi lançado o primeiro catálogo coletivo, apresentado em COM (Computer Output Microfilm) por uma firma de microfilmagem. Inovamos também na área de indexação, criando o *Vocabulário controlado de integração regional* que, na realidade, era um *thesaurus*, pois totalmente estruturado, ele serviu de base para várias outras instituições, dada a sua abrangência.

Mantivemos vários contatos com a UnB por meio de convênios, realizando cursos de especialização em Documentação e outros para a efetivação das nossas tarefas. Participávamos também de aulas e cursos na Faculdade, dada a inovação e o pioneirismo dos nossos trabalhos.

Participávamos, igualmente, de congressos, jornadas etc. Atuávamos junto às entidades de classe, tanto no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB) quanto na Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF).

Depois do Ministério do Interior, fui trabalhar no IBICT com o professor Briquet, de 1985 até 1990. Realizamos um excelente trabalho, pois estávamos na fase de um grande convênio internacional, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT). Era a época de novas áreas do conhecimento, como Biotecnologia, Instrumentação, Química Fina, entre outras. Um momento de fertilidade e desafio para todos nós – foi muito produtivo.

Em janeiro de 1991 vim para o Rio de Janeiro e trabalhei no Centro de Informações Nucleares/Comissão Nacional de Energia Nuclear (CIN/CNEN). Área completamente nova e também com grandes projetos nacionais e internacionais.

Em setembro de 1992 retornei a Brasília e fui trabalhar no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), onde permaneci até o final do ano.

Em janeiro de 1993 mudei-me para a Espanha, onde fui cursar o doutorado na Universidad Complutense de Madrid. Outro desafio: além de ter que dominar o idioma, tinha que comprovar a capacidade dos brasileiros! Felizmente tudo deu certo e minhas notas sempre foram “sobresaliente”. Na defesa da tese *Tecnología magneto-óptica y almacenamiento de la información documental: la utilización de los discos ópticos en la gestión electrónica de documentos*, em 26 de novembro de 1996, posso contar para vocês: tirei “Sobresaliente *cum laude* por unanimidad”, mas esta façanha só pode ser constatada no vídeo que foi feito pela Universidade, porque a nota máxima inscrita no diploma é “Apto *cum laude*”. Passei em todos os testes aos quais fui submetida e creio ter deixado na Espanha uma excelente imagem. No momento da defesa da tese, entreguei para cada membro da banca um CD com o seu conteúdo, comprovando, de imediato, a versatilidade de novas ferramentas.

Em 1999 voltei a Madri para lecionar um ano, permanecendo lá até julho de 2000. Quando retornei para o Brasil, fui para a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) e, depois de me aposentar, fiquei como consultora.

Atualmente estou curtindo meus filhos, netos e amigos, além de viajar sempre que possível.



Angela recebendo diploma das mãos do Reitor Caio Benjamin Dias (1967).



Aníbal recebe de Célia Maria placa de homenagem à 1ª turma de Biblioteconomia da UnB, na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995).



4 *Anibal Rodrigues Coelho*

Professor bibliotecário

Nasci na Fazenda das Posses, município de Virginópolis, no Estado de Minas Gerais, no dia 10 de janeiro de 1931, sendo o terceiro de uma família de 14 filhos. Meus pais, Octaviano Rodrigues Coelho e Petrina Coelho de Oliveira, num ato de heroísmo e de visão profética real, após o término do grupo escolar, em 1942, doaram-me aos Salesianos de São João Del Rei, onde fiz o ginásio, o clássico e o superior.

Cheguei um “Zé Coió da roça” e saí de lá um doutor, formado em Filosofia e Pedagogia. Retornei à casa paterna, após anos de ausência; conheci, então, os irmãos que haviam nascido nesse ínterim.

Fiz-me salesiano e dediquei a vida inteira a lidar com crianças e jovens, sobretudo, pobres e abandonados, seguindo o espírito e os ensinamentos de Dom Bosco, o maior pedagogo e santo dos séculos XIX e XX. Fui professor em vários colégios salesianos, em São João Del Rei, Vitória, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília.

Nos idos de 1950, ingressei no curso de Teologia para me ordenar padre, chegando até o diaconato, quando abandei o curso no último ano, tornando-me irmão leigo e professor.

Vim para Brasília em 1960, para o Colégio Dom Bosco, pois aqui já estivera várias vezes antes com o engenheiro Bernardo Saião e, sobretudo, ajudando o padre Roque Vagliatti, na Cidade Livre, hoje, Núcleo Bandeirante.

Em companhia do padre Marreco (Raimundo do Nascimento Teixeira), exímio cantor e acordeonista, e do padre José Vieira de Vasconcelos, presidente do Conselho Federal de Educação, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), participei de duas serestas com o presidente Juscelino Kubitschek, no Catetinho.

Fui para a UnB como secretário bilíngue e, em seguida, por sugestão do padre Vasconcelos, fiz o vestibular para Direito e para a primeira turma do curso de Biblioteconomia, passando, sem cursinho, em primeiro lugar para o curso de Direito e, em quarto, para o de Biblioteconomia. Por influência dele, optei pelo curso de Biblioteconomia, sendo o único elemento do sexo masculino na turma, ficando conhecido pelo epíteto gracioso e jocoso de “bendito fruto entre as mulheres” e o “maridinho” delas até hoje.

Estudante ainda e em companhia do jovem Murilo Bastos da Cunha que, no Colégio Dom Bosco de Brasília, com a orientação do padre Vasconcelos, tomava conta da biblioteca, e, por influência minha e dele, viera também para a UnB e fazia o curso de Biblioteconomia, nos inscrevemos na Associação de Bibliotecários, recém-fundada em 1962 por Adélia Leite Coelho, bibliotecária do Senado Federal.

Formado, porém ainda sem o diploma, mas inscrito no Conselho de Biblioteconomia, fiz o concurso para bibliotecário da Câmara dos Deputados e do Senado Federal em 1968. Passei nos dois, mas optei pela Câmara, onde me aposentei nos idos da década de 90.

Eleito o quinto presidente da ABDF em dois períodos de gestão, de 1971 a 1975, trabalhei em prol da classe, da sociedade e da profissão, levando o nome e as atividades da Associação a todo o Brasil, com associados do Acre ao Rio Grande do Sul. A logomarca ABDF, de autoria do arquiteto Salviano Guimarães, marido da colega bibliotecária Maria Alice Guimarães, permanece intacta até os dias de hoje.

Consegui, por estar também na Câmara, a aprovação em tempo recorde de uma melhoria salarial para toda a classe, que inflamou o Brasil profissional.

A Associação tornou-se uma grande família. Era lá que os bibliotecários, vindos de todo o Brasil sem família e atrás de emprego, encontravam acolhimento e solidariedade nos encontros mensais, realizados em chácaras dos próprios colegas, onde se cultivava a amizade e, também, se fazia o “Álbum Fofoca”, ansiosamente esperado e que promovia e mantinha viva a chama do espírito e da unidade da classe. Por meio dessa dinâmica, a ABDF conseguia emprego para a maioria dos colegas, que, ainda hoje, proclamam o fato em alto e bom som.

Dei ênfase à comunicação e à divulgação, criando o *Boletim Informativo*, mensal, o folheto *Rapidíssimas*, semanal, e a Editora ABDF, que se tornou a maior editora de Biblioteconomia do País. A primeira obra publicada foi de autoria do colega bibliotecário Emir José Suadem.

Em 1972, a ABDF iniciou a publicação da *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, que ficou mundialmente conhecida.

Foi na minha gestão que começou a Feira do Livro de Brasília e, embora não esteja mais sob a responsabilidade da ABDF, não perdeu o valor de iniciativa dinâmica de promoção do livro e da cultura.

No período em que estive à frente da ABDF, destaco a realização do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em 1975, que foi o maior evento da classe em número de participantes até os dias de hoje. E, com o reconhecimento da classe, fui proclamado Bibliotecário do Ano de 1975.

Com a renda obtida, pôde-se, então, comprar não só a sede da ABDF, na Asa Norte, mas também outras salas e fazer o Clube Campestre dos Bibliotecários, no Núcleo Rural Casa Grande. Em 1975, já envolvido com o Movimento Casa Grande, deixei a presidência da ABDF, no ápice de sua história, nas mãos de nossa colega de turma, Virgínia Astrid de Albuquerque Sá e Santos.

No Clube Campestre dos Bibliotecários, em 1982, a Associação dos Proprietários e Produtores do Núcleo Rural Casa Grande (APNRCCG) criou uma escola e dinamizou o Movimento Associativo, Comunitário, Social, Educativo, Ambiental, Esportivo, Cultural, Religioso e de Comunicação, iniciado em 5 de janeiro de 1980 sob os auspícios da ABDF. Esse Movimento Associativo é referência nacional, pois possibilitou a mudança de *status* social de uma comunidade, que saiu da pobreza absoluta, degradante e desumana para uma pobreza humana aceitável. Essa mudança na comunidade é resultado do trabalho realizado em 32 anos de atividades ininterruptas e contínuas.

Tudo o que existe no Núcleo Rural Casa Grande foi feito pela própria comunidade, por meio de mutirões e parcerias: escola, biblioteca, energia elétrica, telefone de última geração, centro comunitário, Centro Integrado de Tecnologia de Informação (CITI), agroindústrias, e o asfalto de acesso à avenida principal que vai até a Capela de São Francisco de Assis. A escola definitiva, com ensino infantil, fundamental e médio, foi construída em 68 mutirões de fins de semana, com uma ação pedagógica contínua, cujos lemas eram “Criança que constrói, não destrói” e “Comunidade que faz, não desfaz”, e ela passou quinze anos sem necessidade de reformas, pinturas ou consertos de carteiras. Já formou mais de cem turmas e milhares de alunos, contribuindo assim para reduzir os 84,38% de analfabetos de 1980, para zero analfabetos hoje.

Outro feito maravilhoso foi a construção da Capela de São Francisco de Assis em menos de dois anos. A obra começou em 5 de dezembro de 2002 e, no dia 4 de outubro de 2004, com uma bela e grandiosa festa, foi inaugurada. O *Correio Brasiliense*, já por duas vezes, publicou sua foto com a mensagem “Isto não Áustria, é Brasília”. É a capela mais disputada pelas noivas brasilienses.

Em 12 de outubro de 2010, ao ensejo das comemorações dos 30 anos do Movimento e, como seu marco histórico, foi inaugurada a Unidade Básica de Saúde, construída por meio de mutirões em 3 meses e 12 dias, e passada ao governo por comodato.

Com a filosofia de não parcelamentos, a instalação das agroindústrias e, sobretudo, com a geração de emprego e renda em alta, associados ao término do analfabetismo, conseguimos uma coisa difícil e inédita, que nos tornou referência nacional: os 99,73% de desempregados de 1979 não existem mais.

Em 2010 também, no ápice das conquistas para o Núcleo Rural Casa Grande, deixei, depois de 30 anos, a presidência da APNRCC nas mãos do companheiro Jacinto Rodrigues Lima. Mas não deixei de todo o Movimento, pois fiquei na vice-presidência e com o trabalho social “Domingos de Lazer e Diversões Sadias” para as crianças, jovens e suas famílias se divertirem, em vista da inexistência de esporte e lazer na região, como antídoto às drogas e para levá-los para Deus, a exemplo do que fazia Dom Bosco com seus Oratórios Festivos no século passado.

Tudo o que foi feito está documentado e divulgado em milhares de fotos, e através dos *Boletins Informativos*, das *Circulares* e dos *Comunicados*. Por isso estamos querendo publicar o livro *Utopia tem um nome: CASA GRANDE*, em que demonstramos nossa fidelidade aos ensinamentos e pedagogia de Dom Bosco

e aos objetivos da profissão que, de coração e alma, abraçamos: PROFESSOR BIBLIOTECÁRIO.

Estou já na antevéspera de completar 82 anos. Em vez de me aposentar e começar a me preparar para morrer, Deus e o Juiz me impuseram uma missão difícil, pesada, mas que levo com orgulho, prazer e entusiasmo: a guarda e a responsabilidade de duas crianças, minhas netas: Ana Carolina e Ana Beatriz. Sou motorista e babá delas com muito orgulho e prazer, e espero fazer delas boas cristãs e boas cidadãs. São meninas alegres, educadas, obedientes, respeitosas, responsáveis e, sobretudo, muito estudiosas.



Ao centro, Aníbal no almoço de formatura (1967).



A partir da esquerda (em pé): Murilo Cunha, Maria Alice, Angela Crespo, Nidia Caldas, Aníbal.



A partir da esquerda (em pé): Murilo Cunha, Maria Alice, Angela Crespo, Nidia Caldas, Anibal.



5 *Edna Gondim de Freitas*

Por que Biblioteconomia

De uma coisa tenho certeza: escolhi Biblioteconomia por vocação. Ler sempre foi meu lazer predileto. Desde menina, em Areia, cidade onde nasci em 3 de fevereiro de 1939 e onde passava as férias no engenho de meu pai, Germano de Freitas, pedia emprestado aos moradores folhetos de literatura de cordel e me deliciava com a criatividade das estórias. Já no colégio Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, onde estudei do jardim ao ginásio, era frequentadora assídua da biblioteca. E não parei mais de ler à medida que ia descobrindo novos autores. Um dia, me caiu nas mãos, inserida numa revista mensal da época, uma reportagem sobre a profissão de bibliotecário. Eureka!... Foi o primeiro dos sete famosos passos para se atingir um objetivo.

Outro sonho que eu tinha era morar no Rio de Janeiro. Finalmente, em 1958 meu pai resolveu se mudar da Paraíba. Mas, para Brasília! Ele era químico industrial e foi contratado pela Novacap. Fomos morar no acampamento onde estava sendo construído o Reservatório de Água nº 2 (hoje, dentro do Parque da Cidade). Lá, ao lado da nossa casa, ficava o primeiro laboratório de análise química de Brasília, que depois evoluiu para a Estação de Tratamento de Águas e Esgotos, da qual meu pai foi chefe. Foi um tempo de muito sofrimento!

Por falta de opção, interrompi os estudos até 1960, quando surgiu o Centro de Ensino Médio de Brasília (CEM) e pude me matricular no 1º ano do clássico. Com a inauguração do Elefante Branco, surgiu o curso de secretariado, cujo currículo continha a matéria Biblioteconomia. Não tive dúvidas. Retrocedi um ano e nesse curso adquiri as primeiras noções de organização de biblioteca com a professora Adélia Leite Coelho, por quem guardo uma imensa gratidão. Foram três anos. Ao término, numa fase de muitas dificuldades, inclusive financeiras, recebi um telegrama assinado pela bibliotecária e mulher do ministro da Educação, D. Lydia de Queiroz Sambaquy, me convidando para fazer um teste no Serviço Nacional de Bibliotecas, criado por ela. Fui aprovada, mas ela impôs uma condição: eu teria que fazer o vestibular para a Faculdade de Biblioteconomia que seria aberta na UnB, no ano seguinte. Foi tudo de bom! Adorei trabalhar na biblioteca do MEC que era pequena e, às vezes, eu tinha que levar livros de casa para atender as pesquisas dos leitores.

Aprovada no vestibular de 1964, comecei a frequentar o curso ainda em instalações provisórias. Tive ótimos colegas e excelentes professores. Lembro-me com carinho do padre Astério que nos introduziu à Filosofia, da professora Nice Figueiredo e do professor Vicentini que nos descortinou o mundo da Informática e o seu uso na Documentação.

Em decorrência do regime que se implantou no Brasil em 1964, houve momentos muito sofridos também na UnB: invasão do *campus*, prisão e violência contra alunos e professores, passeatas, etc. Mas, estudante sempre acha um jeito de fazer uma galhofa. Não estou muito segura dos detalhes, mas nunca esqueci o fato. Os alunos de Arquitetura (?) criaram uma forma inusitada de angariar fundos para aplicação num projeto da turma. Assim, venderam centenas de convites para um “Concerto de Piano” numa das melhores salas da cidade. Os mais atentos perceberam o erro ortográfico, mas preferiram pensar que era culpa da gráfica. Que nada!... Para surpresa da plateia, o espetáculo começou com a entrada de alguns “atores” portando serras, martelos, pregos, etc. e começaram a consertar os instrumentos musicais, ali no palco. Eu não estava presente, mas soube que foi uma confusão terrível na plateia. Uns revoltados, indignados e outros até rindo do blefe a que foram submetidos. O caso ganhou repercussão na imprensa, mas acabou virando gozação pela artimanha dos estudantes. Afinal, eram todos conhecidos. Brasília ainda era criança.

No final do curso, por sugestão e sob a orientação do brilhante e inesquecível professor Edson Nery da Fonseca, apresentei, para preenchimento de requisito da colação de grau, a bibliografia *Repertórios biográficos brasileiros*.

Em 1969, após revisão do professor Edson, a bibliografia foi publicada pelo Instituto Nacional do Livro. Posteriormente, essa publicação seria incluída como fonte de referência na bibliografia indicada aos candidatos do concurso para bibliotecário da Câmara dos Deputados.

Em 1968, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados divulgaram os editais para o concurso de bibliotecário. Fui aprovada para o Senado. Mas, minha meta era a Câmara e consegui me classificar em 4º lugar. Eram 10 vagas. Só cinco foram aprovados. Que maratona!... Infelizmente, quando já estava fazendo os exames médicos para tomar posse, veio o Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, e o Congresso foi fechado. Nessa época, eu já trabalhava no Centro de Ensino Técnico de Brasília, onde era coordenadora da biblioteca.

O Congresso foi reaberto e tomei posse em março de 1970. Fui designada para trabalhar na Seção de Legislação Brasileira e senti necessidade de voltar à universidade para fazer o curso de Direito. Após alguns semestres de um cansativo curso noturno, tranquei a matrícula por ter sido indicada pela Câmara para frequentar, no Rio de Janeiro, o Curso de Documentação Científica, organizado pelo Instituto Brasileiro de Informação e Documentação Científica (IBICT).

Transferida a pedido, em 1981, do Departamento de Comissões para a Assessoria Legislativa, criei um serviço de recuperação dos trabalhos executados pelos assessores. Esse setor evoluiu para a Seção de Arquivamento e Recuperação de Dados e fui designada para exercer a função de chefe, em 4 de setembro de 1985. No início de 1993, me aposentei no cargo de diretora da Coordenação de Apoio Técnico, da Assessoria Legislativa.

Fui casada com o Antonio Lino Rodrigues e não tive filhos. Hoje sou divorciada e, desde 2001, moro em Copacabana, na muito querida e maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.

Adoro viajar e ler. Mas, não sou dada a colecionar livros, ter biblioteca. Apenas conservo meus autores preferidos. Sou adepta da redistribuição e disseminação tanto do conhecimento como dos bens materiais. Gosto de doar. Com relação aos livros, aqui tem sido difícil conseguir biblioteca que aceite doação. Terminei doando para o Exército da Salvação (eles vendem). Ultimamente, “esqueço” livros e revistas lidos nos consultórios, bancos, cinema, *shoppings*, academia de ginástica etc. Lugares onde imagino que serão encontrados, lidos e redistribuídos. Na folha de rosto escrevo: ACHOU? LEU? GOSTOU OU NÃO? NÃO GUARDE, DOE...



Héris (à direita), no trote do vestibular de 1965.



6 *Hérís Medeiros Joffily*

Minha maneira de ser bibliotecária

Acredito que nada acontece por acaso. E não foi por mero acaso que, mesmo sem saber ao certo do que se tratava, coloquei a opção Biblioteconomia no vestibular. Meus pais, que eram professores, e minha casa, com paredes cobertas de livros, tenho certeza, foram parte importante do destino que orientou a escolha.

A seguir, relato resumidamente minha atuação profissional. Depois de tantos anos, este é o resultado de olhar para o passado e escrever sobre o que me restou na memória.

Quando vim para fazer o vestibular, pensava em Medicina. Eu nem sabia que tinha opções e, totalmente adolescente, botei lá como segunda opção uma profissão da qual nunca tinha ouvido falar: Biblioteconomia. Não passei em Medicina. Fiquei em Biblioteconomia e falei: “Eu vou fazer um semestre, um ano, e, depois, faço vestibular de novo”. Só que eu me encantei com a profissão, com o que se fazia na Biblioteconomia, porque eu sou virginiana, que, em princípio, é um ser organizado; então, é uma profissão própria para o virginiano.

Na área de Biblioteconomia, iniciei no Instituto Nacional do Livro (INL), do Ministério da Educação e Cultura, como auxiliar de biblioteca. Já formada, dei aula no curso de Secretariado do Colégio Elefante Branco, como professora da Fundação Educacional do Distrito Federal.

Formada em 1967 pela UnB, em 1968 passei no concurso público para o cargo de bibliotecário do Senado Federal e também no da Câmara dos Deputados. Na Biblioteca da Câmara, trabalhei registrando periódicos e, depois, atendendo os leitores e fazendo pesquisa. Fui chefe da Seção de Bibliografia e Serviços Diversos, tornando-me responsável pela continuidade da publicação *Artigos Seleccionados*, dedicada a resumo e indexação de artigos de revistas.

Realizei essas atividades (não me fizeram reparos, os chefes) com dedicação e cuidado. Atender os leitores e para eles pesquisar fazia as horas passarem depressa e a minha alma chegar mais perto da felicidade, que “*Existe, sim, mas nós não a alcançamos / Porque está sempre apenas onde a pomos / E nunca a pomos onde nós estamos*” (Vicente de Carvalho).

Fui alçada ao cargo de diretora da Biblioteca da Câmara dos Deputados. No exercício da função, recorro de dois episódios. Primeiro, conseguimos a designação (oficial) de um assessor de cada área da Assessoria Legislativa para analisar os catálogos de editoras e indicar (como sugestão) as obras a serem adquiridas pela Biblioteca. Assim, acabamos com o acúmulo de catálogos na sessão e o acervo ganhou com aquisições mais oportunas e rápidas. Além disso, o trabalho de seleção foi útil profissionalmente para os assessores.

No segundo, conseguimos a isenção de um imposto na compra de livros importados. Nesse caso, quando entrei em contato com a pessoa que explicaria o motivo da cobrança de imposto de renda sobre a compra de livros importados, deparei com o *expert* em legislação desfiando alíneas, artigos, leis, decretos etc. Discreta e rapidamente anotei. Após consultar a legislação citada, tornei a ligar para o “*experto*” senhor e, um tanto agastada, disse que a legislação não tinha qualquer relação com importação de livros. Ele riu e afirmou ser assim que, costumeiramente, se livrava dos perguntadores.

Lembro ainda um terceiro episódio, que teve a participação da chefe da Seção de Coleções Especiais, Virgínia Astrid de Sá e Santos. Um deputado procurou-me querendo saber qual a obra mais antiga do acervo. Pediu para vê-la. Na coleção de obras raras, ao encontrar-se diante da *Encyclopédie* (1750-1772) de Diderot e D’Alambert, apossou-se de um dos volumes e não houve protesto ou argumento capaz de demovê-lo do objetivo de levar a obra para

que o filho ganhasse ponto em uma gincana. Saiu acompanhado do chefe do Serviço de Administração, que zelou pela integridade e devolução do exemplar.

Infelizmente o destino, outra vez, mudou meu caminho. E agora estávamos, por decisão própria, eu e os chefes de seção, fora da Coordenação de Biblioteca. O concurso para o cargo de bibliotecário não incluía prova de regimento interno, texto fundamental para a área legislativa, na qual fomos lotados. Mas nos saímos muito bem.

Pela boa fama dos bibliotecários, tivemos excelente acolhida. Bibliotecário passou a ser rótulo significando “pessoa competente”. Ocupamos lugares de destaque, entre outros, nas comissões, lideranças partidárias e na Secretaria Geral da Mesa. Particularmente, atuei na Comissão de Educação e Cultura, na Comissão de Constituição e Justiça e de Redação, na Constituinte de 1988, e como secretária de comissões temporárias.

O que aprendi na faculdade, o convívio com os professores (em que via a mesma paixão de meus pais pela educação e pela transmissão do saber) e com os demais alunos foi, e ainda é, parte importante de minhas decisões, desempenho e visão do mundo.

Ser bibliotecário é ser aquele que vive para servir. Esse é meu lema. Essa é minha maneira de ser. Nada me alegra mais do que ajudar, contribuir para iluminar quem busca informação.

Assim, não foi por mero acaso que me tornei bibliotecária. E, talvez, também tenha acontecido com alguns dos que hoje estudam Ciência da Informação... Um dia vão saber que acaso não existe. Eles já nasceram servos dos servos da ciência.



Lindaurea com colegas em viagem a São Paulo (1966). A partir da esquerda: Hérís, Neusa, Edna (de branco), Vilma (atrás), Lindaurea, Angela.



7 *Lindáurea Daud*

Na Faculdade de Biblioteconomia da UnB

Existem palavras e sentimentos inexprimíveis em nossas vidas de experiências de alegria e enorme felicidade.

Tratando-se de nossa caminhada cultural e de formação acadêmica, uma das experiências mais importantes que tive foi, sem dúvida, minha passagem pela capital federal, Brasília, por ocasião dos meus estudos na Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília.

Particpei de uma turma formidável, amiga, solidária e de grande expectativa no curso que se iniciava. A nossa turma foi pioneira na UnB nesse ramo de ensino e formação, e esse pioneirismo nos trouxe a responsabilidade de irmos até o fim, inaugurando a Biblioteconomia no cenário universitário, que foi um passo dos mais importantes em nível de Brasil.

Posteriormente, lecionei matéria da área em São Paulo e, por concurso público, passei a trabalhar no ramo da Biblioteconomia na Universidade de São Paulo (USP), onde me aposentei.

Fico muito feliz em poder expressar esta satisfação enorme de ter sido, junto com os meus colegas, uma pioneira da Biblioteconomia em nosso país. Sou muito grata a todos meus colegas de turma, aos professores e administradores da Faculdade e da Universidade, ao Distrito Federal e, em especial, aos meus parentes que me acolheram enquanto fazia meus estudos durante aqueles anos áureos da minha vida.



Lindaurea (extremidade esquerda) com colegas e professor Vicentini em viagem a São Paulo (1966).



María Alice como oradora da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB - Cerimônia de colação de grau na Câmara dos Deputados (1967).



8

Maria Alice Guimarães Borges

Mais do que uma profissão

Brasília ainda era um sonho, um projeto, quando eu nasci em uma região do Planalto Central, a hoje cidade de Planaltina, Distrito Federal, em 25 de janeiro de 1945. Minha família já estava aqui havia mais de um século. Os livros de história remontam ao ano de 1774 a chegada do primeiro Monteiro Guimarães, vindo da cidade de Guimarães, em Portugal, às terras centrais do Brasil, na então Formosa dos Couros e, depois, seguindo para Planaltina.

Ainda menina, em 1948, fui morar em Goiânia, quando meu pai, Hosannah Campos Guimarães, assumiu o posto de vice-governador e, depois, o de governador de Goiás. De lá, fomos para São Paulo, onde morei e estudei até 1959.

Em 1960, retornamos para as nossas origens. Em Brasília, fui aluna da primeira turma do Caseb.¹ Em 1962, me formei no curso normal, e, no ano seguinte, iniciei minha vida profissional, como professora da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, lecionando nas escolas-classe da SQS 304 e da 107, tendo como diretoras duas grandes educadoras brasilienses: Ivone Zinn e Lídia Diglio Cardoso, respectivamente.

¹ Colégio criado pela Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, em 1959, para atender a alunos dos antigos ginásio, científico, clássico e normal.

Passei no vestibular da Universidade de Brasília, fazendo parte da primeira turma de Biblioteconomia, uma das sete primeiras faculdades criadas pelo Plano Orientador da UnB.

Em Brasília construí a minha vida. Casei-me com o então aluno de Arquitetura da UnB, Salviano Guimarães, tive três filhos, Beatriz, Cristina e Pedro e, hoje, tenho oito netos.

Formei-me em 1967 e, em seguida, fui trabalhar como bibliotecária responsável pela Biblioteca da Escola Parque da SQS 307/308. No ano seguinte, fui bibliotecária do Curso de Formação de Diretores da Escola Primária e, em 1969, bibliotecária-chefe da Referência e Empréstimo da Biblioteca do Ministério de Educação e Cultura.

Em 1970, recebi da minha chefe e amiga, a bibliotecária Branca Tamm Rabelo, o desafio de implantar a Biblioteca Infantil da SQS 104/304 e a Biblioteca Pública da SQS 108/308.

Convidada pelo professor Abner Lellis Corrêa Vicentini, juntamente com meu colega Aníbal Rodrigues Coelho, participei, em 1972, da consultoria para a elaboração do Projeto *Informática Educacional: projeto para a criação de um centro nacional de coleta, análise e disseminação da informação na área de educação*.

Em 1973 fui para o Ministério do Interior (Minter), por indicação do professor Vicentini. Como assessora de Documentação da Secretaria-Geral, fui coordenadora técnica do Sistema de Informação para o Planejamento, Controle e Coordenação (Siplan) do Ministério, trabalhando diretamente sob a coordenação do doutor Henrique Brandão Cavalcante, à época secretário-geral do Minter. A partir dessa experiência inovadora e pioneira, iniciei um novo período na minha vida profissional, quando tive a oportunidade de trabalhar no planejamento e implantação de outros sistemas nacionais de informação.

Em 1976 fui a responsável pelo planejamento e coordenação do Sistema de Documentação do Sibrater, da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), com o objetivo de levar informação atualizada ao extensionista, para que ele fosse um agente de inovação no meio rural. Esse sistema foi implantado da Amazônia até o Rio Grande do Sul, como parte de um projeto do Banco Mundial. Na Embrater, foi-me concedida a oportunidade de fazer o mestrado em Ciência da Informação, concluído em 1981, quando elaborei a minha dissertação *Demanda de informação técnica do extensionista, condições que afetam a demanda, e diretrizes para uma estrutura de transferência de informação técnica, aplicável ao Estado do Espírito Santo*.

Em 1984 atuei como consultora da Secretaria de Mão-de-Obra, do Ministério do Trabalho, no planejamento, sistematização e implantação do Sistema Nacional de Informação sobre Formação Profissional (Sinfor). Representante do Brasil no *Taller sobre Documentación en Formación Profesional*, do Cinterfor/OIT, em Montevideú, fui convidada a visitar a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Genebra, na Suíça, e o Centro de Formação Profissional em Turim, na Itália.

Também prestei consultoria à Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Distrito Federal no Projeto de Sistematização das Ações de Informação na Área de Educação.

Em 1983 retornei à Universidade de Brasília como professora, por um convite do padre Astério Tavares Campos para iniciar como monitora da disciplina Classificação, que ele lecionava na Biblioteconomia. Tratava-se de um convite irrecusável e, assim, fui ser professora em tempo parcial (TP-20).

A área social sempre me atraiu. Era voluntária na minha cidade, atuando em alguns projetos sociais. Em 1985 fui convidada pelo ministro Marcos Vilaça para ser a superintendente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) no Distrito Federal e na Região Geoeconômica, com atuação em 25 municípios do Entorno. Em 1990 fui convidada para assumir o cargo de secretária de Estado de Desenvolvimento Social do Governo do Distrito Federal. Foi uma experiência muito rica, que me possibilitou ajudar, ser ajudada e amadurecer quanto ao que significa responsabilidade social e cidadania.

A convite do meu amigo José Rincon Ferreira, de 1997 a 1999, fui diretora-adjunta do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Nesse período, participei da Missão da Unesco em Moçambique, cujo objetivo era estruturar um sistema de informação para a Universidade Eduardo Mondlane. Também participei da Reunião da Federação Internacional de Documentação (FID), na Índia, em 1998.

Após a conclusão do doutorado em Ciência da Informação na UnB, em 2006, quando defendi a tese *A tríplice hélice e o desenvolvimento do Setor de Tecnologia da Informação do Distrito Federal*, passei a fazer parte do quadro docente da Faculdade de Ciência da Informação da UnB como professora adjunta, onde estou até hoje.

Na graduação, ministrei várias disciplinas: Planejamento de Sistemas de Informação, Estágio Supervisionado, Gerência de Unidades de Informação, Estudo de Usuários, Seminários sobre Biblioteca Pública e Biblioteca Escolar,

Encontro de Saberes, e Pesquisa Histórica da Memória da Biblioteconomia na UnB, além de Catalogação, Classificação, Bibliografia e outras, de acordo com a demanda dos alunos e a disponibilidade de professores. Simultaneamente, fui orientadora de dezenas de monografias e participei de várias bancas de mestrado e doutorado. Elaborei trabalhos que foram publicados em livros, revistas e jornais.

Em 30 anos de docência, participei ativamente da vida acadêmica como conselheira do Conselho Universitário da UnB (Consuni) e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe). Fui membro dos Colegiados do Curso de Biblioteconomia e da Faculdade de Ciência da Informação, da Comissão de Elaboração do Plano Político-Pedagógico da UnB (PPPI), da Comissão de Reestruturação e Modernização da Biblioteca Central da UnB. Atuei como coordenadora do curso de Biblioteconomia por três vezes, e, também, como subchefe e chefe do Departamento de Ciência da Informação e Documentação.

Em 2010 testemunhei a criação da nova Faculdade de Ciência da Informação, participando da comissão responsável pela elaboração da proposta de institucionalização, juntamente com o professor Murilo Bastos da Cunha e a professora Sueli Angélica do Amaral.

Não poderia deixar de registrar a alegria e a realização profissional e humana proporcionadas pelo contato com os jovens, meus queridos alunos, sabendo ser recíproco o sentimento, externado em quase vinte formaturas, com que me distinguiram com os títulos de professora homenageada, paraninfa ou patrona em diversas cerimônias de colação de grau.

Por ser pioneira de Brasília e da UnB, professora, bibliotecária e ocupante de cargos públicos, recebi condecorações, como a Medalha Bandeira de Melo, a Ordem do Mérito de Brasília, a Ordem do Mérito Alvorada e a Ordem do Mérito Buriti.

Em 2 de setembro de 2012, recebi a carta de aposentadoria. No mesmo ano em que comemoramos 50 anos de criação da UnB e do curso de Biblioteconomia, não encerro meu trabalho, minha vida acadêmica e tudo o que construí neste meio século. Posso afirmar que apenas concluo uma fase da minha vida, e, por essa etapa, tenho que fazer alguns agradecimentos.

À Universidade que me proporcionou uma profissão. Aos professores que tive e pelos quais tenho profundo respeito pela competência e generosidade de nos ensinar. Aos queridos colegas e amigos da primeira turma que me marcaram com momentos de alegria e descontração, mas de muita responsabilidade

e garra na defesa de nossos ideais. Ao curso de Biblioteconomia que me deu amigos na forma de professores, alunos e funcionários. À Biblioteconomia, que me mostrou que a cidadania só é possível com a democratização da informação e do conhecimento.

Ao meu marido Salviano, que também começou a sua trajetória na Universidade de Brasília, como aluno, depois como professor de Arquitetura e Urbanismo, onde se aposentou. Meu amigo e companheiro em todos os momentos, com quem dividi meus sonhos e a quem escolhi para construir uma vida que me deu grandes realizações e preciosos frutos.

Aos meus filhos, pela imensa compreensão de tantas ausências para realizar a minha proposta de vida e pela certeza do amor que sempre tive para cada um deles: Beatriz, Cristina e Pedro. Aos meus netos: Fernanda, Pedro, Vitória, Arthur, Maria Clara, Giovana, Isabel e Lucas, que me ensinam todos os dias a arte de viver com simplicidade e alegria.

Acima de tudo agradeço a Deus que me deu vida, saúde, perseverança e amor para viver cada instante e todos os instantes, com dedicação e esperança sempre renovadas.

Como a vida é feita de sonhos e alegria, tomo emprestada a frase de uma das mais bonitas músicas da América Latina, da cantora argentina Mercedes Sosa: *“Gracias a la vida que me ha dado tanto”*.



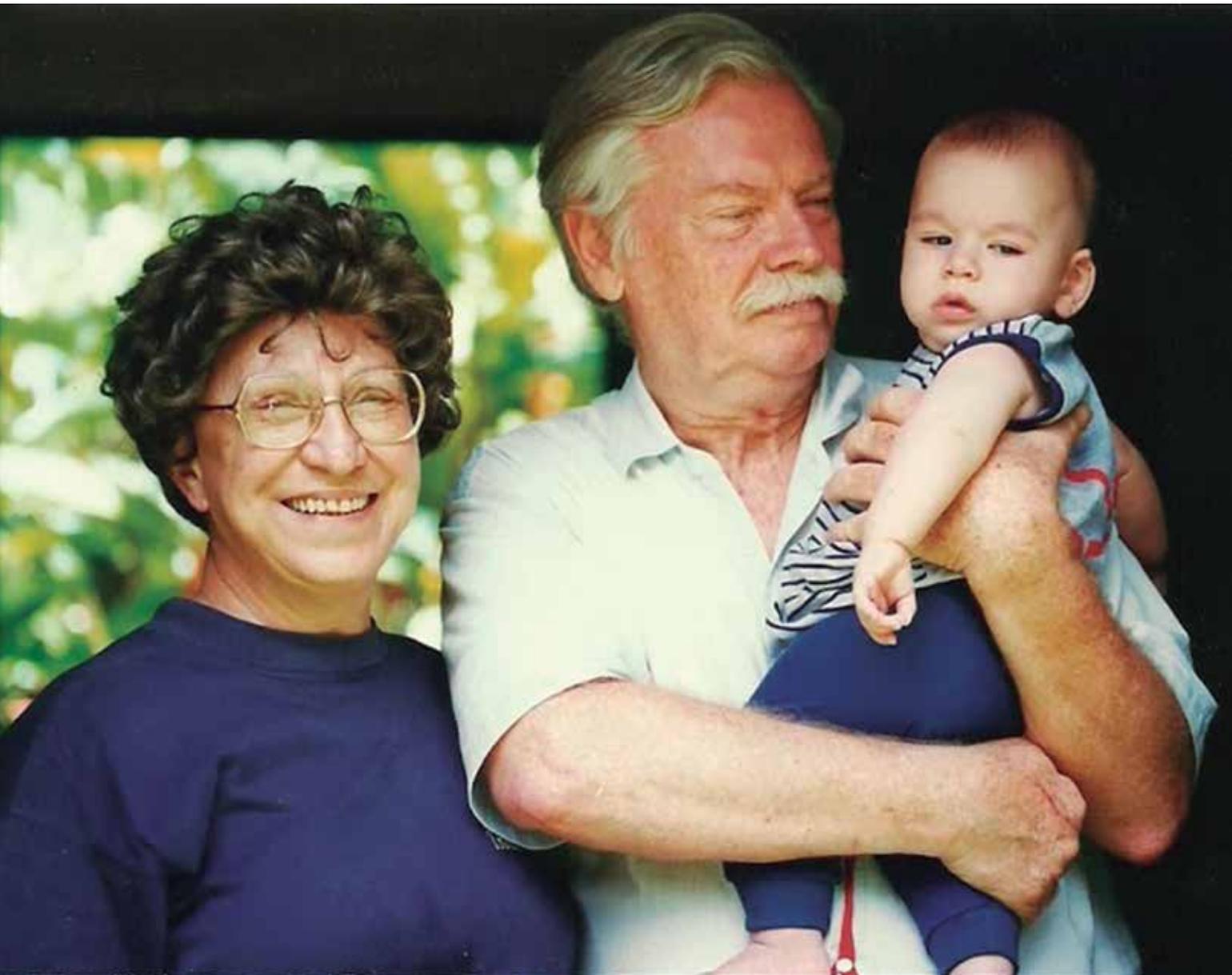
Padre Astério celebrando o casamento de Maria Alice e Salviano (15 de julho de 1967).

Abertura da cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995). A partir da esquerda: Murilo Bastos da Cunha (chefe do Departamento), Sávio Medeiros Costa (Diretor da ECT), Reitor Prof. João Cláudio Todorov, Tania Mara Botelho (Vice-Diretora da FA), Maria Alice (Presidente da Comissão 30 Anos), Prof. Edson Nery da Fonseca (representante dos professores de Biblioteconomia).



Cerimônia de comemoração dos 30 anos do Curso de Biblioteconomia na UnB (1995).





Maria Stella com seu marido, Elvin Mackay Dubugras, e neto.



9 *Maria Stella Andrade Mackay Dubugras*

Da Arquitetura para a Biblioteconomia

Nasci em Bom Jardim, Estado do Rio de Janeiro, em 17 de julho de 1927. Sou formada em Arquitetura pela Universidade do Brasil, na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, pertencendo à turma de 1953. Casei-me com o arquiteto Elvin Donald Mackay Dubugras com quem tive três filhos: Denis, Patrícia e George.

Vim para Brasília, em 1962, acompanhando o marido, arquiteto carioca que aqui fez carreira, desenvolveu vários projetos e também foi um dos professores fundadores da Universidade de Brasília (UnB) no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Aqui, fui aluna da primeira turma do curso de Biblioteconomia da UnB, que se formou em 1967.

Inicialmente, trabalhei na UnB. Depois de formada, fui convidada a chefiar o Serviço de Documentação e Biblioteca da Secretaria de Administração do Governo do Distrito Federal. Chegando à biblioteca, constatei que a Legislação da nova Capital encontrava-se sem condições de atender a qualquer demanda de seus usuários, pela simples inexistência de qualquer tipo de organização sistemática. Enfrentei esse desafio com dedicação e elaborei o Índice da Legislação do Distrito Federal, em dois volumes: o primeiro de 1960 a 1974 e o segundo de 1974 a 1978.

Convidada para ocupar um cargo na empresa Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte), aceitei e ali permaneci até a aposentadoria.



Maria Stella (ao centro) no almoço de formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).



Nelma com colegas no almoço formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).
A partir da esquerda: Lindaurea, Maria Stella, Nelma, Maria Luzia, Aníbal, Virginia, Maria Alice, Héris, Angela, Neusa, Edna.



10 *Nelma Cavalcanti Bonifácio*

Brasília me encantou

Em 1961, já diplomada em Letras Neo-Latinas pela Universidade Federal da Bahia, submeti-me ao concurso público, no Rio de Janeiro, para trabalhar em Brasília como professora. Aprovada, transferi-me para a nova capital, pela qual me encantara e cuja inauguração eu já acompanhara.

Lotada na Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb), lecionei Português, trabalhando em regime integral. Extinto esse regime, realizei o meu sonho e preenchi meu tempo cursando Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB).

Na cidade que surgia apressadamente, os professores chegados em 1960 receberam casas ou apartamentos. Nós outros, que chegamos em 1961, ficamos em alojamentos.

Em Brasília, residi algum tempo com a minha tia, Renée Pinheiro Borges, ela também professora, mas de Educação Física, chegada em 1960, quando recebeu um pequeno apartamento na SQS 409.

Algum tempo depois, um grupo de professores vindos em 1961 soube da existência de casas pertencentes a um banco, destinadas a altos funcionários que não aceitaram as residências. Então, entre os professores sem casa, surgiu a intenção de invadir as casas abandonadas. Éramos um grupo grande e contamos com o apoio de alguns deputados federais. Saímos vitoriosos e, até que as casas fossem reformadas, fomos transferidos para alojamentos do Brasília Palace.

Depois de formada, trabalhei no Ministério da Educação (MEC), na Procuradoria-Geral do Governo do Distrito Federal e no Colégio Elefante Branco, à noite. Alguns anos depois, prestei concurso para trabalhar na Câmara dos Deputados, onde passei oito anos e meio. Fui lotada na biblioteca por algum tempo e, depois, requisitada para as comissões Parlamentares de Inquérito.

Aposentei-me pela Câmara há vinte e quatro anos [1989], com a graça de Deus!

Casei-me com Antônio Bonifácio, formado em Direito, ele também está aposentado há 23 anos pela Câmara dos Deputados. Temos dois filhos muito amados: Carina e Antonio Carlos. Carina é casada com Márley César Barbosa, ambos são odontólogos e nos deram dois netos: Henrique e Bernardo.

Antônio Carlos é publicitário, formado pela UnB, solteiro. Especializou-se em Atlanta. Trabalhou nos Estados Unidos e no Vietnã.

Depois de aposentada, conheci as Oficinas de Oração e Vida e foi com elas que preenchi minha vida, meu tempo, meu coração. Tornei-me uma pessoa melhor, ajudei muitos outros a conhecerem e a seguirem Jesus, formando quatro turmas de guias que passam este Deus maravilhoso para novos guias.

Com muita alegria, deixo o meu agradecimento aos brilhantes professores e professoras do nosso curso na UnB, que nos passaram conhecimentos, dedicação e amor pela profissão.

Também quero abraçar cada um dos colegas e das colegas de turma que ainda hoje se destacam na profissão.



Nelma na cerimônia de formatura (1967).



Neusa e colegas de Biblioteconomia embarcam para viagem a São Paulo (1966).
A partir da esquerda: Margarida Lima, Neusa, Lindaura, Vilma, Héris, Eladir,
Maria Alice, Maria Luzia, Angela.



11

Neusa Dourado Freire

Vale a pena ser bibliotecária

A leitura era um valor essencial na minha família. Nossa casa estava sempre repleta de livros. Meu pai, Alcides Dourado, foi o maior leitor que conheci. Tinha o hábito de ler pela manhã, à tarde e à noite. Na falta de novos livros, lia até bula de remédio ou receita de bolo.

A vida em Paratinga, pequena cidade do interior da Bahia, onde nasci, era tranquila. A cultura local era permeada pelas possibilidades levadas pelo Rio São Francisco. A chegada do vapor significava novidades: passageiros, novas revistas, livros e discos vindos das capitais, além de toda mercadoria necessária ao abastecimento da cidade.

Tive uma infância feliz e saudável. Sou a sexta entre nove irmãos. Cresci aconchegada pelo amor e cuidados de minha mãe Lindaura, guiada pelas mãos sábias e firmes do meu pai, mas, acima de tudo, formada pelo exemplo dos dois e de meus irmãos.

Cheguei a Brasília 10 dias antes da assinatura do Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília (FUB) e aprovou o estatuto e a estrutura da Universidade de Brasília (UnB). Era uma oportunidade imediata para entrar na universidade e me inscrevi para cursar Letras.

Nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro de 1962 foi realizado o primeiro vestibular da UnB. Concorreram 830 candidatos e obtive lugar entre os 413 aprovados. O início das aulas foi em 2 de abril, no 9º andar do Ministério da Saúde, mas a UnB só foi oficialmente inaugurada às 10 horas do dia 21 de abril de 1962, no Auditório Dois Candangos.

Cursei Letras de 1962 a 1964. Foi muito bom ser orientada pelo professor e escritor Cyro dos Anjos, ser aluna de grandes mestres como Heron de Alencar, Nelson Rossi, Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e Maria Luísa, entre outros. Estudar Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Linguística, Teoria Literária, Língua Portuguesa, Latim e línguas estrangeiras foi muito proveitoso.

Mas por que, onde, quando escolhi Biblioteconomia?

O fator decisivo na minha escolha foi o meu ambiente familiar, tanto que minha irmã Elta também é bibliotecária. Com minhas irmãs e primas professoras, descobri o valor do saber; com meu pai, o maior leitor com quem já convivi, aprendi a valorizar o livro e a dedicar tempo à leitura; e, com minha mãe, a amar e a dedicar tempo ao próximo. Daí foi um passo para escolher minha profissão, ser bibliotecária e acertar na minha missão: dedicar-me à biblioteca pública.

Além disso, considero a experiência de ter sido voluntária na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em Salvador, sob a orientação de Denise Tavares, emérita bibliotecária baiana, como o despertar em mim de valores latentes. Denise foi o primeiro exemplo de dedicação à formação do “pequeno futuro grande leitor”.

Em 1965, quando se iniciou o curso de Biblioteconomia na UnB, não tive dúvida e pedi transferência de imediato. Logo me adaptei ao novo curso, professores e colegas. Ao iniciar o aprendizado teórico, antevi a realidade em uma biblioteca. E me agradou.

Por ser grande leitora, eu achava que, sendo bibliotecária e trabalhando entre livros, teria mais tempo para ler. Porém, ao me conscientizar da nossa responsabilidade, deixei de me ver como leitora e passei a ver e a valorizar o leitor. Ficava empolgada com os ensinamentos, as descobertas, as técnicas até

então por mim desconhecidas e as novas perspectivas. Encantou-me a dinâmica da biblioteca como uma instituição ativa e proativa.

Do convívio amigável com os colegas, até hoje guardo ótimas lembranças. Foi uma época em que, na UnB, compartilhávamos sonhos, encontros e desencontros, descobertas, realidades e, até, transporte solidário.

Tenho gratidão aos nossos professores que, com sabedoria e interesse, nos transmitiam técnicas necessárias à realização de nossas funções com profissionalismo, responsabilidade e competência. Como esquecer a sapiência do Prof. Edson Nery da Fonseca, com ensinamentos enriquecidos de citações; D. Cordélia Robalinho e a precisão das normas de processos técnicos; Pe. Astério Tavares Campos, com a serenidade que nos ensinava e a seriedade que filosofava; Prof. Abner Lelis Vicentini, que complementando seus valiosos ensinamentos e associando a teoria à prática nos proporcionou uma proveitosa viagem de estudo a São Paulo; D. Etelvina Lima, nos introduzindo nos mistérios da Biblioteconomia; Nice Figueiredo, nos apresentando os progressos na informatização; Miriam Gurjão de Mello, que ao ensinar também nos cativava com seu sorriso e delicadeza; Antonio Agenor Briquet de Lemos, inesquecível como professor de Documentação e como amigo.

Ainda me lembro. Cheguei ao dia 8 de dezembro de 1967, dia da nossa formatura, com a alegria de quem vence uma etapa e a esperança de quem tem muitos sonhos a realizar.

Como já era concursada do Governo do Distrito Federal (GDF), fui para a Biblioteca da Escola Parque. Após ser re-enquadrada como bibliotecária no quadro de funcionários, trabalhei na Biblioteca da Secretaria de Administração. Em 1973, fui requisitada para a Unidade de Documentação do Ministério do Interior (Minter), onde se realizava um dinâmico atendimento ao leitor e um trabalho de vanguarda na área de planejamento e informatização da informação. Foi uma experiência ímpar pela qualidade do trabalho e possibilidades de amadurecimento profissional, além do convívio com colegas de turma. Quando houve o desdobramento da Unidade, Ângela Crespo, que era a chefe, passou a dirigir a Coordenadoria de Documentação e coube-me gerenciar o Centro de Documentação. Após 16 anos no Minter, retornei ao GDF e, na Secretaria de Cultura, atuei como Coordenadora do Programa de Bibliotecas.

Na época, a cidade já esperava há 32 anos por uma biblioteca pública instalada em prédio condizente com a arquitetura da capital federal. Após esgotar esforços na tentativa de alcançar esse ideal, dediquei-me à criação de pequenas bibliotecas públicas no Plano Piloto e nas Cidades Satélites, como

bases embrionárias para um futuro desenvolvimento. A primeira foi a do Núcleo Bandeirante, seguida de Planaltina, Gama, Brazlândia, Sobradinho, Taguatinga, Cruzeiro, Guará, Ceilândia, Santa Maria, Samambaia. O trabalho era sempre o resultado de uma ação conjunta entre a Secretaria de Cultura e a Administração Regional.

Em 1990, inauguramos a Biblioteca Pública da 312 Sul. Realizamos um grande trabalho em um pequeno espaço físico. Além de debates sobre temas de interesse imediato, exposições itinerantes, palestras e cursos, vários outros projetos chamaram a atenção e receberam reconhecimento, inclusive da mídia:

Virando Mundo: com o objetivo de ensinar a pesquisar, elaborar e normalizar textos, contando com a participação da embaixada cujo país era o tema do mês;

- *Espaço Livre*: destinado a ocupar, com atividades na biblioteca, o horário de descanso de mecânicos, comerciários, vendedores, etc. que trabalhavam próximo;
- *Música entre Letras*: com apresentação musical, exposições, palestras;
- *O Escritor Encontra o Leitor*: o leitor conhecia o escritor, sua obra, o entrevistava, fazia exposição, etc.
- Ao chegar à recém-criada Samambaia, não encontrei nenhuma condição favorável para a implantação de bibliotecas, nem mesmo de um serviço de extensão. Só uma pequena biblioteca na Casa da Cultura.

Na busca de solução para esse desafio, lembrei-me de que o colega Emir Suaiden havia me falado do trabalho de Geneviève Patte, bibliotecária francesa que retirava livros da biblioteca e os levava a Clamart, subúrbio de Paris. Pensei então: por que não tentar aqui em Samambaia o mesmo que se fazia na França? Procurando mais informações, identifiquei que essa bibliotecária se instalava em muretas nas ruas de Clamart, com cestas de padeiro cheias de livros e atendia as crianças do bairro.

Assim, a exemplo de Geneviève, enchi duas cestas de livros e parti para Samambaia. Mas como atender, com duas cestas de livros, uma área de 105,97 quilômetros quadrados? A missão de criar bibliotecas em regiões carentes necessita sempre de soluções criativas. Fui para Samambaia levando uma solução, voltei com um problema que gerou outra solução: pensei, se eu não consigo visitar cada residência, por que não ir apenas a uma casa que recebe uma cesta com livros e compartilha o benefício com a vizinhança?

Nascia, em 1990, uma nova modalidade de Serviço de Extensão para Bibliotecas Públicas, a BIBLIOTECA DOMICILIAR. Sua originalidade é levar

a informação diretamente à célula básica da comunidade – a família – e essa, à vizinhança. Encontrar um artigo escrito por Geneviève sobre seu trabalho foi muito importante para mim, pela consideração que tenho de a sua iniciativa ter me inspirado na essência, embora seja diferente na operacionalização. Em 1999 conheci Geneviève e recebi dela, por escrito, uma mensagem de apoio e admiração pela realização do meu trabalho.

Considerando o grande alcance social na democratização do livro e da leitura, a idealização, organização e implantação de bibliotecas domiciliares recebeu imediata aprovação. Para garantir sua operacionalização, foi criado o Programa Mala do Livro, institucionalizado pelo Decreto nº 17.962, de 20 de dezembro de 1996, que “institui o Programa de Extensão Bibliotecária Mala do Livro – Biblioteca Domiciliar”. Por ser instalada em residência, a biblioteca domiciliar reforça a importância e necessidade de a biblioteca pública sair do seu limite geográfico, diversificar os meios e criar novos mecanismos de atuação, assegurando a todos o direito à leitura e à informação. É o livro em busca do leitor.

Ao me afastar, por motivo de saúde, das minhas atividades profissionais, passei a acompanhar a distância os desdobramentos e benefícios desse programa de incentivo à leitura. Sinto que todo o meu esforço foi recompensado ao ver que o Programa Mala do Livro – Biblioteca Domiciliar não é mais um desafio... é uma realidade.

Como bibliotecária e cidadã sinto a satisfação do dever cumprido: a gratidão dos usuários e agentes de leitura das Bibliotecas Domiciliares; o reconhecimento do Governo do Distrito Federal que me outorgou as Medalhas Mérito Brasília, Mérito Alvorada, Mérito Buriti, a Ordem do Mérito Cultural; o apoio constante da Associação dos Bibliotecários do DF; o reconhecimento dos meus colegas bibliotecários quando, por intermédio do Conselho Regional de Biblioteconomia-1ª Região, me elegeram merecedora da Medalha Rubens Borba de Moraes – Honra ao Mérito Bibliotecário; a homenagem da Câmara do Livro de Brasília ao me escolher Patrona da XXIII Feira do Livro de Brasília e da Câmara do Livro do Brasil Central e Fundação de Incentivo à Cultura que me concederam a láurea “Primus Inter Paris”.

Sou grata a Brasília e à UnB pelas oportunidades que me ofereceram: estudo, trabalho, realização profissional. A UnB continua a ser uma referência para o desenvolvimento profissional e pessoal de todos nós. A minha família não existiria se não existisse Brasília; aqui conheci Amaro Freire Filho e há 43 anos constituímos nossa família. Temos dois filhos: Ricardo e Bruno, duas

noras: Sandra e Izabella, quatro netos: João Pedro, Luiz Paulo, André, Rafael Gethardo e uma netinha, a Gabriela.

A minha ligação com a Unb continua: Ricardo formou-se em Música na UnB e mestrado e doutorado na Michigan State University. Hoje é Professor do Departamento de Música. Sandra formou-se em Pedagogia e doutorado na Unb e mestrado na Michigan State University e é Professora da Faculdade de Educação. Quanto aos netos João Pedro cursa Engenharia Mecânica e Luiz Paulo, seguidor das pegadas do pai, já está matriculado na Música. Bruno formou-se em Engenharia Florestal, mas optou por dedicar-se à música juntamente com Izabella.

Agora, ao participar das comemorações dos 50 anos da fundação da UnB, posso refletir sobre a minha trajetória e lembrar os momentos da infância e da juventude, os ideais, valores, dificuldades, vitórias e afirmar: vale a pena a minha vida e valeu a pena ser bibliotecária!



Neusa Dourado com Amaro (esposo) e Ricardo (filho), ao lado de seu projeto, a Mala do Livro da Biblioteca Domiciliar (1995).



Encontro da Primeira Turma no 2ª semestre de 2012.
A partir da esquerda: Virginia, Suelena, Maria Alice e Neusa



12 *Suelena Costa Braga Coelho*

Envolvida pela Biblioteconomia

Sou residente em Brasília, aposentada pelo serviço público federal, pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Atualmente chefo a Biblioteca Nacional de Meteorologia, do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

Ingressei na Universidade de Brasília (UnB), em 1965, no curso de Biblioteconomia; naquela época, uma área ainda desconhecida. Nesse mesmo ano, comecei a trabalhar como bolsista na Biblioteca da UnB, o que foi muito enriquecedor. Trabalhar em uma biblioteca, com livros, era por si só muito interessante, eis porque fui imediatamente envolvida pela ideia. Hoje acho que fiz uma bela escolha. Com a experiência adquirida nesse período e os benefícios que a lide profissional me proporcionaram, tenho certeza de que hoje faria novamente a mesma escolha. Em nosso curso tivemos excelentes professores, hoje ícones da Biblioteconomia. Éramos um grupo unido, com colegas especiais e muitas histórias interessantes a serem lembradas.

Em 1968 fui para o Rio de Janeiro fazer o curso de especialização em Documentação Científica pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) de hoje.

Sou casada com um ex-aluno e professor da UnB, o José Raimundo Braga Coelho, e com ele tive a oportunidade de viajar para os Estados Unidos, para onde foi em busca do doutorado em Matemática e, por duas vezes, morei nesse país.

Trabalhei no Setor de Documentação da Petrobras de 1973 a 1975 e na Biblioteca do Consulado de Brasil em New York de 1981 a 1984. Durante esse período, tive a oportunidade de visitar por várias vezes o rico sistema americano de bibliotecas públicas e universitárias.

Por meio de concurso público, ingressei no Tribunal Regional Federal 2ª Região, onde permaneci por um período de dois anos. Trabalhei também, no Brasil, em outras instituições, a saber: Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), INPE e UnB.

Criei e organizei a biblioteca do Instituto Politécnico do Rio de Janeiro (IPRJ), em 1990-1992. Voltando para Brasília em 2002, tive a oportunidade de criar e organizar a Biblioteca Nacional de Meteorologia, onde trabalho até os dias de hoje.

Suelena Coelho, ao centro, com
Héris (esq.) e Neusa (dir.) no casamento
de Maria Alice (15 de julho de 1967).





Virgínia (à direita) com Maria Alice (de óculos escuros) no almoço de formatura da 1ª turma de Biblioteconomia da UnB (1967).



13 *Virginia Astrid Albuquerque de Sá e Santos*

Sonho e esperança

Nasci em 31 de maio de 1941, na localidade denominada Campanário, onde, a despeito do nome, não havia qualquer igreja, e fui registrada em Ponta-Porã, fronteira do Paraguai, sede do Município. Campanário era a sede da Companhia Mate Laranjeira.

Meus pais eram Valina Albuquerque de Sá Santos e Milton Sá Santos, professor e farmacêutico. A família de minha mãe chegou ao Rio Grande do Sul no final do século XIX. Os pais dela se casaram em Santana do Livramento e seguiram, pela Argentina, para o sul de Mato Grosso, rota clássica dos que buscavam o eldorado de uma nova vida. Meu pai era bisneto de Francisco de Sá Brito, gaúcho de Porto Alegre, advogado, juiz, ministro da Justiça e signatário do Projeto de Constituição da República Sul-Rio-Grandense, que se casou com Carlota Cambraia. Radicaram-se no Alegrete, onde constituíram numerosa família.

Meu pai, um leitor inveterado, não só me ensinou a ler aos três anos de idade, como também me inculuiu o hábito da leitura, tornando-me, eu também, uma leitora voraz. Devo ao meu pai o amor ao saber, à minha mãe, a perseverança e a alegria de viver, e a ambos os valores que orientaram minha vida para sempre.

Com o encerramento das atividades da Companhia Mate Laranjeira em Campanário, num desastrado e lamentável ato de Getúlio Vargas, então presidente da República, meus pais transferiram-se para Dourados, no Estado do Mato Grosso do Sul, onde abriram uma farmácia, enfrentando, juntos, um novo e bem-sucedido desafio.

Iniciei os estudos na Escola Evangélica Erasmo Braga, em Dourados. No começo da década de 50, nos transferimos para São Paulo, onde estudei interna no Colégio Batista Brasileiro e conclui o ginásio no Mackenzie.

Em 1960, atraída pelo sonho e esperança que uma cidade em construção representavam, resolvi mudar-me para Brasília, sentindo que este era o meu lugar. Munida de um diploma em datilografia, minha única qualificação profissional, cheguei no dia 17 de outubro de 1960 e já no dia 1º de novembro, tomava posse em meu primeiro emprego no Serviço de Contabilidade da Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

Em 1961, fui convidada pela bibliotecária Edna Baker para trabalhar na Biblioteca do Primeiro Hospital Distrital de Brasília (atual Hospital de Base), substituindo-a em seu período de férias. Em seu retorno, permaneci trabalhando ali. Sem qualquer qualificação na área, dei os primeiros passos sob sua orientação, aprendendo inicialmente a registrar os livros. Paralelamente, de 1962 a 1964, fiz o curso científico no Centro de Educação Média Elefante Branco.

Em 1962, Edna Baker afastou-se da biblioteca do hospital para ocupar outro cargo, sendo contratada a professora Myriam Gurjão de Mello para prestar consultoria, orientando e dando continuidade ao processamento técnico do acervo. Devo a essas duas bibliotecárias, porém muito especialmente à professora Myriam, a decisão de cursar Biblioteconomia, atitude da qual nunca me arrependi e que tanto me gratificou nos anos que estavam por vir.

Em 1963, fui requisitada para o Ministério da Saúde, para exercer as funções de secretária do chefe de gabinete. Em 17 de novembro de 1964, aprovada em concurso público para auxiliar legislativo da Câmara dos Deputados, tomei posse e fui lotada na biblioteca.

Em 1965, prestei vestibular para Biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB). Aprovada em terceiro lugar, integrei a sua primeira turma. A UnB me encantou desde o início. O curso, composto de matérias obrigatórias e complementares, nos proporcionou a rara oportunidade de ter aulas com os professores Rubens Borba de Moraes, Edson Nery da Fonseca, Etelvina Lima, Myriam Gurjão de Mello, padre Astério Campos, Antônio Agenor Briquet de Lemos, Abner Lellis Corrêa Vicentini, Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, entre outros.

Nos cursos complementares, tivemos aulas magistrais com os professores Affonso Arinos de Mello Franco e Affonso Ouro Preto, em *Civilização Contemporânea*, e com os professores Eudoro de Souza e Agostinho da Silva, em *Cultura Greco-Latina*, citando apenas alguns dos que mais me marcaram.

Era puro prazer chegar a UnB, às sete da manhã, não só para me enriquecer com conhecimentos, mas também para conviver com uma turma que, embora pouco numerosa, era dotada de grande determinação. Lutávamos por nossos direitos, discutíamos o currículo e a duração do curso, tínhamos grande preocupação com o nosso futuro profissional.

Nessa ocasião, sedimentamos as bases de sólidas amizades, que perduram até hoje. No melhor sentido, éramos aguerridas e – respeitadas as características e personalidades de cada um – formávamos um bloco unido. Daí, provavelmente, se originou o nunca esquecido comentário do professor Antônio Agenor Briquet de Lemos que, elogiosamente, nos chamou de “alma coletiva”.

Concluímos o curso de Biblioteconomia em 1967 – compondo a sua primeira turma – e nos preparamos para prestar os concursos disponíveis. Um obstáculo, porém, se apresentava. O curso ainda não fora reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), razão pela qual não tínhamos o diploma indispensável ao registro no Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região (CRB-1). E, sem o registro, não podíamos nos inscrever nos concursos para bibliotecário. É quando surge a solução para o problema. Nydia Caldas da Silveira, presidente do Conselho, concedeu-nos um “registro provisório”.

Em 1968, fui aprovada nos concursos para bibliotecário do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, ambos em terceiro lugar.

Estávamos às vésperas do dia 13 de dezembro de 1968, data do fechamento do Congresso Nacional. Adélia Leite Coelho, então diretora da biblioteca do Senado, apressou-se em dar posse aos candidatos aprovados. Como havia apenas duas vagas, fiquei de fora. A Câmara dos Deputados, por razões desconhecidas, não agiu com a mesma presteza e – embora dispondo de quinze vagas – não

nos nomeou em tempo hábil. Resultado: tive que aguardar até março de 1970, quando finalmente tomei posse na Câmara, abrindo mão da vaga do Senado.

Em 1970, com o incentivo e apoio da diretora Juracy Feitosa Rocha, iniciei a organização dos documentos de organismos internacionais, pois a Biblioteca da Câmara era depositária das coleções das Nações Unidas, desde a sua criação em 1945. Nesse mesmo ano, participei do Curso Especial sobre as Nações Unidas, realizado pelo Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores.

Em 1972, fui designada chefe da Seção de Coleções Especiais da Biblioteca do Centro de Documentação da Câmara dos Deputados. O acervo da seção compreendia os documentos das Nações Unidas (ONU) e de suas agências especializadas (FAO, Unesco, OIT, OMS etc.), da Organização dos Estados Americanos (OEA) e de suas agências especializadas (OPS, IIN, IICA etc.), obras raras e selos.

Nesse mesmo ano, participei do Curso Especial de Processamento de Dados, ministrado pelo Prodasen, em Brasília, e do 2º Curso de Treinamento de Chefes e Secretários, organizado pela Divisão de Seleção e Treinamento da Câmara dos Deputados.

Em 1973, visitei as bibliotecas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), em Genebra, Suíça. Visitei também a biblioteca da Unesco, em Paris, e a coleção de selos do Museu Britânico, em Londres, com vistas a implantar idêntico sistema na Câmara dos Deputados, mas, por razões alheias a nossa vontade, o plano não foi em frente.

Em 1974, participei do Advanced Training Course on International Documentation, patrocinado pela ONU/Unitar, em Genebra, Suíça. Nesse mesmo ano, no período de agosto a setembro, organizei o curso sobre “Tratamento de documentos de organismos internacionais”, e apresentei no 7º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Belém, Estado do Pará, o trabalho “A organização das publicações das Nações Unidas, na Seção de Coleções Especiais da Divisão de Biblioteca do CEDI”. Também visitei a Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, depositária das coleções da ONU, e integrei o Grupo de Trabalho da Unidade de Documentação e Biblioteca do Ministério do Interior.

Em 1975, fui coordenadora da Subcomissão de Finanças do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Brasília, sob a liderança absoluta de Aníbal Rodrigues Coelho, presidente da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), ocasião em que foram angariados os fundos necessários para a compra da sede da Associação.

Em setembro, prestei assessoria à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, a convite da diretora Jannice de Mello Monte-Mor, orientando a organização da coleção das Nações Unidas. Ainda nesse ano, visitei o Centro de Informações das Nações Unidas, no Rio de Janeiro, e integrei o Grupo Tarefa da Biblioteca da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) para o processamento técnico e organização de seu acervo.

De 1975 a 1977 fui presidente da ABDF. Atuei como membro do Conselho Fiscal da ABDF nos períodos de 1977 a 1979, 1979 a 1981, e 1981 a 1983, e do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-1).

Em 1976 participei do 38º Congresso Mundial de la Federación Internacional de Documentación sobre “Información y Desarrollo”, realizado na Cidade do México.

Em 1977 participei do 9º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Porto Alegre, e do 3º Curso de Técnica Legislativa, patrocinado pela Coordenação de Seleção e Treinamento da Câmara dos Deputados. Ainda nesse ano, participei do encontro realizado no Departamento de Biblioteconomia da UnB, para comemorar os dez anos de formatura da primeira turma de bibliotecários.

Em 1978 participei do Cours Supérieur de Documentation Internationale, patrocinado pela ONU/Unitar, em Genebra, Suíça.

Em 1979 participei da 2ª Reunião Brasileira de Ciência e Tecnologia para os Países em Desenvolvimento, realizada pelo IBICT-CNPq, no Rio de Janeiro, e do 10º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Curitiba.

Em 1980 pedi demissão do cargo de chefe da Seção de Coleções Especiais da Biblioteca da Câmara dos Deputados por discordar da nomeação de profissional não habilitado na área de Documentação e Informação para dirigir o Centro de Documentação da Câmara, integrando numeroso grupo que deixou o Centro por esse motivo.

De 1980 a 1988 trabalhei na Consultoria Legislativa e, em 1989, na Comissão de Finanças do Departamento de Comissões (Decom) da Câmara dos Deputados.

Em 1990, fui chefe de Secretaria no Gabinete da Liderança do Partido da Reconstrução Nacional (PRN). Em dezembro desse mesmo ano, solicitei minha aposentadoria.

De 2006 a 2010 trabalhei como intérprete, para inglês e espanhol, no Homerton Hospital, em Londres, Inglaterra.



Virginia no 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBB),
em Brasília (julho de 1975).

Parte III

Primeiros Funcionários



Os secretários Fátima e Adelce recebendo placa de homenagem na cerimônia de comemoração dos 30 anos do curso de Biblioteconomia na UnB (1995). A partir da esquerda: Prof. Tarcisio Zandonade, Prof. Tristão (Diretor da FA) e Profa. Maria Alice.



1 *Rosa Maria Monteiro Pessina*

Depoimento

UnB: um pouco de pré-história

Concluí, em 1957, o curso de bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais, pela então Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, e, já no ano seguinte, fui convidada por Darcy Ribeiro, meu professor de Antropologia, para trabalhar no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, contratada pelo Ministério da Educação. Aí se iniciou intenso período de aprendizado como pesquisadora social que durou quatro anos, interrompidos por outro convite do Professor Darcy, para realizar novo trabalho.

Desta vez, tratava-se do incrível desafio de repensar radicalmente a universidade brasileira, marcada pela presença cristalizadora da cátedra, substituindo-a por uma estrutura departamentalizada mais ágil, produtiva e comprometida com o futuro.

Constituiu-se, então, sob a batuta de Darcy Ribeiro, discípulo do mestre Anísio Teixeira, uma comissão formada pelos nomes mais proeminentes da intelectualidade e do mundo científico brasileiro para estudar e propor as bases

da universidade, que, por consenso, seria instalada na nova capital do País. Tal comissão, que teve o privilégio de secretariar, contou com o concurso de Vitor Nunes Leal, Cyro dos Anjos, Pompeu de Souza, Oscar Niemeyer, José Leite Lopes, José Goldenberg, Jacques Danon, Wladimir Murtinho, Afrânio Coutinho, Mário Pedrosa, Celso Furtado, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Lúcio Costa – para citar apenas algumas personalidades mais conhecidas. “Muita gente mais pôs o ombro no andor,” como escreveu mais tarde Darcy Ribeiro (1978, p. 15), principalmente na fase de implantação, a partir de 1962, quando contou com a participação de mais de uma centena de cientistas, artistas, escritores, jornalistas nacionais e, pelo menos, uma dezena de estrangeiros.

Criada em 1961, a Universidade de Brasília (UnB) começou a funcionar em março de 1962, em instalações cedidas pelo Ministério da Saúde, na Esplanada dos Ministérios, enquanto se erguiam os primeiros prédios de alvenaria para abrigar três cursos-tronco: Direito-Economia-Administração, Letras e Arquitetura-Urbanismo.

Vale lembrar que, quase dois anos após a inauguração, a nova capital já contava com milhares de habitantes, vindos de todo o País, que aqui dispunham dos serviços básicos de hospitais, de escolas de primeiro e segundo graus, mas não havia faculdades e muitos pais mandavam seus filhos para estudar fora. Existia, portanto, uma demanda reprimida que foi conhecida quando 4 mil candidatos se inscreveram para o primeiro vestibular da Universidade de Brasília.

A logística para realizar esse vestibular, sem pessoal, sem material, sem nenhuma das tecnologias hoje disponíveis, e tendo que garantir o sigilo das provas, foi uma aventura inesquecível.

Recebi essa missão e me lembro bem dos detalhes de sua execução. Voltei imediatamente para o Rio de Janeiro, montei uma equipe com oito ex-colegas da Faculdade e, em 20 dias, elaboramos as provas, imprimimos, embalamos (com papel duplo e barbante – tecnologia da época) e desembarcamos com 50 pacotes grandes no tímido aeroporto de Brasília, com a enorme preocupação de não perder nenhum e de não chamar a atenção. Dormimos com os pacotes no alojamento Oca-1 do *campus* e saímos para jantar em esquema de revezamento, pois não podíamos permitir que todo o trabalho fosse invalidado por vazamento de informação.

As provas foram aplicadas no Elefante Branco, único prédio com o número de salas suficiente para tanta gente. Foi um acontecimento na cidade. A fase seguinte talvez até tenha sido mais difícil, porque todas as atenções

estavam voltadas para os resultados, conferidos centenas de vezes, com auxílio de duas máquinas de somar. No ano seguinte, a tarefa foi coordenada por Edna Soter de Oliveira, que dirigia a Secretaria Geral de Alunos, em condições menos improvisadas.

Em março de 1962, mudei-me definitivamente para Brasília para assumir minha tarefa mais importante, que seria colaborar na implantação da Faculdade de Educação. Entretanto, talvez pelo fato de conhecer, como poucos, o projeto da Universidade e pela ausência, neste Planalto Central, naquela época, de pessoal qualificado, fui designada para a Assessoria Educacional da Reitoria e, posteriormente para dirigir a Secretaria Geral de Cursos.

Minha intenção, quando comecei a rascunhar estas anotações, era focar o relato na Universidade e não na minha participação, mas entendi ser impossível falar sobre a “criatura” e esquecer seus “criadores”. Fiquei, então, mais a vontade para falar sobre nosso dia a dia nos alojamentos do *campus*, sobre o relacionamento fraterno entre todos, a alegria quando nossos familiares começavam a chegar.

Dentre os primeiros funcionários – todos com o compromisso maior de que viemos para o Planalto Central para realizar o ideal que se tornou realidade –, posso citar:

- Carlos Augusto – chefe do gabinete do reitor;
- George Landau – assessor para assuntos internacionais;
- Sergio Coelho – assessor jurídico;
- Teodoro do Bumba Meu Boi – contínuo.

Guardo na memória algumas lembranças; muitas não sobreviveram a cinco décadas que nos separam daqueles momentos.

Lembro, por exemplo, o primeiro 7 de setembro que passamos aqui. Era domingo à tarde e começou a chover. Saímos todos, vestidos como estávamos para apanhar a chuva tão esperada. A época era de seca, mas uma seca diferente, pois havia mais árvores, mais pássaros, menos asfalto, menos prédios, menos carros.

Vivemos intensamente os anos de 1962 e 1963, trabalhando e fazendo a UnB crescer, com a oferta de novos cursos, a chegada de novos alunos, de professores, de especialistas, novos prédios.

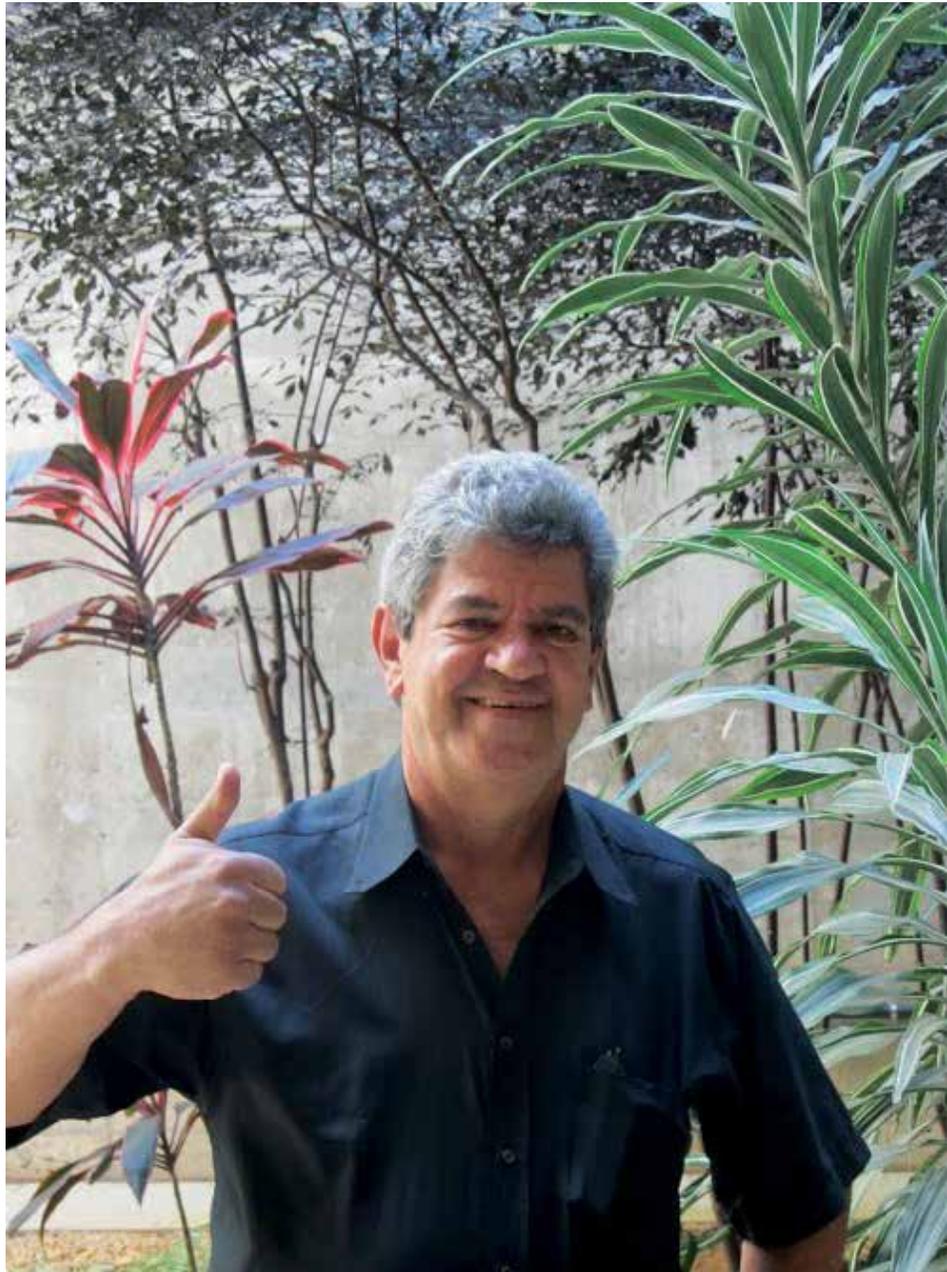
A Universidade sobreviveu à ditadura militar, instalada em 1964, aos gestores medíocres, às limitações financeiras. A equipe de “criadores” foi demitida por inovar e superar desafios. Traumaticamente, cada um de nós “voltou para casa” como foi possível. Poucos permaneceram em Brasília, mas tenho certeza de que todos nos sentimos orgulhosos pelo que fizemos.

E a UnB? Aqui está ela, madura e respeitada.

Hoje, 50 anos depois, posso dizer que as marcas do tempo não apagaram a alegria e a satisfação de ter participado deste projeto que mudou o arcaico sistema universitário brasileiro de então.

Referências

RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.



Jeová, mecanógrafo da Faculdade de Ciência da Informação da (2013).



Reginaldo, Secretário do curso de Biblioteconomia, na FCI, com alunos formados em 2/2010.

Anexos



Alunos da turma de Seminários Encontro de Saberes 1/2012 - Prof. Maria Alice Guimarães Borges e Prof. Marcilio de Brito

A

Anexo

Ex-alunos reformados em Biblioteconomia

Levantamento realizado pelo secretário do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, Reginaldo Olegario das Neves Alves.

1966

Maria Lúcia Dália Campelo

1967

Ângela Maria Cavalcanti Mourão Crespo
Aníbal Rodrigues Coelho
Edna Gondim de Freitas
Héris Moraes de Medeiros
Lindaurea Daud
Maria Alice Guimarães Borges
Maria Stella de Andrade Mackay Dubugras
Nelma Pinheiro Cavalcanti
Neusa Magalhães Dourado
Suelena Silva Costa
Virgínia Astrid Albuquerque de Sá e Santos

1968

Aurora Gonçalves Barbosa
Dercy Fátima Cardoso Lima
Eladir de Faria
Hilda de Sena Corrêa
José Próspero Dantas
Lucy Natália Kanyo
Margarida Maria Augusto Lima
Maria Amélia Elizabeth C. Verissimo
Maria da Conceição Moreira Salles
Maria do Socorro Xavier Sampaio
Marta Arima Moreira
Mutilo Bastos da Cunha
Olympio José Trindade Serra
Órion Gonçalves da Silva
Osete Pamplona Leoncy
Sheila Alice de Brito Sodoma da Fonseca
Vilma Pereira Pinheiro
Yone Maria de Oliveira

1/1969

Ana Maria Ferreira de Freitas
Edvaldo de Assis
Geni Casemiro Lourenço
Gilson Cesário da Silveira
Inácia Rodrigues dos Santos
Kira Maria Antônia Tarapanoff
Maria Edite Mendes
Naurican Ludovico Pinheiro Lacerda
Regina Cavalcanti de Allbuquerque
Sônia Alves de Faria
Tarcísio José França

1/1970

Francisco Bahia Margalho
Lúcia Maria Virgílio de Carvalho
Maria Aparecida de Cordova
Maria Terezinha de Lima
Marina Dourado Sampaio
Milcy de Souza Ferreira

2/1970

Elisa Nogueira Campos
Eunice de Barros Romualdo
Geraldina Costa Monteiro
Maria Clementina Rosa
Maria Emília Barbosa
Marlene de Almeida Borges
Vilma Cardoso da Silva

1/1971

Arilda Fonseca de Souza
Dilke Maria Benedicta B. de F. Salgado
Francisca Terezinha Batista Vieira
Maria Alice Machado
Maria Ises Bezerra de Melo
Maria Luzia da Costa Silva
Maria Yeda Falcão Soares
Marli Pereira
Odete Paes
Suelena Pinto Bandeira

2/1971

Ana Marly Queiroz de Melo
Berenice Aparecida Puntel Ferreira
Claudia Rossi Gonçalves
Cleusa Aparecida Valin
Emir José Suaiden
Eunice Maria Sombrio
Marli Elizabeth Ribeiro
Marta Assenço Tavares dos Santos
Matié Nogi
Neide Galdino da Silva Janveja
Normanda dos Santos Miranda
Odilon Pereira da Silva
Rosa Edite Lemos Alves Pedreira
Sandra Regina de Freitas Cavalcanti
Tarcisio Zandonade
Veronice de Matos Maia

1/1972

Alcídia Mendes Teixeira
Ângela Barcelos Vale
Ângela Mara M. Assis Pereira
Eleine Pinheiro Rezende
Elta Dourado Brandão
Kátia Maria Medeiros J. Aires
Maria Inês Gonçalves de Oliveira
Maria Luzia Reis
Marisa Freire Dittmar
Nicoleta Hilá de Siqueira
Regina Lúcia de Alencar Ponte
Sebastião de Souza
Tereza Teles Chou
Vera Olívia Gomes Guimarães

2/1972

Cândida Maria Piragibe Graeff
Eliana Valéria Salles
Juvenília D. Ferreira Ribeiro
Leatrice H. Moellmann
Levergina Campos Martins
Maria Auxiliadora Tavares
Maria Inês G. P. da Costa
Vera Regina Ferreira

0/1973

Alexandre Dumas Paraguassu
Cândida Magalhães de Aguiar
Clara Zveiter da Silveira
Elaine Marinho Faria
Iraci Maria Machado
Lindomar Vieira Marques
Maria Cecília de Andrade e Silva
Maria Izete de Andrade Silva
Petrúcia de Holanda Cavalcante

1/1973

Alexandre Dumas Paraguassu
Cândida Magalhães de Aguiar
Clara Zveiter da Silveira
Iraci Maria Machado
Elaine Marinho Faria
Lindomar Vieira Marques
Maria Cecília de Andrade e Silva
Maria Izete de Andrade Silva
Petrúcia de Holanda Cavalcante

2/1973

Adir Rodrigues Pereira
Aliete Monteiro de Souza
Brenda de Vasconcelos Moraes
Chisue Kawashima
Divina Aparecida da Silva
Elena Anita Abran
Eliana Pompa Antunes
Eliete Lopes
José Rincón Ferreira
Luiz Antônio Gonçalves da Silva
May Flower Bezerra
Neide Maria Rossi
Sônia Maria Torres
Venáuria da Silva Batista

1/1974

Beatriz Coelho Caiado
Benedita Maria de Souza
Davina Mota Teixeira de Góes
Fátima Regina de A. Freitas
Iolanda Maria César
Josias Martins Soares Rincón
Maria Carmen Romcy de Carvalho
Sely Maria M. de Souza
Suze Vaz dos Santos
Talita Yeda de A. Lupiano
Terezinha das Graças Alves

2/1974

Ana Teresinha de Faria
Celina Domingues
Dagmar Pereira da Silva
Diana Maria Rocha

Esmeralda Silveira
Jane Lúcia Amparo Palmeira
Luiz Carlos Maroclo
Maria Beatriz Nardelli Pinto
Maria do Rosário D. de Menezes
Maria José de Souza Guimarães
Mariana Isidoro da Silva
Marise R. Guimarães Monteiro
Marta Dolabela de Lima
Mirian Dalva Lima Martins
Rosa Maria Ferreira dos Reis
Roseli Silveira
Waldiney de Oliveira Lopes

1/1975

Ana Maria Evaristo de Menezes
Angélica M. Louzada Vilela
Déborah Lobo Pennacchio
Ioia Pinheiro Uema
José Albuquerque Moreira
Ideliza Amélia de Araújo
Lúcia Elande da Silva
Lúcia Taira
Maria Ângela R. de Queiroz
Maria Guimarães Ferreira
Maria Isabel Pimentel Araújo
Maria Izabel de Oliveira Diniz
Marilda Leite
Míriam Tavares Corrêa
Renata Nunes Pereira
Rosenda Oliveira dos Reis
Silvana Lúcia de Souza Rios
Suzana Ramos Borges
Tereza Cristina F. S. Franco
Tereza Cristina S. Manzano

2/1975

Célia Apolinário de Alencar
Edyr Resende Fleischer
Eliete Rodor de Oliveira
Francisca Leal Aires
José Carlos Saenger
Lucidir Antão
Lucy Mary Prado
Margarida Helena Rosa
Maria Consuelene Marques
Maria do Socorro de M. Pereira
Maria Eunice Rosa
Maria Inês R. da Cunha
Maria Nise L. do Nascimento
Maria Teresa Thomas Nunes
Marilda Barbosa
Nelda Mendonça Raulino
Talma Pereira de Andrade
Valquíria da Silveira Carvalho
Wanda Gomes Guimarães

0/1976

Cecília de Fátima L. Moreira
Florismar Lina Gasparotti
Gildete de A. Cavalcante
Iguassíá de Souza Campos
Isabel Felicidade Aires Campos
Leonice Vellasco Polito
Maria de Lourdes Pessoa
Raimunda Ferreira Noleto
Rejane Maria de Souza Vieira
Sandra Maria de O. Araújo
Virgínia Dias Melo

1/1976

Adelaide Ramos e Côrte
Adelaide Soares de Oliveira
Ana Alves de Almeida
Anisiana Jacobina Aires
Antonieta Santos Almeida Cruz
Antônio Gomes da Silva
Cecília de Fátima L. Moreira
Dirce de Souza Baracat
Edine Rodrigues de Moura
Eleonora Passarinho Mori
Eliane Valadares Versiani
Elisa Barbosa
Glória Maria de Sá Vasconcelos
Hosana Álvares de Oliveira
Iolete Maria F. de Oliveira
Irene Maria F. de Oliveira
Leda Maria R. da Costa
Leocádia Maria Fritscher
Luiz dos Anjos Machado
Marco Aurélio Borges de Paula
Maria Alda de Souza
Maria Cláudia de M. Ferreira
Maria da Graça Pinto Fernandes
Maria do Carmo C. Lima
Maria Elisa de Queiroz
Maria Emília F. Guimarães
Maria Fátima Lisboa
Maria José de Oliveira
Maria Perpétua S. do Nascimento
Mariângela Senra Grossi
Neuza Arantes Silva
Odete da Cruz Santos
Patricia Balduino de Sousa
Sônia Maria de Queiroz
Tânia Alencar de Carvalho
Tereza Maria G. M. de Oliveira
Vânia Maria Gomes de Carvalho

Vera Regina Azevedo de Freitas
Vilma Carvalho da Costa

2/1976

Adelina Maria Nascentes
Aloma Berenice Araújo Mathias
Anita Magalhães da Silva
Antonia Régia Mendonça Fernandes
Célia Regina Silva
Dayse Maria Machado
Ella Gabriella de Oliveira
Enedina da Cruz Barbosa
Gema Galgani A. Roriz
Germana Vasconcelos L. Coelho
Gisela Chamoum Juhasz
Ieda Muniz de Almeida
Joana Leonor H. Araújo
Madalena de Abreu Ribeiro
Margaret George Niner
Moema Malheiros Pontes
Natalina Marques da Silva
Olga Emídio Rosa
Pedro José Guimarães
Raimunda Rodrigues de Lima
Regina Maria D. M. dos Santos
Rosana de F. B. Horta Barbosa
Sheila Maria P. de Andrade
Sílvia do Couto Gontijo
Sônia Maria da Silva
Vânia Gonçalves Miranda
Virginia de Melo P. Guimarães

0/1977

Eliane Nogueira Paranaguá Consiglierio
Ernestina Grossi Senra

Helena Pessoa Cantarino
Márcia Mazo Santos
Maria Ângela Pereira Diniz
Maria Jeanne Sampaio de Sousa
Regina Elizabeth Ferreira Freitas

1/1977

Atamis Faria Machado
Berenice de Aguiar Gay
Celia Ferreira da Silva
Dulce Domingues dos Reis
Eleuse Cardoso Machado
Etelvina Bites Ribeiro
Euridice de C. Sardinha Ferro
Giselda Brasil Aronovich
Janice Miranda Torres
Joana D' Arc Caribe Galvão
Maria Analice José Pereira
Maria Cristina S. P. Ribeiro
Maria Edna Monteiro
Maria Ferreira
Maria José Rodrigues de Souza
Maria Lúcia Diniz Nunes
Maria Paula de Carvalho
Maria Terezinha Rocha Vieira
Miriam Gassenferth Veloso
Newton Luiz Costa
Nilva Maria Montenegro Soares
Norma Sueli Otoni Batista
Odite Freitas de Souza
Sandra Mara Mota P. Scafutto
Simara Gonçalves Carvalho
Sofia Galvão Baptista
Vera Marins Martins Nogueira
Walquíria Morais de Queiroz
Yvone Carvalho Nogueira

2/1977

Ana Carlota Arruda Moura
Ana Emília Pellegrini Nóbrega
Ângela D' Alcântara de Queiroz Peres
Anna de Souza Ayres Lopes
Anna Maria Torres Machado
Célia Ferreira da Silva
Clarimar Almeida Valle
Claudete Marlene Scharaf Silva
Cléa Lúcia Lira
Eliane Serrão Alves Mey
Eliete Rodrigues dos Santos
Eulina Gomes Rocha Pinheiro
Gisele Brasil Aronovich
Leila Maria Bruzzi e Silva
Leni Pinto Oliveira
Maria Cristina Sobral Pinto Ribeiro
Maria de Lourdes Brandão C. L. e Silva
Maria Estela Alvarenga Rodrigues
Maria Helena Novaes Simões
Miraildes Regino Santos
Miralda Cardoso Ribeiro
Mônica Lopes de Almeida
Mônica Terezinha Motta Vilhena
Neuma Pinheiro Salomão Gonçalves
Regina Maria Saldanha Bettencourt
Sandra Maria Rodrigues
Suzana Vitória Maria R. Barbalho
Terezinha Lopes de Castro
Tossie Yamashita
Vitaildes de Santana Brito
Walderez Maria Duarte Dias

1/1978

Cirene V. N. Bandeira
Cléa Gonçalves F. Machado
Elisabete Palma Teixeira
Erni Vera Renz
Francidalva R Barros de Souza
Lúcia Thereza R. de Franca
Luzia de Almeida Pinto Kirjner
Maria Celeste José Ribeiro
Maria das Graças P. Oliveira
Maria Elizabeth Gomes Diniz
Maria Mercedes Ferreira Cunha
Marize de Campos Lima
Neide Alves Dias
Nilson Felipe da Silva
Nora Magnólia Bezerra
Regina Célia G. Evangelista
Rosina Portela Santos
Sílvia Lúcia Almeida Barbosa
Tânia Milca de S. Carvalho
Vitória América Pinheiro

2/1978

Analice de Abreu Negreiros
Anamélia Ribeiro C. de Araújo
Anisia Baptista Martins Filha
Eisa Maria Pena F. Consenza
Elisabet Aparecida Pelicano
Hilda M. R. de C. Guimarães
Leda Moreira Nunes
Lilian Maria Thomé Andrade
Maria da Glória V. Pimenta
Maria Fátima P. M. de Araújo
Maria Inês de Araújo
Regina Augusto da Silva
Sueli Amélia M. Maffia

0/1979

Joeve Batista
Iris Leite Amaral
Patrícia Gomez de Matos
Wilma da Silva

1/1979

Abeci José Teles
Adda Vieira
Aparecida Cléia Gerin Machado
Célia Maria de Almeida
Dulce Laboissière Villela
Eliana da Silva Morais
Elmo Luz
Lina Akyio Nemoto
Lívia Santos Gomes da Silva
Lúcia Regina Pontes Lemos
Luíza Pereira Santana Silva
Lucy Maria Braga Ferreira
Lygia Dias de Toledo
Maria Ângela de Carvalho Lechuga
Maria Aparecida de Lima
Maria Clara Cardoso Botelho Matias
Maria Cristina Moraes Pereira
Maria da Graça Carvalho Brito
Maria de Barcellos Cardoso
Maria de Lourdes Ribeiro Meirelles
Maria Galvão de Souza
Maria José da Silva Gomes
Maria Luzia Pereira Luz
Maria Rita Rocha Miranda
Maria Sílvia Batista de Oliveira
Marilza Zuchelli Alexandre
Marlice Gonçalves Verdade
Mônica Fernandes Guimarães
Nagete Habli Brandão
Najla Sampaio da Silva Lessa
Patricia Simas de Andrade

Sylla Regina Dornelles Castello Branco
Vera Maria Cavalcanti Alves

2/1979

Adi Maria D. Cardoso
Ana Grasiela F. Freire
Antônio Borges de Sousa
Célia Regina C. Vicentino
Cibele Cardoso Burlamaqui
Floralva de Moraes Teixeira
Gisele Gomes de Paula
Gracinira Lopes da Silva
Haruka Nakayama
Izabel Cristina F. de Almeida
Joana V. da Silva
José Martini da Silva
Lúcia Maria M. Pereira
Maria Alice G. de Lima
Maria Aparecida C. Teixeira
Maria Clara B. C. Matias
Maria Cristina M. Pereira
Maria das Graças S. de Andrade
Maria de Fátima A. Machado
Maria de Fátima N. de Souza
Maria P. Alves do Amaral
Marina Junqueira Alves
Mayra Lise Borges Linhares
Nara Cristina S. Belarmino
Nelson C. da Silva
Neuza Maria V. Martins
Noris A. Bethonico
Regina C. Soares
Sireni G. Pinheiro
Valdenir F. Guimarães

0/1980

Ariza Alcântara B. P. Pereira
Neide Cristina N. de Souza
Ricardo C. Rodrigues

1/1980

Arlete Xavier B. Bezerra
Ionice de Paula Ribeiro
Jucélia Dias de Alencar
Lilian Carneiro da Cunha
Maria Auxiliadora Maia
Maria Doris R. de V. Maia
Marilúcia Chamarelli
Neia Lúcia Souza
Neide Pimenta Magalhães
Raimundo Ferreira de Souza
Rosely Silva Lagos
Sônia Maria Rodrigues
Soraia Mohamed El Majzoub
Stelina Maria Martins Pinha
Suzi Mara Piccolo
Yone Maria Corrêa de Lima

2/1980

Adelaide Ribeiro Jordão
Ana Beatriz Feijó Rocha Lima
Cecília Matsunaga Yamaguti
Celma Lázara A. Salim da Silveira
Denise Torres Silva
Divino Torres Quintanilha
Eneide Calheiros de Oliveira Pinheiro
Jane Mair Silva Fernandes Souza
Joana Gerda Zeuner Fagundes

Kátia Lima Bastos
Lázara Rodrigues dos Santos Guimarães
Lygia Maria Gilli Carvalho
Magda Maria Ribeiro Coelho
Márcia Brascher Basílio
Maria Aparecida Coelho
Maria das Mercedes Araújo
Maria do Socorro Albuquerque e Souza
Maria Luiza Pinheiro Normando
Maria Neuza de Paiva
Maria Neves de Oliveira
Maria Tereza de Abreu
Marisa Brascher Basílio
Marisa Perrone Campos
Meire Veloso Boaventura
Mônica Terezinha Fernandes Levi
Neuman Vanda F. do Nascimento
Sabrina Mascarenhas Falluh
Simone Borges Bastos
Suzana Vieira da Cruz Monteiro
Tânia Camargo Barcellos
Tânia França Budó
Tânia Maria Jaime Bastos
TeÍma Ferreira Freitas
Zoé Beatriz Gonçalves de Souza

0/1981

Dulce Maria M. Rabelo
Eliel Ferreira da Silva
Evilson Gilbens de S. Lobo
Jordita Rodrigues Martins
Nilva Pereira Silva

1/1981

Almira Pereira de Sousa
Ana Celi Maia de Miranda

Carmen Cecília Serra
Clarice da Costa Matos
Dionne Dulce Paranhos Neris
Doraéliza Wainer de Pilla
Eliete Maria de Paiva
Honorina da Luz Nascimento
Lígia Ponte Ribeiro
Lília Márcia Pereira
Maria da Graça de M. F. Oliveira
Maria Tereza de Carvalho
Nonna Kimie Nakagomi
Orlene Lúcia de Saboia Carvalho
Raquel do Carmo Oliveira
Riseuda de Farias Ruiz Diaz
Rosângela Maria de Freitas Melo
Setsuko Kawano
TeIma Furquin
Valdenice Campos da Câmara
Valdete Bernardino da Silva
Vilma Bernardes Rodrigues
Yolanda Sakon

2/1981

Adelaide de Fátima Costa Tozetti
Celeste Maria Sousa Ribeiro
Claúdia Pinheiro da Silva
Claúdia Sampaio Lima
Cristine Sardinha Schneider
Donatila de Fátima Carvalho Pereira
Dulce Maranhã Paes de Carvalho
Edilenice Jovelina Lima Passos
Edmeia Leonor Pereira de Andrade
Ledir dos Santos Pereira
Lisane de Meira Lima
Luíza Maria Sousa do Amaral
Mara Elvira Brito Rabelo
Maria Astrogilda Ribeiro Silva
Maria Conceição de M. Matos Andrade

Maria Cristina França Melo
Maria das Graças Carvalho Marques
Maria Ortência Ribeiro Braga
Marilena Vasconcelos Ribeiro
Miriam de Moraes Pires
Rosane de Rosário Simon
Rossana D'Carlos
Sueli Pinto Coelho Caldeira
Terezinha Jeane Ramalho

0/1982

Ana Amélia Brandão Dourado

1/1982

Ângela Maria Alves
Denise Werneck de Paiva
Gisele Maria Mendonça Campos
Ivana da Silva Theodoro
Janete Miranda Torres
Maria Auxiliadora de O. Machado
Maria do Carmo da Silva Lima
Maria Luísa Corrêa de Abreu
Marly Haddad Brandão de Oliveira
Rejane Paraíso de Azevedo
Rosa Maria Geaquinto Paganine
Rosana Maria Negreiros Falcão de Souza
Tânia Lúcia Gonçalves Dias
Tatiana Felix Souza Martins
Vanda da Silva Gebrim

2/1982

Alcidina Magalhães da Cunha Costa
Ana Luíza Miranda Carvalho

Betânia Ferreira
Lúcia de Menezes Evaristo
Luciene Coelho de Araújo Muller
Maria de Fátima da Silva Costa
Maria do Carmo de S. M. G. Ribeiro
Maria do Carmo Ponte Soares
Maria Tereza Machado Teles Walter
Maruska Techmeier
Rosa Loreley Visca de Couto
Sandra de Almeida Pinto
Sílvia Regina de Freitas Giordani
Sulemy Floripes Figueira
Thais Silva Pinto

1/1983

Ceres Maria Veras de Sandes
Elair Lopes Alcântara Gomes
Jacqueline Neiva de Lima Stepanski
Lenora Neiva Nunes
Lúcia de Menezes Evaristo
Lúcia Valente Gustódio
Márcia Filomena Barrozo Costa
Margareth Araújo Lima
Maria Marta Machado Peres
Nilva Chaves
RacheI Maculan Sodre
Rita Maria Eugênio Pinto
Vânia Lúcia de Motta Amadeu

2/1983

Ana Matilde Amandia C. Coelho
Antônio Carlos Melo
Calíope Maria Melo Paz

Cassandra Lúcia de M. V. Souza
Cláudia Maria May de Castro
Eliane Manhães Mendes
Emília Francisca S. de Andrade Rocha
Eulalia Helena dos Santos Reis
Lúcia Regina Soares Guimarães
Maria Eugênia Soares de Castro
Maria Luiza M. Bueno e Silva
Marilene de Oliveira
Mônica Valéria Nogueira Macedo
Raquel Miranda Machado
Rejane de Fátima Lopes Ramos
Rita de Cássia Valadão
Sylvana Bitencourt Beze

1/1984

Ana Carla Rodrigues P. do Valle
Angela Ruth Ferraz A. dos Santos
Denise Gonçalves Lyrio
Elvira Maria Freza
Ester de Melo Campos e Silva
Gisele de Abreu Ribeiro
Laura de Fátima F. da Cunha
Luciana Adele Maria Bucci
Lucinda de Jesus T. C. Cantela
Maria do Carmo de S. M. G. Ribeiro
Neusa Helena da Silva
Patrícia Maria P. Villar de Queiroz
Rosa Maria de Abreu
Vânia Pascoal Moreira da Costa

2/1984

Adélia Monteiro Barbosa
Ana Cristina Ashton de A. Baeta

Clarice de Freitas Lima
Dalvalize Lopes de Oliveira
Delma Moreira da Silva
Elaine Ricevich Bastos de Oliveira
Erles Janner Costa Corine
Eva Maria Vaz Dias
Flávia Monteiro de Castro Campos
Ida Carvalho Ribeiro
Janne Cury Nasser
Josiane Curi Nasser
Lígia Maria Arruda Café
Magda Márcia Costa
Márcia Amorim da Silva
Márcia Amorim da Silva
Maria Iara Pereira Machado
Maria José Ribeiro Damasceno
Maria Magnólia Barros Lins
Maria Terezinha Araújo Ayres
Nídia Santana Caldas
Simone Cursinho Guimarães
Thelma Silveira dos Santos
Viviane Vêras Barrozo

1/1985

Alberto da Cruz Lima
Antonieta Alves de Sousa
Doralice de Oliveira Carvalho
Eliza Maria Marins
Joseuda Arminda Pimenta de Aguiar
Jussara Campos
Maria Consuelene Marques
Maria Suely Nunes Botelho

2/1985

Bárbara Santos B. Basílio
Carmen Verônica Mendes Abdala

Conceição de Maria B. Ferreira
Cristiane de Almeida Maia
Denise Marciana M. Avendaño
Domitila Umbelino do Nascimento
Elzuila Maria Creponi Franco
Emanuel de Oliveira Veras Filho
Júlia Viñe
Leila Aparecida Arantes Bastos
Leslie Regina Della Giustina
Márcia Horta Stile
Maria Cristina Rodrigues Silvestre
Maria do Socorro Paz Magalhães
Maria Lúcia Bezerra Godoy
Marlene Menezes Thomé
Rita de Cássia O. Champagnac
Rosa dos Anjos Oliveira
Rosa Maria Barros Ferreira
Simone Maria Freitas e Silva

1/1986

Ana Maria Pedrinha Georgi
Andréia de Castro Ribeiro
Andréia Sampaio Perna Pinheiro .
Cleide de Albuquerque Moreira
Dione Marisa Modesto Vieira
Edilson Saraiva Alencar
Elaine Marly Leal Lima
Liz Anunciata Ayres de C. Carneiro
Margareth Ribeiro Moura
Maria do Carmelo de M. F. Q. Graça
Maria Lúcia de Lima Marra
Maria Nisete Correia Lacerda Lima
Maria Pacheco Honório
Miriam da Silva Azevedo
Renata Azambuja de Oliveira
Sylena Cordeiro Alexandre

2/1986

Alpina Gonzaga Martins
Carlos Eduardo Sutil Machado
Eleonora Rosa Crepory Franco
Fátima Ganim
Helena Celeste Sousa Ribeiro
Laís do Carmo de Mello Nazareth
Leila Nice de Melo Cordeiro
Luciana Balduino de Souza
Luzimar Gomes de Paiva
Marcela Santana Caldas
Marcela Zampronha de Moraes
Margareth de Sousa
Maria das Graças de Souza Fontana
Maria Paula Garcia Campos de Araújo
Nádia Maria Torquato da Silva
Silmara Sundfeld
Vânia de Fátima Pereira

1/1987

Adão da Costa Nunes Júnior
Átila Vinicius de Carvalho Pessoa
Dulce Maria Baptista
Eliane Maria de Medeiros e Silva
Judite Araújo Carvalho
Maria do Carmo Torreão Braz Lucas
Marissol Azevedo
Neuva Vieira de Sousa
Therezinha Maria Santos da R. Callado

2/1987

Ana Paula Soares de Araújo
Ana Tereza Marinho Milhomen

Carmenisia Jacobina Ferraz
Cláudia Coimbra Diniz
Cláudia Maria Vilela
Cristine Coutinho Marcial
Evelise Quadrado de Moraes
Geraldo Campetti Sobrinho
Isabela Vollstedt Bastos
Jocilene Moreira
Maria de Fátima Cleomenis Botelho
Maria Elda Fernandes Melo
Maria José Geneide Cosmo da Silva
Nadia Tiemi Hamamoto
Patrícia Mackay Dubugras
Raquel Simões da Veiga
Scheila Fuina Versiani
Sônia Aguiar Cruz Riascos
Suely Henrique de Aquino Gomes
Valéria Grassi Carvalho

1/1988

Adriana Henning Paranaguá Gonzalez
Eliane Martins de Sousa
Jussara Pontes da Cruz
Lina Betânia Bahia de Menezes
Mauro Neves Junior
Nemora C. de Freitas Nascimento
Nize Marinho Ramos
Virgínia Braglia Sant'iago
Míriam Barbosa Xavier

2/1988

Carlos Eduardo Maya Viana
Margareth Lázara Ferreira Borges
Marilene Mendes dos Santos

1/1989

Akimi Watanabe
Ana Cláudia Cordeiro Correia Lima
Arlene Cristina Monteiro Souza
Eduardo Prado
Maria de Lourdes Macedo Medeiros
Rosa Maria Dias Andrade
Rosileia Valin Gonçalves Dias
Teresa Helena Moraes M. da Rocha

2/1989

Daniel Alberto Alvarado Sanchez
Dorivan Ferreira Gomes
George Massaaki Sambuichi
José Henrique F. G. de Araújo
Márcia Soares Werneck Ferreira
Nivea Cravo Midlej Silva
Vanessa Madalena da Silva

1/1990

Beatriz Pinheiro de Melo
Isabella Cristina Coelho Campos da Paz
Júnea Teixeira Gontijo
Luciana Araújo Reis
Márcia Martins de Araújo
Vera Lúcia Nunes de Souza

2/1990

Angélica Leite Lopes Moreira
Denise Cúrcio dos Santos
Liliane Ferreira de Miranda

1/1991

Carla Gomide Santana de Camargos
Carlos Alberto de Vasconcelos
Jaqueline Sarda
Joyce Maria Bocorny Messias
Lília da Conceição Cunha
Míriam Bispo de Macedo
Nanete Conceição Baldez Silva
Nilda Barros e Silva
Solange Aparecida da Silva
Tatiana Eliza Nogueira

2/1991

Allan Pires Moreira
Ana Paula Cardoso
Andrea Christina G. T. de Oliveira
Cláudia Sardinha Schneider
Débora Faria Machado
Dinaisal Dias da Silva
Edna de Souza Carvalho
Hitomi Takechi
José Augusto Menezes Cordeiro
Kennya Freitas Carvalho
Magda Lúcia Martins de Godoi
Maria Terezinha Martins
Milene Rodrigues Junqueira
Vânia Inez de Lima
Vivianne Schietti Ferreira

1/1992

Ana Nery de Lima
Angélica Prudente Ribeiro
Christiane Coelho da Silva

Cynthia Vieira Ferreira
Iimara Gouveia de Mattos
Monika Izabel de A. Romeiro Mendonça
Neide Ferreira de Sousa Varjão
Patricia Marie Jeanne Cormier
Regina Helena Azevedo de Mello
Rogério Henrique de Araújo júnior
Soraya Alves Lacerda
Stephânia Maria de Souza

2/1992

Aparecido Moura de Moraes
Corina Solino Evelin
Cristiane Oliveira de Sousa
Francisco Alves da Cruz Filho
Isabella Nunes de Magalhães Cunha
Maria da Sé Dias Diniz
Maria Thereza Rigueira Coutinho
Maurinete dos Santos
Silvânia Fernandes de Sousa

1/1993

André Luís Floriano Pedrosa
Luciana paz Magalhães
Raquel Fagundes Braga Ferreira
Rodrigo Borges de Campos Netto
Sônia Luzia Pinto Coelho Caldeira

2/1993

Ana Ilka Cruz Galvão
Fernando Antônio Lima Aragão
Helenice Rocha de Moura
Janete das Graças Oliveira Sousa

Jorge Luiz Bacelar Santos
Leila Luíza C. Espindola Chiavegatti
Lília Novais de Oliveira
Melissa Teixeira Mendes de Souza Costa
Ramona Soulima Vieira Massafra
Shirley Lopes dos Santos
Sinaide Nascimento da Silva Santos
Vanessa Christina Alves Fernandes

1/1994

Alaor Silveira Junior
Alda Cristina Bittencourt Barreiros
Cleide Cristina Soares
Cristiane de Sousa Gomes
Denir Mendes Miranda
Fabíola Nazareth Pereira Lavinias
Lúcia Alves Ferreira e Silva
Lúcia Helena Alves de Figueiredo
Rosemary Apolinário de Alencar

2/1994

Alessandra Lessa Matos
Cristiane Medeiros Jardim
Elizabeth Maria de Mattos
Eunice Maria de Almeida Dourado
Eveline Knychala Silva
Jeanne Lucena Oliveira
Márcia Maria Pereira de Souza
Pedro Tapajós

1/1995

Carmem Freire Rerrero
Conceição de Maria Brito Targino

Dulcineide Camargo dos Santos
Elda Campos Bezerra
Eleonora Gehr Tozetto
Elisabeth Gomes Brant
Fláucia do Prado Fonseca Lopes
Janlia Maria Cesar Garbozzini S. Pereira
Maria Cristina Paranhos G. Miranda
Regina Lino de Medeiros
Rejane Dias Ferreira Ribeiro
Roseane da Costa Moura Pessoa
Rosimere de Carvalho Souza
Sílvia Regina dos Santos Coelho
Vanderlúcia Toscano Tubbs

2/1995

Aline Monteiro de Almeida
Allan Pires Moreira
Ana Beatriz Vieira Coelho Pereira
Carla Filomena Santos Lopes
Celia Martins de As
Claudina Mercedes Abanto
Cristiane Langeloh Roos
Cybele Martins Soares de Araújo
Darlan Lemos da Silva
Fernandez Kenji Inazawa
Inaê da Cunha Sampaio
Laila de Moura Dantas
Maria Angélica Lucchese Targhetta
Mauricio Mendes Marques
Melody Ann Gann Horta
Naim Demetrio Bittar
Nubia Soares Rolim
Patricia Neves da Rocha
Paulo dos Santos Costa
Paulo Roberto de Araujo
Simone Queiroz Afonso
Solange Aparecida da Silva

Solange Perrut Pedrosa
Sonia Araujo de Assis Boeres
Sônia Regina Berquó Braule Pinto
Thaís Matos de Herédia

1/1996

Aline Araujo do Prado Pinto
Andrea Acioli Wolff
Daniela Cussi Sanchez
Fabiano Silva Barbosa
Fabio Antonio Rodrigues Urtado Junior
Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque
Laura Raquel Dutra Janino
Lucylene Valerio Rocha
Marcus Vinicius da Silva Amaral
Maria Euridea Rodrigues
Martim Lutero Batista Reis
Miriam Favaro Garcia
Patricia Queiroz Vilas Boas
Priscylla Adriana Gebrim Silva
Sonia Versiani Cintra
Vania Gausmann Maurmann
Vera Jane Regis Pires
Veronica Bicudo de Castro Azambuja

2/1996

Andre Luiz Correa
Daniel Guillarducci Moreira Lopes
Denila da Silva e Oliveira
Dinamar Cristina Pereira Rocha
Elizabeth Silva de Moraes
Guaraci Paes
Jose Marcos Rodrigues Junior
Katia Regina Tavares da Rocha

Maria Cristina Porto Martins
Maria Luiza Barbosa
Milga Aurora Vizzotto Litwinczik
Patricia Silveira de Queiroz Pinto de Castro
Telia Maria Silva

1/1997

Alexandre Giazzon dos Santos
Aline Alves de Lima
Ana Maria da Silva
Ana Patricia Guimaraes Ferreira
Andrea Remiao de Almeida
Cassemiro Silva de Souza
Catherine Braga Monteiro
Eliana Leila da Silva Nascimento
Helionidia Carvalho de Oliveira
Helton Giovani da Silva Soares
Isaura Clemens Rosa
Janaina Cristina Dias de Lima
Lidia Maria Cavalcante da Ponte
Luciana Cristina Lourenco da Silva
Luciana Lopes Humig
Marcia Gomes de Azevedo
Maria Ivana Ferreiraaguassu
Maria Jose da Silva
Marisa Aparecida Soares
Martin David Burneo Cadillo
Michel Alessandro R Borges de Oliveira
Nancy Victoria Gavilanes Altamirano
Patricia Souza de Oliveira
Paulo de Tarso Ribeiro
Paulo Henrique Alves dos Santos
Pedro Henrique Sassi de Almeida Santos
Ramono Rodney Vieira Massafra
Sonia Maria de Melo Fernandes Puttini

2/1997

Abdul Magid Khan
Adriana Telles de Souza
Alessandra Aguiar Castro Correia
Andre Augusto de Holanda Lobo
Candy Soraya Llabres dos Santos
Carolina Nacfur Macedo
Cassemiro Silva de Souza
Dinamar Cristina Pereira Rocha
Eustaquio Pessoa Junior
Fabiana Oliveira Feitosa
Indiapoti Silva Matos Medeiros
Jesuína Maria da Rocha
Junia Beatriz Oliveira de Souza
Kátia Soares Braga
Leiliane das Gracas Oliveira
Livia Cristina Oliveira de Souza
Morgana de Paula Lima Bastos
Nicole Medeiros Rodrigues
Policarpo Camilo Silvestre Matiquite
Rickson Evandro Nobre da Silva
Rosa Manuela Teixeira Pinto

1/1998

Adriana Gaertner Marabuto Domingues
Alderleia Marinho Milhomens Coelho
Carlos Anderson Vieira
Diomira Maria de Lima
Elaine Pereira de Souza
Eliana Maria de Moraes Mesquita
Eliane Pereira dos Santos
Elisandra Luiza da Silva Fernandes
Estanislava Martilene da Silva
Fabio de Souza Dellome
Francisco Willian Saldanha
Gutemberg Assuncao Souza

Helia Leal Macedo
Ivan Cesar Dias Cordeiro
Janaina Oliveira de Sousa
Juliana de Freitas Pereira
Juliana Mezencio Rodrigues
Ligia Machado Ghiorzi
Lucineide Fleming do Carmo
Maria da Conceição do Prado Demontie
Maria Lucia Torres Machado
Monica Venancio Santana
Patricia da Silva Soares
Rita de Cassia de Souza
Rosa Virginia de Lira
Weslane Cristina Vasconcellos Gomes
Wolmer Andrade Godoi

2/1998

Aloisio Rodrigues de Melo Junior
Ana Karla Souza de Oliveira
Barbara Lavall Reis
Cristina Souza de Almeida
Daniella Patricia Alves Fernandes
Eliane Caciano Moreira
Erik Oliveira Anders
Fabiana Gomes de Azevedo
Flavio Bezerra Praxedes
Graziela de Oliveira
Haika Amaral Mendes
Hyldegardes Cavalcanti Castilho de Magalhaes Mello
João Alves Bezerra
Jorditanea Souto Santos
Karla Maria Piccinini Veras
Kenia Noira de Fatima Colaco de Brito
Laize Carvalho Palhano Xavier de Souza
Leandra Bezerra Perdigao
Maria Juvani Lima Borges
Marly de Oliveira Santos

Mirian Alexandra Paraguassu
Paulo Horacio Macedo Caovilla
Renata Maria Sombrio de Oliveira Pinto
Rita de Cassia Fernandes Shimabuko
Rita Roberta Maria Barbosa Ferreira Porto
Sheila Maria Guimaraes de Sa do Couto
Sonia Luiza de Oliveira
Tatiana Barroso de Albuquerque Lins
Wilza Rosa da Silva

1/1999

Adriana Rodrigues Filizola
Alexandre Giazon dos Santos
Anderson Caires Santos
Andrea Jonas Ribeiro
Anna Carolina Mendonça Lemos Ribeiro
Antonio Alrelío Martins da Costa
Antonio Manoel de Oliveira
Carlos Augusto de Carvalho
Claudia de Paula Rocha
Daniela de Andrade Cornelio
Denise Carvalho Guimaraes
Elisangela da Silva
Elise Silva do Nascimento
Flávia Lacerda Franco Melo Oliveira
Flavia Soares Domingos
João Luis de Souza Duarte
Joaquim Ferreira Filho
Juliana Nogueira da Costa
Keila Bandeira Felix
Luciana da Cunha Freitas
Luciana Sobrinho de Melo
Maria Águida de Figueiredo
Maria Aparecida de Assis
Mariangela Barbosa Lopes
Natacha Vargas Tomelin
Sonia Maria Arcos Campos

2/1999

Abelandia Maria Dutra Lopes
Amanda de Oliveira Pais Carvalho de Souza
Andrea de Mello Sampaio
Bartira Dyacui de Souza Lima
Blas Eduardo Alvares Peralta Roig
Cibeli Mathias Colombelli
Cintia de Souza Mohamad
Cristian José Oliveira Santos
Denise Estela Rezende Oliveira
Edval Alves de Carvalho
Eliamar Monteiro
Erica Cassiano Nascimento
Fernando Ouriques de Vasconcelos Junior
Henry Arturo Quevedo Cadillo
Juliana Leal Fuzer
Kelem Cristina Amaro dos Santos
Larissa Martins Swiatek Carrenho
Lilian Vieira Baiao Januzzi
Luciene Maria Sousa
Marcelle Soares Guimaraes
Marcia Almeida Ramiro da Silva
Marcos Roberto Torres da Silveira
Maria Cristina Porto Martins
Marilia de Souza de Mello
Moisés Pereira da Silva
Nivaldo Guedes da Silva
Rosimere Schneider Caterinck
Sanny Aparecida dos Anjos Cardoso
Simone Andrade de Albuquerque
Telma Rejane Alvares de Sousa
Tiago Cosentino Xavier Cardoso
Valter de Lima Cordeiro

1/2000

Arlete Cristina da Silva Ramos
Cláudia Maria Lopes Valentim Taniguchi
Cleonice Maria de Lima Pereira de Araújo
Duncan Frank Semple
Edilson Cruz
Haidéia Passos Oliveira
Hercílio Luiz Tavares Júnior
Horacio Francisco Zimba
Jandira Costa Oliveira
Jane Campos da Silva
Karen Correa Zin
Laura Patrícia da Silva
Lionir Delfina Pires
Luiz Octávio Gonçalves Oliveira
Rita Ulhôa Fonseca de Medeiros
Rodrigo Medeiros Coelho de Souza
Sílvia Requia Lima
Vilmara Moraes
Vladimir Rabbi Vivaldi
Wagner Jose da Silva
Weslene Valente da Silva
Zélia Pereira Guedes

2/2000

Adail Silva Pereira dos Santos
Adelina Maria Rodrigues
Akymi Nunes Lima
Alan Santos Jacob
Anna Carolina Valente Pontes de Miranda e Silva
Christiano Barbosa do Nascimento
Cleice Pereira Santos
Cristiane Cardoso Almeida
Eduardo Pereira de Souza
Elda Ribeiro Cevero
Ézio Flávio de Freitas

Fábio Lima Cordeiro
Fernanda Maria Costa da Luz
Gisele Martins Frazão
Hamilton Cezario Gomes
Jeane de Oliveira Dantas
João Bosco Gasparotto
Juliana Cabral da Costa
Leila Brígida Cunha
Leonardo Silva Oliveira
Luciana Silva Costa
Maira Murrieta Costa
Márcio Rogério Oliveira Rangel
Marcos Sigismundo da Silva
Maria Conceição Santana Colavolpe
Maria Luzia de Lima Barroso
Nádia Ferreira Montenegro da Silva
Paulo Humberto Nassar de Oliveira
Raquel Cardoso Bentes
Renata de Oliveira Melo
Renata Fontes Santana
Roberta dos Santos Rocha
Sabrina Déde de Castro Leite
Tatiane da Conceição Caetano
Valéria Gameleira da Mota

1/2001

Adail Silva Pereira dos Santos
Adelina Maria Rodrigues
Akymi Nunes Lima
Alan Santos Jacob

2/2001

Adelaide da Silva Brito
Ana Márcia Nascimento Juliano Barbosa

Ana Paula de Oliveira Montes
Cassio Emmanuel da Silva
Claudio Pires dos Santos
Cybele Martins Soares de Araújo
Deraldo Santos de Castro
Diana Soares Machado
Domingos Sávio Souza Gomes
Eduardo Alves Vasconcelos
Elen Sandra Rocha de Oliveira
Elisangela Dourado Arisawa
Eliza Wen Thin Sun Zulato
Erica de Sousa Campos
Fabiola de Luca Coimbra
Faiga Goulart Gonzaga
Flávia Natércia Almeida de Araújo
Flávia Renata Mação
Geovane da Silva Coelho
Gislaine Pereira Cabral Formiga
Leonardo Pinto de Figueiredo
Lorena Carla Queiros Teixeira
Lucimara de Souza Menezes
Marcelo Santana Costa
Maria Cecília de Freitas Figueiredo
Mônica da Silva Magalhães
Monica Henriques Santos
Mônica Maria Rocha Pinheiro
Paloma Guimarães Corrêa
Rosenilda Santos de Almeida
Sandra Pereira Gomes de Lima
Simone Serrão Vilar
Túlio Fernandes Mesquita
Veruska da Silva Costa
Wagner Augustus Amorim da Silva

1/2002

Antônio José Oliveira Silva
Carlos Orlando Gaglionone Filho

Celson Iris da Silva
Diogo Afonso Sousa de Queiroz
Ermelindo António Quilambo
Fernando Modesto Vieira
Hussein Ali Kalout
Iara Carvalho Alves de Oliveira
Jacqueline de Faria Silva Guimarães
Jakeline Vilela de Pádua
Karina Schmaltz Pereira
Katia Holanda de Carvalho
Luciana Lima de Oliveira
Marcelo Hilário de Moraes
Marco Antonio dos Santos Fernandes
Mariana Franco de Carvalho da Silva Pereira
Marinês Laurentina Nascimento
Najla Bastos de Melo
Nixon Ribeiro da Silva
Patrícia da Silva Feres
Rejane Ribeiro Nolasco de Assis
Sara Orfilia Silva de Bullón
Sónia Francisco Félix
Vanessa Schmaltz Pereira
Waldir Pereira da Silva

2/2002

Adriana Araújo de Santana Marques da Silva
Álvaro da Natividade Júnior
Amanda de Melo Gomes
Ana Flávia do Nascimento Dias
Antônio Carlos Florentino dos Santos
Arlan Moraes de Lima
Carina Kely Rocha
Charley Miranda de Jesus
Cristiany Ferreira Borges
Daniel Guillarducci Moreira Lopes
Elvis Correa Miranda
Fernanda Maria Costa Bezerra

Gabriela Ayres Miranda Cunha
Iris Soares Lourenco Andrade Serafim
Jefferson Higino Dantas
Katuscia Negreiros Paes Landim
Luanna Cezar Maia
Marcelo Almeida Gomes de Sousa
Marcos Bizerra Costa
Marmenha Maria Ribeiro do Rosario
Massayuki Franco Okawachi
Monika Gomes Heringer
Nicolly Alessandra Vallini
Patrícia de Siqueira Marangoni
Paulo Cleber Silva de Almeida
Ricardo de Albuquerque Assis Republicano
Rosa Lúcia Vieira Câmara
Sindkrei Paixão de Oliveira
Taisa Tomazini Amorim Duarte
Tatiana Gomes Silva
Tatiana Neves Cosmo
Vinícius Côrtes Hipólito

1/2003

Claudio Cesar de Oliveira Campos
Danyelle Mayara Silva
Fernanda Weschenfelder
Gabriella Lima Dantas
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva
Jessica Fernandes Costa
Lais Evelim de Souza Silva
Larissa Ferreira dos Angelos
Loiana Simões Noronha
Luana Patricia de Oliveira Porto
Marcella Ludmila de Oliveira Rodrigues
Mariana Vasconcelos de Castro
Natália Cristina Ramos dos Santos
Nayara Gomes Rodrigues
Paula Laís Romeiro de Oliveira

Priscilla Brito de Oliveira
Raíssa Oliveira Garbin
Rosane Cossich Furtado
Sâmara Roberta de Sousa Castro
Simone da Silva de Jesus
Tassy Amir Valdez
Thiago Willian Barbosa de Oliveira
Vandeilson Soares Neri
Zayra Cristina Marques Ferreira

2/2003

Alécia Mendonça Silva
Aline Correia Guimarães
Alix Dantas Barbosa
Ana Claudia de Carvalho Cabral Lopes
Ana Lucia Campos Alves
Andre Gustavo de Faria
Anne Priscilla Matos de Queiroz
Artani Grangeiro da Silva
Carla Gonçalves da Costa
Carolina Perdigão Barros
Cleudison Santos Castro
Cristina Pereira do Nascimento
Edson Batista de Souza
Fabíola Silva Silveira
Fabrício Alves Lopes
Felipe Bezerra de Lima
Fernando César Lima Leite
Flávia Schreiber
France Araujo de Miranda
Grazielle Pires da Silva
Grazielle Noronha Campos
Heloiza Faustino dos Santos
Hermínio Ferreira dos Anjos
Isabella Maria Silva Barbosa
Jacqueline Portales Cesar
Jane Dourado Arisawa

Jane Silva Pereira
Jaqueline Lisbôa Aguieros
Juliana Fernandes Guimarães
Lauro Bessa Lamenza
Livia Linhares de Brito
Luanda Maria Brandão Santos
Luciana Pontes Lemos
Luciana Salim Silveira
Luís Sérgio de Rezende Moura
Marcela Mendes de Araujo
Maria de Fatima Lessa Matos
Maria de Fátima Storck Carvalho
Marilene da Costa Baptista Carvalho
Marina de Melo Sousa
Meire Gonçalves Fernandes
Michelle Durval Brito
Neria Lourenço
Patrícia de Miranda Fernandes
Priscilla Lima de Lana Torres
Raquel Coêlho de Almeida
Raquel Ribeiro Caetano
Sabrina Amorim Catunda Sampaio
Sharlene Gonçalves de Araújo
Tatiany Cristine Maciel
Thaís Ribeiro Moraes
Valéria Horta Generoso

1/2004

Alexandra de Jesus Alves Silva
André Luiz Lopes de Alcântara
Andréa de Jesus Vasconcellos
Aníbal Araújo Perea
Antônia Veras de Souza
Artur Virginio dos Santos
Carolina Ribeiro de Abreu Paes
Caroline de Souza Anchieta
Emanuelle Von Kruger de Almeida

Eric Boeschstein
Filipe Araujo Soares
Flavia Elizabeth da Silva
Gabriela Vieira Leitão
José André Carvalho Ferreira
Jucelino Coimbra de Oliveira
Juliana da Costa e Silva Camilo Alves
Kassandra Batista Trindade
Leonardo de Faria Pereira
Lucyenne Regina Clemente de Araujo
Luís Eustáquio Braga
Marcia Pimentel da Silva
Milton Carlos dos Santos Amazonas
Olimpio Antonio Filho
Potyara Filomena Cheim Alves
Rebeca Crivelaro Campos
Rita da Rocha Lemos
Rodrigo Mendes Pereira
Sergio Souza Santos
Simone Peixoto Curado
Tiago Amaro dos Santos
Virgilio Vieira de Melo Junior
Yuri Guimarães Barquette Batista

2/2004

Ana Caroline Gomes de Lima
Ana Paula Oliveira Deusdará
Eduardo Justiniano Padilha
Eveline Mesquita Lucas
Fernanda Mayumi Takeda
Fernando Silva
Graciele de Fátima Oliveira Rodrigues
Guaracy José Bueno Vieira
Guilherme Cunha Correa Nunes
Hebbertt de Farias Soares
Jaqueline Sarah de Faria Ramos
Juscilene dos Santos Rocha

Karla Chaves Gentil
Katyusha Madureira Loures de Souza
Kenia Silva Peres
Lucélio França Chagas
Luciana Cristina Corrêa de Siqueira
Luciano Augusto Lima Martins
Ludmila Schmaltz Pereira
Marcelo Pereira dos Santos
Márcio Alves Farias
Maria Aparecida Sande Pinheiro
Maria Isabel Lima da Costa Couto
Mário Teixeira
Otacilio Guedes Marques
Patrícia Coelho Ferreira Meneses da Silva
Patrícia Paula Giovanna de Souza Ferreira
Patricia Silva de Oliveira
Renata Gameleira da Mota
Rênia Patrícia Alves de Siqueira
Simone Vasconcelos Ribeiro
Suzanne Augusta Marques Silva
Tanívia Pinheiro Timbó
Vanessa Kelly Leitão Ferreira

1/2005

Ana Bernadete de Sousa
Andre Ricardo de Carvalho Magalhaes
Anna Paula Gonçalves Figueira
Benedito Lopes Lima
Christiane Mara Reis
Clara Bessa da Costa
Claúdio Vinícius Oliveira Nazareno
Deborah Mendonça de Proença Rosa
Denise Mendes Falcão
Eliás Alisson Meneses da Silva
Érica Padilha Gusmão Martins de Oliveira
Filon Silva Curado
Francisco Jardel de Sousa Santos

Guido Pereira e Silva Junior
Helio Braga D'Avila Mendes
Heraldo José Evangelista Botelho
Hérica de Oliveira Cavalcanti
Iara Del Fiaco Rocha
Izabel Martins Silva
José Ronaldo Vieira
Karina Cibelle de Araujo Pereira
Mailza Pereira Lima
Maria Thereza da Silva Moreira
Noeme Marques de Lima
Patrícia Teles da Costa
Régis Ribeiro da Silva
Roberta dos Santos Rocha
Rosana Amélia dos Santos Costa
Sallya de Oliveira Pereira
Sebastião Dimas Justo da Silva
Tatiane de Oliveira Dias
Thaís Yanagisawa
Vanessa Barbosa da Silva

2/2005

Alessandra Marinho da Silva
André Luiz Gomes Dias de Medeiros
Angelica Freitas Couto
Antonio Carlos de Sousa
Camila Portela Alexandre
Carolina Bezerra de Andrade Lucena
Diego Muniz Flores Santos
Erica de Almeida Tonha
Ernesto Carlos Bodê
Fabyola Lima Madeira
Fernanda Cordeiro de Carvalho
Fernanda de Souza Monteiro
Gracielle Ribeiro Santos
Iara Carla Moura Feliciano
Janete Valente Gushiken

Joice da Silva Gama
Judite Martins
Juliana Costa Bernardes
Larissa Amorim Catunda Sampaio
Maria da Conceição Lima Afonso
Mariela do Nascimento Carvalho
Marília Aparecida Miguel de Souza
Maristela da Fonseca Oliveira de Lima
Marly Harumi Takeda
Patricia dos Reis Parreira
Patricia Helena Grossi
Patricia Nunes da Silva
Priscila Rocha Silveira
Priscyla Patricio de Franca
Raphael Guerreiro de Moura
Roberto Henrique dos Reis
Rodrigo de Lima Silva
Sônia Antunes de Sousa
Vanessa Dantas Ferreira
Wander Martins Borges Filho

1/2006

Alan Correia Guimarães
Ana Jesuína Rabêlo dos Passos
Carlos Novaes de Castro
Celestina de Jesus Ferreira
Daniele Oliveira Silva
Debora Carvalho Alves de Oliveira
Érika Carvalho Lemos de Oliveira
Ernani Rufino dos Santos Junior
Eugenia Francisca de Souza Miranda
Eveline de Castro Barbosa
Fabíola Guilhelmelli Costa
Frederico Marques de Oliveira Ribeiro
Helen Barbosa
Iuri Daudt Rodrigues
Janaina Barcelos Resende

José Arimatéia Dantas da Costa
Jurema da Silva
Katiúcia Araujo Gumieiro
Kelly Francisca Ribeiro Eustáquio
Laura Cecília dos Santos Cruz
Leila Cipriano Pinheiro
Livia de Lucena Monforte Jacua
Lussara Ribeiro Vieira Marques
Márcio Ribeiro Rocha
Mariana Baptista Brandt
Mariana Borges Gasparino
Mariana Pena Pereira Luz
Marinna Beatriz Ziliotto
Patricia Cristina Moura Pessoa
Paulinne Araújo Almeida
Rennier Possamai Salvador Azevedo
Roger Vinicius de Souza Siqueira
Sandra Paula de Brito
Suzelayne Eustáquio de Azevedo
Talita Daemon James
Weber Vasconcellos Gomes

2/2006

Aline Felix Oliveira
Allan Rafael Lima Leite
Alvânia Resende do Patrocinio Ramos
André Luiz de Araujo Bertúlio
Anita Cristina Ferreira de Souza
Armando Weiler Neto
Bruno José da Silva Passos
Camila Alves de Sena
Camila Moreira Mendes Barcelos
Candice Guimaraes Barquette Batista
Daniel Marcus Ribeiro
Daniela Maria da Silveira Galvão
Dayana Ester Andrade Figueiredo
Denise Cristiane Silva

Eliana Carlan
Eugênio Coutinho de Souza
Fabiana Camargo dos Santos
Fabiola Marques Ferigato
Fernanda Mendes de Araújo
Fernanda Ribeiro Ferreira da Silva
Held Barbosa de Souza
Henrique Santos Tomaz
Hugo Maykeo Sa Fonseca
Jhonei Batista de Souza Braga
José Carlos de Jesus
Josinaldo Manoel Cardoso
Juliano Queiroz Grisolia de Oliveira
Kelly Cristina Santos Rocha
Leonardo Pires da Costa
Luana Feitosa
Marcell da Silva Aquino
Maria Antonia Fonseca Melo
Mariana Ferraz Moreira
Marianna Ribeiro de Assunção
Marília Augusta de Freitas
Marina Alves Ferreira Cheim
Maurício Brown de Souza Pereira Gomes
Natalina de Jesus Antunes Pinheiro
Patricia de Moraes Marcelo
Pedro Paulo Madeira de Freitas
Raquel Pimentel dos Santos
Renata Guedes Ribeiro
Renata Lima Guedes Peixoto
Santino Barbosa de Almeida Filho
Simone Maria Nardy Albuquerque e Silva
Stella Maria Vaz Santos Valadares
Suellen Viriato Leite da Silva
Tatiane Martins da Silva Bohnert
Thiago Gomes Eirão
Tiago Cunha do Nascimento
Tyara Kropf Barbosa
Victor Emanuel da Costa
Wellington Ribeiro Portela

1/2007

Alberto Nemoto Yamaguti
Ariane Vieira de Paulo Silva
Caio Braga Vilas Boas
Carolina Pereira Marinho
Clarice Rodrigues da Costa
Cleudson dos Anjos
Edilson Jacobson Coelho de Almeida
Elissa Navarro Mamede
Erasmo Pereira de Souza
Érica Bernardo da Silva
Francisco Rafael Amorim dos Santos
Georgia Fernandes do Nascimento
Grazielle Pereira da Silva
Helena Christina Santos Mesquita
Helga Cavalcante de Oliveira
Henrique Sampaio Wense
João Bruno Garcia
José Alberto Argenta Prado
Leandro Silva Borges
Leiber Cipriano Pinheiro
Lidiane Maia dos Santos
Lourenildo Targino Pedrosa
Mara Karoline Lins Teotônio
Maria Eliana de Oliveira Gonçalves
Mônea Maria Caetano Trindade
Paulo André Pereira Brito
Priscyla Werlang Dultra
Raphael da Silva Cavalcante
Rejane Maria de Oliveira
Renyr Figueredo Correa
Rômulo do Nascimento Ferreira
Sidnei Fonseca da Silva
Solange de Oliveira Jacinto
Stanley Dias Nóbrega
Tânia Batista da Costa de Queiroz
Tatiana Eremita Lima Rego

2/2007

Adriana de Barros Ribeiro
Andreia de Oliveira Capo Sobral
Ari Gonsalves da Silva
Camila de Oliveira Cândido
Carla Marques de Almeida
Carliane Nery de Assis
Carolina Fernanda de Souza
Cibelly Elvas Barbosa
Elias Ribeiro da Silva
Estela Alves Ribeiro
Etyene Silva Santos
Fabiana Damasceno Rodrigues da Silva
Felipe Kenzo Torres Alves
Fernanda Dias Droescher
Gisele Gomes Campos
Gleiciene Barbosa da Silva
Hilton Henrique Cruz Pereira
Karina dos Reis Fernandes
Laysse Noletto Balbino
Linielle Evangelista dos Santos
Luana Bassani Evaristo
Luana de Oliveira Faria
Luciana Ribeiro de Assunção
Luciana Rodrigues Macedo
Lucy Hiromi Takeda
Maria Altair Vilanova Viana Neta Valentim
Marina Scardovelli de Souza
Michelly de Souza Rodrigues
Renata Costa de Souza
Roberta Penha e Silva Marins
Simone Gomes Ferreira

1/2008

Alex Mendes da Silva
Ana Maria Alves de Sousa

André Aguiar Nunes de Lima
Angélica Gasparotto de Oliveira
Bruno Milhomem Carvalhedo Ventura
Carolina Campos de Carvalho
Catarina Felix dos Santos Soares
Cristiane de Oliveira Barreto
Danillo Gaia Duarte de Lima
Diana Augusta Formiga da Luz
Diego Dias Alves
Diule Vieira de Queiroz
Fabiano da Cruz Rodrigues
Fabio Correa Miranda
Jair Gonçalves da Silva
Jaqueline Rodrigues Peixoto
João Henrick Macêdo de Melo
Jurema da Silva Assunção
Leivison Silva Oliveira
Letícia de Castro Silva
Maiquel Cesar Reis
Marcelo Rangel Dourado da Silva
Maria do Socorro Neri de Sousa
Marília Rodrigues de Sousa
Rameque Beserra Antunes de Figueiredo
Raphael Diego Greenhalgh
Riquicelei Setubal Faria
Romelio Lemos Lustoza de Souza
Samuel Alecrim Sardinha Silva
Seanio Sales Avelino
Solange Xavier da Costa

2/2008

Aline Luli Romero Ribeiro
Ana Sara Mendes Rosa
Cesar Augusto Brasilino Lima
Cristina de Melo Cardoso Ferreira
Eric Boeschenstein
Felipe Belo da Silva

Fernando de Deus Sales
Francisca Martins Pereira
Gilmar Pereira da Silva
Hellen Karla Lobato Borges
Idalécio José de Aquino
Ilana Lara Bonfim Macêdo
Isadora Freire
Jhonathan Divino Ferreira dos Santos
Joanita Pereira Basto
Joao Alves Sobrinho Neto
Juliana Aretz Cunha de Queiroz Afonso
Keicielle Schimidt de Oliveira
Lara Batista Botelho
Larissa Melo Bezerra de Oliveira
Lorena Nelza Ferreira Silva
Luciana Araujo Gomes de Sousa
Mara Regia Coelho de Souza
Marcelo Barbosa Miranda
Marcelo Silva Nascimento
Márcia Oliveira de Almeida
Mônia Zoraima Câmara Magalhães
Neilia Barros Ferreira de Almeida
Raimundo Fabiano Marques Fernandes
Reina Caires de Souza
Shirley Joaquina Viana Ferreira
Suellen Fernandes Dantas
Tatyana Alves Milward de Azevedo
Wanderson Castelo dos Reis

1/2009

Alysson Diego Mendes Camargo
Amanda Soares Moreira
Ana Luiza Pereira Ruchinski
Andréia Martinele da Silva
Dandara Baca de Jesus Lima
Deise Lourenço de Jesus
Demian Alves Pereira

Douglas Pereira Pinheiro
Eduardo Magalhães Clemente
Gabriel Vital Lins Junior
Illy Guimarães Barquette Batista
Iuri Daudt Rodrigues
Juliana Bermudez Souto de Oliveira
Liana Barquette Vasconcelos
Lidia Chaves Ferreira
Lizangler Pedruco de Campos
Luciana Monteiro de Barros Reis
Lucila Rocha Saraiva
Maria Áurea de Azevedo Barros
Marília de Campos Moreira Santana
Michele Jader Pandini
Mônica Coelho dos Reis
Paula Ananda Tavares do Amaral
Pollyana da Silva Batista
Priscila de Melo Silva
Rayanne Thaynara Souza e Silva
Talita Leal Oliveira
Thayse Natália Cantanhede Santos
Thiago Araújo Alves
Vanessa Aparecida Silva Pereira
Verônica Silva de Lima
Werner Martins de Sa
Wesley dos Santos Oliveira

2/2009

Angélica Marques Silva Sousa
Barbara Leticia Rodrigues Gomes
Cosme Fernando Ramalho Sotelino de Moura
Cristiane de Castro Pires
Dienner Mory Rodrigues Silva
Elna Araujo Silva
Fábio Marques Brito da Silva
Fábíola Guilhelmelli Costa
Flávio André Buccos Nascimento de Almeida

Gabriela Gomes de Oliveira
Gabriele da Silva Lopes
Gabriella da Silva Motta Barros
Hudson Henrique dos Santos Cergilio
Juliana Lara Gonçalves
Kelly Pereira Marques
Leandro Lopes Trindade
Mariana Giuberti Guedes
Patricia de Almeida Pinto
Paulo José Medeiros Moraes
Philippe Cesar Peres
Raphael Lorenzo Lopes Ramos
Roberta Dannemann Vargas
Rodrigo Vasconcelos Rodrigues Pinheiro
Ruthlea Eliennai Dias do Nascimento
Suelen Garcia Soares
Tânia Cristina de Oliveira
Veruska Martins Cavalcante
Wander Martins Borges Filho

1/2010

Alessandra Magalhães de Oliveira Cruz
Alyni Lima Conceição
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
Andréa Garcia da Silva Pinto
Aryane Tada Ferreira Santos
Camila da Gloria de Souza
Camila Santos Miranda
Carla Erica Almeida Fideles
Carolina Alves de Matos
Carolina Lima Fraga
Débora Fernanda Oliveira dos Santos
Diego Araújo Campos
Diego Henrique Gomes de Melo
Ernesto Gondim Neiva
Fabiane Nogueira Freitas
Gildeon de Sousa Paixão

Isabelle Carvalho Silva
Jacqueline Damascena Dutra
Jonniery dos Santos Moreira
Jordanne Gonçalves dos Santos
Juliana de Araújo Freitas
Karolina Vieira da Silva
Kelly Martins dos Santos
Kelson Anthony de Menezes
Koji Vieira Tani
Laila Figueiredo di Pietro
Luisa Veras de Sandes Guimarães
Maiara Coutinho Carvalho
Marcos Felipe Gonçalves Maia
Mariana Fonseca Xavier Nunes
Mariana Saldanha Maia
Marília de Araújo Dantas
Marjorie Fernandes Gonçalves
Mayra Cervigni Bonalumi
Natália Aguiar dos Prazeres
Nathalia Ferreira de Carvalho
Paula Dantas Braga
Priscila Angélica de Souza Braga
Rafaela Moura Torres Farias
Rafaella Carine Monterei
Silvia Regina Batista Mendonça
Stephany Camila da Costa Prazeres
Suellen de Oliveira Faria
Tainá Batista de Assis
Vanêssa de Sousa Silva
Vanessa Isabella Vilas Bôas Gumieiro
Vanessa Maria Almeida Diemer
Wanne Kelly Souza Silva
Welma Pereira Batista
Yaciara Mendes Duarte

2/2010

Alaine de Sousa Fornaziero
Aline da Costa Rodrigues

Alisson Silva de Asevedo
Carmem Correa Miranda
Elisangela Silva Pereira
Emmannuela Freitas de Caldas
Erica Helen da Silva
Fabricia da Silva Costa Feitosa
Francelle Natally da Silva Cavalcante
Gabriela Fonseca Power
Guilherme Lourenço Machado
Isabela Costa Fernandes
Jacyara Alves Queblas
Janaina Paula Ferreira Mota
Jania Mendes Ferreira
Juliana Bassani Evaristo
Luciano Ambrosio Campos
Ludmilla de Melo Silva
Luisa de Oliveira
Michelli Pereira da Costa
Natália Ribeiro Silveira Sathler Garcia
Neivion Sergio Lopes de Sousa Junior
Raíssa Pereira Maciel Comini Christófaró
Sabrina Ferreira Silva
Sandra Miyako Izawa
Taynah Maria Silveira Martins
Vinicius Eduardo Sodre Ferreira
Vinicius Farias da Silva

1/2011

Alan Freires Cavalcante
Aline Yuko Inatomi
Ana Luiza Custódio de Araujo
Ana Paula Costa Sá
Anastácia Freitas de Oliveira
Anna Cerise Silva Sousa
Camila Fortes Lobato Bouéres
Carla Queiroz de Araujo
Charlene Cardoso Cruz

Clarissa Leite Antão Ribeiro
Cláudia Hissami Ono
Daiane Conceição Sorato
Érica Taiane Pedrosa Melo
Gabriela Bentes de Mello
Gabriela Pereira de Mello
Graciene Lilian Lima Silva
Iara do Espírito Santo
Ilana Boianovsky
Isaura Mendes do Nascimento
Janaina dos Santos Melo
Joana D'Arc Pereira de Jesus
Larissa Costa e Silva
Larissa Nogueira Bello
Laura Maria Pereira Couto
Leonardo Fógia Pereira
Luciano Gonçalves Mendes
Maria Clara Matos Liporoni
Maria Fernanda Mascarenhas Melis
Nathália de Moraes Torres
Olivia Cunha Dias
Rafael Ramos Ribeiro Moreno
Raquel Pereira Costa
Sara Mesquita Ribeiro
Suzane Lima Conceição
Suzanna do Carmo Louzada

2/2011

Alessandro Meneses da Silva
Amanda Gomes Camilo de Souza
Ana Luisa Duarte Teixeira
Bárbara da Silva Vidal Lopes Madureira
Barbara Olinda de Castro
Brenda Silva Dória
Claudio da Silva de Jesus
Daniel Arcanjo Bueno Portela
Danyella Curcino Ribeiro Olebar

Diego da Silva Paiva
Elisa Teixeira de Souza
Francisca Trajano de Brito
Frederico Borges Machado
Gustavo de Almeida Batista
Ingrid Bernardes Batista
Jadiana de Paiva Dantas
Jakeline Martins de Mendonça
Jamerson Pires de Lemos
Jaqueline Ferreira de Souza
Jessica Leticia Damasceno de Moura
Julia Marques Bulhões
Karine Araujo Gumieiro
Karla Aragão de Carvalho
Larissa dos Santos Mendes
Luciana de Fatima Zumba Seabra
Luiza Correia Lima Felix
Micaïlovitch Andre Ferreira
Miguel Ângelo Bueno Portela
Natashe Cristina Vechi da Silva
Pâmela Tieme Barbosa Aoyama
Pedro Paulo Mizael Júnior Cavalcante Reis
Rafael Barcelos Santos
Rafaela Prado Santiago
Raiza de Miranda Vasconcelos
Raiza Veloso Arruda
Raquel Viana Ferreira
Ricardo Vinicius Mendes
Suzane Moura Pessoa
Thayanne Farias das Virgens Ferreira
Thiago Silva Macedo

1/2012

Ana Paula Toledo Dorneles
Cássio Teixeira de Moraes
Cristiane Marques Nogueira
Daniel Ribeiro Marques

Déborah Lins e Nóbrega
Emerson Araujo do Nascimento
Fernanda Alves Mignot
Jéssica dos Santos Gonçalves
Jessica Waldino dos Santos
Keila Meireles dos Santos
Luisa Chaves Café
Luiz Henrique Ferreira
Marina Castilhos Grande
Mayara Cristóvão da Silva
Paulo Henrique Pereira Perna
Rafael Costa Guimarães
Raquel Costa de Souza
Stephanie Moira Brauna da Rocha
Thiago Teixeira Barbosa
Vanessa Guimarães do Nascimento
Vinícius Cordeiro Galhardo
Vivianne da Rocha Rodrigues
Weslei Batista Santos

2/2012

Aline Macedo Brito
Andrea Sette Albuquerque
Carlos Henrique da Silva Santos
Erika Rayanne Silva de Carvalho
Fabiola Carvalho Dionis
Janaina Soares Lopes Barbosa
Jaqueline de Oliveira Melo
Jeanluiz Ferreira Porto Monteiro
Jonas Borges de Castro
Larissa Barbosa da Mota
Lucélia da Silva dos Santos de Carvalho
Renata Vieira Caetano
Thaiza da Silva Santos

1/2013

Claudio Cesar de Oliveira Campos
Danyelle Mayara Silva
Fernanda Weschenfelder
Gabriella Lima Dantas
Jaqueline Taketsugu Alves da Silva
Jessica Fernandes Costa
Lais Evelim de Souza Silva
Larissa Ferreira dos Angelos
Loiana Simões Noronha
Luana Patricia de Oliveira Porto
Marcella Ludmila de Oliveira Rodrigues
Mariana Vasconcelos de Castro
Natália Cristina Ramos dos Santos
Nayara Gomes Rodrigues
Paula Laís Romeiro de Oliveira
Priscilla Brito de Oliveira
Raíssa Oliveira Garbin
Rosane Cossich Furtado
Sâmara Roberta de Sousa Castro
Simone da Silva de Jesus
Tassy Amir Valdez
Thiago Willian Barbosa de Oliveira
Vandeilson Soares Neri
Zayra Cristina Marques Ferreira



Seminários Encontro de Saberes (1º semestre de 2012). A partir da esquerda: Amaro Dourado, Neusa, Virginia, Maria Alice, Suelena Bandeira, Aníbal, Adelaide Ramos e Côrte, Tarcísio Zandonade.



Viagem a São Paulo (1966)
Em frente ao Museu do Ipiranga.

Crédito das fotos do livro

Fotos cedidas pelo Centro de Documentação da UnB (CEDOC)

Página 07. Darcy Ribeiro na cerimônia de inauguração da Universidade de Brasília (UnB) (21/04/2013).

Página 12. Assinatura Lei de criação da UnB Lei nº 3998 de 15 de dezembro de 1961.

Página 24. Reunião do Conselho Diretor (1962).

Página 24. Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer – Visita Aula Magna (1985). Autor da foto: Renato Costa.

Página 25. Inauguração da UnB (21/04/1962).

Página 25. Reunião de reitores (1962).

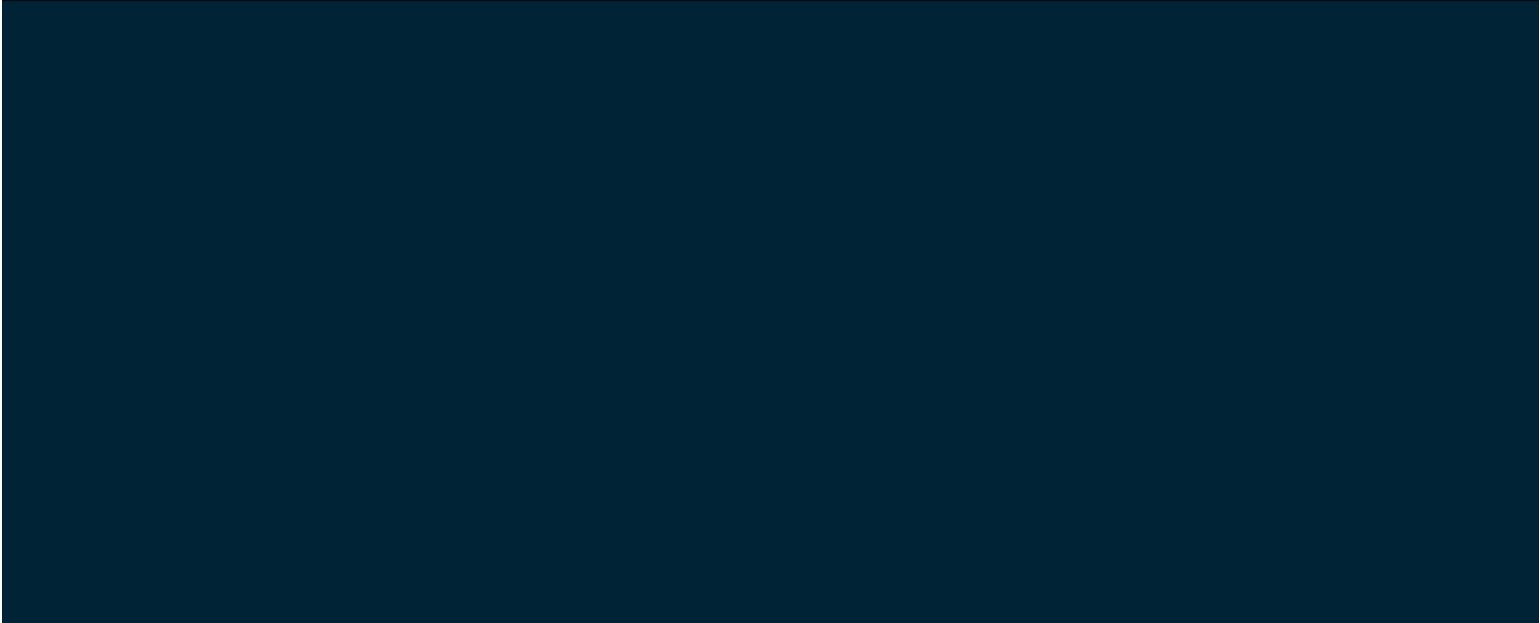
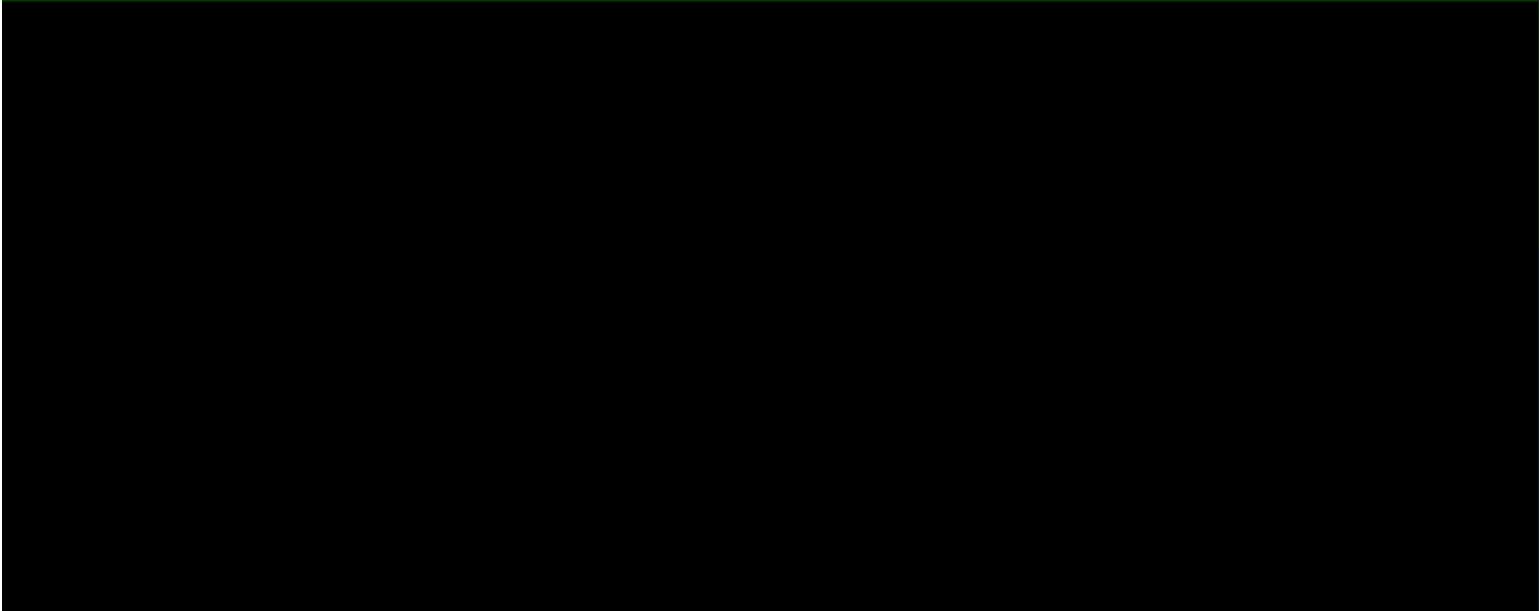
Fotos cedidas pelo Arquivo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Página 33. Biblioteca Central na SG-12 com a Biblioteca Volante ao fundo (1963).

Página 33. Biblioteca Central na SG-12 – Vicentini (Diretor) e sua equipe de trabalho.

Página 251. BCE SG-12 - Setor de Reprografia (1966).

Demais fotos foram cedidas pelos colaboradores do livro.





UnB



50 1962
2012

ISBN 978-85-88130-12-8

